

JAN VAL ELLAM

O QUINTO LOGOS

CONECTAR EDITORA



O QUARTO LOGOS

JAN VAL ELLAM

[CONECTAR EDITORA](#)

CONTENTS

Esclarecimento Necessário

1. [Fadiga, Indiferença e a Busca pela Verdade](#)
2. [“Reconceituar” para Compreender](#)
3. [Semeadura e Colheita dos Três Primeiros Logos](#)
4. [Opção: Esclarecimento Inescapável](#)
5. [A Mensagem do Codificador de Zion](#)
6. [Encontro Inesperado](#)
7. [Coreografia Cósmica: a Vinda de Sophia](#)
8. [Apolônio de Tiana](#)
9. [O Quarto Logos e o Porvir](#)

Posfácio

[As Formas de Expressão “Adhy” e a Complexa Denominação Sânscrita
Prisioneiros da “brahmaloka”](#)

Notas Explicativas

[Projeto Orbum](#)

[Sobre o Autor](#)

[Roteiro dos Livros](#)

[Por que o IEEA?](#)

ESCLARECIMENTO NECESSÁRIO

Poucos ocidentais conseguem avaliar em profundidade o significado dos *avatares* para a cultura do oriente, notadamente para o hinduísmo. O mesmo traduz um pano de fundo por trás da vida humana que jamais foi convenientemente decifrado, mesmo para os orientais.

Para meu espanto, fui obrigado a lidar com painéis deste contexto sobre o qual somente passei a me referir como modo de deixar alguns registros que considero “prudente” os seres humanos conhecerem, ainda que tenham dificuldade em entender e acreditar que tal seja possível. Em sendo verdadeiros, poderão fazer diferença no futuro, quando outras gerações de humanos mais esclarecidas e menos condicionadas tiverem que lidar com o perpétuo desdobramento de processos promovidos por esta “retaguarda invisível”, mas que procura influenciar e manipular a vida onde ela possa existir.

“Fazer a diferença” em que sentido? No de que seres que se autodenominam como “Criadores” e “Donos da Vida Universal” existem, e que dos seus códigos de vida – atualmente chamados pelo nosso conhecimento científico de DNA, sigla do ácido desoxirribonucleico – tudo o mais derivou, inclusive a “molécula-mãe” que foi colocada no recém-formado planeta Terra, há cerca de 3,8 bilhões de anos, a partir da qual tudo o que existe de ser vivo da natureza se originou, principalmente a espécie *Homo sapiens*, o que faz com que eles se sintam “donos e progenitores” dos humanos.

Esses três seres, por uma série de motivos que um dia os humanos compreenderão, estão presos nos ambientes de uma realidade paralela ao

nosso universo – uma espécie de universo formado por antimatéria desde os tempos em que o nosso, formado de matéria, veio a se formar, ou seja, há cerca de 13,7 bilhões de anos – da qual jamais puderam sair.

Viram-se, então, obrigados a gerar de si mesmos “expressões das suas consciências” para que essas pudessem atuar no universo que veio a se caracterizar como biológico, e por isto os *avatares* – expressões *Adhyajna* – assumem corpos deste naipe, para aqui representarem os interesses desses seres tidos como Criadores, sendo estes, portanto, no caso da Terra, as encarnações deles.

Estranhamente, dos três seres da chamada *Trimurti*, somente dois deles – Vishnu e Shiva – o podem fazer, sendo que o Criador Brahma, ou Javé, não consegue se expressar por meio de *avatares* devido à sua “queda” ao tempo da expressão desta Criação que se alicerça nos dois já citados universos.

Segundo a doutrina dos *vaishnavas* – seguidores de Vishnu –, somente o Senhor Supremo Vishnu produz *avatares*, mas os fatos apontam que o Senhor Shiva também o faz, o que tão somente mostra a disputa infantil entre os seguidores dos mesmos.

É como se estes três seres tivessem adoecido e criado, a partir deles mesmos, outros menos poderosos, porém também menos doentes, para poderem, em seus nomes particulares ou do conjunto da Tríade, agir no universo biológico, entre as criaturas que passaram a existir.

Sophia – um *avatar* antiquíssimo de Vishnu – é um ente “parte demo” e “parte bio”, assexuado, que representa, no universo biológico, há pelo menos 5 bilhões de anos, esses três seres. É uma espécie de “suserano universal”.

Se comparado com o tempo de expressão de Krishna, que é bem mais recente e chegou mesmo a morrer, o de Sophia, que permanecerá atuando até o fim do universo material, é muito longo.

Jesus, a expressão humana de Sophia, e Sai Baba, que foi um *avatar* de Shiva, são casos mais recentes.

O presente livro abordará o trabalho destes *avatares* relacionando-os com os Logos Criadores, como modo de explicar o enredo oculto por trás da “camuflagem” das religiões, que terminaram por esconder e por não considerar o que não lhes foi possível compreender.

Além do que, apresenta o trabalho inusitado do Quarto Logos que, junto com Sophia e a próxima encarnação *avatárica* de Shiva, irão compor os traços da transição de comando entre a *Trimurti* – agora finda – e a suserania de Sophia à frente do universo biológico, para onde, no futuro, deverão

convergir todos os vetores do fenômeno da vida gerada pelo Primeiro Logos, quando de sua “queda”.

Atlan, 26 de julho de 2017.

Jan Val Ellam

FADIGA, INDIFERENÇA E A BUSCA PELA VERDADE

OS DIAS finais do ano 2016 estavam se fechando enquanto a vida, nos seus múltiplos aspectos, brincava de tornar exponencial a mediocridade do noticiário cotidiano, fosse de caráter internacional, nacional ou mesmo local: tudo parecia ser tão decadente quanto o resultado das eleições estadunidenses ou mesmo o processo de delação premiada em torno do fio indesmanchável da corrupção brasileira, que uniu todos os agentes políticos em torno da derrocada de um país ao longo das últimas décadas.

Talvez fosse o painel da corrupção a área comum do DNA de toda humanidade, que unia, em torno da mesmice crescente, o progresso de nulidades entronizadas em cargos e funções dos últimos governos do Brasil, e que aquela “doença” não era exclusiva da América Latina, pois que a mediocridade mostrava a sua face em todos os quadrantes do planeta – assim eu pensava, continuamente, enquanto procurava organizar os fatos da vida.

Como o Criador Bíblico tivera a ideia maluca de mandar os animais terrestres crescerem e se multiplicarem se não havia condições no planeta para acolher a todos? Talvez os seres humanos tenham entendido errado ao pensarem que o recado era para eles – pelo menos, a igreja católica pensa assim, já que é corresponsável por parte da explosão demográfica no planeta. Que tipo de Criador era aquele que foi testando tudo, desde o começo, como se não soubesse o que estava fazendo ou o que havia feito? – continuava a pensar, enquanto o calor do verão da cidade do Rio de Janeiro parecia se divertir com os meus pensamentos solitários, transformando suor em lágrimas, sobre um assunto esquecido e jamais convenientemente compreendido.

A superpopulação, as nulidades entronizadas como líderes, a ignorância longamente cultivada por trás das crenças obscuras e romantizadas, a corrupção da espécie humana em todos os seus níveis, os discursos ridículos seguidos dos aplausos imbecis, a violência cotidiana praticada por meio das suas múltiplas faces, o nome de Deus criminosamente utilizado pelas religiões que o enfeiam com suas práticas e negociatas, enfim, onde os hábitos viciados da facilidade de crer, de pedir, de acreditar, de implorar e de romancear sobre o resultado das coisas da vida iriam levar o ser humano? – teimosamente me perguntava.

O peso de 58 anos vividos entre a lenta construção da pacificação pessoal e a busca pela verdade – do tamanho que e nos moldes em que a posso empreender, apesar de um infarto seguido de duas paradas cardíacas –, de horas e mais horas produzindo apontamentos que foram obrigados a se transformarem em algumas dezenas de livros publicados até o momento, e de palestras sobre assuntos infundáveis e de interesse restrito, todo este contexto me parecia excessivo, despropositado e fora de tom para com o que a humanidade ao meu redor enxergava.

Somente uma certa cota dolorosamente construída de indiferença amorosa para com o que se encontra oculto aos desavisados olhos da humanidade, e também para com os desdobramentos dos eventos desta vida, permitia-me seguir adiante com tantos estudos, registros e decifração do que a vida se esforçava por me revelar, apesar da minha dose de estranheza em relação ao processo que me envolvia.

Haja estranheza! E mais enigmático foi ficando até porque, no meu psiquismo, não mais estava disponível qualquer sentimento de empatia em relação a espíritos comunicadores, seres de outros naipes e de outros orbes, enfim, de inteligências diversas que ao longo dos últimos 27 anos tanto me envolveram para que me colocasse à disposição para o mister mediúnico – o que fiz durante certo tempo – como também para o cumprimento de outras tarefas que procurei recusar por achar absurdo o teor de algumas delas.

Estudioso, como outros tantos, das coisas da “Espiritualidade”, e conhecedor, na minha cota de possibilidades, de que muito mais ainda está por vir – como o próprio Allan Kardec⁽¹⁾ registrou na sua obra de codificação da **“Revelação Espiritual”**, realizada na segunda metade do século XIX, na França –, o pluralismo de hostes que insistiam no meu concurso de homem menor e cheio de cansaços provocados exatamente pelo desgaste em torno deste tipo de tarefa, parecia-me totalmente afetado pelo “tempero” de seres

obcecados com imposição, com submissão, **com a sacralização do que para mim era absurdo e ridículo.**

A ingenuidade dos primeiros dez anos de trabalho mediúnico já não mais existe no meu psiquismo. Durante esse tempo, desde o ano de 1991, em que me deixei levar pelo que entendi ser a necessidade da “Espiritualidade” em introduzir os temas da **“Reintegração Cósmica”**, da **“Revelação Cósmica”** e do **“Primeiro Contato Oficial com Extraterrestres”**, que correspondia exatamente ao contexto da prometida volta de Jesus, no seu **“estado glorioso”**, fui “abrindo mão” de todas as naturais conveniências de um ser humano para bem servir aos interesses do que julguei ser a força invisível que sempre estive por trás do que chamamos de “lado certo das coisas” e do que entendemos ser a vida terrena.

Do trabalho mediúnico junto aos espíritos, a tarefa agora abraçava também o inusitado contato direto com seres de outros orbes, o qual me encantou, num primeiro momento, para depois estabelecer padrões de um enigma que somente aos poucos fui sendo obrigado a descortinar quanto às reais intenções daqueles seres a quem chamamos vulgarmente de “extraterrestres”.

Somente após o emprego de artimanhas da parte deles é que pude perceber a face de um ente “estragado e implodido”, que agia escondido na sua própria pequenez espiritual, apesar da exposição coreográfica de uma pretendida grandeza.

O cansaço acumulado de uma trajetória jamais pretendida e cheia de sustos inomináveis e difíceis de serem descritos, compunha o que restava da minha sensibilidade humana na tentativa de administrar o que restava da vida nervosa daqueles dias.

Com corpo e senso humano atordoados, o meu psiquismo, porém, encontrava-se absolutamente pacificado, e sempre assim estive, como se situado em outro alicerce que não o que me caracterizava a caminhada terrena entre o berço e a cova.

Pela força dos fatos e das “ameaças” – por sinal, cumpridas – pelo castigo advindo da insubmissão que optei por assumir frente àquela “hoste angelical do Criador”, e julgando-me bem mais perto da última parada do que do seu início, estava sempre pronto para praticar o desapego em relação à vida e a tudo o mais, o que estranhamente me pacificava, gerando o mais enigmático dos paradoxos por mim conhecidos, pois que o caos ao meu redor – promessa do dito Criador nos seus tempos de fúria para com a criatura terrena que não

se lhe submeteu – era patente e sempre crescente.

Como viver em paz naquelas condições de ser atormentado por força de uma escolha que jamais fiz? Surpreendendo até a mim mesmo, ainda assim, sempre vivi ancorado na paz que me foi possível produzir e que nada tinha de religiosa, mas sim de filosófica, porém, o preço era e é o cansaço associado à solidão que aumentavam com o caos dos meus dias. E lá estava eu, em pleno tormento, procurando manter-me em paz e alinhado com os meus princípios e propósitos, o que consegui e isso me bastou e me basta.

Ainda assim, neste estado psíquico, sempre fui e continuo a ser procurado pelos mesmos protagonistas, que de mim têm sempre escutado a mesma resposta negativa, ultimamente acrescida de um repúdio filosófico claramente expresso sempre que necessário, só que desprovido da sua componente emocional, pois a isto não me permito.

Mesmo algo esgotado, produzi ainda assim, desde os anos de 2010, alguns livros e proferi **palestras sobre os temas** que eles precisavam que fossem **decifrados por uma mente humana**, pois que, segundo eles, **somente as convenções desta tal o podem fazer**.

Apesar do modo monstruoso como o ser humano desviado da rota da serenidade espiritual se comportava, parecia existir, na natureza humana, tesouros escondidos e desconhecidos que somente agora começavam a ser valorizados por aqueles mesmos que no passado se escandalizaram ao perceberem que o “Jardim do Éden” havia produzido um tipo de ser pensante cuja sagacidade mental demonstrava de diversas maneiras ser, em muito, superior a dos seus “criadores”.

Ainda conforme o que os mesmos seres e mentores espirituais repetidamente me afirmavam, a condição pessoal que me marca, por injunções espirituais do passado – aí envolvendo o espírito que me anima a atual personalidade – havia sido “escolhida”, pois era a “única disponível” com condições para abordar todos os painéis que compunham os necessários parâmetros iniciais do que eles chamam de “Revelação Cósmica”.

Escuto isto há muito tempo, desde os anos 90 do século XX, o que sempre estranhei e me inquietou. Olhava o mundo à minha volta e, obviamente, com o resto de bom-senso que pensava e penso possuir, concluía que aquele tipo de informação somente poderia fazer parte de um equívoco ou mesmo ser uma “brincadeira” de entidades espirituais pouco sérias.

Observando, porém, o mundo, hoje, mais de vinte anos depois, e percebendo que somente a minha estragada condição humana é quem vem

produzindo estas estranhas notícias de um tempo e de um contexto que permanecem ocultos para os olhos da humanidade, hoje sou levado a pensar que por alguma razão absolutamente incompreensível, parece ser factual.

Busco a verdade, com toda a minha força mental, por um motivo bem simples: estranhamente ela não nos foi dada, pois **nascemos sem saber coisa alguma e nos encontramos com os que já estavam vivos e que também não sabem de nada, o que torna imperioso persegui-la.**

Por que ela jamais nos foi dada, nem mesmo pela “Revelação dos Espíritos”? Será que eles, os espíritos desencarnados enquanto hoste operativa, sabem da verdade? Se existe um “Deus Perfeito”, como os mesmos ensinaram, cujos atributos se harmonizam neste sentido, por que esta dificuldade em alcançá-la? Por que um “Deus Perfeito” faria isto: esconder a verdade?

Paradoxalmente, penso que **tornar-se religioso não significa necessariamente o mesmo que procurar a verdade.** Por quê? Porque as religiões pensam já possuí-la e pronto: está feito! Assim pensam muitos.

Não é este o meu caso, muito pelo contrário!

Ver como, atualmente, os “**viciados em crença**”, dentre os humanos, submetem as suas inteligências às lavagens cerebrais produzidas pela imposição religiosa é tão somente a constatação da impossibilidade destes jamais poderem vislumbrar algo que possa, pelo menos, chegar próximo ao significado da verdade. Tornam-se cegos que pensam que enxergam, mas somente conseguem ver o que foram condicionados a pensar ser a verdade. Aqui, perceber a cegueira é que é o grande problema.

Não é este o meu caminho!

Lamentavelmente, em observando as religiões cujos crentes se apegam nervosa e radicalmente aos parâmetros estabelecidos para eles como verdade, a Terra me parece um mundo vitimado pela ignorância cultivada pelas elites religiosas cujo fim é o de controlar sempre os seres humanos, como se em os diminuindo ao tamanho do que a crença dogmática estabelece, nisto estaria a salvação dos que creem, quando os fatos apontam exatamente para o contrário: **o rebanho humano está cada vez mais pobre em termos de sabedoria e mais rico em comportamentos infantis e primitivos**, o que permite a sua fácil manipulação e controle.

1ª Constatação:

O rebanho humano não busca a verdade porque acredita que já a possui! Esta é a vitória da ignorância voluntariamente acumulada,

ingenuamente produzida pelas religiões impositivas aos seres humanos de bom coração e bem intencionados.

Realmente, buscar a verdade parece não ser uma necessidade para aquele tipo de psiquismo que já ocupou as “garagens da sua mente” com o estacionamento de crenças tornadas dogmas que não mais permitem espaço para nada mais. Nem a mente, pela força do apego, consegue se expandir porque proibida está de se ampliar já que o tamanho das pessoas tem que caber na pequenez das conveniências religiosas, nem “abre mão” do conteúdo sustentado pela fé e pelo condicionamento do que ali se encontra há muito enraizado.

Estranhamente, na Terra, frente a este aspecto, existem dois tipos de religião:

(1º) as que forçam os seus fiéis a se sentirem sempre pecadores, filhos do demônio, apossadas por demônios, para que assim estas religiões os libertem, o que jamais conseguem fazer sob pena de perder os seus seguidores; e

(2º) outras, orientais, que auxiliam, sem punir, a busca dos seus adeptos, ainda que os fechem em pacotes também de crenças ultrapassadas.

Por que as coisas são desta maneira por aqui?

Pense, presumível, e caro(a) leitor(a), pense!

Buscar novos horizontes para mais aprender parece somente não fazer bem aos interesses de quem quer dominar os que dormem na ignorância que produz sensação de conforto e de refúgio, e à saúde dos que permanecem estacionados, reclamando e criticando os que buscam. Entretanto, felizes os que se movimentam, pois caminhar é preciso, sempre!

Sobre a “busca pela verdade”, obrigo-me, aqui, a citar a referência que Jesus nos legou no “***Evangelho de Tomé***”(2), o chamado “**Quinto Evangelho**”:

*“Quem procura, não cesse de procurar até achar; e, **quando achar, ficará estupefato**; e, quando estupefato, ficará maravilhado – e então **terá domínio sobre o Universo.**”*

Essas palavras foram proferidas por Jesus no estado de ressuscitado, conforme explica o próprio autor, sobre a questão de que, para aqueles que se sentem inclinados a buscar a verdade – uma minoria dentre o “rebanho humano” – de tanto insistirem nesta busca, um dia irão descortinar as suas “cores”, mas isso **não será nada agradável**, pois deixará o buscador estupefato, num primeiro momento.

Por que Jesus se referiu ao descortinar da verdade desse modo? Mais

ainda: por que ele fez isso no estado de ressuscitado e não quando da sua vida entre os homens? A resposta à estas duas perguntas sempre me inquietaram profundamente e mal podia imaginar que a estupefação iria dominar a minha vida, a partir exatamente da percepção das mais estranhas “cores” de uma verdade que, apesar de estar à vista de todos, o condicionamento imposto ao psiquismo humano o impede de perceber.

Inegavelmente, o ser humano foi levado a pensar que **“descobrir e verdade” seria um evento agradável, belo e glamoroso**, ainda que a **natureza** a seu redor tenha como **característica comum dos seres vivos**, o fato de que **todas as espécies** que nela surgiram, o fizeram com a **propensão a matar outras espécies para delas de alimentarem**. Estranho, não? Ainda mais vindo de um “Deus Perfeito” em todos os seus atributos! Como um “Deus Perfeito” criaria algo tão estranho assim? A pergunta não precisa ser em relação a “Deus”! Como alguém razoável criaria um tipo de vida em que todos nascem para destruir outras formas de vida de forma a poderem manter as suas?

2ª Constatação:

Nenhuma religião responde à incongruência de que um “Deus Perfeito e Amoroso” gerou uma natureza assassina, mas todas fecham os olhos para este “detalhe”, preferindo romancear suas crenças para tornar a vida mais suportável ou para dominar e manipular a “crença confortável”.

O inegável, aqui, mas nunca observado pelas elites religiosas que escondem a questão por trás dos seus dogmas obscuros, é que **a vida se alimenta da própria vida, legitimando a violência como método de ação, o que é um aspecto horroroso da existência**, porém em relação ao qual o ser humano se eleva e o transcende, nem que seja temporariamente, por meio da sua capacidade de sonhar, de se autoenganar, enfim, de **construir poesia e amor a partir do caos**.

Falando em “método”, realmente, seres humanos como René Descartes⁽³⁾, preocupados com a busca da verdade, propuseram até mesmo métodos nos quais a ciência se apoia – basta ver o “método científico” –, e que procuram dar uma garantia de busca séria ao ser humano que o aplica, com o objetivo de bem descortiná-la.

Assim Descartes definia em seu trabalho literário **“Discurso do Método”**, os passos prudentes que iriam nortear o pensamento humano na busca da verdade, ainda que os seus postulados tenham ido na direção do

cartesianismo-materialista, o que não penso tenha sido necessariamente a sua proposta original:

“O método é necessário para buscar a verdade. Todo o método consiste na ordem e na disposição das coisas para as quais é preciso direcionar as forças do espírito para se descobrir alguma verdade. Seguiremos tanto melhor esse método se reduzirmos gradualmente as proposições complicadas e obscuras às mais simples e, se em seguida, partindo da mais simples, nos elevarmos pelos mesmos degraus no conhecimento de todas as outras.”

De todo modo, ao empregarmos a **sábria orientação de Descartes à busca da verdade em torno, por exemplo, do entendimento que os humanos fazem de Deus** – ou em outras palavras, do conceito que criamos para definir “o deus” que gostamos e julgamos precisar nele acreditar –, a equação não pode ser montada e nem a resposta que a humanidade tem assumido como “verdadeira” muito menos se sustenta. Qual o drama? Em não se sustentando, **as religiões que vivem do culto a um “deus todo-poderoso e perfeito” não teriam lá muita razão para existir nos moldes em que os seus dogmas se apoiam.** Para funcionar, os seus crentes não podem pensar, mas somente acreditar, senão irão perceber que, conceitualmente, há algo de muito errado na lógica da crença que abraçam.

Ao verificarmos que, se tomarmos a proposição mais ampla que o nosso romantismo filosófico produziu, que diz respeito aos “atributos perfeitos de um ser perfeito”, e constataremos que a sua “Obra Universal e o tipo de vida que nela existe” é tendente ao crime e à violência como forma de manter, a qualquer custo, a existência do mais forte, para então irmos reduzindo as proposições complicadas e obscuras relativas a estas questões às suas expressões mais simples, veremos que existe algo de muito errado na base de todas as religiões cujas premissas se apoiam neste tipo de tese equivocada.

“Pelos frutos se conhece a árvore” – disse Jesus, e, como ele, tantos outros mestres também tal o afirmaram. A pergunta, então, que se faz é: **Que tipo de árvore produziu uma vida onde os seus atores já nascem ostentando o ímpeto de matar outros para manter os seus corpos vivos? Que tipo de “Deus Perfeito” geraria uma “Criação” onde a violência é legitimada pela necessidade que ele mesmo plasmou em todas as suas criaturas?**

Estranho, não?

Será que as religiões do mundo se iludem a tal ponto nesta questão porque confundem o “conceito de Deus” com um outro, o “conceito de

Criador”? Afinal, Deus, presumivelmente só tem um, mas Criadores podem existir diversos.

Pelo que pude e posso constatar, este é um dos problemas de como o ser humano tem “buscado a verdade” – se é que de fato o faz – ao longo da sua vida, utilizando de modo equivocado conceitos mal formulados e jamais postos à prova de qualquer método.

O difícil de ser dito é que, neste ponto, talvez os ateus estejam mais próximos de estarem na busca da verdade do que os religiosos que pensam que já a encontraram por meio da sua ingênua fé e vivências no campo dos êxtases e das certezas religiosas, confundindo respostas e eventos que chegam de outros circuitos de um tipo de vida bem mais ampla que a que conhecemos – a vida espiritual – com dádivas vindas de um “deus”.

A coisa é tão seria que, mesmo quando uma pessoa é ajudada por outra, se essa for religiosa e sua fé afetada pelo vício de pensar no “seu deus” a cada hora e relacioná-lo a tudo o que acontece – como o hinduísmo, o catolicismo e, em especial, o protestantismo neopentecostal o fazem, dentre outros – será levada a pensar que foi “o deus da sua crença” quem mereceu a sua gratidão porque foi “ele” que fez com que certa pessoa a ajudasse.

Será esta a melhor postura que os que buscam a verdade no sentido de construírem uma compreensão mais esclarecida quanto aos fatos da vida deveriam assumir? Sinceramente, penso que não!

Poderá, contudo, alguém perguntar: “Que mal isto faz?”. Concordo que nenhum, pois este jogo entre os humanos, de se apoiarem mutuamente, ajuda a vida a se tornar mais bela e agradável e a gerar relações afetivas mais nobres e solidárias. Contudo, no sentido de distorcer os fatos da vida e estagnar a pessoa na crença fácil e manipulável de que “intermediários” têm prestígio junto a Deus e que, em lhes sendo “fiel” – fiel a estes intermediários – “o deus” que estes representam será, por sua vez, fiel ao crente que assim se alinha. Será? Esta é uma visão adulta ou infantil dos fatos ao nosso redor?

Para quem assim pensa, assim é e será, e longe vai qualquer intenção, de minha parte, de convencer quem quer que seja a respeito de qualquer coisa. Apenas faço este registro para pontuar a “prejudicada” busca da verdade que se encontra por meio da fé, e aquela que se dá numa outra direção, como a busca filosófica e a do método científico, que nos convidam a não dar por sabido aquilo que ainda precisamos descobrir.

Realmente, de tanto buscar, terminei me defrontando com o que não supus ser possível de existir: **um “Ser Criador” que nada tem a ver com o**

“conceito de Deus” que foi construído pelos ingênuos humanos. Mais ainda: um “Ser Criador” que nada tinha da natureza humana no seu psiquismo e bastante complicado de ser por esta compreendido. Contudo, ali estava a tal “árvore” que havia produzido um tipo de vida tão complicada, uma natureza tão impiedosa, violenta e assassina, um circuito “toma lá dá cá”, onde o mais forte imperava sempre e que “era a sua cara”.

O DNA de todas as espécies da natureza terrestre – e parece, de todo o universo biológico e de uma outra realidade vizinha/paralela à nossa – tivera origem naquele “Ser”, o que atestava o “fruto” da vida como a conhecemos, como tendo sido produzido por aquele “Ser Criador” que de “Deus” – frente a um conceito mais elevado – não tinha nada. Este “Ser”, porém, era e é tido como “Deus”, por quase todas as religiões que surgiram na cultura dos terráqueos, ainda que, e o repito, esteja remotamente longe de assim poder ser considerado até mesmo pela “doença” que claramente o marca.

A “árvore doente” que se me apresentava foi exatamente a que produziu tantos “frutos problemáticos”.

O espantoso, para mim, foi que, no meio deste “tempero de mau gosto”, ainda assim, surgiu-me um dos temas mais profundos e preciosos que conheço e que importa ao futuro da humanidade, ainda que a cegueira que nos veda os olhos na atualidade não nos habilite a perceber quão estranho é o processo a que chamamos de vida.

Apesar de estranho, por mais esgotado que o corpo humano que utilizo possa se encontrar, por maior que possa ser a indiferença psíquica que construí para poder lidar com o inusitado, ainda assim, o meu código filosófico me obriga a reafirmar que a existência, como a percebo, é sempre bela e generosa, sendo a vida, porém, o que cada um consegue fazer dela.

E o pretenso Criador do cosmos em que vivemos transformou a existência espiritual, esta sim, naturalmente bela e generosa, em “mergulho” num “palco de horrores”, onde a “aventura insana” nos obriga a viver já portando uma cota da “doença” dele herdada, numa espécie de “favor” jamais reconhecido, e sempre “violentado” por quem dele mais necessita, ainda que a sua obtusidade psíquica não lhe permita tal reconhecer.

Eis o Logos “caído”, oculto em muitas tradições.

3ª Constatação:

Foi a “queda” de “um Primeiro Logos” que, em se degradando no âmbito da Criação gerada por ele mesmo, espalhou as “sementes de

vida”, todas elas “doentes”, necessitadas de outras mentes para delas cuidar.

É exatamente isto que os nossos espíritos têm feito desde que os **logos sucessivos passaram a “mergulhar” no seio da Criação indevida**, para poder com a mesma contribuir.

No que me resta cuidar da parte que ainda me sobra da condição humana, apesar da minha pequenez, **procuro dar um sentido superior à cota de vida que disponho, marcando-a com a incessante busca pela verdade**, que, conforme considero, **associada à postura de servir ao próximo e ao que julgo ser o “bem”**, compõem a homenagem que alguém do meu tamanho pode à mesma dedicar, independente de quem a gerou.

O meu senso filosófico-moral é o que me obriga a deixar estes escritos que falam da convivência com outros dois seres inusitados, que subscrevem, com suas atitudes e omissões, o **mais estranho roteiro** que pude observar e dele ser forçado a participar, como de resto acontece com toda a humanidade, ainda que esta de nada saiba. **Sophia e o Codificador de Zion** são os dois seres aos quais me refiro, que junto com muitos outros parecem ter construído o **roteiro** possível no meio caos o qual procurarei descrever naquilo que interessar ao tema central da presente obra. Mais **enigmático** do que este, somente o **enredo** a que o mesmo pertence, o qual procurei abordar nos três livros **“O Drama Cósmico de Javé”**, **“O Drama Espiritual de Javé”** e **“O Drama Terreno de Javé”**, dentre outros já publicados.

“RECONCEITUAR” PARA COMPREENDER

NÃO TENHO como demonstrar aos meus irmãos e irmãs, que se encontram acorrentados na “caverna de Platão”, que **a visão de realidade que as gerações humanas sistematicamente herdaram umas das outras está incompleta, distorcida e corrompida desde o início da sacralização da fé e da crença manipuladas.**

Desacorrentei-me, meio que forçado pelos fatos, mas até hoje procuro reconstruir o meu próprio senso de realidade, sabendo quão perigosa é a tarefa. Todavia, é inadiável e intransferível!

José Saramago⁽⁴⁾ legou-nos uma profunda reflexão sobre este aspecto do psiquismo humano, referindo-se aos tempos atuais, apontando no seu livro *“Ensaio sobre a Cegueira”*, que: ***“Nunca, em toda a história da humanidade, houve um tempo tão próximo da caverna de Platão⁽⁵⁾”***.

Muitas são as nulidades que povoam a mídia e o nosso psiquismo, pousando de autoridades, enfim, de “gente importante” que, para os desavisados, passam a ser as pessoas a serem tidas como “ilustres”, quando representam tão somente as sombras “podres” projetadas na “parede da caverna”, único viés de visão para os “acorrentados” que não percebem que, “por trás deles”, lá fora, existe toda uma dimensão de realidade que, para os “escravizados”, não tem como ser verdadeira.

Situação triste dos que, quando das discussões entre direita e esquerda, entre a defesa de ideais e não de circunstâncias momentâneas, tentam demonstrar que existe análise mais profunda a ser feita quanto a estas questões, pois que estas aparentes direções de alinhamento ideológico são tudo o que os “acorrentados” podem perceber, quando o que importa é a

profundidade da questão política, os agentes desta e sua aplicabilidade. Tem sido assim que, **o essencial, a verdade que se busca e deveria ser percebida, sempre continua despercebida porque os olhos dos viciados em emoção se enchem com as “cores das sombras da hora”.**

Observo as sombras e os seus escombros e me espanto ao ver, no alinhamento primário e imediato, que pessoas dotadas de razão alimentam estas questões as quais, se por um lado representam, por si mesmas, um grande e penoso esforço evolutivo da humanidade, por outro, nestes tempos atuais, atestam a nossa incompetência de seguir adiante, investindo no foco do problema: o agente do processo, ou seja, o ser humano, e não discutindo sistemas ultrapassados e enroscados na deformação filosófica do momento.

Defender um corrupto profissional de esquerda e atacar outro de direita, ou vice-versa, parece ser a opção final para muitas nações, o que tão somente atesta a falência dos seus cidadãos enquanto promotores da busca pela retidão, pela verdade e pela justiça.

Nada-se num mar de lama, defendendo-se enlameados preferidos, enquanto discutir a produção de lama, nem pensar, e por um motivo bem simples: afeta a todos, sem exceção.

Por que insisto tanto no painel da corrupção? Por que esta nasceu com a “queda” do Primeiro Logos, na medida em que sua reconstrução lhe fez construir um psiquismo que automatizou o império do mais forte como forma de sobrevivência, que urdiu a maneira corrupta de sobreviver a qualquer custo, ainda que isto signifique enganar ou mesmo matar uma outra forma de vida. Entendam que esta automatização é a base de todo tipo de corrupção que hoje enxergamos em nós mesmos, os adultos, e os que disto não têm consciência, somente a enxergam nos outros.

Repito: **a corrupção nasceu com Brahma/Javé, com a reconstrução do Primeiro Logos “caído”,** e os dois Logos que o seguiram, como será explicado ao longo deste livro, não conseguiram dignificar o processo por ele posto em movimento, chamado “vida”, no sentido de, por meio da filosofia e do altruísmo, superar este “fator básico” do DNA de todas as espécies predadoras da natureza, principalmente a dos humanos predadores, dando “cores” de decência ao modo vexaminoso como vivemos.

Por isto que estas discussões infantis que a limitação do tempo em que vivo chama de “debate democrático” – que não atenta para o problema da corrupção humana, mas tão somente discute quem é o “mais corrupto da hora” ou o da predileção de muitos, mas já foi uma grande conquista e que

assim continue –, quase sempre entroniza o jogo de interesse que esconde o problema real da nossa **deformidade filosófica de não mais sabermos o que é decente e digno num ser humano**.

Parece que o que está gerado sempre encontra modos de incomodar e ferir àqueles que se preocupam com o seu andamento, enquanto os que vivem sob o efeito da “pílula azul” – referência à trilogia de filmes “*Matrix*” – da ilusão romântica e/ou dos interesses particulares em verbas, empregos públicos e vantagens de toda ordem, aparentemente passam melhor, ainda que pouco ou nada ousem fazer no sentido da coautoria dos fatos da vida, preferindo ser “rebanho”.

E assim, enquanto a humanidade caminha, o germe do comportamento corrupto permanece atuante e a sua repercussão tem encontrado guarida nos mais “espertos de cada hora” da história humana.

Pena que não tenhamos conseguido ainda, nos tempos atuais, atacar o problema real do modo atrasado como temos expressado a nossa cidadania.

De toda maneira, ainda me servindo das metáforas possíveis ao modo de se perceber a vida por meio das sombras nela projetadas por inteligências que se situam além da nossa vista, a teologia – sim, é uma metáfora – inventada pelas religiões para traduzir os aspectos que chocam os humanos nas páginas de alguns livros chamados de “sagrados” pelas culturas no seio das quais surgiram, tem servido exatamente para produzir a medida do engano que precisamos para viver.

Explicações, justificativas e estórias aparentemente fantasiosas procuram sistematizar não o entendimento humano – disto a teologia foge –, mas as peças do jogo da conformação e da resignação que as pessoas “precisam” ter.

Neste sentido, não foram somente as religiões que inventaram os seus modelos de crença apoiados nessa ou naquela teologia, pois até mesmo os movimentos na busca de uma consciência mais esclarecida também não resistiram ao “pesado” vácuo que a incompreensibilidade causa na sensibilidade humana e criaram as suas explicações valendo-se das metáforas possíveis.

Proponho ao(à) presumível leitor(a) destas páginas, para tornar mais produtiva a reflexão em torno da questão dos conceitos certos ou equivocados que há milênios utilizamos para nortear a vida na Terra, que **aqui me possa valer da linguagem que os ocultistas utilizaram para abordar os temas em torno da busca da compreensão da verdade**, seja a do âmbito das nossas vidas, como a da existência do próprio universo, com suas realidades

adjacentes.

Os ocultistas se referem ao conhecimento acumulado da Antiguidade como sendo uma “antiga ciência”, aspecto que os atuais cientistas não gostam muito, pois se hoje o senso humano dispõe do método científico apoiado na tese cartesiana, dentre outras que também o alicerçam, nesse passado distante a magia era o conceito mais amplo que unia os vieses tidos então como científicos, filosóficos e religiosos que norteavam a busca pela verdade.

Devido à essa imprecisão no método antigo de se buscar a verdade – assim ditam os olhos do presente que, equivocadamente, observam o passado com os seus valores atuais – essa “**magia**”, **chamada de “ciência antiga**”, não pode por eles ser bem apreciada, ainda que haja honrosas exceções entre alguns poucos que percebem como os atuais postulados quânticos correspondem a muitas das teses dos nossos ancestrais, os quais, por sua vez, ultimamente nos tem parecido bem mais esclarecidos do que era de se esperar.

De todo modo, essa “ciência antiga” muito referida pelos ocultistas e, em especial por Helena Petrovna Blavatsky⁽⁶⁾, afirma que “*tudo o que faz o universo ser o que é repousa na sua própria matriz, essência ou raiz – que contém em si todas as potencialidades para se manifestar –, o grande Uno, ou a Unidade (o Logos Imanifestado), de onde tudo provem, e para onde tudo retorna*”. As palavras aqui são aproximadas pois muitas são as interpretações, traduções e mesmo conceituações que o contexto do ocultismo usa para expor os seus postulados.

E a “grande confusão”, que sempre existiu e vai existir ainda por muito tempo, começa na definição que os ocultistas dão a este **Logos Imanifestado**, que muitos entendem ser o *Brahman* da mitologia hindu, na qual a “*Trimurti*”⁽⁷⁾, formada por Brahma, Vishnu e Shiva, impera como sendo as personificações que atuaram na Criação que conhecemos e no seio da qual vivemos, porém, para além desta, existe ainda todo um “contexto imanifestado” e um “Deus Incognoscível”, a quem muitos entendem ser *Brahman*.

Se bem percebermos, no seio do próprio hinduísmo/vedismo, veremos que uma outra interpretação aponta para o fato de que existia um ser, cujo epíteto era “*Prajapati*”, que ao gerar uma Criação, nela projetou o seu próprio eu, sendo que este “caiu” e ficou “prisioneiro e refém” da Obra que gerara, o que corresponderia a Brahma, o “Ser Criador caído”, também conhecido em outras religiões como sendo Javé (judaísmo e cristianismo), Atum ou Atom

(mitologia egípcia), Alá (islamismo), dentre outros nomes e epítetos que este ser tem em algumas dezenas de mitologias que jamais foram levadas a sério. Aqui, **o Logos Imanifestado**, seria **Prajapati** e não **Brahman**, o que já começa a tornar a questão bem mais complexa.

Se situarmos agora o inevitável aspecto em relação ao qual os ocultistas tanto se preocuparam – as religiões nem tanto porque cobriram esta busca com o dogma de um “mistério sagrado” – e se preocupam, e que diz respeito ao “que existia antes desta Criação”, veremos que precisamos ampliar a nossa percepção para podermos tentar vislumbrar alguns elementos que nos ajudem a “buscar a verdade”, de modo honesto e adulto, sobre o que existia antes do surgimento desta.

Segundo Blavatsky, o que houve e haverá sempre para além das fronteiras do universo que conhecemos, será a raiz do próprio universo, ou seja, um tipo de realidade ou de universo que não está em manifestação (pelo menos para nós), uma espécie de “causa incausada”.

A “Revelação Espiritual”, codificada por Allan Kardec, praticamente na mesma época dos postulados organizados por Blavatsky, aponta que, para além do universo em que vivemos, existe a “Espiritualidade Superior” que é pré-existente, como também o “Deus Incognoscível, Amoroso e Perfeito”, posto que ambos são incriados, assumindo, portanto, o mesmo aspecto de não ter tido jamais um início e disto sendo deduzido que também não terá fim.

Entretanto, onde estes postulados podem nos levar? A canto nenhum, se não fizermos uma **distinção de que este “Deus Perfeito, Amoroso e Incognoscível”**, apresentado pela “Revelação Espiritual”, que pode ser tido como um **tipo de “Logos Imanifesto”** para tudo o que sempre existiu e para o que, “em dado momento”, surgiu para a existência, mas **que não pode e nem deve ser jamais confundido com um outro tipo de “Logos Imanifesto” tido pelos ocultistas como sendo um “Logos Imanifestado, mas algo problemático”**, e que em tendo “caído” na própria Criação, **nela se reconstruiu como um “Ser Criador” que passou a atuar no âmbito interno da sua própria Obra, sendo chamado por Platão de “Demiurgo”**.

Tomo aqui tão somente alguns elementos da **abordagem de Platão sobre o conceito de “Demiurgo” – Artífice ou Criador Divino –**, e não a sua visão sobre a “Criação manifestada pelo Demiurgo”, pois **a ideia que me vejo obrigado a defender difere não só da de Platão, mas como de resto e frente ao que conheço, de tudo o mais que até agora foi exposto sobre o tema**, inclusive pelos diversos segmentos do gnosticismo e mesmo do

ocultismo.

O que este livro oferta é único, jamais referido, e que portanto vai de encontro a tudo o que se encontra estabelecido como “verdade” para tudo o que foi colecionado até agora como conhecimento humano. Daí a necessária prudência que o(a) leitor(a) precisa ter frente ao que está lendo.

4ª Constatação:

O que se encontra exposto nas teses gnósticas é que o Demiurgo representa o Mal, não sendo esta, portanto, a tese dos livros que temos produzido a seu respeito. O problema é muito mais complexo do que o observado pelos gnósticos.

Além do que, muitos dentre estes, defendem que o universo biológico é criação do “Deus Perfeito”, enquanto o Demiurgo nada teria a ver com esta Criação, tendo agido somente em etapas algo distintas em relação ao seu início. Outros gnósticos já afirmam que o “Maligno Demiurgo” foi o Criador deste universo.

Em linhas gerais, Platão sustenta que o Demiurgo resolveu copiar as ideias de um nível superior ao que conhecemos e, em gerando as coisas que compõem a nossa realidade, ele deixa a desejar quando se compara ao mundo, vamos dizer, arquetípico ou espiritual. Contudo, para ele próprio, **tudo o que criava era “perfeito” e, por isso, jamais admitiu críticas dos seus arcontes.**

Ainda segundo Platão, **devido à sua teimosia, o Demiurgo ficou então separado do “Pleroma” (o tal nível mais evoluído)**, após a sua “queda” na própria Criação. Assim, **este Demiurgo era “rebelde” frente ao nível institucional do “Pleroma”** – que seria o nível de existência anterior do ser que gerou o impensável e nele “caiu”, se transformando em “refém” da própria Obra.

No pensamento cosmogônico de Platão, o termo “Demiurgo” parece significar um “artesão divino algo problemático”, uma espécie de “causa errante” que, por efeito da sua natureza, gera movimento e tempo, agindo ao acaso e de modo anômalo.

Numa obra muito interessante do metafísico gnóstico francês René Guénon⁽⁸⁾, intitulada **“O Demiurgo”**, ele nos diz:

“Existem alguns problemas que constantemente vêm preocupando o homem, mas aquele que se há apresentado geralmente como o mais difícil de resolver é o da origem do mal, com o qual se depararam, como se fosse um obstáculo intransponível, a maioria dos filósofos e sobre tudo os teólogos:

“Si Deus est, unde Malum”? Si non est, unde Bonum?” Este dilema é, com efeito, insolúvel para aqueles que consideram a Criação como obra direta de Deus, e que, em consequência, estão obrigados a responsabilizar-lhe do bem e do mal. Se dirá sem dúvida que esta responsabilidade é atenuada em certa medida pela liberdade das criaturas; mas, se as criaturas podem escolher entre o bem e o mal, é porque tanto um como outro já existiam, ao menos em princípio; e se as criaturas são suscetíveis de decidir-se às vezes em favor do mal em lugar de fazê-lo sempre em favor do bem, é porque são imperfeitas. Como então Deus, sendo perfeito, pôde criar seres imperfeitos?

“Se chamamos bem ao perfeito, realmente o relativo não é algo distinto, já que em princípio está contido nele; então, desde o ponto de vista universal, o mal não existe. Existirá unicamente se considerarmos as coisas sob um aspecto fragmentário e analítico, separando-as de seu princípio comum, em lugar de considerá-las sinteticamente como contidas nesse princípio, que é a perfeição. Assim é criado o imperfeito; distinguindo o Mal do Bem se cria os dois por esta distinção mesma, pois o Bem e o Mal são tais se opomos um ao outro e, se não há Mal, não há motivo para referir-se ao Bem no sentido ordinário dessa palavra, senão unicamente da Perfeição. É, pois a fatal ilusão do dualismo quem realiza o Bem e o Mal, e que, considerando as coisas sob um ponto de vista particularizado, substitui a Unidade pela multiplicidade, e encerra assim os seres sobre os quais exerce seu poder no domínio da confusão e da divisão. Este domínio é o império do Demiurgo.”

Reproduzi esta passagem do livro de René Guénon com o objetivo de demonstrar como este tema já vem sendo refletido há muito tempo e, aqui, não discuto o mérito do que se encontra exposto.

Se o(a) leitor(a) quiser ter uma ideia, ainda que superficial, do roteiro deste **enredo demiúrgico**, o mesmo **começou com Platão e, mais tarde, foi abraçado pelo gnosticismo, que se originou a partir de informações dadas por Jesus, no seu estado de ressuscitado.**

Foi desse ponto que **surgiram os diversos segmentos do gnosticismo que existiam no cristianismo nascente**, mas que foram duramente combatidos pelo seu **segmento ortodoxo** que, mais tarde, seria a **vertente cristã a se transformar em catolicismo**, quando da sua adoção, pelo império romano, ao tempo de Constantino, no século IV d.C.

A partir deste ponto da presente abordagem, portanto, **sempre que tiver que me referir a Javé ou a Brahma**, usarei o mesmo epíteto platônico de

“Demiurgo” para melhor dar significação ao **conceito de Logos “caído”**.

A **Revelação Espiritual**” de Kardec, os postulados de Blavatsky, o judaísmo, a teologia católica e protestante, o islamismo, e tudo o mais que foi produzido e sistematizado nos tempos anteriores ao século XIX – sendo exceção a compreensão esclarecida de Platão – **confundiram “feio” a figura de um “Demiurgo Criador” com a de um “Deus Amoroso e Perfeito”**.

Essa confusão, na verdade, surgiu lá atrás, com as primeiras movimentações de caráter monoteísta que vingaram, a saber, o brahmanismo e o judaísmo, que **entronizaram um Criador passível de ego afetado, com fúria e predileções em detrimento do resto**, aspecto que, com o tempo, era sempre suavizado pelos seus “povos escolhidos” que endeusavam, então, esse Criador como sendo “maravilhoso” para eles, os seus “escolhidos da hora”, isso quando as coisas andavam bem. Ao contrário, quando desobedientes, era castigo, horror e temeridades de toda ordem pelas insubmissões dos ditos “eleitos”.

Quando estas religiões e seus desdobramentos (cristianismo, catolicismo, protestantismo e islamismo) foram se estabelecendo, este ser “estranho” foi sendo transformado em um “deus aceitável” e foram mesmo modificados vários dos seus atributos com o tempo. Em outras palavras, muitos fiéis foram fazendo “vista grossa” para melhor sobreviver ao incompreensível “deus bíblico”.

Dentre as teologias que procuraram adequar este tipo de Deus Criador aos atributos que a **lógica humana moderna** precisava agora enxergar em um “deus” no qual se pudesse confiar e aceitar, em vez de somente temê-lo, resolvi tomar do último viés cristão que surgiu, que foi a **“Revelação Espiritual”** codificada por Allan Kardec, e que abordou corajosamente a melindrosa questão.

Aqui peço desculpas ao presumível leitor(a) destas páginas pelo mergulho que agora terei que fazer na obra de Kardec, encomendada pelos espíritos. E nesse aspecto, reside de pronto um fator limitador que os espíritos comunicadores, no âmbito de “Revelação Espiritual”, esclareceram de modo inquestionável, ao afirmarem na resposta à pergunta 182, do **“Livro dos Espíritos”**:

“Nós, os espíritos, só podemos responder de acordo com o grau de adiantamento em que vos achais. Quer dizer que não devemos revelar estas coisas a todos, porque nem todos estão em estado de compreendê-las e semelhante revelação os perturbaria.”

Isto os espíritos responderam ao serem indagados se seria possível conhecer com exatidão o estado físico e moral dos seres que habitavam os diferentes mundos, ou seja, os chamados extraterrestres que habitam o nosso universo.

Um outro aspecto que preciso ressaltar sobre o “poder dos espíritos” em saberem “disto ou daquilo”, tem a ver com algumas reflexões que Kardec deixou registradas como apontamentos diversos, que vieram, mais tarde, a ser publicados como sendo as suas **“Obras Póstumas”**:

“...um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que os Espíritos, nada mais sendo do que almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; ...vi logo que cada Espírito, em virtude da sua posição pessoal e de seus conhecimentos, me desvendava uma face daquele mundo, do mesmo modo que se chega a conhecer o estado de um país, interrogando habitantes seus de todas as classes, não podendo um só, individualmente, informar-nos de tudo.. Conduzi-me, pois, com os Espíritos, como houvera feito com homens. Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não reveladores predestinados”.

Ainda assim, ancorado na prudência possível à sua época, Kardec assumiu as premissas advindas das respostas dos espíritos às perguntas constantes do **“Livro dos Espíritos”**.

Como se pode observar logo no seu capítulo I, sobre as “provas da existência de Deus”, na resposta dada à questão 4, que foram os espíritos, e não Kardec, seguramente pelas dificuldades de situar o tema na época, quem promulgaram a confusão conceitual entre Deus e o Criador do universo como sendo uma só personagem, pois que, claramente, relacionaram Deus como sendo o Criador deste universo:

“4. Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?

Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá.”

Ora, perante esta resposta dada pelos espíritos, outra não podia ser a observação de Kardec para melhor explicá-la:

“Para crer-se em Deus, basta se lance o olhar sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo, tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.

Kardec, no livro **“A Gênese”**, procurou, como lhe foi então possível,

abordar e mesmo suavizar a **incongruência entre um “Deus Perfeito” e uma Criação ancorada na violência.**

Já nos “tempos católicos” de **Santo Agostinho⁽⁹⁾**, este resolvera **definitivamente esta incongruência afirmando que “a Obra de Deus”, em se referindo a este universo, era “perfeita” e “ponto final”.**

Esse “ponto final” se referia a um **velho debate que vinha sendo travado desde os “tempos cristãos”** – em que o cristianismo, ao tempo dessas discussões, era ainda perseguido pelo império romano, que somente mais tarde o transformaria de crença perseguida na religião oficial de Roma, convertendo-o no catolicismo – que **apontava a Criação como Obra imperfeita de um “Deus Criador” problemático**, longe de ser perfeito.

O gnosticismo era, então, o segmento do cristianismo nascente que tal afirmava e Agostinho simplesmente acabou com aquela como também com outras ordens de discussão no seio da igreja católica.

Kardec, porém, preocupado por escrever para o pensamento europeu do século XIX, notadamente os primeiros espíritas que nada mais eram do que ex-católicos e ex-protestantes, procurou abordar mais amplamente o tema sem que lhe fosse possível, nesse caso, manter a profundidade e a frieza conceituais que marcaram toda a sua obra, na qual procurou sempre estabelecer um limite prudencial entre o que era revelação espiritual, crença religiosa das pessoas e as certezas científicas da sua época.

Assim afirmou Kardec no livro **“A Gênese”**, no capítulo III, intitulado **“O Bem e o Mal”**:

“Sendo Deus o princípio de todas as coisas e sendo todo sabedoria, toda bondade, toda justiça, tudo o que dele procede há de participar dos seus atributos, porquanto o que é infinitamente sábio, justo e bom nada pode produzir que seja ininteligente, mau e injusto. O mal que observamos não pode ter nele a sua origem.

(...)

Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

Os males de toda espécie, físicos ou morais, que afligem a Humanidade, formam duas categorias que importa distinguir: a dos males que o homem pode evitar e a dos que lhe independem da vontade. Entre os últimos cumpre se incluíam os flagelos naturais.

O homem, cujas faculdades são restritas, não pode penetrar, nem abarcar o conjunto dos desígnios do Criador: aprecia as coisas do ponto de vista da sua personalidade, dos interesses factícios e convencionais que criou

para si mesmo e que não se compreendem na ordem da natureza. Por isso é que, muitas vezes, se lhe afigura mau e injusto aquilo que consideraria justo e admirável, se lhe conhecesse a causa, o objetivo, o resultado definitivo. Pesquisando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, verificará que tudo traz o sinete da sabedoria infinita e se dobrará a essa sabedoria, mesmo com relação ao que não lhe seja compreensível.”

Kardec, a essa altura da sua abordagem, em nome dos altos propósitos de bem explicar a revelação cuja responsabilidade os espíritos haviam colocado a seu cargo, viu-se obrigado a aplicar a justificativa de que os “fins divinos justificam os meios”, ainda que, como homem e professor, dessa não se servisse.

Os elementos que ele tinha na época não lhe permitiam mais que isso. Ele não teve outra alternativa e assim continuou a sua abordagem no livro **“A Gênese”**:

“A destruição recíproca dos seres vivos é, dentre as leis da natureza, uma das que, a primeira vista, menos parecem conciliar-se com a bondade de Deus. Pergunta-se por que lhes criou ele a necessidade de mutuamente se destruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros.

Para quem apenas vê a matéria e restringe à vida presente a sua visão, há de isso, com efeito, parecer uma imperfeição na obra divina. É que, em geral, os homens apreciam a perfeição de Deus do ponto de vista humano; medindo-lhe a sabedoria pelo juízo que dela formam, pensam que Deus não poderia fazer coisa melhor do que eles próprios fariam. Não lhes permitindo a curta visão de que dispõem, apreciar o conjunto, não compreendem que um bem real possa decorrer de um mal aparente. Só o conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua verdadeira essência, e o da grande lei da unidade, que constitui a harmonia da criação, pode dar ao homem a chave desse mistério e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia, exatamente onde apenas vê uma anomalia e uma contradição.

(...)

Por meio do incessante espetáculo da destruição, ensina Deus aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e lhes suscita a ideia da vida espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação.

Objetar-se-á: não podia Deus chegar ao mesmo resultado por outros meios, sem constranger os seres vivos a se entredestruírem? Desde que na sua obra tudo é sabedoria, devemos supor que esta não existirá mais num ponto do que noutros; se não o compreendemos assim, devemos atribui-lo à

nossa falta de adiantamento. Contudo, podemos tentar a pesquisa da razão do que nos pareça defeituoso, tomando por bússola este princípio: Deus há de ser infinitamente justo e sábio. Procuremos, portanto, em tudo, a sua justiça e a sua sabedoria e curvemo-nos diante do que ultrapasse o nosso entendimento.”

Aqui, a justificativa de Kardec de que “*Deus há de ser infinitamente justo e sábio*”, – noutras traduções aparece como “*Deus deve ser infinitamente justo e bondoso*” – não se aplica, o que faz imperioso, portanto, digo eu, que **outra explicação deve existir para adequar o fato de uma Criação que legitima a violência como a maneira do mais forte superar o mais fraco, não pode ter sido obra de um Deus minimamente justo e sábio.** Contudo, que explicação seria esta?

Kardec diz que precisamos nos curvar perante estas questões inexplicáveis porque as mesmas ultrapassam o entendimento humano. Que seja! Entretanto, isso foi naquela época. Hoje, o entendimento está convidado a, pelo menos, examinar o que vem sendo produzido sobre as justificativas para as questões que Kardec e os espíritos, na época da “Revelação Espiritual”, não puderam ou não tiveram como explicar.

Isso pode parecer ser aceitável para o pensamento do século XIX, mas com as descobertas científicas atuais, notadamente as advindas da mecânica quântica e da genômica, esses argumentos esforçadamente elencados para manter o respeito por uma “deidade” ou pelo conceito que dela os homens e mulheres de então faziam, não mais fornecem a impressão de “análise completa”, de “fechar a questão”, como sempre pareceu para os espíritas.

Poupo aqui os leitores das tentativas de Kardec em fornecer mais pistas para a reflexão sobre esta incongruência teológica, mas caso seja profícuo, convido a que os versículos 22, 23 e 24, do referido capítulo III, do livro “**A Gênese**”, sejam lidos e refletidos sob à luz do que se pensava no século XIX, e que influenciava a todos os pensadores e cientistas, sendo o **próprio Albert Einstein, mais tarde, um dos que ancorava as suas teses na premissa de que existia um mecanismo no universo que justificaria o fato de Deus não mostrar a si mesmo, mas tão somente o de se afirmar mediante as suas obras.**

No final do século XIX, como no início do século XX, existia uma verdadeira ojeriza em relação ao conceito da possível existência de um Criador por trás do universo. Se era assim nesse tempo, imaginemos como não era em meados do século XIX, quando Kardec escreveu as palavras

anteriormente reproduzidas.

Sobre este tema, escrevi em “*Explicações Necessárias*”, no livro “**O Drama Cósmico de Javé**”, o que agora reproduzo para atualizar a reflexão sobre a função de um possível “**Logos Criador**”:

“A teoria do universo estático já não mais povoa o intelecto dos cientistas nos dias atuais. Esse fato implica em que a questão pertinente ao “começo do universo” é hoje motivo essencial de busca tanto para a ciência como para a religião. Cientistas e teólogos debruçam-se inevitavelmente sobre o óbvio, apesar de chocante, do universo observável: o mesmo teve um começo aparentemente a partir do nada, seja promovido por alguém ou por alguma coisa.

Albert Einstein, certa feita, disse que os cientistas viviam pela fé na causa e na cadeia de causa e efeito, o que implica em que todo efeito tem uma causa que pode e deve ser descoberta por meio de argumentos racionais. Contudo, “argumentos racionais” da Teologia parecem não serem aceitos como tais para os caminhos da ciência e é normal que assim seja, ou pelo menos deveria ser até o ponto em que o horizonte científico esbarre no presumível terreno do sobrenatural que envolve a criação do universo em que vivemos.

Não sendo cientista nem teólogo, mas respeitando a ambos, devo ressaltar que tenho pouco ou nenhum apreço pela prática religiosa no sentido da crença pela crença, apesar de ser um apaixonado pelo estudo das muitas revelações promovidas ao longo da história, ainda que com suas inevitáveis falhas por força do fator humano no papel de intérprete. Contudo, o que o ser humano fez e faz delas é o que me afasta do convívio com aqueles que a elas doentivamente se vinculam, esquecidos que a existência é muito mais bela e generosa do que a que pode ser entrevista pelo fundamentalismo religioso.

Já a ciência, único caminho seguro para a decodificação da realidade que nos envolve, ainda que esbarre nos limites do que se pode decodificar por meio do método científico, começou também a praticar um desarrazoado tipo de fundamentalismo. Este, tão absurdo e cruel quanto o de ordem religiosa, chega a entronizar como razoável, teses que necessitavam que a própria lógica da ciência deixasse de existir para que nelas fosse possível crer. O estranho é perceber que todo esse esforço visa apenas a não se aceitar a presença de um criador por trás da realidade observável. Desses me apieda porque, a título de combater as frágeis e ingênuas criaturas

humanas que precisam crer para sobreviver, terminam por serem, elas mesmas, as mais crentes que conheço apesar de travestidas de cientistas. E infelizmente não tão ingênuas assim pelo simples fato de preferirem entronizar o acidente ou o acaso como sendo a causa de um universo extravagantemente delineado por leis e, portanto, inteligente, em vez de admitir a possibilidade da existência de alguém que o criou. Defendem-se dizendo conhecedores e seguidores do método científico. Que seja. Devemos então presumir que aprioristicamente o tal método científico já parte do princípio dogmático que não pode nem deve existir um princípio criador porque assim está definido. Que seja! Qual a diferença entre comportamentos desse tipo e o dos fundamentalistas religiosos? Se cientistas realmente forem falham na busca amorosa da verdade muito mais do que aqueles que de fato não têm olhos para ver porque lhe faltam os elementos do esclarecimento intelectual.

Assim afirmo para dizer que não tenho a ingênua pretensão de que os “argumentos racionais” aqui apresentados por alguém do meu tamanho venham a, sinceramente, servir como ponto de reflexão para os que muito pensam saber, ou ainda para os que estão radicalmente apegados as suas verdades pessoais.

Que cada um possa cuidar do seu próprio arcabouço de conceitos e de aparentes verdades já que é a partir dessa ótica pessoal que cada ser humano se abre para a percepção de novos horizontes ou cega a si mesmo no estacionamento das possibilidades do intelecto que lhe é comum. Afinal, o que mais limita o ser humano se não as opiniões que costuma ter sobre tudo e todos ao seu redor? E quando essas opiniões são produto dos dogmas científicos e/ou religiosos aí é que a cegueira assume proporções dramáticas já que travestida do tragicômico brilho do falso saber.

O fato é que não foram no passado como não são poucos no presente os cientistas honestos que estão se defrontando com a inquietante questão de ter que se defrontar com a necessidade de um criador — chamado de “observador” nos cânones da física quântica — na arquitetura da fórmula maior de uma realidade mais ampla que aquela apontada pela viciada ótica materialista de muitos olhos que se dizem “perscrutadores da realidade”.

Desde Einstein que, mesmo tendo as equações por ele genialmente formuladas da Relatividade Geral que apontavam para um universo um dia iniciado e em expansão, por força da visão dominante dos idos do começo do século XX, preferiu apegar-se à visão do universo estático, devido, penso eu,

à dificuldade de ter que lidar com um “início para o universo”, o que o obrigaria a pensar em um deus-criador, aspecto sempre desprezado pelos cientistas. Não teve olhos para ver o óbvio naquele momento. Preferiu criar uma “constante cosmológica” para adequar as suas equações a um universo incriado, estático e, portanto, eterno. Mais tarde, em 1931, já com olhos para ver, admitiu que “o cientista é controlado pelo senso da causa universal... Sua percepção religiosa toma a forma de um assombro magnífico diante da lei natural, a qual revela uma inteligência de tamanha superioridade que, comparada a ela, todo o pensamento sistemático e ações dos seres humanos se tornam uma reflexão totalmente insignificante”.

Utilizemos a modificação no pensamento de Einstein que ele se obrigou a fazer por força das descobertas científicas ocorridas ao tempo da sua vida como exemplo para as nossas reflexões e como apoio para o que foi exposto.”

Sobre o mesmo assunto, no livro singular denominado “**Mostre-me Deus**” (Editora Clio, 2008), de Fred Heeren⁽¹⁰⁾, ele afirma que:

“Em 1917, Albert Einstein publicou um artigo interpretando sua própria Teoria da Relatividade Geral, moldando-a de acordo com a inquestionável visão cosmológica daqueles dias: a Teoria do Universo Estático. A cosmologia do universo estático afirmava que o mesmo era infinito em idade, o que poupava a comunidade científica de ter que lidar com as inquietantes questões fundamentais sobre a origem do cosmos. Naquela época, o consenso entre os astrônomos era o de estrelas vagando aleatoriamente, as nebulosas eram nuvens de gases que pertenciam a nossa própria galáxia e a Via Láctea era o universo. Einstein estava tão convicto de que essas concepções eram corretas que acrescentou o que agora é conhecido como “fator extra” cosmológico a sua teoria, de modo a encaixá-lo nessa cosmologia preferida. Desde 1915, entretanto, Einstein parecia não encarar as implicações de sua teoria já que outros grandes cientistas da época já haviam notado que, para resolver as equações de campo de Einstein, era necessário que o universo não fosse infinitamente antigo: ele deveria ter tido um princípio. Um universo com um início requer um iniciador ao passo que aponta naturalmente para um criador que existe fora do universo.

A reação inicial da comunidade científica perante a possibilidade de um universo com começo foi tipificada pela declaração de Arthur Eddington: “Filosoficamente, a noção de um começo da presente ordem da natureza é repugnante para mim”. Ainda assim, suas próprias observações, dentro do

então novo campo da Física Quântica, o convenceram de que as evidências para “uma Mente ou Logos Universal” eram tão fortes que poderiam incitar alguns a promoverem uma fé baseada na ciência com exclusão da fé religiosa.”

Voltando ao tempo da sua missão codificadora, Kardec escreveu ainda no livro **“A Gênese”**, sobre a “natureza divina”, no capítulo II, algo que deve ser relido e refletido sob a égide do refinamento em torno da busca pela verdade, e que agora reproduzo:

“Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. Para compreendê-lo, ainda nos falta o sentido próprio, que só se adquire por meio da completa depuração do Espírito. Mas, se não pode penetrar na essência de Deus, o homem, desde que aceite como premissa a sua existência, pode pelo raciocínio, chegar a conhecer-lhe os atributos necessários, porquanto, vendo o que ele absolutamente não pode ser, sem deixar de ser Deus, deduz daí o que ele deve ser.”

Eis a fonte da confusão: o que Kardec chamou de **“atributos necessários”** que Deus, ou o conceito que então se tinha e se tem de Deus, deveria contemplar. E Kardec ainda acrescentou que: **“vendo o que ele absolutamente não pode ser, sem deixar de ser Deus, deduz daí o que ele deve ser”**.

O aspecto assustador é o de que o **“Deus Bíblico”, Javé, obviamente não pode ser ou não deveria ser considerado Deus porque ele é tudo o que Deus não é!** Em outras palavras, e tomando emprestada novamente as palavras de Kardec, **Javé é tudo o que Deus absolutamente não pode ser!** Basta ver os seus próprios discursos, posturas e atitudes registrados na dita “sagrada escritura”.

De modo confuso, porém, Kardec tomou a Obra Universal do Criador Bíblico e vinculou-a ao Deus Perfeito, deixando de lado a perturbadora figura deste Criador Bíblico que, na “Revelação Espiritual”, é como se não existisse. Assim, a confusa situação se estabeleceu.

Escreveu, ainda, Kardec, no livro **“A Gênese”**, sobre a “natureza divina”, no capítulo II:

“Sem o conhecimento dos atributos de Deus, impossível seria compreender-se a obra da criação. Esse é o ponto de partida de todas as crenças religiosas e por não se terem reportado a isso, como ao farol capaz de as orientar, que a maioria das religiões errou em seus dogmas. As que não atribuíram a Deus a onipotência imaginaram muitos deuses; as que não

lhe atribuíram soberana bondade fizeram dele um Deus cioso, colérico, parcial e vingativo.”

Ainda segundo Kardec, os tais “atributos necessários” que Deus precisaria ser detentor, conforme a crença filosófica emoldurada desde Santo Agostinho, passando por Tomás de Aquino⁽¹¹⁾, e ratificado e enriquecido pela sua visão pessoal, são: suprema e soberana inteligência, ser eterno, ser imutável, ser imaterial, ser onipotente, ser soberanamente justo e bom, ser único e ser infinitamente perfeito. Obviamente, o Criador Bíblico, nada tem a ver com esses atributos!

Foi essa uma parte significativa do compêndio filosófico que Kardec gerou para tentar dissipar as nuvens que cegavam a visão dos seus contemporâneos do século XIX, mas que, como de sorte ocorreu e ocorre com tudo o mais que é produzido pela mão e pela natureza humanas, deve ou deveria ter o seu significado estabelecido sempre como transitório, jamais como verdade! Afinal, ninguém detém a marcha do tempo, e o avanço, nas diversas áreas de compreensão da vida, virá sempre, o que provoca mudanças nada agradáveis para os que se encontram afetados, agarrados às suas verdades e a seus ídolos, o que é típico de uma humanidade infantilizada, que demoniza uns e endeusa outros para melhor passar.

Não podemos esquecer que somos todos passantes e que a vida, como o próprio Mestre Jesus o afirmou no já citado “*Evangelho de Tomé*”, é tão somente uma passagem. Disse ele: “— *Sede vós passantes*”.

Finalizando a confusa identificação indevida em torno do conceito de um Deus com tais atributos à uma Criação que legitima a violência e o império da força do mais forte que escraviza e aniquila o mais fraco, Kardec, no livro “*A Gênese*”, capítulo I, versículo 23, fez, por ele mesmo e influenciado pelos espíritos, uma afirmação que gerou ainda mais confusão em torno do pensamento cristão referente ao “conceito de Deus”, que foi, vamos dizer, promulgado pelo legado de Jesus:

“A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de fonte primária, de pedra angular de toda a sua doutrina, é o ponto de vista inteiramente novo sob que considera ele a Divindade. Esta já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo de Moisés: o Deus cruel e implacável, que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas; já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do

inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas, um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e dá a cada um segundo as suas obras. Já não é o Deus de um único povo privilegiado, o Deus dos exércitos, presidindo aos combates para sustentar a sua própria causa contra o Deus de outros povos; mas o Pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção por sobre todos os seus filhos e os chama todos a si; já não é o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas, sim, um Deus que diz aos homens: “A vossa verdadeira pátria não é este mundo, mas no reino celestial, lá onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados. Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena se retribua olho por olho, dente por dente; mas o Deus de misericórdia, que diz: “Perdoai as ofensas, se quereis ser perdoados; fazei o bem em troca do mal; não façais o que não quereis que vos façam.”

Kardec – e todo mundo antes dele – confundiu o receituário que Jesus ofertou ao “Deus Bíblico”, de como ele já poderia e deveria se comportar, com o modo pelo qual ele efetivamente continuou a agir, tanto que obrigou Jesus a sofrer o processo de crucificação, não atendendo ao seu pedido de “livrá-lo daquele cálice”.

Afinal, como tão bem Kardec lembrou no final do versículo 25, capítulo I, do livro “**A Gênese**”: “Mas, fora possível amar o Deus de Moisés? Não; só se podia temê-lo”.

Kardec tomou os ensinamentos de Jesus e os tomou como se fossem, doravante, o modo assumido por Javé, ou como já dito, de outra forma, ele simplesmente se recusou a acreditar que pudesse existir alguém como aquele “Ser” descrito na “*Bíblia*”, e o tomou como questão menor, a ser deixada de lado.

Sei, por mim mesmo, o que significa este “equivoco”!

Na presente existência, jamais considere como sendo ao menos plausível, admitir que uma “entidade estranha” como o bíblico Javé pudesse ser levada a sério como presumível Criador Universal, o que sempre me deixava uma dose de **angústia filosófica**, por não compreender como Jesus o ratificara como tal.

Paguei todos os preços por ter deixado de lado esta possibilidade, até que a própria se impôs como imperativa, como sendo uma realidade que, por mais que a negasse ou a ela creditasse qualquer consideração menor, ela se

estabelecia à minha frente e atropelava a minha condição humana tão somente como se para me provar o seu peso real.

Assim fui “dobrado” e mesmo “forçado” a decifrá-la, sendo todos os livros que produzi a vestimenta que dei à desesperada tentativa de me livrar do encargo e do peso impensáveis de ser “escolhido por um enigma personificado” para conhecê-lo, a ele dobrar-me e, ao mesmo tempo, decifrá-lo nos padrões por ele fornecidos.

O “rei ficou desnudo” à minha frente, mas nunca respeitei a sua pretensa realeza e muito menos me submeti aos seus ditames. Para minha surpresa, vi-me descrevendo-o, desnudando-o ainda mais, causando vexame e desconforto tanto a ele quanto a mim mesmo.

Procurei parâmetros nos evangelhos canônicos, mas não os encontrei, e deles somente retirei as “cores” de uma possível ingenuidade equivocada do homem Jesus quanto à bondade de um “Pai” que não poderia ser aquele “ente esquisito e nada bondoso”, e muito ao contrário, pois a meu juízo, a sua figura era perversa, fria, pervertida e corrompida.

O curioso, enigmático e mesmo paradoxal foi que aquele “Ser”, ainda assim, mesmo percebendo os parâmetros que compus para poder medi-lo, obrigou-me a decifrá-lo.

O próprio Kardec considerou que, *“se o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra, até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las”*.

Desconfio, porém, que somente muito tarde no tempo da sua vida, Jesus percebeu que **o tal “Ser”, que o obrigara a “beber o cálice” da crucificação, negando, inclusive, o pedido que a ele dirigira tratando-o de “Pai”, nada tinha de “bonzinho”**. E, mesmo sendo alguém dotado de poderes para daquilo se livrar, estranhamente Jesus resolveu se submeter e cumprir nele mesmo a vontade do “Deus-Pai Bíblico”.

Como, no século XIX, codificando notícias e elucidações vindas dos espíritos, sendo, porém, instado e obrigado a deixar também registradas as suas opiniões pertinentes à função da codificação, Kardec poderia ter se referido a um provável equívoco de um “deus encarnado” frente à opinião dos católicos e protestantes europeus da época? Óbvio que não!

Novamente ressalto que os “primeiros espíritas” foram ex-católicos e ex-protestantes, e que não havia “espaço” para a reflexão em torno de equívocos da pessoa de Jesus!

Mais tarde, de modo não menos estranho, no estado de ressuscitado,

como se para justificar o que ele não pôde fazer na condição humana – provavelmente pelas limitações naturais do “ego cerebral” que limita até mesmo os *avatares* –, Jesus deixou registrado no **“Evangelho de Tomé”**:

“Conhece o que está ante os teus olhos e o que te é oculto te será revelado porque nada é oculto que não seja manifestado”.

Depreende-se, portanto, que o próprio Jesus humano parece somente ter percebido a parte oculta, desagradável e problemática do “Ser” a quem, desde criança, o seu psiquismo se habituara a tratar como “Pai”, creditando a ele posturas e qualidades que o mesmo jamais as teve, até porque não era detentor de uma natureza tipo a humana, que pode ser bondosa, carinhosa, prestimosa, amorosa, enfim, altruísta.

5ª Constatação:

Jesus-Ressuscitado, percebendo claramente, então, o que estava oculto ao entendimento humano, resolveu providenciar um novo foco de elucidação sobre temas nos quais julgou importante complementar as informações que, na condição humana, não pôde abordar convenientemente.

Sabedor de que um dia, de algum modo, o real sempre prevalece, o oculto se revela, inevitavelmente aparece, e isto se dá mais cedo ou mais tarde para aqueles que buscam a verdade de modo insistente.

Foi, então, como ressuscitado, que essa outra condição pessoal de Jesus ditou inúmeras considerações e orientações algo diversas das que foram colecionadas ao tempo da sua vida, e que deram origem às fontes de informações preciosas e profundas que, mais tarde, foram taxadas de gnósticas, jamais aceitas pelo conservadorismo cristão, cuja face, posteriormente, tornou-se a do catolicismo.

O “espírito de Kardec” está procurando fazer a parte que lhe cabe, que é a de reconceituar certas questões da “Revelação Espiritual” para bem poder adequá-la às novas percepções surgidas com o avanço do pensamento humano. Contudo, mesmo o que está atualmente à vista continua a ser pobremente percebido pela atual geração de humanos, permanecendo desconhecido o que há muito se encontra oculto, exatamente porque a condição primária de educação do “rebanho humano” em diversos campos da vida impede que este oculto possa naturalmente se revelar.

Por que “naturalmente”? Um dia o conhecimento planetário perceberá que só existe mesmo o modo natural, ou seja, alguém, dentre os terráqueos, e/ou que um dia já tenha vivenciado a condição humana, terá que fazê-lo,

porque o “psiquismo afetado demo” não consegue dar conta desta tarefa de revelação. Por outro lado, as circunstâncias do mundo também a tal não permitem, o que leva o processo de revelação a ser empreendido aos níveis de sacrifício e risco superlativos.

Deste modo, o esforço de resgatar o que **inescrupulosamente permaneceu não revelado** tem a ver com a superação do impedimento que sempre negou aos humanos conhecerem a sua real origem e a destinação que os espera no seio de uma Obra caótica, onde toda e qualquer trajetória encontra obstáculos difíceis de serem superados.

O “**deslacre**” foi sendo feito aos poucos, conforme as possibilidades de cada tempo, ainda que na mediunidade disciplinada pelos preceitos morais da “**Revelação Espiritual**” tenham sido investidos os esforços e a esperança na criação de um “canal seguro”, interdimensional, que pudesse facilitar o processo. Contudo, novos lacres são sempre reconstruídos pelos censores e inquisidores autoinstituídos.

Mesmo que Kardec tenha prudentemente afirmado que o espiritismo para muito pouco serviria no futuro, caso os seus postulados não pudessem se coadunar com o avanço do conhecimento humano, às vezes a postura da elite que pretende cuidar do “legado dos espíritos” parece ter a infantil pretensão de encerrar a história do progresso da sociedade terráquea ao tempo do “*zeitgeist*” – “espírito de cada época” – da segunda metade do século XIX, travando a mediunidade à conveniência dos zelosos “donos da verdade das épocas”.

É como se o conceito de “deus” e os conhecimentos sobre o cosmos e a sua origem, sobre o sentido da vida e a função do ser humano no âmbito da mesma não pudessem evoluir pois teriam que “combinar sempre” com o que, então, os espíritos puderam informar na “**Revelação Espiritual**”.

Tome-se por óbvio que, em relação ao que expresso e aos temas que abordo, não existe, de minha parte, qualquer expectativa de compreensão junto aos meus contemporâneos.

Julgo saber que, caso Jesus ou mesmo Kardec fossem hoje procurar complementar algo do que divulgaram em tempos idos, os seus ditos seguidores agiriam de modo a não permitir qualquer complementação, pois se tornaram “donos das verdades” por aquelas transmitidas.

A “zona de conforto” da época faz com que a “busca pela verdade” sempre se torne questão acessória ou mesmo desprezível frente a outros “apetites” da vida.

Nos ambientes espirituais onde se encontra estabelecido um mínimo de esclarecimento, todos reconhecem a necessidade de serem complementadas e mesmo retificadas muitas das questões reveladas ao longo destes últimos seis milênios. Contudo, na prática, pouco ou nada se pode fazer por falta de “condições do espírito da época” e de agentes que a tal se proponham. Tome-se também por óbvio que, aqui, sequer me refiro às dificuldades, provavelmente insuperáveis, que esses agentes teriam frente àqueles que se apoderaram das “verdades” que pensam ter apreendido das lições passadas por estes.

6ª Constatação:

Assim, todas as “revelações condicionantes ou algo esclarecidas” que foram promovidas pelos esforços dos três primeiros Logos, desde o alvorecer da racionalidade humana, encontram-se eivadas de limitações e de “condimentos mentais” equivocados.

Estes “condimentos mentais” necessitariam, sim, de um redimensionamento, mas tal não foi e nem é ainda possível, e a própria evolução dos eventos marcantes, previstos para terem lugar ao longo do século XXI terá que se processar aos poucos.

O fato é que a “Revelação Espiritual”, assim como os ensinamentos de Sidarta Gautama⁽¹²⁾, que deram origem ao budismo, como também os de Lao Tsé⁽¹³⁾, que fomentaram o taoísmo, situam-se como sendo “**revelações-limite**” ou “**produtos-limite**”, empreendidos ainda ao tempo de vigência da atuação do **Terceiro Logos**, mas já com vistas ao surgimento do rompimento definitivo com os padrões, que o **Quarto Logos** se veria obrigado a produzir, e este não tem mais como esperar pelos sonhados reajustamentos, que jamais vieram.

Pena que a religiosidade primitiva imposta anteriormente aos terráqueos tenha abraçado estas três revelações, e hoje o **budismo, o taoísmo e o espiritismo** tenham se transformado mais em focos de sustentabilidade de religiões **do que em instrumentos filosóficos e psíquicos da busca da verdade.**

Talvez, por isto, a chamada **mediunidade kardecista** – instrumento maior desta busca – precisasse refletir sobre novidades, pois que estas movem o mundo para o futuro, afastando-o do estacionamento estéril e cheio de crença infantilizada. Ainda que conseguisse, como anteriormente refletido, muitos “donos de centros espíritas” não permitiriam que certas coisas sejam ditas nos “seus centros” – há exceções extremamente honrosas e ousadas,

mas são poucas – e por aí vai o estacionamento em torno do tirocínio dos autointitulados “censores da verdade”.

Ainda bem que, como ensinaram os próprios instrutores espirituais, ao responderem à pergunta 178, do **“Livro dos Espíritos”**, que questiona se os espíritos poderiam reencarnar em um mundo relativamente inferior a outro onde já viveram, os mesmos esclareceram que: *“Os Espíritos podem conservar-se estacionários, mas não retrogradam. Em caso de estacionamento, a punição deles consiste em não avançarem, em recomeçarem, no meio conveniente à sua natureza, as existências mal-empregadas”*.

Haja estacionamento!

A questão estratégica mais importante desse contexto jamais percebido e, por conseguinte, conveniente e pobremente abordado pelo academicismo, diz respeito ao fato de que todas as mitologias do passado distante sempre se referiram a um “Ser Criador” algo complicado, mas jamais fizeram qualquer referência a um “Deus Perfeito”, até porque a palavra ou mesmo o conceito que hoje entendemos como “Deus”, somente surgiu em tempos mais recentes.

Mais ainda: essas dezenas de mitologias, que foram os primeiros registros produzidos pelos humanos ou por eles apreendidos, referem-se também a mais dois outros “Seres Criadores” que, em tendo mergulhado na mesma Obra, passaram a compor uma espécie de triunvirato, de uma tríade, como a da *Trimurti* hindu, para governar a Obra gerada, só que a partir do seu âmbito interno, no qual já se encontrava o Criador “caído”.

Em resumo, **não existia o conceito de “Deus” que hoje conhecemos.**

Então, quem criou este conceito? Foram as religiões que surgiram sobre os “escombros das notícias” mitológicas. Só que estas religiões fizeram mais: destruíram o conceito que as antigas mitologias tinham da tríade ou do triunvirato, e no caso da igreja católica, sobre esse tema foi urdido, no concílio de Nicéia, em 325 d.C., o conceito da “santíssima trindade”. Para tanto, foi necessário acabar com o lado humano de Jesus, igualando-o ao conceito de “Deus”, e trouxeram à tona da fé mais um conceito-personagem, o do “espírito santo”, para compor a tríade católica que, obviamente, deveria substituir as antigas trindades como a celta e a egípcia e as de muitas outras mitologias.

Ou seja: durante os primeiros milênios da história da lenta evolução do pensamento humano, **o que existia era um conjunto impressionante de**

tradições – tanto em grau de conteúdo como em quantidade no que toca às origens culturais distintas –, **posteriormente classificadas como mitologias**, que foram quase todas extintas ou destruídas por forças católicas e islâmicas, nos tempos mais recentes.

Em contrapartida, atualmente, o mundo possui algumas religiões que disputam mentes e corações, e, para tanto, se utilizam de um conceito de “Deus” formulado para substituir a visão agora enterrada como mito, lenda, enfim, “coisas irreais, que os humanos malucos, do passado, adoravam colecionar como sendo verdade” – conforme pensam os mitólogos modernos.

O contexto mitológico, somente o abordarei de modo superficial no presente livro, porque a análise profunda do que aqui está sendo afirmado, como ainda outros temas correlatos e profundamente reveladores, é objeto de um outro livro, a ser publicado, chamado ***“Mitologia: Ilusão ou Realidade Encoberta?”***.

Outro aspecto profundamente intrigante é que o “Deus Bíblico”, que sempre foi, para todas as mitologias, somente o tal Criador “caído” – ou seja, **tão somente um dos membros da tríade, do triunvirato, da “Trimurti”, e jamais um “Deus”** – foi o “Deus assumido pelo catolicismo”, ainda que isso tenha sido motivo de discussões teológicas que duram até hoje. Contudo, como o “Deus Bíblico”, que sempre se assumiu como o mais forte dos “Senhores do Passado” e por isso deveria ser considerado o “Único Deus Todo-Poderoso”, além de “estranho”, possuía posturas mais “criminosas” do que as dos próprios humanos, a quem ele pretendia fazer valer o seu julgamento e comando.

Como o “Deus Bíblico dos judeus” – que fazia parte do contexto do cristianismo que sempre foi perseguido pelo império romano – era difícil de ser aceito por uma visão como a dos romanos, quando o imperador Constantino, ao longo de século IV d.C., transformou o cristianismo da condição de uma religião perseguida pelo império na agora religião oficial de Roma, isso obrigou a que a face desse “deus estranho” fosse sendo modificada pelos enunciados teológicos.

Para dar cumprimento ao planejado pela nova “política” do imperador, foi necessário modificar o nome da religião que, então, passou a ser denominada “católica, apostólica, romana”, e o tal “Deus dos judeus”, presente no “*Antigo Testamento*” da “**Bíblia**” traduzida para o latim (na sua versão “**Vulgata**”), que era a língua oficial do império, foi desfigurado, ainda que seus atos “estranhos e mesmo criminosos”, produtos do estado de fúria que o acometia

de vez em quando, estejam todos ainda registrados nas páginas que traduzem o “enredo do tal Deus”, o qual Jesus confirmou como sendo, de fato, o “Ser Criador dos Céus e da Terra”.

Complicando tudo e ainda mais o roteiro do nosso entendimento em relação ao enredo bíblico, muitos acreditam que Jesus se referiu a esse Ser como sendo “amoroso”, “perfeito”, e ao mesmo tempo, “Criador dos Céus e da Terra”, ou seja, do universo.

Criador do universo, tudo bem, pois até mesmo as mitologias anteriores ao tempo de Jesus também fizeram essa mesmíssima afirmação, e somente colocavam mais dois outros Entes Cocriadores na história da Criação Universal. Entretanto, é questionável afirmar que aquele Ser era “amoroso”, “justo” – ainda que tivesse “povos escolhidos, em detrimento de outros” –, e “perfeito” – como se a natureza assassina e impessoal que existe na Terra pudesse assim ser considerada, já que dele veio. Será que, de fato, Jesus afirmou essas coisas?

Se o fez, será que ele estava certo ou foi enganado pelos fatos, até o ponto de somente perceber o equívoco quando, em pleno desespero, ao pedir ao “Pai” – o tal Criador que o enviara como seu messias – que o livrasse do “cálice” da crucificação, escutou um “não” como resposta? Será que somente ali compreendeu a real face do tal Criador, que a sua condição humana havia romanceado, transformando-o num ser amoroso, ainda que todas as “esquisitices” desse Ser, registradas nas escrituras antigas dos judeus, fosse do conhecimento de Jesus?

Do que foi registrado como tradição literária, de que jeito discernir a verdade? E independente do que possa ser assim classificado, o que se pode fazer, na atitude da busca pela verdade, para se compreender se Jesus se enganou ou não em relação a essa questão conceitual sobre o tal “Deus Bíblico”?

Perante o que fui obrigado a observar – a interpretação que construí pode sim estar equivocada, e por isto deixo a tarefa de confirmar ou descartar estas informações para as gerações do futuro –, percebi ser imperioso defender a tese de que **é necessário reconceituar todo esse contexto e seus principais elementos**, se pretendemos de fato continuar a procurar a verdade, sem os vícios de uma linguagem e de conteúdos equivocados, que as religiões, seus exegetas e teólogos teimam por empregar, na busca de angariar prosélitos. Devido a isto é que resolvi me utilizar dos conceitos referentes aos “Logos”, dos ocultistas, para melhor significar as **etapas de consecução da história**

da Criação até os tempos atuais.

Os ocultistas acreditam que o “**Logos Imanifestado**”, ou seja, a raiz da Criação reúne em si mesmo os alicerces da manifestação para poder, assim, expressar o “**Logos Manifestado**” que, **conforme os fatos apontam e mesmo atestam** quando bem observados, **parece ter surgido com problemas que não foram antevistos**.

Do modo como os ocultistas se utilizam da expressão “Logos”, o seu significado corresponde ao Demiurgo, assim denominado como sendo um ser “Arquiteto Criador”. Deste modo, para os ocultistas, existe um “Logos Imanifestado” e outro “Logos Manifestado”.

O “*Evangelho de João*”, para os cristãos, faz uma estranha colocação logo no seu início, ao afirmar que:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto a Deus; e o Verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por ele. E sem ele nada do que foi feito se fez.

Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.

E a sua luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

(Jo, 1-1).”

Os ocultistas fazem um paralelo com os seus postulados e costumam traçar uma analogia equivocada com o que os cristãos acreditam, afirmando que o “Deus” do “*Evangelho de João*”, corresponde ao “Logos Imanifestado”, enquanto Jesus seria o “Logos Manifestado”, o que não é exato.

Por quê? Porque o “Deus” do “*Evangelho de João*” já é o “Logos Manifestado”, o problemático, e por isto o próprio João afirma que sem o “Verbo”, ou seja, Jesus na sua significação cósmica, o tal “**Deus**” **não teria conseguido criar**.

Qual o enigmático problema que se reflete nestas conceituações?

É que o “*Evangelho de João*” se refere à uma das confusões entre dois dos **três membros da “Trimurti” que, em tese, são os três “Logos Manifestados” até o momento**, pois que foram Cocriadores da Criação em curso.

Assim, Brahma, Vishnu e Shiva correspondem, sim, aos três “Logos” que, no princípio dos tempos universais, se viram atuando como seres “mergulhados” na própria Criação, e que, no estado anterior como

Divindades, eles mesmo tentaram projetar, viabilizar e mesmo executar a expressão desta.

Brahma, contudo, também conhecido entre os judeus como Javé, é o tal “Deus” do “*Evangelho de João*”. Contudo, Jesus é tão somente uma expressão humana de Vishnu, que gerou de si mesmo *avatares* para ajudar o Criador na gestão da Obra – e, aqui, o entendimento começa a se complicar para a visão ocidental, que desconhece o real sentido por trás das definições sânscritas. Infelizmente, devo dizer que o problema é tão sério que até mesmo a visão oriental também se perdeu na compreensão sobre o tema, milenarmente colecionada.

Os ocultistas, porém, não fazem esta distinção e confundem o “Verbo” cristão com um “Logos Manifestado” que, dependendo do sentido que se empreste às expressões, pode estar absolutamente errado o uso que delas fazem.

Assim, espero estar deixando claro que a opção que estou assumindo nesta abordagem é única, diversa de qualquer interpretação anteriormente registrada, e tem como premissa os seguintes aspectos:

(1º) **nenhum dos quatro Logos Manifestados que aqui serão referidos tem qualquer coisa a ver com o conceito de um “Deus Amoroso e Perfeito”**. Este “Deus”, caso exista nos moldes a que nós terráqueos fomos levados a acreditar, encontra-se muito além desta confusa mistura de conceitos, verdades, crenças e opções de culto e, sobre ele, penso que jamais foi feita qualquer referência mais profunda, nem mesmo por Jesus;

(2º) o **Primeiro Logos Manifestado** não planejou a sua vinda, pois simplesmente foi tragado pela força criativa emanada da sua própria mente, conforme insinuado por muitas mitologias, nas suas expressões originais;

(3º) os demais “**Logos**”, estes sim, foram “mergulhando” aos poucos, e de modo planejado, no seio da Criação, assumindo “corpos de expressão” edificadas a partir da base genética complicada do Demiurgo “decaído”, que se tornou “refém” do progresso das criaturas geradas a partir de si mesmo; e

(4º) a Criação emanada é composta de duas grandes componentes distintas, a saber: um universo planejado, mas não finalizado, no qual somente a vida surgiu mais recentemente, quando a sua terceira geração de estrelas começou a produzir os elementos químicos mais pesados como o carbono, ferro e níquel, dentre outros, e onde, misteriosamente, a troca eletroquímica entre os elementos terminou por produzir vida biológica animalizada; e um outro tipo de universo, improvisado ao longo da “queda”

do **Primeiro Logos Manifestado**, antimaterial, onde a vida eletromagnética logo surgiu, devido à opção do Criador em “cair” nesse lado antimaterial da Criação.

Foi deste modo que o **Primeiro Logos Manifestado**, que antes correspondia ao “Uno”, segundo a crença dos ocultistas, tornou-se “Um” – e, aqui, afirmo eu com base nas mitologias e no que me foi e é dado observar – devido à sua “queda”.

Este **Primeiro Logos Manifestado** seria, portanto, o **Criador “decaído”** e muitos são os nomes e epítetos pelos quais ele foi sendo conhecido na medida em que ia escolhendo esse ou aquele povo, com o passar do tempo. Assim foi entre os judeus, onde se apresentou como “Javé”, depois com o povo ariano e posteriormente entre os hindus onde ficou conhecido como “Brahma” e mais tarde com os árabes muçulmanos, por meio do islamismo, quando foi chamado de “Alá”.

O seu DNA, atualmente, se encontra semeado em diversos mundos do universo biológico, após a falência evolutiva ocorrida nas moradas do universo antimaterial, paralelo ao nosso, conhecido entre os hindus como a “*brahmaloka*” ou a “morada de Brahma”.

Todas as suas “doenças e incompletudes” estão nele registradas, e cabem aos seres biológicos evolutivos carregarem o “fardo” de já nascerem em corpos onde este DNA “comanda” o psiquismo dos portadores inconscientes deste drama que sempre foi ocultado do conhecimento dos humanos.

No caso dos terráqueos, cabe aos nossos espíritos conduzirem seus egos permanentemente ligados pelo DNA corporal ao “dono destes corpos”, ou seja, ao próprio Demiurgo chamado de Javé, como ele mesmo deixa claro ao afirmar na “*Torah*”, na “*Bíblia*” e no “*Alcorão*” pertencerem a ele as criaturas da Terra e de todo o universo. Para ele somos todos tão somente as suas “criaturas-ferramenta”.

Deste modo, um ser humano, ao evoluir, repassa para o Criador “decaído e falido” este marco evolutivo, via a “ponte quântica” do seu DNA pessoal que, na verdade, pertence ao Demiurgo.

7ª Constatação:

Diretamente do Primeiro Logos somente surgiram os “anjos-clones”, robotizados e controlados pela sua mente, o que não lhes permitiu nenhum tipo de progresso.

Após centena de milhões de anos da “queda” deste **Primeiro Logos**, contados à moda dos terráqueos, eis que o **Segundo Logos se manifesta** no

âmbito do universo antimaterial, paralelo ao nosso, e no qual já residia o Demiurgo. Ele se manifestou, a princípio, como um dos anjos-clones do Demiurgo, passando a promover o despertar de sua própria consciência pessoal ao longo de outras centenas de milhões de anos, até que se assumiu como “alguém independente” ao **“agredir” o Primeiro Logos** para impedir que o mesmo continuasse a produzir seres clonados tão ou mais “complicados e doentes” do que o “original”.

Brahma ou Javé, o Primeiro Logos Manifestado na Criação, **ou seja, o Demiurgo**, ao se ver “agredido”, resolveu “punir” o seu “anjo-clone traidor” destruindo-lhe o corpo e os de muitos outros anjos-clones que ele pensou estarem associados ao “clone rebelde”, liberando esses seres que, livres dos corpos que lhes “robotizavam”, passaram a se apresentar agora como entes “demos”, **com poder mental e corpos que se metamorfoseavam constantemente devido ao golpe vibratório** recebido do Criador “decaído”.

Surgiu, assim, uma nova classe de seres – os “demos” – que passou a existir também nesse universo paralelo antimaterial, onde se multiplicaram por meio de “clonagem demo” a nível impressionante.

8ª Constatação:

Assim, do “Um”, surgiu o “Dois”, sendo o Segundo Logos o responsável pela diversidade a partir do Primeiro Logos, produzindo diversas classes de seres demos.

O Segundo Logos aparece na “*Trimurti*” hindu como sendo o Senhor Shiva, e esta é uma afirmação que, desde já registro, nada tem a ver com o que os ocultistas acreditam.

O ser que surgiu como sendo o “Pai dos Demos”, o iniciador da diversidade no seio da Criação, passou a ser chamado de “Shiva”, que, em sendo um ser de expressão ***Adhydaiva*** – assim considerados os demos puros originais –, tinha força mental suficiente para expressar e sustentar outras formas a partir de si mesmo, sendo estas expressões, conhecidas como ***Adhyajna*** ou ***avatares*** – seres emanados a partir da condição *Adhydaiva* ou prepostos da “*Trimurti*” –, produzidas a partir da sua elaboração mental.

O detalhe imperioso a ser aqui ressaltado é que o Demiurgo não tinha este poder de expressar seres clonados a partir de si mesmo e que tivessem a condição de poder mental dos *avatares* que os outros dois “Logos”, que “mergulharam na Criação de modo planejado”, vieram a produzir posteriormente.

Brahma sempre acusou Shiva pelo “golpe baixo” recebido, pois isto o

impediu de gerar seres clonados com nível maior de complexidade do que os que até então haviam sido gerados.

Um drama, porém, ficou inevitavelmente estabelecido entre os dois primeiros “Logos” e suas gerações de descendentes: todos haviam herdado o código de vida “doente” do Criador “decaído” e, com o acúmulo dos problemas advindos da coexistência forçada pelos fatos, desconfiavam uns dos outros de modo superlativo.

Cerca de quatro bilhões de anos após o surgimento da Criação, eis que o **Terceiro Logos “mergulha”** no âmbito da mesma, e o faz trazendo um novo tipo de vibração que atuava/funcionava ao contrário do que se encontrava estabelecido e que somente desagregava todos aqueles seres.

O Terceiro Logos trouxe consigo a força do encantamento, da atração, que fez com que, pela primeira vez, alguns seres desejassem se congregar em torno de interesses comuns.

9ª Constatação:

Se o Primeiro Logos trouxe a base da vida, estacionária e com problemas, devido à sua “queda”, e se o Segundo Logos trouxe a diversidade e a geração de polaridades distintas entre os seres demos, o Terceiro Logos trouxe a possibilidade da evolução tanto para certas classes de demos, como também e, principalmente, para os seres biológicos, que mais tarde iriam surgir no âmbito do universo “vizinho”, ou seja, no universo em que hoje vivemos.

Compreender esta questão, que nem mesmo os tratados ocultistas mais profundos jamais a apresentaram nos moldes em que aqui está sendo feito, é premissa condicionante para o entendimento dos desdobramentos do trabalho destes três Logos, os quais, em não podendo destruir uns aos outros, resolveram assumir a coexistência obrigatória entre eles em torno de um triunvirato, de uma tríade, enfim, da “*Trimurti*” hindu, que penso ser a mais popularizada das notícias políticas da antiguidade extraterrena.

O modo como estes três super-demos – no livro “*Xadrez Cósmico*”, a ser editado, será abordado, com mais profundidade, como os três seres da “*Trimurti*” obtiveram as suas formas demos – **lidavam uns com os outros** passou a ser conhecido como sendo “*Lila*”, ou a “**geopolítica da Trimurti**”, em torno da qual surgiu uma “aristocracia” e hierarquias diversas que, muitas vezes, digladiavam entre si.

A partir da assunção da “*Lila*” como sendo a “forma demo” de gestão de problemas, fazer apostas, entre os demos, tornou-se uma prática que se

popularizou, pois este “processo” motivava e mesmo provocava a mentalidade demo a conseguir produzir o melhor resultado ou solução para os problemas que enfrentavam na “gestão do todo-universal”.

Para a lógica humana que hoje existe, isto, seguramente, parecerá estranho e mesmo simplório, mas a **“demência demo”**, surgida com a reconstrução da personalidade do Demiurgo, sempre perseguiu toda a sua descendência, vindo a decrescer a sua influência somente quando do surgimento das espécies biológicas mais complexas, como é o caso dos terráqueos pensantes.

Como o Primeiro Logos – Brahma/Javé –, não podia gerar *avatares*, os dois outros Logos foram obrigados a criar tipos especiais desses seres, enviados como expressões *Adhyajna* de dois dos três seres da *Trimurti* a diversos quadrantes da Criação.

Devido ao avanço dos problemas, os acordos e as apostas em torno da “*Lila*” conseguiram produzir os **“avatares keshava”**, que eram obrigatoriamente urdidos a partir do **“código de vida” conjunto dos três Logos manifestados**, que “viviam naturalmente” – desde que passaram a existir no âmbito interno da Criação – em seus corpos *Adhydaiva*, conhecidos como Brahma, Vishnu e Shiva – mais uma vez o recorde para melhor compreensão e memorização para o(a) eventual leitor(a).

A evolução, a partir das expressões do Terceiro Logos, começou a se fazer sentir em toda a amplitude das classes de seres demos, então existentes.

É imperioso que se ressalte que a **única forma de vida que sempre esteve em curso de evolução** e sendo replicada no **universo antimaterial paralelo** ao nosso – que é a do Criador, disfarçada por trás das faces dos demais seres – chegou a um impasse singular no campo da aquisição de experiências. Esta “única forma que evolui” é, ao mesmo tempo, o “único motor eletromagnético” a mover os parâmetros do código da vida do Criador, em ambas as componentes da sua Criação, o qual funciona nele e em todos os corpos de qualquer ser vivente na sua Obra.

10ª Constatação:

Quem vive em cada ser na verdade é o código de vida do Criador que se esconde por trás das personalidades que surgem com as novas espécies que passam, de modo inconsciente, a administrar os problemas dele que, então, eclodem no psiquismo das suas criaturas-ferramenta.

Assim é porque, existir para a Criação que ele gerou significa ser portador do que atualmente chamamos de DNA, que já vem com um corpo no qual o

nosso psiquismo desperta ou é construído ao longo do tempo.

Somente existe um tipo de vida em movimento no âmbito desta Criação, que é exatamente o código de vida da “pessoa” do Criador “decaído”, que o conhecimento moderno dos humanos chama de DNA – entenda bem o(a) leitor(a).

Quando se fala o “genoma de uma pessoa ou de uma espécie”, ou o “DNA de uma pessoa”, pretende-se dizer o código genético do corpo daquela pessoa. O genoma de uma pessoa ou o genoma de uma espécie significam vulgarmente a mesma coisa, a título de entendimento superficial ou de linguagem corriqueira.

No âmbito do **universo antimaterial onde os três primeiros Logos existem nas suas personificações Adhydaiva, sob as personalidades demos de Brahma, Vishnu e Shiva**, além de toda a descendência clonada dos mesmos, a única forma de vida que lá existe é a replicação constante/divisão de uma “célula plasmática”, antimaterial, que passou a existir para hospedar o código mental do Criador “decaído”.

Esta célula plasmática e eletromagnetizada à moda da antimatéria que ali existe, devido ao desespero do Logos “caído”, a sua força mental forçou a que esta “aprendesse a se replicar” por meio do processo semelhante ao da divisão celular que observamos no nosso universo.

Essa replicação gerou a antimatéria disponível para a edificação dos corpos do Logos “caído” e de seus anjos-clones, como também depois também serviu de base para os corpos advindos dos processos de geração de vida do Segundo Logos e do Terceiro Logos e de seus descendentes clonados.

Aparentemente, existem muitas vidas sendo experienciadas por consciências particularizadas e, de fato, assim nos parece! Entretanto, quem realmente está absorvendo tudo é o código de vida – ou genoma ou DNA – do Criador ou Demiurgo, que **é a única forma viva que existe na base de todos os corpos vivos.**

11ª Constatação:

As formas de vida clonadas e demos mais complexas, que jornadaem nesse universo paralelo, nada mais são do que hospedeiras inconscientes de um padrão de código de vida cujo “dono faliu”, devido à sua “queda”. Por isso precisou emprestar a sua base genética para que outros corpos fossem gerados, e destes surgisse um psiquismo que levasse adiante as modificações que o código “doente” necessitava, para poder “curar-se”.

Simples, não?

Em tese, este era e sempre o foi plano possível à “arquitetura” da “*Lila*”, de levar a vida de todos adiante, ainda que o **Demiurgo jamais tenha gostado do fato de “outras mentes”, “outros psiquismos”, que não o dele, cuidassem do seu código de vida.**

Devido a este aspecto inquietante, ele tanto insistiu pela **submissão total** das demais criaturas existentes na “sua Obra”, pois **jamais fez parte dos seus planos se tornar “refém” das mesmas.**

Quando a vida foi semeada no universo biológico, e o DNA do Demiurgo foi “transplantado” para cá a fim de poder ser trabalhado por mentes capazes de evoluir – e não por mentes estacionadas e falidas como sucedeu com a dos clones e a dos demos, que só foram até um certo ponto de progresso –, teve início uma nova fase nas possibilidades de progresso do “DNA falido”.

A quem interessar possa, esse contexto será melhor analisado em livro específico, cujo título é “**Projeto Talm – A Origem da Vida Superior**”, que explica como a “**semente única da vida**” **migrou do universo paralelo para o nosso**, ressurgindo aqui já no modo “digital codificado” nos elementos da química local, para depois fazer a não menos misteriosa “transição de fase” para a vida biológica.

Aqui, porém, existe um “problema” que sou obrigado a me referir, ainda que superficialmente, sendo o seu aprofundamento explicitado no livro sobre o “Projeto Talm”.

Do mesmo modo que existe uma lei entrópica para o nosso universo, ainda que a ciência não tenha por enquanto atinado para a questão, um mesmo critério entrópico, adaptado ao universo paralelo, onde reside o Criador, também se faz presente, garantindo o fim de todas as coisas do lado de lá.

Por sobre os **dois “gomos” da Criação**, persiste uma lei ainda maior no campo de um desconhecido padrão de entropia, que permite a regulação ou compensação dos termos da equação entrópica, desde que o resultado final seja respeitado, pois não pode mesmo ser diferente.

Assim, para que os **seres desse universo antimaterial tenham vida longuíssima de bilhões de anos**, faz-se necessário que **outros tantos tenham vida mais curta** para poder fazer valer os efeitos da lei entrópica. Deste modo, mais recentemente, no âmbito da linha temporal desse universo antimaterial, muitas espécies animais foram surgindo na natureza desse e daquele mundo do nosso universo biológico, ou seja, falando de um modo

frio, objetivo e direto, os seres das espécies biológicas foram programados para ter “vidas mais curtas” exatamente para compensar as vidas longas dos Criadores e da sua “aristocracia clone-demo”.

Para quem conhece o romance de Oscar Wilde⁽¹⁴⁾, **“O Retrato de Dorian Gray”**, o personagem mantinha-se eternamente jovem porque quem envelhecia era o seu retrato, que ele guardava a “sete chaves”. Este é um exemplo de como se pode compensar os efeitos da entropia, pois os mesmos incidem inexoravelmente sobre tudo, porém, repassar um pouco para cá e outro tanto para lá, este “truque entrópico” pode ser feito sem alteração no resultado final do sistema ou, pelo menos, sob a perspectiva da lógica humana, assim parece.

Sob esta premissa tortuosa, nós, os seres animais, os entes biológicos da Criação, somos o **“retrato de Javé”**! Vejam como o assunto é complexo e como os **conceitos e verdades até agora colecionados precisam ser reconceituados**.

Assim, defendo a tese de que é necessário renomear o modo de vida que pensamos levar, porque, na verdade, **o jogo da genética do Demiurgo é quem vive nas células dos nossos corpos animalizados**, ainda que o nosso ego ache que é “ele” – com o nome recebido dos pais – quem existe.

12ª Constatação:

Precisamos renomear conceitualmente a vida que levamos, no sentido de sabermos que a “doença” do Demiurgo vive em nós, registrada que está no DNA dos membros da espécie *Homo sapiens*, sendo cada ser humano possuidor de uma cota específica do problema, restando aos nossos egos evoluir para podermos assim contribuir com a redenção de um Logos “caído”.

Enfim, o psiquismo afetado de Javé é quem vive em nós, porque a sua “doença” se encontra codificada no genoma dos “cobaias-humanos”, dentre outros, ainda que pensemos que somos nós quem vivemos.

Independente de que o saibamos, somos tão somente os agentes de um modo de vida “vexaminoso” para ajudar ao “autor da ideia” que, ao executá-la, “se deu mal”, gerando o drama que, hoje, todos nós vivemos.

13ª Constatação:

Uma inteligência “falida” criou outras, para delas se servir. O truque foi e é este!

Com os humanos, porém, houve um problema singular, pois estas **“cobaias” saíram do controle. As “peças do jogo da vida”, que eles**

estavam acostumados a manipular, adquiriram vida própria. O episódio “Adão e Eva no Jardim do Éden” é a mais emblemática das aparentes metáforas que **ilustram o susto e a perplexidade do Demiurgo** ao tomar consciência do tipo de criatura que havia surgido na Terra.

No livro **“O Coração Oculto do Cosmos”** (Editora Cultrix), do físico Brian Swimme⁽¹⁵⁾, ele desenvolve algumas abordagens homenageando Albert Einstein e sobre como ele refletia em relação ao “pensamento do Velho”, ou seja, de “Deus” ou do Criador, no sentido de entender, de decodificar as suas leis que regem a Criação.

Em certa passagem, quando se referiu ao “grande poder” que atuou na geração da singularidade que deu origem ao universo, Swimme afirmou:

“Porém, naquele grande momento, naquele estado de consciência oriundo de anos de preparação disciplinada, Einstein não estava contemplando algo separado de si mesmo. Ele estava absorto na experiência dos sentimentos em seu corpo, em suas vísceras, em suas entranhas, que eram causados pelas mesmas causas que permeavam o universo. O Grande Poder que tinha, lá, no lugar de origem do universo, irrompido em todas as energias e galáxias, estava, agora, gerando o seu próprio auto-retrato nos símbolos das equações do campo de Einstein. Os poderes que um dia receberiam nomes como “gravidade”, “a segunda lei da termodinâmica”, ou “a forte interação nuclear”; poderes que formaram a Via Láctea e o organismo dos mamíferos; eles estavam em funcionamento naquela forma concentrada da galáxia chamada Einstein, e era ali que esse Grande Poder fluiu numa nova contemplação da sua sublime grandeza.”

Desta leitura parafraseei Swimme e, ancorado na minha própria “convivência” com o inusitado dos fatos ao meu redor, conclui que **por trás de cada par de olhos de um ser humano, o poder que gerou o universo se observa, contempla a si mesmo e o que dele foi emanado.**

Seguramente, desde o princípio do processo, este poder sempre procurou dominar tudo, “controlar todas as partes”, sem o conseguir. Hoje, pelo que deduzo, somente lhe resta mesmo a contemplação e a decifração dos fatos, e isto por meio do que as suas “criaturas-ferramenta” conseguem produzir no campo da arte da decodificação, porque a “demência” da sua própria mente a tanto não lhe permite.

Um dos aspectos que mais me chama a atenção é que os **fenômenos físicos e químicos** parecem ter logo se verificado, no âmbito do nosso universo, desde os primeiros micromomentos da sua urdidura, provocados

pelas forças surgidas do evento de expansão que ali atuavam. Contudo, pelo que se depreende, os **eventos biológicos**, estes somente começaram a ocorrer bem mais tarde, quando gerações de estrelas mais velhas produziram elementos químicos mais pesados, permitindo o fenômeno da vida como conhecemos.

Se alguém do “meu tamanho” pudesse “brincar” com os fatos, sugeriria que o tal poder que gerou a singularidade e a sua “expansão inflacionada”, produzindo o universo que agora conhecemos, parecia conhecer muito bem o contexto físico-químico do projeto, mas a parte biológica, penso que o tal poder até hoje **se surpreende com o que o “jogo de dados genético” veio a produzir**. Tudo indica que somente a partir do surgimento da vida biológica mais complexa é que ele pôde “ver alguma coisa”, inclusive a si mesmo e a sua Obra problemática.

A escritora e terapeuta Maria Maia⁽¹⁶⁾, em seu livro **“A Vida, o Cosmos e o Homem”**, chama a atenção para o significado mais profundo da palavra “biologia”:

“Se decompusermos a palavra Biologia, para desvendar a chave do seu significado, encontramos-nos perante o prefixo Bio + o sufixo Logia e, somos levados a deduzir, que é uma ciência que trata do estudo da dinâmica da vida. Contudo, se alisarmos etimologicamente a derivação dessas palavras: Bios (Vida) + Logia (Logos), trata-se de uma ciência que se presume, estude a derivação da Vida do próprio Logos.”

Sinceramente, não conheço nenhuma análise com definição mais feliz e objetiva em relação ao que tento explicar nos livros que tenho produzido sobre a **“vida do Demiurgo caído”** que **foi particularizada na vida dos demais seres da Criação**, como sendo a única maneira dele “sobreviver, a qualquer custo”, no seio do caos por ele mesmo gerado.

É como se a sua inteligência “caída e falida” tivesse se “hospedado” nas formas biológicas mais complexas, como as da humanidade terrestre, para poder delas se servir em benefício próprio, ainda que pareça que estas são quem experienciam as suas vidas.

Este Logos Criador “caído” nunca teve vida fácil, mas as **“criaturas-ferramenta”**, que **passaram a hospedar o seu código de vida** – conhecido entre as formas biológicas humanas como DNA –, também jamais a tiveram e estão longe de tê-la.

As gerações futuras saberão, com estranho senso de “normalidade aceitável”, o que aqui está sendo afirmado, ainda que, no momento, pareça

ser escandaloso e sem sentido para quase a totalidade da humanidade, que prefere a “opção de uma crença que conforte e dê certezas”.

Franz Kafka⁽¹⁷⁾ dizia que: *“o animal arrebatava a coleira do dono e com ela açoitava a si mesmo para, por sua vez, sentir-se dono, sem saber que tudo não passa de uma fantasia”*.

Afinal, geralmente é mais seguro estar acorrentado – e sentir-se sendo cuidado por alguém – do que ser livre. É neste ponto do psiquismo humano que as religiões imperam e **transformaram a vida nesta “coisa” a ser negociada com “Deus”, padres, pastores, espíritos e o que mais parecer “superior” ao humano ignorante.**

Concluindo o presente capítulo, caso o que foi nele abordado faça algum sentido para o nosso entendimento, talvez tenhamos que nos renomear enquanto seres pensantes, pois somos tão somente prestadores de um “favor divino”, que é também o título de um outro livro específico sobre o tema. Neste livro **“Favor Divino”**, procurei demonstrar que, realmente, os espíritos que nos animam fazem um favor ao Demiurgo por assumirem cotas particularizadas da sua “doença” e delas cuidar, deixando que os nossos egos pensem que somos nós que estamos “doentes”.

14ª Constatação:

O “eu”, que pensamos ser, nada mais é do que um ego que surge como o resultado de um “truque” atavicamente engatilhado no cérebro da nossa condição biológica: o de que o nosso cérebro pensa que é ele quem pensa, quando na verdade, ele é tão somente um aparelho que se expressa cerca de 0,5 segundos depois que algo vindo de fora o aciona. Como este algo – ou seja, o espírito – lhe é desconhecido, ele é levado a pensar que é ele quem pensa.

Foi Ambrose Bierce⁽¹⁸⁾ que, em 1906, disse: *“o cérebro é um aparelho com o qual nós pensamos que pensamos”*.

A ciência já sabe que, de modo estranho, “algo” faz com que o ouvido humano escute o que o seu ego mesmo vai dizer cerca de alguns milésimos de segundo depois, contudo, este “algo eferente”, apesar de reconhecido pelo método científico, ainda nada se consegue descortinar sobre a sua enigmática origem.

Somente os cientistas avançados e de vanguarda reconhecem e atestam – como é o caso de Amit Goswami⁽¹⁹⁾ – o primado da consciência sobre a matéria, apontando a “causalidade descendente”, e não a “ascendente”, defendida pelos cientistas ditos materialistas, que permanecem ignorantes

quanto aos efeitos quânticos advindos de uma consciência situada além do chamado mundo material.

É exatamente esta “causalidade descendente”, ou seja, a consciência agindo sobre a matéria, criando ou moldando-a, que provoca este “conhecimento aferente”, que o cérebro decodifica antes de, por ele mesmo, se expressar, pensando que é ele – a personalidade hospedada no ego – que o faz.

O dogma dos demais cientistas estabelece que seria o contrário, ou seja, o da “causalidade ascendente”, que defende que o processo tem início com as organizações de quarks em prótons e nêutrons que, com os elétrons, formam os elementos químicos; as reuniões destes compõem as moléculas; as junções destas resultam nas células; e os ajuntamentos destas formam os órgãos de um organismo complexo, sendo este, então, que produziria uma “personalidade consciente”, explicando, deste modo, o processo responsável pelo surgimento da personalidade humana.

Esta é a verdade para eles, ainda que as evidências factuais e advindas de experimentos diversos apontem para outra direção que se ancora na primazia da consciência sobre a matéria.

O problema é que, **quando se substitui a expressão “consciência” por “espírito”, o tema parece passar a pertencer ao contexto religioso**, quando a questão real – a busca da verdade ou da compreensão esclarecida sobre a vida e seus eventos – se eleva bem além destas fronteiras.

Pelo que julgo ter percebido por mim mesmo, a questão toda se resume à “consciência espiritual” que existe por trás de cada personalidade humana, sendo, esta última, de caráter transitório, e aquele – o espírito –, um “agente da eternidade espiritual”.

Enfim, a **condição humana é um produto da atitude da “consciência espiritual” agindo sobre a “matéria biológica”**, e não o contrário. Este agir sobre a matéria significa a expressão de uma “ordem da consciência” que, dentre as opções possíveis na faixa dos comprimentos de onda a ela vinculados, provocando, a opção por um colapso de onda específico, cria, mantém e molda a faixa de realidade material na qual o seu ego se encontra inserido.

Assumir esta premissa como uma possibilidade real, porém, é demais para o dogma científico daqueles que abraçam a “causalidade ascendente”; e ainda afirmam que religiosos são aqueles que dão por sabido aquilo que ainda precisam descobrir, como se eles não estivessem fazendo a mesma coisa e, o

pior, assumindo a opção equivocada por não terem “olhos” para bem “enxergar” o que chamam de realidade.

SEMEADURA E COLHEITA DOS TRÊS PRIMEIROS LOGOS

O PRIMEIRO ASPECTO que é necessário ser compreendido em torno do significado de “Logos” é que cada um deles tem o seu próprio “tempo mental”, ou “**tempo de atuação mental**”, ou ainda, “tempo em que os desdobramentos da sua atitude mental estão em curso”, e isso se dá de acordo com o tirocínio que o “Logos” seja capaz de edificar – no psiquismo que lhe é próprio – e de também expressar.

Um **Logos atua no sentido de marcar a Obra na qual ele está existindo e, portanto, age sobre a mesma**. Contudo, devido aos aspectos imperfeitos desta Obra, o seu Logos inicial ou, em outras palavras, **o Logos que a ela deu origem, devido aos “defeitos de fabricação”, muito cedo teve seu “tempo de validade” estabelecido e prematuramente limitado pelos desdobramento dos fatos**, o que implicou na necessidade de que outros Logos atuassem o mais rapidamente possível.

No caso **desta Criação, foi necessário que cada Logos passasse a trabalhar sobre os resultados dos Logos anteriores, reciclando sempre os resultados toscamente atingidos**, ainda que nenhum deles, até agora, posto que ainda se encontram em curso, tenha logrado atingir os objetivos pretendidos nos moldes planejados antes dos seus “mergulhos” na Criação problemática.

Esses “planejamentos” são edificados por seres que se encontram muito além da atuação destes Logos, no que podemos chamar de “Espiritualidade”, que é o único nível de realidade pré-existente em toda esta história.

Os **três primeiros Logos foram operativos até o ano de 1989**, ainda que seus efeitos tenham perdurado, pois se fazem sentir e continuarão a

influenciar muitos dos desdobramentos da história universal por um longuíssimo período de tempo, difícil agora de ser vislumbrado. Contudo, **eles não mais se expressam a partir de um centro de força estruturante porque a urdidura, em torno de cada um deles, se esgotou por força da entropia e de outros aspectos desgastantes.**

15ª Constatação:

Finalmente, depois de cerca de treze bilhões de anos, o modelo operativo em curso acabou porque personificado em seres que não mais conseguem emanar, a partir de si mesmos, a potência mental que antes lhes era peculiar.

O que está feito, realizado está, e teremos que conviver com os seus desdobramentos, mas eles não mais aplicarão os critérios profundamente “dementados” da “*Lila*” como meio de “geopolítica universal”.

É necessário que **seja compreendido que cada Logos operou e seus desdobramentos ainda se movimentam dentro de limites traçados pelas possibilidades genéticas dos seus agentes, pelo seu “tempo mental” no qual a sua “fragrância” impera**, como também pela habilidade no campo da compreensão que sempre pode ser construído conforme o “**espírito de cada época**” – “*zeitgeist*” –, sejam estas vistas sob a perspectiva universal ou local planetária.

Kardec se referia ao “espírito de cada época” atribuindo-lhe uma “fisionomia especial”. Reportava ele no livro “*A Gênese*”:

“Acompanhe-se a Humanidade em suas evoluções através dos tempos e ver-se-á a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia especial.”

O “*zeitgeist*” do **Primeiro Logos** não tinha característica positiva nenhuma, até porque **este tão somente se gerou – na verdade se autoengendrou – e “espalhou partes adoentadas de si mesmo” que foram se reorganizando como podiam.** Contudo, com o passar dos tempos da Criação, o seu aspecto “caído” e personificado, ao qual estamos denominando como sendo o Demiurgo apontado por Platão e também conhecido como Brahma/Javé, foi se desestabilizando a ponto de não poder expressar, a partir da sua própria condição, seres considerados *avatares* ou expressões *Adhyajna* de si mesmo.

Este aspecto sempre foi um problema, provavelmente o mais trágico da sua disputa pelo poder junto aos outros dois Logos que compunham a “*Trimurti*”, o que o obrigou a passar a se valer dos ***avatares produzidos***

pelos dois outros Logos (Shiva e Vishnu), mas que continham também a sua genética, único modo dele “tentar “equilibrar a situação” e concordar com o fato dos *avatares* representarem a *Trimurti* em missões pela Criação afora.

Assim, os chamados “***avatares keshava***” sempre se encontravam ancorados ou eram **gerados a partir da “genética dos três”**, sob pena de não poderem ser expressados sem a anuência de Brahma que, como já referido, precisava ter a sua **parcela de “controle mental” sobre tais avatares**.

Os três “Senhores da *Trimurti*” pensavam deste modo no início do “processo da geopolítica” (“*Lila*”) por eles gerada como forma de “dominar a Criação nas suas duas componentes”. No entanto, com o tempo, Brahma, Vishnu e Shiva foram percebendo que os *avatares* de Vishnu e de Shiva e, mesmo e mais especialmente, os de ordem “*keshava*”, começaram a desenvolver “vida própria” e até mesmo livre do controle dos mesmos.

16ª Constatação:

Enquanto os três “Senhores da Criação”, prisioneiros das suas expressões *Adhydaiva* de Brahma, Vishnu e Shiva, enfraqueciam com o tempo, por força da entropia e outras questões, alguns dos *avatares* engendrados pela “*Trimurti*” se fortaleciam e começavam mesmo a prevalecer sobre eles.

No princípio do fenômeno chamado “vida”, portanto, a “**grande marca**” do “**zegeist**” do Primeiro Logos foi a de distribuir um código de vida “**apodrecido**”, conseqüente à sua “queda” que o deformou, porém não conferiu à sua forma demiúrgica reconstruída nenhum padrão de prudência psíquica que o ajudasse a se perceber como “alguém doente”.

Independente do seu problema pessoal, Brahma sempre pensava ser dele a força que, por exemplo, viria a controlar a mente do “*avatar keshava*” Krishna – talvez o mais importante dos *avatares* a representar e/ou unificar a genética dos três Logos – que foi urdido bem mais tarde, quando a Terra e os ancestrais da espécie humana já existiam.

Brahma, “residente obrigatório” e “refém” da sua “*loka*” ou “morada”, da qual jamais pôde sair, sempre pensou ter sido ele quem se expressou por meio de **Krishna** quando este afirmou:

“Tendo impregnado todo o Universo com um fragmento de mim mesmo, além dele permaneço.”

O “*além dele permaneço*” deve-se ao fato de Brahma morar na “*brahmaloka*” e de lá tentar dominar os seres biológicos que foram evoluindo

no universo material, paralelo ao que ele reside, e daí o sentido da frase – assim ele sempre considerou.

A questão é que Shiva e Vishnu, por opção de solidariedade ao “irmão caído”, também “mergulharam” na mesma faixa limitada de realidade de Brahma, com o objetivo de conviver com ele. Além disso, assumindo corpos edificadas com base no código “doente” de Brahma, passaram a ficar “reféns” das “*lokas*” que geraram no âmbito do universo antimaterial, e lá também permanecem “prisioneiros”, podendo, contudo, como já esclarecido, expressar *avatares* das suas condições pessoais.

Assim, “permanecer além do universo físico” não era uma condição que ofertava qualquer *glamour* ou importância, como a princípio poderia parecer, pois era tão somente o resultado de uma impossibilidade.

Os seres *demos*, contudo, sempre tentaram fazer da “queda” um “passo de dança” para poderem prevalecer sobre as novas espécies que foram surgindo com os desdobramentos dos eventos da Criação.

Esse aspecto algo problemático para os egos dos *avatares*, de se acharem poderosos, onipotentes, oniscientes, tinha mais a ver com o fato de que, da “*brahmaloka*”, da “*shivaloka*” ou da “*vishnuloka*” – ou “*vaikuntha*”, como era também chamada a “morada” que Vishnu edificou para si, após o “mergulho na Criação” – os três primeiros Logos personificados podiam acompanhar o que se passava nos mundos do “universo biológico”, chamado nas tradições hindus de “*bhuloka*”.

Para que o(a) leitor(a) entenda bem, referindo-me ainda ao que o Senhor Krishna deixou registrado no “*Bhagavad Gita*”, no seu papel de “*avatar keshava*”, quanto ao que o Primeiro Logos fez ou expressou, devo frisar que o ego desse tipo de “enviado”, por mais evoluído mental e espiritualmente que seja – como esses *avatares* de fato o são –, padece ainda de imperfeições que o confundem em matérias diversas da vida, como de sorte acontece a qualquer ser humano.

17ª Constatação:

Ter poder mental para realizar os chamados milagres ou demonstrações de poderes “tais ou quais” não significa infalibilidade na questão do senso crítico que estes *avatares* deveriam possuir em maior cota do que demonstraram.

Aqui, conforme penso – e deixo claro o quanto é “indigesto” e mesmo inadequado para alguém do meu “minúsculo tamanho” ter que fazer afirmações deste porte sobre os *avatares* de Vishnu e de Shiva –, o “fator

demo”, que ainda impera de algum modo em seus psiquismos, promove este tipo de dificuldade que os leva a se confundirem e mesmo esquecer que representam os três “Seres da *Trimurti*”.

O curioso é que, historicamente, alguns “*avatares keshava*” realmente se tornaram mais poderosos e importantes – no decurso do tempo cósmico – que as três personificações dos Logos que os geraram. E o mais espantoso é que Brahma, Vishnu e Shiva jamais gostaram desse aspecto que terminaria por definir ou mesmo forçar um final para o domínio da “*Trimurti*” sobre os seus *avatares*, pois que estes se tornaram mais poderosos e menos “doentes” que aqueles. Este “final”, com os estranhos aspectos que o caracterizaram, somente veio a ocorrer no tempo correspondente ao ano terráqueo de 2015, como descrito no livro “*Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia*”.

Parece que os *avatares*, por possuírem poderes mentais produzidos pela estrutura mental demo, que sua origem os obriga a portar, quando estão entre os humanos, possuem poderes que estes não têm. Este painel, que sempre marca a passagem dos grandes *avatares* pela Terra, faz com eles sejam vistos como “deuses”, o que me obriga a aceitar a possibilidade deste aspecto perturbador ter afetado continuamente o senso destes seres, o que sempre os leva a proferir expressões aretalógicas que nada mais são do que afirmações laudatórias, faladas sempre na primeira pessoa, de narrativas e feitos deles mesmos, sempre tido como “deuses e heróis”. Isto impressiona bastante os incautos humanos e, como parece, também aos próprios *avatares* que se autoafirmam como tendo criado o universo e mais “isto e aquilo”, além de se apresentarem como sendo “deuses”, “filhos de deuses” ou “o próprio deus encarnado”, como Sai Baba disse de si mesmo.

Cada *avatar* que se fez presente na Terra ao longo do trabalho do Terceiro Logos – cujo período de atuação foi mais acentuado ao longo destes últimos dois mil anos – **demonstrou a mais absoluta incapacidade de perceber** que, na origem de tudo, ainda que seus **legados** apontem de um modo ou de outro a “**incongruência original**”, o Criador “caiu” e se **desagregou, gerando a “podridão vibratória” que permeia toda a Criação e que precisa ser reajustada**. Em outras palavras, não deveria haver motivos para comemorações nem afirmações aretalógicas.

Basta ver a já citada passagem do “*Evangelho de João*”, referente à situação confusa entre “Deus e o Verbo”, e diversas outras dos “*Puranas*” védicos, dentre outras escrituras hindus que narram as contendas entre os “Seres da *Trimuti*”.

18ª Constatação:

O curioso, enigmático e, ao mesmo tempo, deprimente, é que eles se tornam *avatares* justamente para reajustar esta “incongruência original”, mas quando estão na Terra, iludem-se tomando a Criação como tendo sido um grande feito, uma majestosa realização.

Por fim, se confundem reafirmando sempre possuírem poder sobre “isso e aquilo”, além de se autoexaltarem e de convidarem a que sejam exaltadas as “figuras míticas” a quem pensam se encontrar vinculados.

Um dos problemas é que a “queda” do Primeiro Logos fez dele um ser desagregado que jamais pôde se manter íntegro, daí a sua aparente feição de um ser constituído por partes que não estão juntas formando um só corpo.

Na sua etapa mais tenebrosa e difícil de ser entendida, logo após a sua “queda”, existia tão somente a personificação do Primeiro Logos, centrada numa espécie de “forma” de centenas de milhões de partes clonadas, robotizadas, o que jamais produziu qualquer “traço cultural” ou “conhecimento esclarecido”, digno de assim ser chamado.

Com o surgimento da classe dos “seres demos”⁽²⁰⁾, produzida pelo advento do Segundo Logos, **surgiu uma nova “época universal” cujo “zeitgeist” prevalece até hoje** para uma incontável plêiade de seres demonizados, que vivem num extrato paralelo ao do nosso universo biológico – a já referida “*brahmaloka*”, que foi fatiada em incontáveis “moradas”.

Para que fique bem claro, o universo antimaterial, paralelo ao nosso, é composto pela “*brahmaloka*”, onde residem Brahma/Javé, os seus anjos-clones e alguns seres demos que pertencem à hierarquia em torno da “*Trimurti*” ali sediada. Além desta, vamos dizer, “morada principal”, algumas centenas de milhares de outras “moradas particularizadas”, como as “*lokas*” de Vishnu e de Shiva, já referidas, e outras incontáveis “mal construídas” e não de todo organizadas, todas elas, porém, ocupadas pelas diversas classes de seres demos, tendo algumas delas sido imortalizadas nas páginas mitológicas, herdadas pelos antepassados humanos.

Ressalto que, apesar de toda esta complexíssima composição, todo esse universo é muitas vezes chamado simplesmente de “*brahmaloka*”, pois que todo ele foi formado a partir da energia de Brahma, como de sorte também o foi tudo o mais nesta Criação.

Ainda que na Terra não se saiba muita coisa sobre isto, porque seus indícios foram transformados em mitos diversos, este “*zeitgeist*” tem como “absoluta certeza” que tudo o mais o que veio a acontecer se deveu e se deve

aos méritos e créditos dos seus *avatares*, ainda que eles jamais tenham se entendido em torno das questões que o pontuaram, tanto as acessórias como as essenciais da vida que até hoje eles levam.

É o contexto da “cultura demo”⁽²¹⁾ que contém o roteiro de todas as gerações de seres do tipo demônio, que foram se sucedendo, ainda que o enredo que ela apresenta jamais foi uma questão unânime entre os seus pares.

Apenas para situar melhor o(a) leitor(a), usando a mitologia grega como apoio, a **“geração de Zeus” – os “olímpicos” – foi a última a surgir no contexto da “cultura demo”**. Só que esta, como também a que lhe foi anterior, chamada **“geração titânica”, surgiram já sob o efeito do Terceiro Logos**, que trouxe a possibilidade de união entre mentes, em torno de objetivos comuns, pois **foi assim mesmo que o “amor entre demos” se estabeleceu, no início, como forma de vencer a desagregação**.

Então, é preciso que seja compreendido que **“entes” que surgiram para a vida sob a égide do Segundo Logos, foram se modificando ou se viram modificados pela influência do Terceiro Logos** e, doravante, serão também obrigados a se adequar ao que o **Quarto Logos** conseguir produzir.

19ª Constatação:

Os humanos foram, assim, edificados a partir de uma “base codificada” do Primeiro Logos, modificada pelo Segundo Logos, promovida à uma rota de evolução pelo Terceiro Logos, e a família humana continua evoluindo sob a égide do “zeitgeist” ainda do Terceiro Logos, por mais que o desejo da “Espiritualidade Maior” seja o de que, assim que possível, a humanidade regenerada do futuro abrace os padrões do Quarto Logos.

Para melhor compreensão, a sequência de impulsos psíquicos que marcam o “piloto automático” do nosso ego humano-animal, teve origem na premissa surgida com o único tipo de vida – a do código pessoal de sobrevivência do Demiurgo “caído” – que realmente existe e sempre existiu em toda a Criação e que bem a caracteriza em qualquer um dos seus níveis.

Refiro-me aqui ao perene processo que este “único tipo de vida” tem produzido desde que se viu gerado, e que é composto de “três passos” que se complementam e que surgiram a partir da sua autorreplicação:

(1º) a do “impulso colecionador/codificador de informações”;

(2º) a da sua preciosa guarda no interior de um hospedeiro – no caso biológico, a célula que evoluiu para criaturas mais complexas pluricelulares;
e

(3º) o seu repasse, via reprodução sexual, e também pelo conhecimento dos seres racionalizados em algum nível, que produzem informações mais refinadas e a “exportam” de muitas maneiras – como comunicação oral, palestras, livros, cursos e filmes, dentre outras.

E assim segue o **“único tipo de vida que realmente existe” e que se expressa por meio das muitas faces mais complexas ou espécies cósmicas** que foram surgindo ao longo do que entendemos como evolução. Como já registrado anteriormente, quem observa, por trás de cada par de olhos, o que foi criado e suas circunstâncias, é exatamente o primeiro e único tipo de vida que foi se diversificando, tentando gerar condições para compreender o que lhe aconteceu após a “queda” da sua consciência espiritual, desde então danificada. Este foi e é o legado problemático gerado pelo Primeiro Logos, o Demiurgo “caído”. **Tudo o mais é retrabalho sobre a sua configuração genética**, e tem sido **exatamente este o trabalho dos demais Logos**.

O Segundo Logos foi responsável pelos constituidores da realidade do contexto temporal em que seres demos e anjos-clones se enfrentavam, como também gerações de antepassados se confrontavam com as mais novas, produzindo guerras infundáveis, muitas delas descritas no que hoje o pensamento pós-moderno considera como mitologia.

Esses conflitos intermináveis terminaram por falir a condição evolutiva dos demos. Quanto aos anjos-clones, os mesmos jamais puderam evoluir devido à robotização dos seus psiquismos, ainda que tenham se preservado mais que os demos, até mesmo pela ausência de liberdade de ação que sempre caracterizou as suas existências.

Enfim, o **Segundo Logos foi responsável pela primeira onda de reformatação do código da vida semeado pela “queda” do Primeiro Logos**.

20ª Constatação:

O Segundo Logos produziu as primeiras informações livres do controle absolutista do Demiurgo e promoveu a já referida “cultura demo”, com suas “esquisitices” – assim tidas para a lógica humana – e **contextos difíceis de serem compreendidos na atualidade planetária**.

O Segundo Logos inundou a Criação de informações, mas não soube e não sabe fazer uso delas no padrão de razoabilidade moral que os humanos, já surgidos sob a égide do Terceiro Logos, conseguem formular na construção dos seus valores, o que **faz da cultura humana a última a ter surgido no âmbito da Criação, sob a sua influência**.

O **Terceiro Logos**, entretanto, produziu uma **gama de informações** – taoísmo, budismo, hinduísmo, judaísmo, cristianismo, nas suas vertentes católica, ortodoxa, protestante e espírita, e islamismo, dentre outras – **inovadoras e esclarecedoras sobre alguns painéis da vida**. Contudo, o obscurantismo intelectual imposto pelas religiões, que perdurou ao longo destes últimos quatro mil anos, **não permitiu que o “ser humano esclarecido” surgisse**.

O que pôde surgir foi tão somente um tipo de terráqueo pretensamente pensante, mas condicionado à uma série de crendices e de dogmas que, se por um lado, **o ajudaram a se “consolar” pelo tipo de vida que leva neste “vale de lágrimas”**, por outro, **produziu resignação estéril e ignorância acumulada em relação aos propósitos mais elevados e enigmáticos da existência**, cujos significados continuam ocultos ao despreparado psiquismo humano.

O **espírito do Terceiro Logos** é também responsável pelos desdobramentos dos fulcros pontuais de sustentação que, direta ou indiretamente, os seus agentes geraram ou puderam produzir como sendo os elementos formadores da cultura e das atuais possibilidades humanas.

Não é por menos que todas as **guerras intolerantes e gananciosas são também da responsabilidade dele**.

Seus agentes, ou seja, desde Enoch, passando por Noé e seus descendentes, e apontando somente o viés semítico-judaico a partir de Abraão, Jacó, Moisés, diversos profetas e reis hebreus, chegando a Jesus e, por fim à herança árabe personificada por Maomé, tido como o “último enviado de Javé/Alá”, fizeram o que puderam, sempre limitados aos “zeitgeists” da época em que atuaram.

Foram todos eles os principais realizadores de tarefas e líderes de alguns processos de ordem sócio-político-religiosa ocorrida ao longo da evolução da espécie humana terráquea. Portaram-se como agentes de expressão de um Terceiro Logos que, apesar de todo esforço e sacrifício de muitos dos seus agentes, atingiu os fins pretendidos somente em determinados aspectos, deixando partes estruturantes importantes para o porvir.

Árabes x judeus; católicos x protestantes; hindus x muçulmanos; torcida de time “a” x torcida de time “b”; país “a” x país “b”; “beltrano” x “fulano”; EUA x Rússia; Coreia do Norte x Coreia do Sul; sunitas x xiitas; terroristas ditos islâmicos x política externa dos países ocidentais; e colonizadores x colonizados; enfim, **tudo este contexto fez e faz parte do modo como o**

Terceiro Logos operou, sem que seus responsáveis diretos pela semeadura dos problemas tenham finalizado os mesmos.

Quem definiu que a Palestina iria ser a “terra dos judeus”, ainda que ali já existissem tribos árabes, obviamente jogou com a dignidade humana de modo a não se importar com nenhum grau das suas conveniências.

A personalidade que escolheu primeiro o povo hebreu, como sendo “eleito” dentre os demais da Terra, semeando nele uma cultura exclusivista de privilégio tido como divino; depois selecionou o povo ariano – quando foi tida como “Brahma” –; mais tarde, tornou a escolher os modernos judeus – quando foi chamada “Javé” –; e, por fim, elegeu os árabes – quando foi denominada “Alá” –, no mínimo calçou o mundo da intolerância para a sucessão de guerras constantes, que jamais acabam, justamente pela “fé religiosa” destes povos que pensam seguir o “deus” da sua predileção, ainda que seja **uma mesma personagem**, algo “esquisita e inconsequente”, **agindo no sentido de manipular a humanidade**.

21ª Constatação:

Infelizmente, foi esta a atuação tardia da personalidade do Primeiro Logos, após o surgimento desta humanidade, sobre a qual também atuaram os Segundo e Terceiro Logos que, além de não conseguirem resolver as incongruências geradas pelo Primeiro Logos, acrescentaram alguns fatores de complicação ainda mais complexos.

Tempo virá em que suas próprias consciências os responsabilizarão pelo muito de errado e criminoso que fizeram, e pelo muito de decente e de digno que não souberam ou puderam cultivar e manter atuante entre os desavisados seres humanos que se tornaram seus seguidores.

O aspecto irônico e não menos trágico a ser aqui ressaltado é o de que os ditos seguidores assumiram posturas ainda mais esquisitas e criminosas do que as dos seus “deuses”, a quem afirmam seguir com todo zelo.

Assim, em resumo: **o Primeiro Logos** foi o responsável pela semeadura do grânulo básico da vida, do módulo codificado (o DNA do Criador) que passou a ser o “tijolo de edificação” de qualquer corpo vivo no âmbito da sua Obra; **o Segundo Logos** ordenou e diversificou, gerando outros modelos de “tijolos básicos” a partir do “original”. **Modificar para melhor o “jogo das informações” codificadas no DNA é que se tornou o propósito do Terceiro e do Quarto Logos.** Contudo, o Terceiro Logos não atingiu, do modo esperado, o que um dia pretendeu construir, o que força o Quarto Logos a tentar não mais retardar o início mais efetivo da sua participação, por

meio dos seus agentes, no processo de dignificação da vida.

22ª Constatação:

Em outras palavras, o Primeiro Logos gerou a vida, o Segundo Logos a ordenou e diversificou, e o Terceiro Logos promoveu a evolução do que já existia com alguma possibilidade de “crescer” no sentido de gerar mais complexidade. O Quarto Logos, que somente está tímida e discretamente começando a operar, visa propiciar a compreensão esclarecida em nível suficiente para que padrões de uma consciência sábia e virtuosa possam ser edificadas no psiquismo dos seres.

Os seus agentes não deverão produzir expressões aretalógicas à moda do Segundo Logos e do Terceiro Logos.

Doravante, o ego dos agentes humanos e das demais civilizações cósmicas esclarecidas deverá tão somente desenvolver compreensão crítica esclarecida para perceber o que precisa ser feito, e tentar dar a sua contribuição ao processo, sem a pretensão de “afirmar verdades”, como também sem qualquer expectativa da colheita de resultados quanto ao que se conseguiu realizar.

23ª Constatação:

O que poderá e deverá ser feito por cada consciência esclarecida será produto natural do seu próprio tirocínio e não porque “deus tal ou qual” deseja que seja feito dessa ou daquela forma.

Haverá mesmo um tempo em que uma “fisionomia especial” marcará um período imorredouro de conquistas filosóficas e espirituais para o gênero humano como também para outros que habitam orbes diversos, nesta Criação. Esse novo tempero existencial **será promovido pelo trabalho dos agentes do Quarto Logos** associados ao que já existe e que para tanto possa ser aproveitado.

Será um **“zeitgeist” especial** pelo qual poucos podem, no momento, trabalhar conscientemente. No futuro, porém, o nível de conscientização necessário para atividades mentais mais refinadas no campo da sementeira do conhecimento esclarecido deverá crescer.

Atrevo-me a pensar que se você, caro(a) leitor(a), chegou até estas páginas é porque o espírito que o (a) anima tem uma certa cota de compromisso com esses desafios.

Por outro lado, frente a essa meta, um dos aspectos que mais me espanta nos meus contemporâneos é a habilidade demonstrada para **acumular ignorância voluntariamente adquirida**, painel que tenho citado

repetidamente ao longo do livro, como forma de provocar reflexão sobre este tema que tanto tem estacionado o ser humano em comportamentos bizarros e infantis.

Por muitas razões e levados por diversos motivos fazemos isto: **preferimos o conforto de uma crença desprovida de realidade do que o exercício do esforço da busca pela verdade.**

24ª Constatação:

Para os “viciados em crença”, o Quarto Logos tem muito pouco a oferecer, porque não estão preparados para receber a “provocação do inusitado”, a instigante curiosidade que a revelação do que antes estava oculto naturalmente promove no psiquismo daqueles que buscam. Para os “dependentes na atitude da adoração e da veneração” em torno de seres que desconhecem ou pensam conhecer, o Quarto Logos efetivamente nada terá para acrescentar a estes psiquismos que mais preferem receber pronto qualquer “alimento” a ter que, por eles mesmos, elaborar a “semeadura” e a respectiva “colheita”, que “nutre” a existência.

Os agentes do Quarto Logos têm base firme, mas não nas coisas deste mundo, pois estas são as que limitam e poluem o tirocínio, com ritos, cultos exteriores, dogmas e presumíveis sacramentos.

Um novo tipo de ser humano precisa urgentemente emergir deste oceano de mediocridade e de crenças descabidas, que foi lentamente produzido por mentes “doentias”.

Estacionar em torno de crenças que afirmam que somente os seus dogmas podem ser verdadeiros, quando, de fato, mostram-se “podres” pelo infantilismo de suas teses, não pode mais fazer parte dos painéis do “amanhã planetário”.

25ª Constatação:

O alicerce fundacional do Quarto Logos reside na busca permanente da verdade e na direção inalterada do alinhamento dos princípios e propósitos dos seus membros, que jamais perdem a noção do “bem espiritual” e da virtude ratificada pela filosofia superior.

Filosofia superior? Sim, superior, porque a que se encontra entronizada no meio acadêmico mergulhou na horizontalidade mundana de temas que não convidam à verticalização do espírito, aos aspectos sublimes da existência. **Esse tipo de busca filosófica superior precisa ser retomada** porque a que restou se desviou demais da sua pretendida destinação inicial vislumbrada

por Tales de Mileto, Parmênides, e Pitágoras, dentre outros filósofos gregos, considerados pré-socráticos.

O atual padrão acadêmico da filosofia, que determina o “modo de abordagem e o limite conceitual” para a matéria, é subproduto da atuação do Terceiro Logos, que permeou muitas áreas da busca filosófica com o senso de religiosidade.

Torna-se imperioso não esquecer que crença, fé e noções limitadas de razoabilidade alicerçam um número perturbador de “postulados filosóficos” – envolvidos pelos sentimentos primários de religiosidade – nos quais a confusa e ilusória igualdade referentes aos “conceitos de Criador e de Deus” fez estacionar, por milênios, o exercício intelectual em torno do óbvio da incongruência abraçada pelas religiões: **o de que uma natureza que legitima a violência não pode ser obra de um ente amoroso ou pelo menos bondoso em algum nível, a não ser que esse “Criador” “tenha errado”, o que o desqualifica como “Deus”.**

26ª Constatação:

Em síntese, os três primeiros Logos programaram, desprogramaram, condicionaram e reprogramaram, por meio das religiões, a raça humana que Pandora e Eva tanto se esforçaram por libertar do jugo dos seus “fatores” ou dos “jogadores de dados genéticos” que se “venderam” como deuses para os incautos humanos, processo que é sustentado, até hoje, pelo condicionamento mental dos crentes.

Steve Biko⁽²²⁾ afirmava, com muita propriedade, que ***“a maior arma que o opressor pode ter nas mãos é a mente do oprimido”***.

No caso, as religiões oprimiram a tal ponto o ser humano, que o “cabresto” que move a sua consciência permanece segurado por mãos não tão invisíveis assim. Afinal, um dos aspectos mais tenebrosos da nossa história é o de que **somos uma humanidade “geneticamente violentada” e precisamos nos libertar destes grilhões**, ainda que, no passado, o “Deus Bíblico” – que é o mesmo “Deus” da “*Torah*”, a “bíblia” dos judeus, e o mesmo “Deus” do Alcorão – não goste.

Infelizmente, desde que os terráqueos surgiram, a “atuação condicionante” dos três primeiros Logos sobre a mesma praticamente impediu o ser humano de perceber a sua real situação frente ao cosmos e ao universo paralelo demo, vizinho ao nosso.

O Quarto Logos trabalha nesse sentido: o de libertar a consciência humana.

27ª Constatação:

Assim, sob uma outra perspectiva, o Quarto logos tem como principal propósito o de esclarecer o “tipo de compreensão” que foi possível ser semeada pelo Terceiro Logos, quando da sua atuação. O Quarto Logos não tem e nem terá igreja, templo, centro de culto, sacerdotes, cobradores de pedágio ou qualquer tipo de autoridade investida por quem quer que seja, pois todo e qualquer “ser cósmico esclarecido” é o “sujeito” da sua construção.

Perceba, portanto, o(a) leitor(a), que o nível de esclarecimento consciencial que está sendo edificado via a natureza humana terráquea deverá ser exportado para outros padrões psíquicos presentes em outras humanidades e demais civilizações algo robotizadas, que se encontram espalhadas pelo cosmos.

Uma certa massa crítica dos terráqueos trabalhará no sentido de fazer com que no futuro, cada ser humano, que antes era tão somente um agente do mais estranho processo que uma mente “doente e apodrecida” criou, transforme a si mesmo num outro tipo de agente, só que agora do progresso cósmico por meio da sua contribuição para a **“Mente Universal” emergente**, que está lentamente surgindo para a vida.

Será a era do **“Biocosmos Inteligente”**⁽²³⁾ como propõem os mais recentes postulados científicos de vanguarda.

Infelizmente, antes de chegarmos nesse nível de percepção menos infantil ou mesmo adulta, o processo que prevalece é o que conhecemos, que força a admiração, no psiquismo desavisado, pela natureza “assassina” a qual estamos submetidos, sem que questionemos como um “Deus Amoroso” poderia ter criado espécies animais que nascem prontas e programadas para matar sempre!

Até que o ser humano desenvolva convenções mentais menos condicionadas ao vício da fé e que assuma certo grau de maturidade na busca pela verdade e perceba o óbvio, ainda viveremos sob a égide deste padrão de ignorância, acumulado pelas religiões que implantaram, na mente condicionada dos crentes, o ilógico, o inaceitável como sendo o óbvio.

O que é o óbvio que então deve ser percebido no contexto da vida que levamos? A resposta é desagradável, mas vamos a ela: a mente que “apodreceu” foi gerando, a partir dela, novos tipos de seres (gêneros e espécies), na perspectiva de que estes viessem a ser menos “podres” que ela mesma, progenitora infeliz de filhos destinados ao martírio. Estes nada mais

são do que a **“podridão” em constante transformação, no sentido de se tornar menos “podre”**. Assim foi e é, pois herdaram o **DNA “apodrecido” do Criador** que, a cada nova espécie que gera a partir do seu código pessoal, pretende com isto criar uma “prole” menos “podre”, ou seja, com menos áreas do seu DNA problemático ativadas no sentido de produzir proteínas, como é o caso da vida biológica da Terra. Compreensível?

Se ainda não for, vamos, então, à definição mais simples ou à constatação mais óbvia, tomando-se como premissa que, no tempo de vida do universo, **os terráqueos compõem a última espécie surgida para a vida ou, o tipo de ser mais recentemente nascido para a vida universal, ou seja, nós, os “humanos da Terra”** – assim me refiro porque existem humanos vivendo em outros mundos, que não são tão despertos quanto os terráqueos – **somos o lado mais evoluído da “podridão” em transformação**. Em outras palavras: os terráqueos são a melhor transformação que até agora a **“podridão primeva”** conseguiu produzir a partir de si mesma.

Em estando esta premissa correta, pode-se imaginar quão deprimente é a retaguarda evolutiva desta Criação.

28ª Constatação:

Quem promove esta evolução da “podridão”, no sentido da mesma se tornar menos “podre” até que possa transcender, são os Logos e suas manifestações.

É um processo contínuo pois, cada Logos, a partir do Segundo Logos, nada mais é ou representa do que a contínua emanção advinda da “queda” do Primeiro Logos. Assim, **o Segundo Logos e Terceiro Logos correspondem à contínua emanção do Primeiro Logos, por eles ajustada com as suas respectivas contribuições.**

Dito de outra maneira: **os Logos apenas procuram tornar menos “podre” o que assim nasceu, pelo contínuo processo de reajustamento do seu padrão original.**

Como? O que nasceu “podre” está “codificado e digitalmente compactado” naquilo que, no universo biológico, conhecemos como sendo o DNA de cada ser.

Os Logos atuam no sentido de promover o progresso – algum progresso ou o padrão que for possível à cada época – das cotas particularizadas da “podridão” que cada ser humano ou ser cósmico porta em si mesmo.

Evoluindo o ser particularizado, o seu DNA evoluirá e, como este código é, na verdade, do Logos “caído” que desagregou-se e “perdeu” o controle

sobre todas as suas partes, estas tiveram que ser cuidadas por outras mentes, no caso a dos nossos espíritos que, vinculados aos corpos biológicos, ao nascerem, produzem estes egos pelos quais nossas personalidades se expressam.

29ª Constatação:

Se o Terceiro Logos produziu a noção e a expressão do amor fraterno e solidário, a fé raciocinada, a noção de dignidade e de decência existencial, a virtude, a ética e a nobreza moral como princípios filosóficos da existência pensante, o Quarto Logos é a busca da verdade, da compreensão esclarecida, que ratifica o trabalho dos Logos anteriores.

Concluindo – e me expressando fora dos retoques ordenados pela prudência moral –, sobre estes três seres que personificaram os Logos criadores que, até o momento, atuaram nesta Criação, diria que, no início, Brahma, Shiva, Vishnu e suas correspondentes hierarquias, que foram criadas ao redor de cada um, foram tão somente seres que se viram obrigados a assumir um “tremendo erro” e mesmo personalizá-lo nestas condições *Adhydaiva* que suas consciências pessoais assumiram, aprisionando-se na “morada” – universo antimaterial – inicialmente improvisada pelo Criador “caído”.

Ao se organizarem, transformaram-se em seres com senso embotado, mesmo obscurecido pelos psiquismos “dementados” que passaram a adornar as suas mentes, além da robotização imposta pela “doença do Demiurgo”, que os forçou a usarem de tudo para fazer valer as suas potências pessoais.

Mais tarde, se tornaram seres “dementados” e afetados pela necessidade de dominar o infortúnio da Criação e de terem que conviver a três – na “*Lila*” –, quando mal se suportavam.

Predestinados a coexistirem pelos evos afora, jamais conseguiram construir potência capaz de liquidar uns aos outros, o que mais e mais os levou a manter uma “união sempre em disputa”, como também a que se afastassem o máximo que pudessem, passando cada um a existir em “moradas próprias”, junto com as suas hierarquias “dementadas” e pouco operacionais.

Ao se tornarem “criadores e pretensos gestores” das espécies biológicas que, de onde viviam, conseguiram semear no universo vizinho – parecido com o filme “Matrix” –, no qual vivemos, foram, aos poucos, se transformando em experimentadores “frios e cruéis”, com graus de

“psicopatias” de toda ordem nos seus psiquismos, pois jamais se preocuparam em se colocar no lugar das “cobaías biológicas”, das “criaturas-ferramenta” que geraram para delas se servir, como sempre o fizeram.

Nesta rota desenfreada para a “maluquice”, por fim assumiram-se como “donos de tudo” quando apenas se diplomaram em “canalhice” e em “perversão”, apesar dos seus discursos bem arquitetados, sob à ótica da “demência demo”.

Mesmo assim, foram capazes de tornar menos “podre” a “podridão” que abraçaram desde o começo do drama, para poderem, assim, descobrir uma maneira de superar os seus ditames e consequências.

A seu modo, o conseguiram, na medida em que os “Senhores da Trimurti”, recentemente, consentiram em desfazê-la, e mais: resolveram “abrir mão” de seus poderes para poder liberar, no caso de Vishnu e de Shiva, as suas formas *Adhyajna*, como as de Jesus e de Sai Baba, respectivamente, que são bem mais evoluídas que eles próprios enquanto personalidades *Adhydaiva*, para que eles possam, finalmente, assumir o comando das novas etapas da Criação Universal, levando-a a bom destino.

Sophia e Krishna são outras expressões *avatáricas* mais antigas de Vishnu e de Shiva, respectivamente. Ainda que Krishna – de quem Sai Baba foi diretamente edificado – seja um “*avatar keshava*”, o que, a princípio, aponta para um grau hierárquico superior ao do primeiro, mas é Sophia – de quem o homem Jesus foi também diretamente urdido – o “Cristo Cósmico”. Doravante, serão eles que irão presidir os rumos da Criação, cabendo a Sophia ser o gestor da “*bhuloka*”, ou seja, do universo biológico no qual vivemos, e a Krishna, gerir a desconstrução que já está tendo lugar na “*brahmaloka*” e adjacências.

Krishna e Sophia merecem, obviamente, o nosso reconhecimento, pois o que de bom surgiu do trabalho do Segundo Logos e do Terceiro Logos, deve-se muito a eles. Contudo, nada têm da natureza humana e são somente seres complicados, também em rota de evolução, ainda que detenham poderes impensáveis para a lógica humana. Para eles, “evoluir” significa assimilar o que as espécies, por eles geradas, produziram em termos de progresso.

O fato é que os três primeiros Logos e suas hierarquias constituídas por força das circunstâncias da sobrevivência, atuaram bastante e ainda atuarão enquanto trabalho de redenção houver, ainda que, no caso deles, o “retrabalho” é o que realmente se encontra em curso e, assim, perdurará por muito tempo.

Sob esta perspectiva, obrigo-me a endurecer o meu coração por alguns instantes para ver se consigo deixar claro para as gerações futuras que estes seres, independente de quanto os humanos os possam amar e venerar, serão sempre “canalhas melhorados” ou “menos canalhas” com o passar do tempo e com a sucessão dos novos eventos, sem qualquer respeito pela condição humana ou qualquer outra, pois que estarão sempre procurando resolver, de qualquer modo, os problemas acumulados.

Para eles, parece não existir outras alternativas a não ser subordinar a estratégia aos fins, o que, frente à lógica humana, é de todo lamentável.

O Quarto Logos, que irá trabalhar associado à Sophia/Jesus e à Krishna/Sai Baba, além das próximas personificações que Shiva, via Krishna, puder ainda providenciar, estará sempre preparando “novos agentes” para o trabalho redentor. Estes, sempre se consorciarão com os fluxos positivos do progresso, sem empregarem seu tempo existencial em atalhos personalísticos de domínio temporário – o velho “problema demo” e as religiões que surgem com essas feições impositivas – para atingir mais rapidamente resultados pretendidos que, na prática, jamais ocorrem.

Soren Kierkegaard⁽²⁴⁾ legou-nos a reflexão de que o ser humano costumava se enganar de duas maneiras: primeiro, acreditando no que não era verdadeiro e, segundo, deixando de acreditar no que, de fato, era verdade.

Os três primeiros Logos e seus principais agentes foram especialistas em condicionar o ser humano a aceitar como “verdade e sagrado” o que, de fato, era produto de uma dramática “doença”. Esta, somente era passível de ser corrigida pelo avanço espiritual, aspecto que se viu impedido de ser trabalhado na Terra porque a ignorância acumulada pelos humanos os impediu de ter olhos e senso crítico para perceber a realidade.

Foram criadas religiões com dogmas, sacramentos e credos absurdos – sendo, o principal deles, o do “pecado original” que transformou os humanos em filhos do demônio ou da serpente que enganou Eva, e daí a importância do batismo, dentre outras “esquisitices” – nos quais boa parte da humanidade passou a acreditar, **enquanto o progresso espiritual ficou relegado à ficção herética.**

Aceitar a crença em todo tipo de bobagem que, tanto no ocidente como no oriente infantilizaram as sucessivas gerações de seres humanos que surgiam para a vida, foi o viés escolhido pelos primeiros três Logos para “educar” os humanos, desde que estes surgiram. Contudo, o mundo chegou a este estado de coisas, em que a corrupção campeia em todos os “ismos” e em

todos os quadrantes planetários, e nada parece ter dado muito certo pois o palco de horrores cada dia se mostra mais fortemente, apesar do nosso romantismo.

Os três primeiros Logos e suas forças constituídas jamais puderam procurar a verdade porque se viram obrigados a constituírem religiões impositivas, que já traziam consigo as suas próprias cotas de “pretensas verdades” e as impunham aos humanos condicionados. Daí acreditarem em futilidades e infantilismos diversos enquanto continuam cegos para projetos de vida mais refinados, associados ao progresso espiritual.

O Quarto Logos procurará promover agentes que atuem livremente, alinhados com seus códigos filosóficos esclarecidos, nos quais a ética e a dignidade não dependem do “conceito de Deus” que porventura possuam, e muito menos de nenhuma crença neste sentido, porque desnecessária, o que seguramente permitirá, no futuro, que se encontre a verdade sobre o Deus que tanto buscamos vislumbrar e compreender. Este, amorosamente alojado nos nossos corações, desincumbindo-se da sua função maior de manter acesa a presença do Sagrado em cada ser — talvez seja este o grande encontro que poucos humanos conseguiram ter o privilégio de vivenciar em suas vidas íntimas. Infelizmente, a maioria se vê mesmo é obrigada a vivenciar o impositivo de uma jornada frenética e nervosa, que leva a lugar nenhum, porém tudo em nome dos “equivocos sagrados”, apontados pela fina ironia de Kierkegaard.

30ª Constatação:

Para que encontremos o “verdadeiro Deus”, caso exista nos moldes conceituais que a lógica humana impõe ao assunto, precisamos primeiro nos livrar das ideias cretinas e absurdas que o condicionamento das forças equivocadas do passado, e que ainda atuam no presente, impuseram ao conhecimento humano, na tosca definição que fazem da Deidade.

Como se pode perceber, infelizmente, o tema apresentado é para os poucos terráqueos que, na atualidade, têm discernimento para compreender o que, pobremente, aqui está sendo abordado, pois sei que, o seu significado, para muitos outros, seria tão apenas motivo de escândalo infantilizado pelas reações emotivas, naturais daqueles que se viciaram em crenças que intermedeiam o comércio entre os humanos e os seus “deuses”.

Pelo que pude depreender do processo relativo aos conceitos algo infantis e mesmo absurdos que os humanos colecionam a respeito de Deus, penso

que, primeiro, precisamos superar dois aspectos complexíssimos que sequer a “Revelação Espiritual” ousou abordar na época da sua formulação.

O primeiro aspecto diz respeito ao fato de que, na “Espiritualidade”, que é a parte pré-existente desta história e que se encontra situada muito além da Criação problemática, é sabido que a humanidade somente poderá um dia vislumbrar o que entendemos por “Pai-Mãe Amantíssimo” de um modo mais digno e próximo da verdade, quando conseguir se libertar e superar o nível deprimente e mercadológico com que até hoje a Deidade foi taxada pelas lentes equivocadas dos teólogos. Estes, apesar da boa vontade, foram os responsáveis pela confusão feita entre os conceitos distintos de Deus e de seres Cocriadores, aspectos que os mesmos passaram ao largo da possibilidade de bem observar o equívoco profundo por eles cometidos, quando confundiram o Criador deste universo com o “Deus Amantíssimo”.

O segundo aspecto tem a ver com uma espécie de “blindagem quântica” que existe entre os níveis da “Espiritualidade Superior”, da “Espiritualidade Operativa” e da “Espiritualidade Laboratorial” com todos os riscos a esta última implícitos, que corresponde exatamente ao nível de onde a “Criação problemática” foi emanada.

Sinceramente, não sei se ao tempo da minha vida poderei, pelo menos, informar aos meus contemporâneos o que me foi solicitado pelos mentores espirituais sobre o tema, apesar do seu alto grau de complexidade. Estimo que, nem que seja de um modo superficial, em livro propício sobre o assunto, algumas sementes para reflexão sobre o assunto serão elencadas, caso as circunstâncias permitam.

Somente após a maturação destes dois aspectos é que parece ser possível desvendarmos os véus que empobrecem os conceitos de “deuses esquisitos” que a humanidade se acostumou a tomar como sendo o “real” e o “sagrado”.

Lamentável!

OPÇÃO: ESCLARECIMENTO INESCAPÁVEL

PERANTE O ESTRANHO conjunto de eventos que invadiram a minha vida, fui obrigado a tomar a mim mesmo como padrão de aferição, para descobrir, não nos outros, mas no meu próprio eu, se tudo o que eu estava descortinando era real ou produto de alguma “obsessão profissional” de forças que atuam muito discretamente por trás do atordoado cotidiano com o qual costumamos ser brindados.

De tantas disciplinas que bolei e de muitas outras que copiei dos mestres da Índia e que adequei ao meu modo de ser, terminei por criar uma “yoga” para o meu próprio cotidiano, cujo método chamei de “*Mentalma*”.

Foi este “método” que permitiu à minha condição humana suportar, primeiro, a percepção de que, realmente, Francis Crick⁽²⁵⁾ sempre teve razão ao afirmar – para desconforto de toda a comunidade científica da época – que o ser humano era produto e/ou a própria cobaia de uma experiência realizada nesta “reserva florestal”, promovida por uma civilização extraterrena que colonizara a Terra em tempos idos.

Depois veio a constatação de que a vida de “cobaia até então desavisada”, a qual o meu “eu terráqueo” estava submetido, continuava a fluir, ainda que dela o meu “eu mais profundo” tivesse agora consciência.

Perante o inevitável, aprendi a edificar no meu psiquismo, o desapego, no grau máximo que pude, livrando-me, assim, da ilusão promovida pelos “truques” do tipo de vida que levamos.

Praticando o meu método de busca da minha própria verdade, ou, em outras palavras, o de buscar a verdade por mim mesmo, com a prática e a vivência das disciplinas do “*Mentalma*”, fui percebendo os aspectos pontuais

que procurava compreender, e outros que, com surpresa, descortinei, sem ter a tal pretendido.

Ao mesmo tempo em que convivia com a “funesta e desagradável” presença do pressuposto Criador e de seus anjos-clones na minha cota de vida humana, ao mesmo tempo praticava o “*Mentalma*” como forma de não sucumbir a tanta “violência impositiva”, que sempre pretendeu de mim colher a submissão total aos seus comandos. Não me submeti!

Foi quando constatei, por mim mesmo, que o Demiurgo realmente nada tinha de humano, e estava tão somente ainda em dúvida se devia ou não finalizar o seu processo de humanização, que parece ter começado com o seu contato com Enoch, um dos patriarcas citados no “*Gênesis*”, o primeiro livro da “*Bíblia*”. Enquanto dúvida existisse naquele ser, somente a tortura de uma “convivência covarde e invasiva” era o que a minha sensibilidade podia esperar.

Nessa altura dos estranhos fatos, após ser obrigado a conviver com atitudes “criminosas e indelicadas” da parte desses seres, no limite do suportável, decidi jamais me submeter a fosse lá a que tipo de hierarquia com a qual eu estivesse me defrontando, e não foram poucas as vezes em que me preparei para sucumbir. Foi quando o único “ponto de apoio”, até hoje por mim percebido em todo aquele contexto, começou a se fazer presente perante a minha sensibilidade.

Obrigado pelos fatos, descortinei, a partir desses esclarecimentos recebidos, a questão dos Logos, aos quais me referi anteriormente, e conclui que não seriam os espíritos comunicantes, em relação aos quais já me encontrava afeito, nem Jesus, nem Sai Baba, nem nenhum dos seres extraterrenos ou extrafísicos que já haviam me contatado, **que iriam me fornecer qualquer esclarecimento que me pudesse ter utilidade frente àquele tipo de “realidade esquisita e cruel” com a qual estava me defrontando.**

Por que “alguém do meu tamanho” havia chegado a tanto, era algo que desisti de entender, sob pena de abrir a minha mente para a busca de respostas que, por me envolverem, poderiam ser facilmente arquitetadas por forças espirituais trevosas, o que me fez deixar de lado a importância de saber o “por que de comigo?” tais coisas estarem acontecendo.

Deixei esse aspecto entregue ao fluxo da vida e sempre procurei lidar com os fatos, por estranhos e esquisitos que pudessem parecer à lógica humana do meu psiquismo, com a maior dose de senso crítico possível de ser

arquitetado por “alguém do meu tamanho”.

Sei que afirmativas, como as que fiz, sobre o fato de estar sendo perseguido por um ser que se esforçou bastante para que eu pudesse entender que ele era o mesmo “Ser Bíblico” que se apresentou ao mundo como sendo o “Criador dos Céus e da Terra”, seguramente parecerão fantasiosas, quando não presunçosas. Que seja! Não há muito o que eu possa fazer além de tudo o que já tentei para me livrar disto! Contudo, aqui, estou tendo a pretensão de escrever para as gerações futuras, que compreenderão mais apropriadamente o que, mesmo com os naturais equívocos, estou procurando registrar, sem o compreensível romantismo produzido pelo cristianismo, no qual a figura de Jesus foi “embrulhada para consumo”, pelo clero romano.

Por isto, espero que, num tempo ainda por vir, não tão distante assim, os temas enfocados por este “aflito escrevente”, possam ser percebidos mais convenientemente. Por enquanto, tento apenas bradar, em alta e solitária voz, **que o ser humano não foi feito para “viver de joelhos” frente a quem quer ou o que quer que seja**, o que hoje chocaria muitos que se encontram “viciados” em assim fazê-lo, e o fazem de boa fé, ainda que não notem o condicionamento existente por trás destes automatismos psíquicos.

Se este fluxo contínuo de implosão das possibilidades dos potenciais da natureza humana continuar a acontecer em nome da submissão a “deuses” ou ao “deus da preferência pessoal”, **este universo não terá a sua “Mente Universal” emergente operando no nível em que, nesta altura do momento histórico da Terra, a mesma já deveria estar sendo edificada em torno de um determinado padrão crítico de conhecimento esclarecido**, possibilitando uma visão mais refinada sobre o contexto geral do significado da vida no âmbito deste universo.

O “**anseio pela submissão**”, que se vê em muitos humanos – frente a um líder, “salvador da pátria”, príncipe ou rei, semideus, santo, espírito, deus e tudo o mais que lhe parecer cômodo e confortável –, foi e ainda é fruto de um painel histórico cheio de condicionamentos de toda ordem, dos quais as futuras gerações precisam se libertar. As atuais já não têm como fazer isso, o que é de todo lamentável!

Apesar de não sabermos disto, sobre o “tal ser” produzido nesta “reserva florestal planetária”, conforme a ideia de Crick, a “opinião pública” mais recente deste quadrante universal e adjacências – uma espécie de opinião pública das comunidades extraterrenas conhecedoras da situação – sabe que **os terráqueos mais complexos foram programados e feitos “pelos seus**

presumíveis criadores” para serem por eles dominados. A questão é que o processo saiu do controle dos ditos “colonizadores de mundos” por trás do **“Projeto Talm”**⁽²⁶⁾.

É sob o “peso desta perspectiva” que comentei – e reafirmo o que expressei anteriormente – a respeito de que, vindo do contexto de atuação da etapa referente ao trabalho do Terceiro Logos, nada pode e tem como esclarecer questões que estão na vanguarda do que agora se tem como possível “verdade”. Isto porque o Terceiro Logos ainda funciona com um **“resto de trava mental” que não foi ainda removido do psiquismo dos seus agentes**, e eles sempre estão se apresentando como sendo “isso e aquilo”, esquecidos e cegos quanto ao problema real por trás de tudo o que eles fizeram e fazem.

O **“resto de lacre”, que impede a razão clara e esclarecida**, ainda lhes molda a “mente demo”, que atua nos seus espíritos. Nem mesmo as suas expressões *avatáricas* escaparam e escapam à esta limitação. Somente construindo o conhecimento humano esclarecido é que um *avatar* poderá superar a sua cota fragilizada de senso crítico, que sempre se vê atropelada pelos poderes mentais que um ser desta ordem ostenta, e é daqui que surgem as posturas equivocadas de se achar um “deus encarnado”.

Se os olhos dos que buscam estiverem livres das “cores” da fé e da empatia religiosa, poderão enxergar claramente o que aqui está sendo afirmado.

Aqueles, porém, que ainda se encontram fortemente apegados às suas crenças emocionais, a figuras maravilhosas como as de um Jesus, de um Krishna, de um Sai Baba, e os toma como “deuses”, ou mesmo como sendo “deus em ação”, obviamente não ofertarão qualquer oportunidade a seus psiquismos de perceberem além do que já pensam saber e da “verdade” que está enraizada na sua sensibilidade pessoal.

Ainda assim, obrigo-me a reafirmar que estas figuras, por mais amadas e adoráveis que sejam – e realmente o são – **pertencem ao espírito operativo do Terceiro Logos**, e este **ainda não detém consigo** a possibilidade de começar a **descortinar alguns dos perturbadores painéis da verdade em torno de uma Criação “criminosa”, a qual consideram maravilhosa e se têm como seus agentes.**

Como visto no capítulo anterior, este contexto relativo aos **limites operativos do Terceiro Logos** é bastante complexo, pois seus agentes – os últimos mais abalizados penso terem sido, conforme já dito, as

personalidades *avatáricas* de Jesus e de Sai Baba –, se por um lado expressaram os mais altos padrões amorosos pela humanidade, o fizeram utilizando-se das velhas questões “*demodhármicas*”⁽²⁷⁾ e das afirmações aretalógicas que os remetem sempre a se afirmarem como “isso e aquilo”.

Sai Baba afirmou que somente desencarnaria em 2020, com 95 anos; que seria o condutor da humanidade para uma nova era de amor e de paz; que essa nova era se iniciaria com um evento que chamaria a atenção da humanidade para a sua condição de divindade; que Deus havia encarnado por meio dele; que ele era o “Deus do Apocalipse” – assim se colocando em pretensa posição hierárquica superior a de Jesus que, nesse caso, seria um ministro desse “deus”, mas não o próprio –; e que ao longo dos últimos 20 anos da sua vida, ou seja, do ano 2000 ao 2020 ele seria o “Senhor da Terra” e cerca de dois terços da humanidade, a partir do ano 2000, o reconheceria como tal. Contudo, Sai Baba deixou este mundo no dia 24 de abril de 2011, deixando em aberto toda uma série de profecias e afirmações que fez em palestras e registradas em livros seus e em outros escritos por seus seguidores.

Pessoalmente, tenho a inevitável certeza – devido a questões de ordem pessoal e espiritual – sobre a grandeza e a estatura de Sai Baba, impossíveis de serem medidas pelo conhecimento humano.

Apesar da sua incompreensível morte e invalidez corporal prematura, assim considerada em relação ao que por ele mesmo foi anunciado, a sua passagem pela Terra atestou, em todos os campos em que atuou, a nobreza da sua tarefa de *avatar* singular. Foi um dos maiores benfeitores da humanidade, ao longo do século XX, um conciliador religioso e pregador fervoroso das crenças hindus, incompreendidas pelo ocidente.

A sua morte, vamos dizer, prematura, associada às suas afirmações complicadas – porque eivadas de uma auto-exaltação que somente encontra guarida no velho e deformado “pensamento *demodhármico*”, oriundo de raças híbridas (demo-homo) “algo pensantes” e anteriores ao surgimento da humanidade, as quais foram produzidas pelos trabalhos dos três primeiros Logos –, permanecerá sendo, na “cultura demo”, mais um dos mistérios produzidos pelos ardis comuns às disputas entre Brahma/Javé e Shiva, ao longo da triste história que eles construíram, e que acabou, exatamente, com a tal “vingança” de Brahma humilhando um *avatar* de Shiva.

No que se refere a Jesus, as suas afirmações, longe de terem sido expressadas no mesmo padrão egocêntrico das de Sai Baba, ainda assim,

enveredaram por autoexaltações complexas, também por serem confirmadas, mesmo que, tanto para os seguidores de Sai Baba e de Jesus, essas “certificações por meio dos fatos” sequer precisam existir, dado o grau da fé que possuem em relação a estes dois personagens efetivamente grandiosos.

Vejamos, contudo, algumas das assertivas atribuídas a Jesus e constantes dos seus evangelhos, e que apontam para a ostentação de um pretenso nível de autoridade que o homem Jesus teria, mas que, na sua condição humana, ele parece ter “aberto mão” da possibilidade de usar os seus poderes e a sua condição de autoridade celeste em benefício próprio ou para dominar pessoas:

. “Aparecerá no céu o Sinal do Filho do Homem. Todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu cercado de glória e majestade.” (Mt 24:30 = Mc 13:26 = Lc 21:27).

. “O machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo.” (Mt 3:10).

. “Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus súditos teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui...” (Jo 18:36).

. “Ele, porém, lhes dizia: Vós sois daqui de baixo e eu sou do alto. Vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo...” (Jo 8:23).

. “Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade, vos digo: antes que Abraão existisse, eu tenho sido...” (Jo 8:58).

. “Tu o dizes: eu sou rei. Para isso nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Quem é da verdade escuta a minha voz...” (Jo 18:37).

. “Em verdade vos declaro, não passará esta geração sem que tudo isso se cumpra.” (Lc 21:32).

. “Passarão o céu e a terra, mas minhas palavras não passarão.” (Lc 21:33).

. “Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito.” (Mt 5:48).

. “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Vós fechais aos homens o reino dos céus: vós mesmos não entraís e nem deixais que entrem os que querem entrar.” (Mt 23:13).

. “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Sois semelhantes aos sepulcros caiados: por fora parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos, de cadáveres e de toda espécie de podridão. Assim também vós, por

fora pareceis justos aos olhos dos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidades.” (Mt 23, 27-28).

. “Por que me chamas bom? Só Deus é bom.” (Mc 10:18).

. “Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem a mim, como meu Pai me conhece e eu conheço o Pai. Dou a minha vida pelas minhas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco. Preciso conduzi-las também e ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor.” (Jo 10, 14-16).

. “Eu e o Pai somos um.” (Jo 10:30).

. “Na casa de meu Pai há muitas moradas.” (Jo 14:2).

. “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração, e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve.” (Mt 11, 28-30).

. “Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muito me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não pregamos nós em vosso nome, e não foi em vosso nome que expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres? E, no entanto, eu lhes direi: Nunca vos conheci. Retirai-vos de mim, operários maus!” (Mt 7, 21-23).

. “Eu sou a porta: se alguém entrar por mim será salvo.” (Jo 10:9).

Essas afirmações **geram dependência, adoração, veneração, ou seja, engessam, anestesia, enfim, diminuem o ser humano exatamente no seu maior tesouro que é o de despertar as suas potencialidades** e, aqui, conforme penso, mais valem as reflexões de Nietzsche⁽²⁸⁾ sobre a **valoração dos valores da vida e o tipo de ser humano que ainda precisa surgir na Terra do que toda as teologias e exegeses juntas.**

31ª Constatação:

As religiões surgidas destas expressões do Terceiro Logos, vinculadas à “Trimurti” – ou à tríade, ao triunvirato –, do qual surgem todas as expressões avatáricas que tentam “dominar o rebanho mundial pelo amor a Deus”, aprisionaram e tornaram de tal modo dependentes os seres humanos que inviabilizou a evolução planetária.

A disputa em torno de que “Deus” estamos falando – já que o de Jesus é Javé, e o de Sai Baba é ele mesmo –, tão somente continua a expressar a velha contenda, descrita nas mitologias, entre os três membros que jogam a “Lila”, como sendo a política aplicada nas suas disputas em torno das duas

questões tão bem apontadas pela mitologia ariana/védica/hindu: **quem dos três criou o universo e qual, dentre eles, comanda atualmente a Criação?!**

Os “rebanhos humanos” que se alinham com um ou outro, continuam, também, a tão somente repetir o que sempre foi produzido: **pessoas tementes a “Deus” e dele dependentes para poderem ser agentes do bem e do belo entre os demais.**

“Qual o limite operativo do Terceiro Logos?” – torno a questionar. Por que não existe ninguém superior às figuras de um Jesus e de um Sai Baba que consiga vir a Terra e fazer algo muito diferente do que eles fizeram?

Na verdade, novamente um *avatar* de Shiva está se preparando para reencarnar de modo a dar continuidade ao programa encarnatório do mesmo espírito que foi Sai Baba. Contudo, se não existir a componente da compreensão esclarecida sobre o passado da cultura hindu e de toda a maravilhosa e perturbadora coleção de mitos que a mesma encerra, ele poderá apenas se repetir, o que já é muito, porque um *avatar* deste porte, ainda quando erra em algo, acerta em muita coisa.

A questão é que este “algo” tem sido o mesmo tema pontual ao longo dos milênios, e a subserviência do ser humano ao tipo de “deus” que estes *avatares* defendem e se dizem seus representantes, tem **gerado problemas que inviabilizaram o processo da evolução do próprio DNA do Demiurgo “caído”.**

Por paradoxal que possa parecer, **eles próprios não percebem este limite que não estão conseguindo superar** quando se encontram por aqui. Somente quando **daqui saem é que, às vezes, percebem o equívoco novamente reiterado.**

32ª Constatação:

Quando o legado de avatares do porte de um Jesus ou de um Sai Baba passa a ser adorado, venerado e “zelosamente” cuidado por seguidores que se pretendem mais extremados que os próprios, aí é que o estacionamento do “rebanho” tem lugar e ninguém o pode mover.

Permanecem sempre girando em torno de um ponto qualquer ou perdidos na figura do “oito da vida”, andando sempre em círculos e retornando ao mesmo ponto enquanto pensam que estão seguindo em frente.

Por isto a humanidade “não sai do lugar”, por mais que possa evoluir tecnologicamente!

Devido a este contexto, a única opção de esclarecimento disponível que

se me apresentou, ainda que no seio da expressão do Terceiro Logos que, por enquanto age – e no qual todos estamos nele mergulhados e, portanto, contaminados com suas “pretensas verdades religiosas” – foi a ofertada por um personagem sobre o qual agora irei me referir.

Ao tempo em que escrevi as informações constantes na trilogia “**Queda e Ascensão Espiritual**”, composta pelos livros “**Reintegração Cósmica**”, “**Caminhos Espirituais**” e “**Carma e Compromisso**”, fui esclarecido pelos mentores espirituais que um “ser singular” era quem “superintendia os meus trabalhos”. Ou seja, deixavam bem claro que quem presidia os meus trabalhos “não eram eles, os espíritos comunicantes, nem muito menos o guia espiritual que me acompanhava mais de perto, mas sim, “aquele ser” que nem eles mesmos conheciam muito bem, devido ao mesmo encontrar-se sempre muito discreto e atuar para além das fronteiras da faixa de realidade espiritual, onde normalmente trabalhavam”.

Muito menos eu tinha a mais remota ideia de quem poderia ser e, como jamais fui dado a bisbilhotar identidade espiritual de quem quer que fosse, mal levava a sério a possível identificação dos próprios espíritos que me suportavam a companhia vibratória nos trabalhos cotidianos, realizados nas madrugadas da vida.

Menos ainda, quando os espíritos comunicantes me avisaram que, de um nível, vamos dizer, subjacente ao que eles operavam, seres de outros orbes, incluindo extraterrestres projetados, dali também eventualmente me influenciavam, já que os primórdios de uma “Revelação Cósmica” exigiam participação daquele naipe.

No tempo correspondente ao início dos anos 90, muitos dos livros que foram então arquitetados, sequer foram concluídos. Dentre esses, existia um compêndio de diversos módulos formando o que talvez um dia venha a ser concluído e publicado como “**Revelação Cósmica I, II, III**”, onde, nos mesmos moldes do “**Livro dos Espíritos**”, de Allan Kardec, que codificou a “Revelação Espiritual”, perguntas foram respondidas por espíritos desencarnados, seres extraterrestres e seres extrafísicos. Mais tarde, ao me defrontar com o Demiurgo e suas hostes de anjos, estes também se imiscuíram no grupo de inteligências a compor as respostas e as novas perguntas, que me vi obrigado a acrescentar.

Ainda assim, no meio de um turbilhão de inteligências que sempre invadiram a minha sensibilidade com a justificativa da necessidade do trabalho a ser empreendido, o ser ao qual agora me refiro jamais se

apresentou ou dele recebi diretamente qualquer orientação.

Acostumei-me com os fatos, apesar de, até hoje, relutar em relação ao *modus operandi* destas hostes, que precisam do concurso da espécie humana, mas não a respeitam como deveriam.

Fui levando minha vida do modo como me era possível, absolutamente despreocupado quanto à identidade de quem quer fosse.

Kardec havia ensinado, com muita propriedade, que uma mensagem não valia pelo nome que a assinava, mas tão somente pelo seu conteúdo. Alinhado com os seus ensinamentos, como sempre estive, preocupava-me, isto sim, o conteúdo singular, e algo escandaloso para muitas pessoas, das páginas que a minha condição humana estava agora produzindo.

Nem o pseudônimo, ingenuamente assumido para melhor me esconder do mundo, e também porque não sabia – como até hoje não sei – se o que estava produzindo era correto e verdadeiro. Por esta e por outras razões, eu pensava: *“se o que estou escrevendo servir para alguém, o nome do autor terreno não tem a menor importância”*, daí um pseudônimo.

Ressalto este aspecto tão somente para reafirmar que jamais me preocupei com qualquer identificação, fosse a minha própria como “autor terreno” ou mesmo a das inteligências que atuavam a partir de outras instâncias.

No livro **“Carma e Compromisso”**, publicado em 1998, apareceu a figura de um “Codificador de Zion”, um dos mundos do sistema de Capela, que fazia parte de um contexto no qual parecia conviver diretamente com o chamado “Cristo Cósmico”, ou seja, Jesus no desempenho da sua personalidade celestial, o que para mim era espantoso.

Nota de esclarecimento: Segundo as inteligências por trás das informações vindas dos mundos de Capela, na “fonética mental” – desculpem, mas não tenho outra forma de me referir à questão – dos seres bio-demos, existe diferença no emprego das expressões Zion (meu mundo, meu planeta) e Zian (minha casa), ainda que as duas expressões tenham sentido semelhante. Contudo, no que toca às informações que procurei registrar, eu mesmo não fiz e nem faço qualquer distinção entre as duas, motivo que sei, o descuido de minha parte no uso que delas faço nos livros, pode causar confusão para quem os lê, pelo que me desculpo.

Com o tempo, fui obrigado a aceitar – pelo menos na função de autor terreno – que parte dos seres rebeldes que compuseram alguns dos painéis da “Rebelião de Lúcifer” haviam também convivido com o “Cristo Cósmico”, por eles chamado de Sophia, um ser tido como sendo a “Personificação da

Sabedoria” dentre os daquela cultura sideral.

Ao longo dos anos 2002 e 2003, recebi outro volume de informações sobre o contexto da “Rebelião de Lúcifer”, o que procurei retratar na trilogia **“Terra Atlantis”**, cujos livros são **“O Sinal de Lan’s End”**, **“Frota Norte”** e **“Era Sapiens”**, quando mais uma vez me defrontei com notícias sobre a figura do “Codificador de Zion”, a sua relação com Sophia – antes deste ser ter produzido a figura humana de Jesus –, o seu plano-projeto, que ocorria nas entrelinhas ou mesmo nos “espaços vazios” deixados pelos demais *avatares* que já haviam atuado.

Esta trilogia **“Terra Atlantis”**, porém, somente veio a ser publicada nos anos 2016 e 2017.

Como tenho produzido um volume singular de registros escritos ao mesmo tempo, demorei bastante para pôr no papel as vivências descritas no livro **“O Testamento de Jesus”**, o que fiz ao longo dos anos 2005 e 2006, que têm a ver com o passado do espírito que me anima a atual personalidade, quando conviveu com o ser o qual denominei o “Codificador de Zion”.

Neste pequeno livro **“O Testamento de Jesus”**, mas singular para mim, está descrito um encontro que tive com outros alunos do Codificador de Zion – ex-colegas de turma de um passado distante e extraterreno, vividos nos dias dos mundos do sistema de Capela – o qual reproduzo, em parte, para melhor elucidação dos fatos:

“Pensava sobre os possíveis desdobramentos daquele encontro enquanto observava, agora, a chegada da delegação composta por seres de origens planetárias diferentes, que começavam a se potencializar no ambiente. Pude notar exatos vinte e nove núcleos distintos de seres potencializados, sendo o menor deles, composto por três entidades e o mais numeroso por onze. De cada um dos núcleos, pelo menos uma entidade dirigia-se ao casal anfitrião, apresentando-lhe as saudações fraternais de praxe, após o que percebi que a maioria dos que ali se encontravam, independente de origem, eram “velhos conhecidos” que passaram a se cumprimentar mutuamente.

Fiquei profundamente surpreso quando percebi, ao meu lado, a presença de um dos seres que havia acabado de chegar.

— Trago-lhe recomendações fraternais do nosso mestre codificador. — “escutei” de um ser que se dirigiu a mim do modo que lhe era usual, ou seja, volitou na minha direção enquanto me transferia a mensagem na forma de um “arquivo mental”. Ao “escutá-lo” fui dominado por uma sensação de júbilo indescritível, apesar de que a referida mensagem permaneceu

incompreendida mesmo para a minha mente espiritual naqueles instantes.

O ser, ao meu lado, encontrava-se totalmente de branco, como se investido de uma única peça com um estranho detalhe amarelo na altura do peito, quase imperceptível à minha observação. Sua face assemelhava-se à de um homem jovem e seus cabelos brancos e compridos se espalhavam graciosamente sobre os ombros. O interessante é que a cor “branca”, tanto da vestimenta como dos cabelos, era de tal forma marcante à minha observação que somente podia perceber os demais detalhes do seu rosto e da sua roupa com certo, vamos dizer, esforço visual de minha parte.

Seus olhos eram os mais estranhos possíveis diante do padrão terreno a que estou acostumado, porque simplesmente variavam da cor rosa a um tom suave do azul. A sua altura era maior que a média humana e a supus ser entre um metro e oitenta a dois metros, apesar da dificuldade lógica da minha medição já que aquele ser não fixava os pés no chão permanecendo sempre flutuando a uma pequena altura do solo, o que me dificultava a pretendida exatidão. Outros, entretanto, do núcleo ao qual ele pertencia, fixavam-se no solo a exemplo do que fazíamos, acostumados à lógica terrestre. Ele e alguns companheiros extraterrestres do seu núcleo como também de alguns outros permaneciam como que estacionados em pleno ar.

— Você não consegue se recordar de mim? — questionou-me o ser com uma expressão na face que se assemelhava à de um sorriso.

Balbucieei algo enquanto procurava refazer-me da surpresa, fosse pela mensagem recebida daquele a quem espiritualmente costumava chamar, com os condimentos psicológicos terrenos, de “meu velho mestre codificador de Zion²”, trazida por aquele ser, ou mesmo pelo fato de ali ele estar e ainda mais tentando ajudar-me a recordar de algo que não sabia do que se tratava.

— Mesmo nesta condição, sem que o cérebro do meu corpo terreno que agora dorme possa atrapalhar-me a percepção, ainda assim, não tenho fácil acesso aos arquivos memoriais dos tempos em que meu espírito se encontrava investido de outros corpos transitórios comuns a realidades como a sua... — tentei expressar a guisa de resposta, obviamente desnecessária, porque aquele ser seguramente percebia o modesto marco vibratório espiritual que me caracterizava a lenta e complicada jornada no campo da evolução cósmica.

— Estudávamos juntos... sob a coordenação do nosso mestre codificador, quando sua família envolveu-se com a questão que os trouxe até o mundo em que ora viveis. — explicou-me, enquanto com o olhar “chamou” alguns que

lhes eram semelhantes, como também outros totalmente diferentes, apesar do padrão humanoide comum que caracterizava todos.

Repentinamente, vi-me à frente de doze entidades extraterrestres que me saudavam fraternalmente, sem que, de minha parte, pudessem receber algo semelhante a título de retorno, pois a surpresa havia se estabelecido no meu psiquismo espiritual. O fato é que dos duzentos e cinquenta e sete seres cósmicos — como mais tarde seria informado — que haviam chegado, distribuídos nos vinte e nove núcleos potencializados referidos anteriormente, ali estavam à minha frente doze deles, que aguardavam compreensivamente o meu reequilíbrio, sendo que quatro dentre eles eram em tudo semelhantes ao ser que se comunicava comigo — à exceção da tonalidade dos cabelos e dos olhos. Os demais, porém, apresentavam claramente origens planetárias distintas, sendo quatro delas de polaridade feminina, semelhante aos padrões terrenos, e três outros cuja situação existencial me era simplesmente impossível definir com os parâmetros da lógica da Terra. Já havia sido informado de que, para além dos gêneros masculino e feminino que marcam a natureza terrestre, existiriam outras polaridades ou espécies extraterrestres que transcendiam por completo o nosso entendimento. E ali estava me defrontando com três casos distintos sem que pudesse esboçar o mínimo padrão conceitual no campo da compreensão. Tudo o que podia perceber é que dois daqueles seres apresentavam padrão vibratório superior a todos os outros que me rodeavam.

Na verdade, extrapolando a análise feita em relação aos seres que me estavam próximos, observei, claramente, que não existiam somente aqueles três com expressão de polaridade diferente das usualmente conhecidas. Pelo que pude ser depois informado, estávamos nos defrontando com cinco padrões distintos de “polaridade sexual” além dos gêneros conhecidos na natureza terrestre. E pelo que me foi explicado, aqueles padrões eram em tudo mais sofisticados do que os aspectos de “masculino” e “feminino” conhecidos na Terra.

— Fomos todos seus colegas de curso... devo informar que ainda estudamos por lá, pois o programa continua sendo seguido nos termos que você chegou a conhecer. Estimamos que, mais uns dezoito mil anos terrestres, e estaremos concluindo a presente etapa de aprendizagem. — transmitiu-me o ser enquanto aguardava que a minha curiosidade tivesse livre curso na incessante observação que fazia dos demais, ao mesmo tempo

em que procurava compreender o que me estava sendo informado.

Após alguns instantes, continuou a me transmitir outras informações, explicando-me que, depois de cumprida a programação daquele encontro nós voltaríamos a nos encontrar para restabelecer contato o qual, segundo ele, seria agora perene, independente do meu espírito continuar a desenvolver as suas vidas transitórias na Terra ao longo dos próximos séculos.

— Da nossa equipe de estudo você foi um dos poucos a ser exilado, naqueles momentos tumultuados pelos quais todos passamos. Na verdade, você é o único que ainda permanece nesse estado. Mas não se preocupe porque você perdeu somente alguns “dias de aula” facilmente recuperáveis. Como você sabe, essas centenas de milhares de anos durante as quais o seu espírito permaneceu inserido no fluxo das vidas terrenas, para o nosso modus vivendi significam alguns poucos dias. E a mensagem que lhe trago da parte do nosso mestre codificador diz respeito ao fato de que a sua experiência acumulada na arte da codificação levada a efeito em algumas das suas vidas na Terra tem relevante valia perante as leis universais.

— Solicitado pelos seus mentores, sabemos da hesitação que se estabeleceu no seu psiquismo espiritual. Ainda assim, prontificou-se a fazer o que possível fosse na difícil arte de adequar à compreensão terrena as elucidações de ordem celestial, o que por si só vale para você como também para nós, como preciosa matéria de estudo a ser aprofundada sob outras óticas de análise. Além do que, tudo o que se faz na Terra, de bem ou de mal, parece ser algo singular nessa parte do cosmos, motivando-nos a surpresa quase que incessante à medida que os observamos. — “disse-me” ele.

— O interessante é que você já foi obrigado, por força das circunstâncias do exílio terrestre, a cumprir a função para a qual você ainda estava se habilitando e que tinha e tem como objetivo o estudo da codificação dos parâmetros da edificação da vida em outros quadrantes do universo que conheceis a partir da Terra. Esse aspecto, para todos nós, serve, portanto, como base de estudo e é este um dos motivos pelo qual aqui nos encontramos. A sua estratégia de compor blocos de entendimento sobre os temas dos contextos que envolvem a realidade terrestre, de modo que qualquer um possa ter acesso, e que possa fazê-lo livre das amarras do proselitismo, tem serventia singular aos nossos olhos. — explicou-me o ser cujo nome, que mais tarde viria a saber, quando pronunciado na fonética terrestre aproximava-se de Aye Mon Yel.

Agradei a generosidade das observações enquanto recebia dos demais outras impressões sobre os dias vividos no sistema de Capela.

Não sei se devido à energia pessoal daqueles seres ou por alguma outra força ali presente, o fato é que comecei a sentir-me de tal modo envolvido por algo, que os arquivos mais profundos da consciência foram sendo abertos por processo que não ouse explicar, e sem maiores preparações de minha parte passei progressivamente a acessar as vivências daqueles dias antes do exílio para a Terra. Cheguei mesmo a me recordar de situações vividas com pelo menos três das doze entidades com as quais confraternizava. Mais tarde, perguntei a um dos mentores espirituais que ali estava presente entre as parcelas dos desencarnados, se seria possível e, caso fosse, em que nível poderia me recordar daquele reencontro memorável quando estivesse novamente limitado à minha condição de homem da Terra. Escutei dele: “o que lhe for suficiente para o desenvolvimento dos trabalhos de esclarecimento como também para solidificar o seu aprendizado”. Quanto ao primeiro aspecto, já sei do que se trata pelo fato de estar produzindo estas linhas; em relação ao outro, porém, ainda estou por descobrir o significado do que me foi dito.”

*Alguns anos depois, em 2008, novamente tive a grata percepção do “Codificador de Zion” quando das desagradáveis experiências que vivi junto ao Demiurgo, que se encontram descritas no livro **“Inquisição Filosófica”**, cujas principais passagens relativas ao meu encontro com o “Velho Mestre de Zion” reproduzo abaixo:*

“No centro do átrio, um ser de proporções muito acima da altura da média dos humanos da Terra foi se adensando, ao mesmo tempo em que as cintilações ao seu redor iam diminuindo diante dos nossos olhos, como se o mesmo estivesse se adequando à forma com que pretendia se apresentar perante aquela assembleia. Instantes depois, eis que alguém de forma humanoide, com pouco mais de dois metros de altura, apresentando-se à moda dos nórdicos terrenos, com uma cabeleira longa aloirada com mesclas esbranquiçadas cobrindo-lhe os ombros, fez-se presente no ambiente.

— Sou aquele a quem no decurso dos tempos da Terra ficou conhecido por Javé.

Para minha total surpresa, após a afirmação inicial, percebi que não era somente eu entre os presentes a estar surpreso com a presença daquele ser que, pelo que sempre foi “conversado” nos ambientes espirituais “mais próximos” à Terra, jamais havia se apresentado “clara e objetivamente” a

um grupo de “humanos terráqueos” como o fazia naquele momento, ainda que estes estivessem naquele artefato voador ali estacionado. No passado, ao tempo de Moisés ele o havia feito, mas de outro modo, utilizando-se de assessores e de artifícios tecnológicos.

Outro aspecto inusitado que vim a perceber depois é que, apesar dele não atinar e nem perceber as “faixas espirituais mais elevadas”, diversos espíritos nelas residentes ali se adensavam, dentro das circunstâncias mentais-tecnológicas únicas daquele lugar, mas o Senhor Javé parecia não “perceber” este aspecto daquele encontro. Assim penso porque ele em nenhum momento se referiu a “espíritos”. Para ele era como se todos ali presentes “vivessem na Terra” e/ou em outros mundos do universo ou em dimensões a este vinculadas, penso eu.

Estranhamente, aquele ser agiu como se fechasse os seus olhos por alguns breves momentos em que o silêncio profundo e inquietante foi a tônica naquele ambiente. Após um “período de tempo” difícil de ser qualificado, ele tornou a se expressar de tal modo que a sua “voz mental” parecia explodir no meu psiquismo, e creio que o mesmo acontecia com os demais que ali se encontravam.

— Sou o que sou desde os tempos em que criei este universo-mãe, no qual existis, e assim serei enquanto sobre os meus ombros estiver a responsabilidade de conduzir até o fim da experiência criadora a obra existencial por mim arquitetada.

Novo e inquietante silêncio enquanto, de minha parte, tinha dificuldade de fixar o foco do “meu olhar” naquele ser.

— Muitos dentre vós já o sabem; outros, não. Por isso agora o reafirmo: eu sou aquele que é e assim serei enquanto nos meus universos me fizer presente. Tudo o que mais além de mim é hoje, o que é mais ainda virá a ser, porque o “vir a ser” é manifestação da minha vontade sempre presente na realidade ascensional de cada ser por mim criado para viver neste universo mais denso. Eu não! Sou o que sou e não virei a ser nada além do que sou! Afirmo, porém, que tudo o mais que ainda virá a ser além de mim mesmo, assim será por força da minha vontade, para que ao Pai dos Deuses Criadores, ao Pai de todos nós, ao Pai de todos os universos e realidades, possa eu prestar contas no tempo devido e homenageá-lo.

Perante o meu psiquismo, as “expressões de Javé” se sucediam muito rapidamente, e o modo com elas “explodiam” na minha mente deixavam-me hesitante sem que me ocorresse a “certeza natural” de que estávamos

entendendo o que alguém está nos dizendo, como de sorte acontece normalmente nas conversas terrenas. Fiquei em dúvida durante todo aquele encontro porque já havia percebido tantos perfis psicológicos contraditórios naquele ser que aquele agora demonstrado somente me parecia o que ele mais usava para se apresentar como “alguém dominador”.

— Quando esses tempos estiverem chegados para mim, deixarei de ser o que sou para tornar a ser o que sempre fui desde os tempos anteriores à criação deste universo mais denso e das demais dimensões que o envolvem. Assim o digo, pois estou diante, pela primeira vez, desde há muitos milênios dos tempos terrestres, de seres que contra mim e os meus se posicionaram de modo contrário, em muitas conflagrações, e ainda não se curaram de todo da doença recalcitrante. Além do que, alguns deles, até os tempos atuais, ainda teimam por não se subordinarem aos meus desígnios. Aceito-os, contudo, com a expressão amorosa possível à minha natureza, mas não os aplaudo e muito menos posso estimulá-los a seguirem com a postura da não subordinação aos meus desígnios. Assim o digo!

— Aqui estou — continuou o Senhor Javé, após uma pausa em que seus olhos repousaram sobre toda aquela assembleia reunida — para pormos um fim à etapa de isolamento da Terra, para que esta possa voltar a ter os seus circuitos celestiais novamente abertos ao intercâmbio cósmico. É chegada a hora do fim do isolamento, assim o digo!

— Dentre vós, muitos foram por mim escolhidos para serem a extensão de mim mesmo, nas tarefas necessárias a serem executadas na Terra que permitiram, por fim, que chegássemos aos dias atuais com boas perspectivas quanto ao futuro. Aqueles a quem chamais de Adão, Enoch, Noé, Abraão, Moisés, Jesus, Maomé, dentre muitos outros que me ajudaram na condução dos caminhos que tracei para a redenção desta humanidade, foram e são meus agentes da minha vontade, que tornou possível chegarmos ao presente. Outros tantos sempre se posicionaram contra os meus agentes, nas muitas páginas da história. E foi dentre estes últimos, reaproveitados por força da insistência amorosa daquele a quem chamais de Jesus, que por circunstâncias diversas fui obrigado a escolher para ser o meu agente nesses últimos tempos, mesmo com toda dose de teimosia e de orgulho que ainda marca o seu espírito e as suas demais personalidades construídas ao longo das vidas terrenas. Ainda assim, o escolhi para que fosse ele o responsável inicial pelos processos de esclarecimento espiritual e cósmico para os terráqueos, com o intuito de viabilizar a reintegração da Terra.

Enquanto o Senhor Javé se expressava, com a atitude mental que lhe era própria, e que penetrava as nossas mentes sem que nos fosse possível desviar a atenção do que por ele era transmitido (apesar da insegurança no campo do entendimento), cheguei a entrar em estado de desequilíbrio pela inquietante sensação que em mim se instalou.

Afinal, a minha condição humana estava sendo — a meus olhos — desagradavelmente “perseguida”, conforme podia avaliar, pela insistência de seres extraterrenos que agiram nos últimos anos de modo a “me controlar” para servir ao Senhor Javé, o que me era profundamente constrangedor sob a perspectiva dos meus valores pessoais. Além do que, a insistência daqueles seres havia transformado a minha vida terrena em um “inferno” que se expressava lenta e desagradavelmente no meu cotidiano. Mais ainda: a interferência indevida e aos meus olhos defraudadora que a cada momento podia perceber nos fatos que me eram próximos, terminaram criando no meu psiquismo uma “perigosa desistência” em esperar algo decente, que a minha lógica terrena assim pudesse considerar. Como se ainda não fosse suficiente, ali me encontrava agora sendo novamente admoestado pelos mesmos seres e seu comandante, o que me perturbava consideravelmente.

Quando cheguei mesmo a pensar que o meu espírito fosse passar por alguma situação de desequilíbrio “mais sério” naquela circunstância — foi o que na hora pude pensar — senti uma portentosa vibração espiritual próxima a mim, a qual, simplesmente, parecia ter o condão de tranquilizar-me, como se aquela energia pudesse se contrapor à inquietante vibração vinda do Senhor Javé.

Quedei-me, entre aturdido e surpreso, mas sem conseguir atinar com o que estava ocorrendo à minha volta. Simplesmente pude perceber expressões de cumplicidade amorosa, como se uma espécie de conspiração fraternal estivesse em curso e que me envolvia com suas vibrações, promovida por seres que pareciam se encontrar no recinto, mas de cujas identidades eu nada sabia.

— Convoco — continuou o Senhor Javé, na medida em que os detalhes da feição por ele assumida tornavam-se cada vez mais claras diante das nossas percepções — para que se faça presente à minha frente, aquele a quem tive que escolher para ser o meu agente nesses primeiros tempos da reintegração. Espero, assim, que de uma vez por todas, venha ele a resolver as suas pendências criminosamente acumuladas para comigo, seu Senhor e

Pai, ao longo de tantos movimentos rebeldes que a nada conduziram. Assim o faço, desprovido da minha condição de criador, de senhor deste universo a que pertenceis, colocando o foco da minha natureza na irmandade que nos une a todos em torno do objetivo comum de redenção de todos vocês. E como não devem existir questões misteriosas entre nós, que o meu agente se expresse claramente, diante de mim e de todos os presentes, como forma de chegarmos a bom termo com os meus desígnios. Adiante, filho de mim mesmo. Nada temas!

A “forma perispiritual” — ou algo que a isso se assemelhe — nos moldes da minha atual personificação terrena, permaneceu como se incapacitada de deslocar-se, através da “volitação”, à presença do Senhor Javé, conforme ordenado.

Na verdade, enquanto escrevo estas páginas, uma dúvida angustiante me assalta o psiquismo terreno, pela opção que fiz em relatar os fatos como se este tivessem ocorrido numa espécie de “faixa de realidade espiritual/astrol muito densa”, imediatamente adjacente à realidade material. Tudo o que agora penso saber, como já informei, é que “aquela faixa de realidade” havia sido gerada exclusivamente para aquele encontro, apesar de não ter a menor ideia de “por quem” ou “pelo o quê” aquilo havia sido criado. Sentia-me, porém, exatamente como me sinto na condição humana e é nesse aspecto que reside a minha “insegurança narrativa”.

Para meu encantamento, algo começou a aquecer-me o íntimo, tranquilizando-me, e pude então ver um dos presentes se dirigir até próximo de onde se encontrava a “projeção” do Senhor Javé, fazendo um gesto o qual, nos costumes terráqueos, seria visto como “ajoelhar-se” diante de Javé. Este o encarou durante algum tempo até que fazendo um movimento estranho e meio desconexo com a cabeça, expressou-se:

— Não, ó Mestre Codificador, não o faças perante mim... penso que és um dos maiores dos ditos em união com o Deus Maior... esta é a primeira vez que nos encontramos e perante ti não preciso apresentar-me como dominador. — expressou Javé gravemente.

Enchi-me de júbilo e de pronto compreendi as sensações anteriormente sentidas. Ali estava o meu velho mestre e amigo dos tempos do mundo de Zion, antes da minha personalidade espiritual/cósmica ter sido exilada para a Terra no meio da conflagração luciferiana. Para minha surpresa, ele ali estava e, mais ainda, interferindo numa situação cujo significado e importância simplesmente não conseguia atinar.

— Sim, ó Senhor Javé. És Co-Criador com o Deus Incognoscível e mereces de todos nós os louvores e o reconhecimento por tudo que fazes e fizestes em benefício dos viventes. Resido no universo denso por ti criado como forma de mais aprender e de serviço no apoio aos que estão construindo a redenção de suas consciências. Peço-te vênua, ó Senhor Javé, para ressaltar que a condição espiritual daquele a quem convocaste para se posicionar diante de ti, por se encontrar vinculado ao corpo carnal que lhe é comum, e mais ainda estando diante da tua presença pela primeira vez nos moldes em que agora ocorre, e vivendo os dias difíceis da transição terrena, peço-te que leve isso em consideração, pois não lhe deverá ser fácil expressar-se diante de ti. Peço-te, pois, que conduzas de outro modo o presente encontro, em obediência aos altos preceitos que nos unem em torno da evolução espiritual que envolve a todos nós. — disse o Velho Codificador, cuja feição, à minha sensibilidade, parecia ser o que de mais belo e singelo alguém poderia ostentar.

— Não te preocupes, ó Mestre Divino, o que agora faço é um desejo que minha natureza pessoal há muito acalenta, pois pretendo utilizar-me do teu afilhado espiritual como foco de demonstração para os que vivem na Terra em relação a como os vejo..., de como gostaria de tratar com cada um desses filhos que me estão com os seus corações ainda muito distantes de mim.

— Tranquiliza-te porque as minhas intenções que sei, por força da natureza que me marca a personalidade inserida no contexto da minha Criação, não podem ser por vós percebidas, nem mesmo por ti que és grande na unificação com o Deus Supremo, são as melhores que posso ter em relação a ele, e já não busco disciplinar especificamente ao teu afilhado... confesso que, em parte, já não mais insisto... em benefício das intenções que nos são comuns. — “disse” o Senhor Javé olhando friamente na minha direção.

— Ainda assim, ó Senhor Javé, rogo-te suavidade para com a sua condição frágil de espírito vinculado a um corpo da tua magnífica Criação... além do que, insisto, os seus dias na Terra não têm sido fáceis por força da tua estratégia que o envolveu nos moldes sabidos por ti. E lembro-te, ó ser criador, **que a tua força mental varia junto com o teu estado de consciência... cuida pois em não agredi-lo inadvertidamente já que a tua natureza ainda não absorveu plenamente a que é comum à condição humana** — novamente ponderou, para minha perplexidade, o Velho Mestre de Zion.

— Tranquiliza-te... deixa-me lidar com um dos meus agentes na Terra, daquele que, no momento, mais dependo do seu livre-arbítrio para levar a bom termo o que pretendo. Garanto-te que serei eu, no final, a me surpreender com o que aqui acontecerá, muito mais do que todos vós — expressou o Senhor Javé dando ênfase às últimas palavras.

— Faz-se mister que, alguém submetido aos ditames da raça que pretendi criar em outros moldes comportamentais bem diferentes de como hoje se porta esta humanidade, um dos que no passado teve parte entre os rebeldes, e que diante de mim represente os humanos da Terra, por minha própria escolha, possa dizer-me claramente o que pensa e ouvir de mim o que penso e desejo para essa família planetária teimosa e recalcitrante. Faz-te presente agora perante mim, tu que rejeitastes e rejeitas o concurso que te solicitei nos moldes por mim pretendidos.

A um olhar do Velho Mestre, que permaneceu no lugar onde se encontrava quando se dirigiu a Javé, como se a me convidar para me deslocar até ele e ali permanecer ao seu lado naquele momento ímpar e algo absurdo para os meus padrões, deixei-me movimentar na direção pretendida. Para meu próprio espanto, pretendi ajoelhar-me diante do Senhor Javé, mas simplesmente não conseguia levar a efeito o ato pretendido. Que estranha paralisia era aquela que me dominava a atitude perispiritual — se realmente era aquele o caso — e que me impedia de apresentar os meus respeitos àquele que era o deus-criador deste universo? Consegui algo fazer, inclinando levemente a minha cabeça, mas sem deixar de fixá-lo, enquanto percebia, de sua parte, uma expressão algo melancólica que se alternava com ares de uma dolorosa ironia, e o espantoso para mim, com certo aspecto amoroso.

— Um dos “Grandes” aqui presente, majestoso que é em si mesmo e na sua união com o Pai Supremo, saudou-me com sua grandeza d’alma, fazendo-me sentir menor diante dele e de todos que aqui estão. — “disse” o Senhor Javé em relação à atitude do Mestre Codificador que havia se ajoelhado diante dele.

— Tu mal consegues me endereçar uma saudação qualquer... Reconhecimento ao que sou e ao que represento, sei que de tua parte nem posso pensar em receber. Contudo, sei também que não me faltas com o respeito que me é devido por força da tua natureza. Não! Sei que não me agrides assim porque queres já que desde que te acompanho sei como te esforças para não agredir aos que te cercam a vida na Terra. Apenas te

parece ser impossível submeter-se aos meus desígnios e à minha vontade... É isso que devo pensar? – questionou-me o Senhor Javé.

Permaneci em silêncio, agora com os olhos postos naquele tipo de chão translúcido próximo aonde se encontrava o Senhor Javé.

— Expressa-te, pois, livremente, porque aqui, como o sabes, nada existe para ser disfarçado. Finalmente, concedo isso a ti como também aos demais que aqui estão. Sei que, de todos, tu és o que no momento mais se sente agredido pelo meu modo de ser e de agir. Mas aproveita, antes que me arrependa, e expressa tudo o que vai no teu íntimo pois isso está claramente à vista de todos... e tu sabes disso. Fala, portanto, o que quiseses falar. O que tinhas para me agredir... bem, já o fizestes. Mas isso é entre mim e ti... Peço-te, pois: já que não me homenageias com a tua atitude não te preocupes em me homenagear com as tuas palavras, pois sei que nada de ti devo esperar nesse sentido. – tornou a se expressar o Senhor Javé entre irônico e trágico, e com o indisfarçável ar de melancolia.

Julguei aquilo tudo um grande absurdo, um deus-criador agir daquela forma, o que sempre foi e é, para meus padrões, traços de um psiquismo afetado e doentio. Procurei firmar-me no apoio vibratório que sabia estar recebendo dos presentes e, em certo momento da minha hesitação, um sentimento de tranquilidade dominou-me o psiquismo e, com uma ousadia que não me poderia supor possuir, encarei novamente aquele ser, mas nada potencializei em “termos mentais”. O foco da minha atenção “escapou” na tentativa de compreender como eu poderia me sentir tão tranquilo e em paz diante daquela experiência singular e permaneci em silêncio.”

Desde esses acontecimentos do ano de 2008 que não mais havia tido vivência direta com este “Codificador de Zion”, ainda que, ao longo dos anos 2013, 2014 e 2015, o que restava da minha sensibilidade, foi invadida por um outro nível de experiência agora com os três “Senhores da Trimurti”, o que registrei como pude no livro **“Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia”**.

O que registrei nestes livros era o pouco que julgava saber sobre o “Codificador de Zion”, apesar de sempre ter achado a sua figura enigmática e estrategicamente discreta, ainda que não soubesse em que sentido aquela sensação apontava.

Ao longo do último semestre do ano de 2016, comecei a descortinar naturalmente o sentido da estratégia de atuação do “Velho Mestre” – esta é uma outra forma de tratamento que a ele dedico.

A abertura total dos arquivos da mente espiritual que anima a minha presente personalidade se deu quando da “correção” que fiz na primeira versão do livro **“Homoafetividade – O Segredo Perdido do Éden”**, ao relatar fatos referentes a um esquecido **“Colégio Druídico”**, que aparece na narrativa.

Ao corrigir o livro, preparando-o para a edição, deparei-me com a repentina recordação do que havia presenciado quando das vivências do já citado livro **“O Testamento de Jesus”**, quando ali me referi a algumas polaridades diferentes das expressões “macho” e “fêmea”, que conhecíamos na Terra, cujo trecho novamente destaco em escala reduzida para melhor situar o(a) leitor(a).

*“— Estudávamos juntos... sob a coordenação do nosso mestre codificador, quando sua família envolveu-se com a questão que os trouxe até o mundo em que ora viveis. — explicou-me, enquanto **com o olhar “chamou” alguns que lhe eram semelhantes, como também outros totalmente diferentes, apesar do padrão humanoide comum que caracterizava todos.***

*Repentinamente, vi-me à frente de doze entidades extraterrestres que me saudavam fraternalmente, sem que, de minha parte, pudesse receber algo semelhante a título de retorno, pois a surpresa havia se estabelecido no meu psiquismo espiritual. O fato é que dos duzentos e cinquenta e sete seres cósmicos — como mais tarde seria informado — que haviam chegado, distribuídos nos vinte e nove núcleos potencializados referidos anteriormente, ali estavam à minha frente doze deles, que aguardavam compreensivamente o meu reequilíbrio, sendo que quatro dentre eles eram em tudo semelhantes ao ser que se comunicava comigo — à exceção da tonalidade dos cabelos e dos olhos. Os demais, porém, apresentavam claramente origens planetárias distintas, **sendo quatro delas de polaridade feminina, semelhante aos padrões terrenos, e três outros cuja situação existencial me era simplesmente impossível definir com os parâmetros da lógica da Terra. Já havia sido informado de que, para além dos gêneros masculino e feminino que marcam a natureza terrestre, existiriam outras polaridades ou espécies extraterrestres que transcendiam por completo o nosso entendimento. E ali estava me defrontando com três casos distintos sem que pudesse esboçar o mínimo padrão conceitual no campo da compreensão. Tudo o que podia perceber é que dois daqueles seres apresentavam padrão vibratório superior a todos os outros que me rodeavam.***

Na verdade, extrapolando a análise feita em relação aos seres que me estavam próximos, observei, claramente, que não existiam somente aqueles três com expressão de polaridade diferente das usualmente conhecidas. Pelo que pude ser depois informado, estávamos nos defrontando com cinco padrões distintos de “polaridade sexual” além dos gêneros conhecidos na natureza terrestre. E pelo que me foi explicado, aqueles padrões eram em tudo mais sofisticados do que os aspectos de “masculino” e “feminino” conhecidos na Terra.”

Foi por volta do ano 2005 que passei a conhecer a questão que na Terra viria a ser chamada de “identidade de gênero”, que já existia bem antes do surgimento da vida animal na natureza terrestre, algumas das quais se sentiam profundamente inadequadas frente as duas únicas opções de corpo macho e fêmea que nela veio posteriormente a surgir – os corpos pluricelulares macho e fêmea nasceram no seio da chamada explosão de vida cambriana ocorrida há cerca de 540 milhões de anos.

Naquele tempo, em que ainda não havia decidido lançar livros explicando as questões da homoafetividade e da inadequação de muitos espíritos quando se veem obrigados a assumir uma das duas únicas opções de sexo existentes na natureza animal, foi quando as explicações que aqueles seres então me forneceram sobre a matéria e muitos outros temas, foram-me apresentadas como se fosse um “recado do Velho Mestre de Zion” para o seu aluno desgarrado.

O conjunto daqueles eventos, lembrados em pleno ano de 2016, novamente remeteram o meu psiquismo ao canal do “Velho Mestre” que, desde então, para minha surpresa, foi aos poucos me esclarecendo sobre determinados aspectos ocultos que sempre envolveram a humanidade.

Percebi que o roteiro dos fatos ao meu redor não era casual, e que, na verdade, obedecia a um planejamento que agora começava a ser executado, o que **agora o permitiria me explicar a questão dos Logos Universais.**

Foi assim que dele recebi uma mensagem a qual reproduzo no capítulo 5, a seguir.

A MENSAGEM DO CODIFICADOR DE ZION

ASSIM SE EXPRESSOU o “Codificador de Zion”, que se identificou como Olm, na sua mensagem recebida por mim:

“— Meu filho e agente da nossa estratégia esclarecedora. Peço-lhe que me permita assim chamá-lo, pois vejo nos terráqueos os filhos e filhas mais despertos – ainda que aturdidos, por enquanto –, do meu propósito existencial. Finalmente é chegado o momento de “conversamos” abertamente.

Há pouco mais de um milhão de anos, assim tidos à moda dos humanos registrarem o tempo, quando a sua consciência se encontrava associada à anterior condição de ser bio-demo que o marcava, dentre os Val, convidei-o a participar, junto com outros membros de famílias dos povos do sistema de mundos da estrela Capela – assim chamada pelos terráqueos –, de uma escola que pretendia formar “agentes esclarecidos da busca da verdade” sobre o entendimento relativo ao fenômeno da vida cósmica que envolve os seres que emergem para o ciclo de existências que a movimentam.

Devido às circunstâncias advindas do evento que passou a ser chamado de “Rebelião de Yel Luzbel” – “Rebelião de Lúcifer” –, há algum tempo a sua consciência agora se encontra vinculada ao ciclo das vidas terrenas.

Ainda que, naqueles evos, o curso não tenha sido possível ser completado devido às ocorrências que levaram as famílias Val, Yel, Mion, Shanlung, Cromon, dentre outras, a se envolverem com os desdobramentos do problema, parte dos meus alunos se viu tragada pela avalanche daqueles “dias capelinos”, e assim os meus treinandos se perceberam em plena aventura de passarem a conviver com contextos e circunstâncias então

impensáveis.

A prática e a vivência que o isolamento forçado na Terra forjou na sua consciência, associadas ao adestramento, ainda que incompleto, por ela percebida, fizeram das últimas personalidades terrenas do espírito que o anima, agentes da codificação, da arte da decifração da verdade, que permanece camuflada ao olhar dos tipos de seres surgidos para a existência no âmbito desta Criação.

O espiritismo, adrede engendrado para ser uma expressão do Quarto Logos, foi abraçado pelas características do Terceiro Logos, porquanto inevitável.

Se antes a intenção era a codificação de uma disciplina esclarecedora, que fugisse do culto da fé e da credence, que podem até fornecer o refúgio e a consolação – o que já foi e continua a ser uma preciosa etapa evolutiva do psiquismo cósmico – mas que, se mal cuidadas, tornam-se pouco edificantes como instrumento de busca da verdade, chegando mesmo a impedir a constatação desta.

E a busca da verdade, pela necessidade da decifração do contexto problemático no qual todos estamos inseridos, não pode ser substituída pela fé, que deveria ser tão somente um estágio na evolução desta humanidade, e não o seu fim pretendido em termos de “postura psíquica” para os terráqueos.

A fé, de fato, “move montanhas”, mas não as constrói ou remodela o que nelas possa precisar de ressignificação.

A função da vida não é a de gerar fé ou tipos de crença para adequar painéis de um contexto metafísico às maneiras física e psíquica que movem a natureza humana. Ao contrário, pois é a natureza humana e outras que virão a compor, no futuro universal, a base de uma nova consciência para os que labutam em realidades alternativas, ainda por serem espiritualizadas, que se encontram situadas além das fronteiras deste universo prenhe de vida biológica.

A fé ajuda a manutenção do psiquismo equilibrado, porém não necessariamente o esclarece e muito menos o desenvolve, e a “Mente Universal” emergente precisa se desenvolver. Foi, enfim, produto do Terceiro Logos ao qual estamos todos associados como estágio natural do crescimento da natureza humana e de todos os seus agentes, pois que, por muito tempo, o esclarecimento não pôde habitar este mundo devido aos limites das suas possibilidades.

Muitos dos agentes do Terceiro Logos preferiram finalizar os seus concursos sem terem podido cuidar de todos os pontos da sua pretendida agenda na Terra e em outros quadrantes do universo material. Além do que, optaram por deixar para as suas próximas expressões pessoais o complemento dos esclarecimentos ainda por serem feitos – e assim será.

De minha parte, porém, começo atuando por meio dos meus afiliados porque não estou submetido a qualquer estratégia – das muitas que existem em curso – de trabalho conjunto com a consciência central do Terceiro Logos.

Estamos, há muito, combinados que os processos de cada Logos começam quando as suas “consciências-chave” particularizadas resolvem ou decidem abrir a próxima etapa de progresso com seu novo “zeitgeist”, impedindo, assim, que o problema de um Logos ou a sua impossibilidade de completar a tarefa global interrompa o “processo universal” de seguir adiante.

Por isto, antes mesmo que a mais atual e ativa das personificações do Terceiro Logos – Sophia – venha a se fazer presente nos ambientes terrenos, ainda que a sua movimentação pessoal atinja todo o cosmos, começamos, eu e meus agentes, a nos movimentarmos no sentido de produzir as primeiras páginas da “Revelação Cósmica”, que resgata o oculto e esclarece o inusitado, dentre outros aspectos.

É mister que o façamos!

Muito do que existe no âmbito do trabalho dos Logos Criadores, que estruturaram as duas grandes faixas de realidade sob o comando das suas mentes, desde que a geração que as comporta veio a ter lugar – Brahma e a sua força criadora “rajas”, Vishnu e a sua força estabilizadora e organizadora “sattva”, e Shiva com sua força “tamásica” recicladora e de garantia de finalização – está indelevelmente marcado pelas dificuldades dos “mergulhos” conjugados ao exercício do poder que as suas consciências se obrigaram a fazer.

Não foi este o caso da consciência que me define como ser particularizado.

Mergulhei quase que diretamente no universo material, junto com a expressão de Mohen So – expressão intermediária entre o padrão Adhydaiva de Vishnu e a sua expressão Adhyajna de Sophia – para a ele irmanar-me na “aventura que nos aguardava: a de descobrir um modo mental de evoluir sem deter qualquer tipo de poder”.

Esta “aventura” se apoiava nos desdobramentos produzidos pelas “equipes autogeradas” para trazer do universo demo a “semente do código da vida mental” do Primeiro Logos, mas já influenciada pelos dois outros Logos posteriores.

Com toda ordem de sacrifício, alguns dos “agentes fenvans” conseguiram se recriar no âmbito deste universo físico, naquele tempo, ainda a ser “naturado” ou “biologizado”, oportunidade em que Mohen So se desconstituiu para formar Sophia, quando também me assumi como seu “irmão de biologização”.

Não passei pelo universo demo para poder melhor me assenhorar da arquitetura do processo de transformar o “código da vida clone-demo” em “vida biológica”, o que fomos fazendo ao produzirmos gerações sucessivas de seres com novas versões psíquicas para este fim, como uma das dimensões do “Projeto Talm”, assim nominado pelos “astronautas interdimensionais” “Fenvans”.

Enquanto isso, a personificação central do Segundo Logos, Shiva, assessorado por suas expressões “avatáricas”, cuidava da segunda dimensão do “Projeto Talm”, vinculada ao que, no futuro, seria também a produção de novas identidades psíquicas vinculadas às polaridades sexuais, com vistas à reprodução genética, via caminhos biológicos.

Do meu lado e do de Sophia, muitas classes de seres sem qualquer expressão sexual foram criadas, até que por volta de 932 milhões de anos atrás, começamos a produzir os “seres bio-demos” nos quais fizemos, eu e Sophia, que fossem neles imantadas algumas consciências que haviam se adestrado para esse tipo de tarefa antes mesmo de nos apartarmos dos ambientes espirituais, aos quais estávamos vinculados antes de mergulharmos nas duas componentes desta Criação.

Eu e alguns do círculo espiritual no qual existíamos, após caminhos e descaminhos pelos quais outros se perderam e se afastaram da possibilidade da missão pretendida, reencontramo-nos em plena família bio-demo, da qual pude escolher, dos que sobraram, aqueles a quem procuraria repassar a condição mental de desbravador dos limites no campo do conhecimento estabelecido para cada padrão de ser.

Foi quando criamos a “escola de decifração ou de codificação”, em Zion, um dos planetas de um sistema cuja estrela os terráqueos chamam de Capela, oportunidade em que recrutei a sua, então, consciência de bio-demo para ser um “decifrador” do que a não finalização da Criação havia

provocado, daí as “camuflagens” de muitas ordens que precisavam ser descortinadas.

Por um caminho jamais, então, intentado, que foi o problema de Yel Luzbel e dos demais bio-demos que se congregaram em torno dos seus postulados científicos, a sua trajetória passou a ser subproduto dos acontecimentos posteriormente movidos pelos postulados políticos que inevitavelmente surgiram.

Com a deflagração da “Rebelião de Lúcifer”, a vida sofrida e dificultosa, cheia de obstáculos e de desafios, foi a única escola que você e outros se viram obrigados a abraçarem como modo de sobreviver, e não pude jamais dar início à minha atuação, pois não havia como ancorar a minha consciência em qualquer outra forma viva, isso, até que o padrão mental que lhe caracteriza, há algumas vidas transitórias, finalmente edificou em si mesmo a maestria que lhe foi possível urdir. Esta, saiu em estilo bem mais próprio aos trabalhos do que a que originalmente pude vislumbrar, o que me levou a dar início ao que agora estamos atestando.

A satisfação espiritual que sinto reside no fato de que em tão pouco tempo outras mentes terráqueas, e todas elas ex-bio-demos, já se habilitaram a replicar, numa primeira onda de expansão, as principais questões pontuais da primeira fase da “Revelação Cósmica”.

Seus psiquismos pessoais se encontram tão vinculados ao tema que lhes parece mesmo praticamente impossível, após terem retomado o contato com o mesmo, relegá-lo a plano inferior de importância em suas vidas.

Um pouco mais e a ciência humana perceberá que o genoma da espécie esconde mistérios contextualizados de um passado que demarca, sim, de modo distinto, certas partes da área do genoma humano, o que poderá atestar muito do que vem sendo veiculado no âmbito da nossa revelação decodificadora.

Entre 18% e 19% dos humanos têm estas áreas mais fortemente vinculadas à “Mente Universal” emergente, que já eclodiu desde que o Terceiro Logos a fez emergir.

Esta massa crítica de humanos, ancorada neste percentual dos que vivem na Terra, precisará ser ressonante em relação aos temas que não importam aos demais humanos cujas mentes estão vinculadas ao ritmo automático da sobrevivência, o que é obviamente compreensível.

Caberá a esses poucos darem continuidade e expansão reflexiva em torno das questões pontuais do que está sendo revelado – numa segunda

onda – que fará emergir da consciência dos terráqueos o código de esclarecimento que funcionará como “chaves”, abrindo e destravando os processos mentais e seus alojamentos que precisam ser redimidos pelo conhecimento amadurecido.

Esse é o trabalho dos agentes do Quarto Logos, que, agora, passa a operar entre os terráqueos, como também entre os que, independente de onde se encontrem, façam suas mentes convergirem com o que está sendo produzido por meio da natureza humana, adequada à Terra.

Você e os demais que já se posicionaram como elos desta nova corrente de esclarecimento, compõem o que de mais novo e ousado existe em curso de expansão no âmbito do que foi gerado pelos Logos anteriores.

Eu e Sophia, num primeiro momento, e depois associados à uma expressão Adhyajna de Shiva, ainda a ser por ele vivenciada, estaremos todos unidos a cada ser cósmico que se permita servir de “agente dos novos tempos”, em que muito do que foi assumido transitória e equivocadamente como essencial terá que ser deixado de lado como aspecto acessório da evolução, para que os valores filosóficos superiores, que realmente importam à vida, possam ser percebidos, valorados e professados.

Uma nova fonte de conhecimento alternativo à ciência e à religião está sendo construída exatamente pelas consciências que dela virão a receber a sua complexa elaboração sobre as componentes colecionadas.

Esta “Mente Universal” emergente já tem seus próprios critérios de prudência lógica, o que impedirá que “verdades emocionais”, desconectadas da âncora factual, nela possam penetrar, como também apenas as mentes que vibrem no padrão da virtude filosófica e suas buscas, com ela se associarão.

As forças afetadas de egos obscurecidos, as consciências corrompidas e as mentes sem refino e desamparadas da lógica filosófica superior não mais prevalecerão contra a sua força, doravante firmada nos seus agentes e com poder de aglutinar as veredas dos seus caminhos e das suas tarefas.

É democrático, posto que a todos os seres pensantes é permitido o acesso, mas a ressonância dependerá do “fator qualidade mental-espiritual”, produzido por cada um. É a alternativa que resta ao fluxo universal, que caminha para a sua finalização, cuja arquitetura não pôde ser, no princípio de tudo, vislumbrada pelo Primeiro Logos Criador. Nesta altura dos acontecimentos, é a opção possível perante tudo o que se encontra acumulado, e caberá aos agentes do Quarto Logos personificarem esse

esforço.

Estarei com você e com todos até a consumação do nosso trabalho, nesta e em vidas futuras, em que os agentes do sonho comum que nos une venham a produzir seus esforços, aos quais sempre estarei unindo os que me forem possíveis de ofertar.

Olm.”

Li e reli muitas vezes esta mensagem desde que a pude recolher por entre os textos que me foram ditados desde o fim da “*Trimurti*”, assim decretado no segundo semestre do ano de 2015.

“Olm” era o nome – ou algo que a isto se assemelhe – do “Velho Codificador”, que soubera medir as palavras para não finalizar com as expressões de amor, gratidão, respeito ou o que fosse para com o que estou fazendo, pois não me soaria muito bem, vindo de quem quer que fosse.

Aos poucos, consegui refletir sobre as novidades que agora jorravam do “Velho Codificador de Zion” e de outros sobre as possibilidades de trabalhos a serem ainda produzidos, como também fui aceitando o “fato” incontestado de que aqueles três seres da “*Trimurti*”, após cerca de 13 bilhões de anos de tentativas e de confusões cheias de equívocos, haviam atingido o limite das suas possibilidades e das suas forças.

Tudo o que sei é que, a partir do momento em que junto a eles pude presenciar os eventos que representaram o final daquele tipo de hierarquia, desde então, finalmente, parece ter havido uma mudança no que aparentemente mais importa aos terráqueos, que é o cumprimento da promessa feita pelo homem Jesus de que “voltaria, no futuro”, mas com o seu “corpo glorioso” e “cercado por seus anjos”.

O “corpo glorioso” ou o “corpo cósmico”, a que Jesus se referiu, era o de Sophia, ente praticamente desconhecido para os padrões atuais do conhecimento terreno.

33ª Constatação:

O fim da “*Trimurti*” estava finalmente liberando os avatares de Vishnu e de Shiva para que, doravante, possam agir mais livremente em suas missões e responsabilidades.

No caso de Sophia, o fato de Vishnu ter desativado a força mental da sua condição *Adhydaiva* após a dissolução da “*Trimurti*”, propiciou uma melhor e mais potente absorção, por parte de Sophia, do “escaneamento” da consciência do homem Jesus, que a sua ressurreição produziu ao devolver ao mesmo ser – também chamado na Terra de “Cristo Cósmico” – a

componente genética que dele havia recebido para poder nascer como um simples homem.

Além disto, com as **hierarquias da “Trimurti” agora em processo de desmonte**, abriu-se espaço para a atuação do Quarto Logos, sem perigo de contenda com estas hierarquias profundamente enraizadas em atitudes viciadas, que foram produzidas pelos Logos fundadores dessa situação de “vexame existencial”.

O que não mais esperava era ter que voltar a conviver com quem quer que fosse que não se enquadrasse como “humano”, pois isto contrariava a minha opção, assumida desde o final de 2015, de que, enquanto vida me restasse, não mais desejava me encontrar com nada que me fizesse novamente alterar o meu equilíbrio psíquico – ou o que dele restava –, para poder viver os restos dos meus dias sem grandes alterações.

Assim eu havia decidido porque a “pressão colocada sobre os meus ombros”, no campo daquele tipo de convivência, há muito já me liquidara o bom humor e a capacidade de aceitabilidade em conviver com seres estranhos ao meu círculo de confiança, o qual, por sinal, estava reduzido a uns poucos terráqueos e nada mais.

Nem mesmo o “Velho Codificador de Zion” recebia de mim mais do que a minha sensibilidade humana conseguia – nestes últimos tempos da vida – ofertar aos meus afetos, entre encarnados e desencarnados.

Continuava fazendo o que faço – como, por exemplo, produzir este livro – mas, do mesmo modo que escrevi outros tantos sem ter certeza de coisa alguma, e os editava por não poder me safar aos incessantes pedidos dos amigos espirituais para que o fizesse.

Decididamente, o que suponho seja a minha vontade livre – insisto em tê-la ou pelo menos pensar que a tenho, nem que seja em diminuta dose – e algumas decisões que tomo referentes a este processo, parecem para nada servir e poucos dias depois me vi em um outro “picadeiro”.

Novamente, a noção de que tudo dera errado no “espetáculo” e, ainda, era preciso entreter a “plateia” enquanto se procurava dar um jeito num “problema dos bastidores”, fez com que mais uma vez, aos meus ouvidos, soasse a música “*Send in the Clowns*”⁽²⁹⁾. E lá estava eu, um “palhaço” sem a menor dose de humor para entreter a quem quer que fosse, em especial, a mim mesmo. Ainda assim, sem ser consultado, e por sobre a minha opção de não mais me envolver com quem quer que fosse que não pertencesse ao que, de minha parte, pudesse ser classificado como terreno, vi-me novamente

envolvido com um ser, sobre o qual havia “escutado exhaustivamente falar” quando da confecção da trilogia “***Terra Atlantis***”, mas que me era – à minha natural condição humana – até então desconhecido.

Não sei se obedecendo a algum tipo de “entretenimento” para alguma “plateia cósmica”, vi-me perante Sophia, num contato inusitado, que se deu no final do ano de 2016 e que teve alguns desdobramentos ao longo do primeiro semestre de 2017.

ENCONTRO INESPERADO

ALI ESTAVA SOPHIA, na sua forma majestosa, sob a qual, implicitamente, a condição humana de Jesus se encontrava, agora, também alojada. De pé, observava-me como se estudando o meu temperamento, analisando o que de mim poderia ele esperar por ali me encontrar.

Aquele era o “Cristo Cósmico”, referido pelo mentor espiritual Emanuel por meio do médium Chico Xavier, citado no memorável livro **“A Caminho da Luz”**. Era o ser que ostentava a “forma gloriosa” referida por Jesus nas suas promessas de retornar à Terra. Havia sido exatamente aquele ser quem se diminuía para ter seu código pessoal encapsulado e inserido em Maria, conforme descrito no livro **“A Sétima Trombeta do Apocalipse: a Volta de Jesus”**, quando os próprios assessores que cuidaram do processo de **“inseminação artificial” de certa sequência genética de Sophia, em Maria**, relataram algo da experiência.

Era um ser muito alto, com formas frias nos traços da sua expressão facial, como se construído por pequenos fractais só que ordenadas em ângulos bem definidos. Entretanto, era apenas uma impressão que parecia somente causar aquele efeito na minha condição de interpretação humana, foi o que mais tarde vim a descobrir. Também em pé o observei, ao mesmo tempo que sentia que já havia estado naquela nave gigantesca, cujas bordas teimavam por ficar fora do alcance da minha visão.

Aquele ser, porém, era aparentemente tão ou mais majestoso do que a ideia que romanticamente os terráqueos fazem do mestre Jesus, havendo nele, contudo, traços extraterrenos que denotavam distanciamento e precisão profundas, como se não lhe fosse possível ostentar, na sua expressão pessoal,

a simplicidade e a doçura do homem Jesus, cuja consciência humana agora lhe pertencia porque absorvida pela sua mente.

A ideia que o “meu eu terreno” fazia e faz sobre Jesus me obrigava a pensar se aquele tipo de ser bio-demo, por superior que pudesse parecer na altura dos seus cerca de 5 bilhões de anos existindo naquela forma, tinha a capacidade de dar guarida a experiência que ele mesmo havia produzido como Jesus, quando encarnara na Terra. **A cota humana de Jesus parecia não caber nele! Confuso?**

O paradoxo residia no fato da **condição humana ser mais complexa do que a bio-demo**, já que esta produziu aquela que, em sendo mais moderna, surgiu com mais complexidade e refino na sua elaboração genética, apesar de mais frágil e de possuir uma vida bastante curta se comparada com a dos bio-demos. Todavia, assim era e é a vida cósmica, que também está evoluindo, e os seres bio-demos são muito mais antigos e longevos que os humanos, persistindo, portanto, sobre estes, pelo menos para o nível do “Pai dos Bio-demos”, que era o caso de Sophia.

Por **desempenhar a função de “suserano cósmico”**, Sophia terá que **levar até o limite a sua função de comandar doravante os destinos do universo biológico**, enquanto o *avatar Krishna* – forma *Adhyajna keshava* especialmente de Shiva, mas também dos dois outros seres da *Trimurti*, a saber, Brahma/Javé e Vishnu – **comanda o universo paralelo, demo e antimaterial**, que existe subjacente ao nosso, como informado anteriormente. Este aspecto veio a ter lugar desde o fim da “*Trimurti*”, decretado por eles mesmos, num momento que correspondeu ao tempo terreno do final do ano 2015.

Como Jesus representa tão somente a expressão terrena de Sophia durante alguns poucos anos humanos, a **ressurreição do seu corpo mortal permitiu, na verdade, a reabsorção deste pelo corpo bio-demo de Sophia, que existe e existirá até o limite da sua atuação**. Ainda que, **sob a perspectiva espiritual, o personagem humano Jesus seja bem mais evoluído que a personagem bio-demo Sophia**, esta prevalece sobre aquele em termos de atuação no seio do universo biológico.

Somente para o romantismo católico-cristão, que embarcou na crença absurda e infantil do credo do Concílio de Niceia, do ano 325 d.C. – que, de forma ingênua, igualou Jesus a Deus, criando o mito da “santíssima trindade” para fazer frente às demais tríades que existiam em todas as principais mitologias de um tempo anterior ao destas próprias religiões –, **é**

que Jesus seria maior ou mais importante do que “este ou aquele personagem divinizado”.

Não obstante todas estas reflexões que, em velocidade singular, eram repassadas pela minha mente, aquele ser não era “simpático e agradável” como o mestre Jesus – a quem o espírito que me anima, em vida passada, quando personificava um centurião romano, conheceu no dia da crucificação – ainda que dele emanasse uma expressão algo majestosa. Todavia, definitivamente, ainda que possuísse uma forma em tudo humana, seu psiquismo não parecia possuir os mesmos padrões do que tão facilmente se pode observar na natureza que nos marca a vida na Terra.

— Finalmente, conseguimos trazê-lo até aqui... – disse Sophia.

— Estou abduzido? É isto? Sei que muitos na Terra dariam qualquer coisa para estar aqui, na sua presença. Contudo, este não é meu caso...

— Não utilize destas convenções mentais... – começou a dizer Sophia.

— Quais as que devo usar então? Estou aqui de livre vontade? Você sabe o que é isto? Por que você não respeita o ser humano – penso que você já foi um – e pergunta a ele se é da sua vontade aceitar um convite, de sua parte, para vir até aqui? Você sabe muito bem que, caso este convite me fosse dirigido, jamais aqui eu estaria...

— Por isto mesmo... – tentou justificar-se Sophia. — Do modo como as componentes da vida foram estabelecidas, ainda não é possível cumprir com estes requisitos. Não tive e nem tenho outra alternativa...

— Tem: encontre-se com o humano que você quiser, lá na Terra, e não o force a vir para cá.

— Segundo o que depreendemos, você nem nenhum outro, nas atuais circunstâncias, lidaria bem com um evento desse tipo, e o que precisamos agora abordar, lá não seria possível – retrucou Sophia. — Por isto lhe peço que permaneça e aceite as minhas boas vindas ao meu “escritório sideral”. Repito: não tenho outra alternativa! Digo-lhe mais: espero que você esteja se sentindo melhor na minha presença do que me sinto perante a sua condição humana, que sei, construiu profundas reservas contra a minha estratégia, como também ao que represento... Sei como você se sente e...

— Não diga isto... Você não sabe como me sinto! Se soubesse, não diria tamanha “perversão filosófica”! Você deve e pode saber muita coisa, mas parece que isto você não sabe. Seu modo de ser “*demodharmico*” não tem como avaliar o que sinto, ou o que um ser humano sente, e, ainda que sua consciência tenha se feito humana lá atrás, ela agora voltou a ser este

conjunto de algoritmos mentais, estruturado no poder que reside em você desde que foi engendrado para ser quem é. Você ainda não se libertou do contexto das convenções mentais “demo”, “gênero” a que, originalmente, esta sua expressão *Adhyajna* pertence. Não se engane e nem tente me enganar... Péssimo começo! Não vim aqui de bom grado e nem aqui desejo permanecer.

— Peço-lhe que permaneça pois não tenho outra alternativa, dentre os humanos, para tratar deste assunto e como você sabe, reside no genoma desta sua espécie o segredo da alavancagem de todos os que passaram a existir nesta Criação – tentou argumentar Sophia. — **Por ter sido a última a surgir, a sua espécie detém e retém, nos seus circuitos genéticos, tudo o que já foi engendrado e a base do que deverá ainda surgir como vida habilitada para construir o futuro universal.** Somente a espécie humana terráquea, neste instante cósmico, pode servir de meio de propagação dos objetivos do Quarto Logos, o esclarecimento definitivo dos mistérios que por tanto tempo emudeceram as vozes renovadoras e cegaram a tantos e que, doravante, precisam ser vagarosamente assumidos pelas gerações futuras como sendo o princípio da ressignificação de tudo, absolutamente tudo o que até agora foi colecionado pelo espírito humano.

— Muito bonito de ser dito, mas, excetuando a sua referência ao Quarto Logos, o seu parceiro em desgraça – Javé – me disse, exaustivamente, esta mesma argumentação, porém, tanto você como ele me tiveram, nos tempos atuais, e a outros humanos, no passado, ao “sabor dos caprichos” que marcam as suas disputas. Não esperem de mim uma compreensão que não merecem e nem muito menos qualquer respeito além do que ofertado a mim mesmo. Faça por onde merecer todo o respeito e amor que os humanos construíram por você, cuidando do seu legado, ainda que deixados à própria sorte, largados e vinculados a esperanças sem compromisso decente e com tempo determinado para serem cumpridas, num “cassino” de profecias que envergonha a quem pelo menos joga com os outros mantendo algum tipo de classe ou de limite. “Não vos deixarei órfãos”, presumivelmente você o disse, mas deixou-nos, sim, até este momento continuamos, e me pergunto: para que serviu o derramamento do sangue de incontáveis mártires do seu legado? Onde você estava que jamais fez coisa alguma por qualquer um desses que deram e davam as suas vidas por sua causa ou seja por que fosse? E agora, aqui está você, querendo conversar com um “reles” humano que foi obrigado a descobrir o infantilismo teológico por trás da farsa da vida, enquanto os

demais humanos sofrem e sofrem no palco de horror do qual você foi e é um dos Cocriadores, e não se apresenta ao mundo como prometeu. Quando foi que você errou mais: quando prometeu o que não podia, ou agora, em que você não pode dar resposta ao que não tem explicação decente, a não ser estes sofismas típicos das mentes demos?

— Bem... — começou a dizer Sophia. — Você está fornecendo estas explicações ao mundo exatamente porque, na condição em que eles se encontravam, os três responsáveis pelo “concerto universal”, não tiveram como se comunicar tão longamente com os terráqueos, sob pena de causarem danos irreparáveis à vida na Terra... Eu fui gerado para representar uma das vertentes dos “potenciais de remendo”, da parte deles, frente ao que fizeram, e com eles, a meu modo, consorcio-me como sendo uma das esperanças então sonhadas. É isto que represento para minha fonte original, no enredo deste drama – assim classificado por você. Não tenho como obrigá-lo a aqui permanecer... Apenas lhe peço que pense nas consequências que a sua atitude para comigo pode resultar para os que amamos e que vivem na Terra.

— Você não ama do modo como sob a forma de Jesus afirmou nos amar. Ultimamente tenho percebido como você foi transformado em alguém amoroso quando sua postura era só filosófica, o que reconheço, é uma forma de amar. Entretanto, os terráqueos romancearam a sua pessoa... Todos na Terra, os que se encantaram com a produção greco-romana atribuída à sua face, se enlevam a cada vez que pronunciam seu nome. Contudo, seu amor pode ser incondicional, mas o mesmo é sofisma puro quando colocado na ordem de prioridade com que o aplica. Parece ser um amor sem responsabilidade no campo da decência! Aqui os humanos importam por último, apesar de “cobaias”, além de viverem desavisados e covardemente manipulados! Se mil vezes você tiver que se mutilar e fazer sofrer todos os humanos como justificativa para os seus jogos com Javé, penso que você o fará e preciso lhe dizer isto, para ser honesto comigo mesmo. Admito que eu possa estar totalmente enganado... Tudo me é possível neste campo, pois sou muito “pequeno”. Sei que você poderia se propor a vivenciar sofrimentos mil na Terra, por força dos seus compromissos para com Javé, mas, para tanto, você nos deixaria “órfãos”, como nos deixou, apesar das suas promessas. Quanto sangue derramado em seu nome e, para quê, o repito? O seu sangue humano, produto das suas apostas com Javé, foi jogado sobre a sensibilidade da responsabilidade dos pecados humanos, quando tudo isto é tão somente herança do Criador “apodrecido”, a quem você diz amar. Que seja! Continue

no seu projeto amoroso, mas não use e descarte as demais criaturas como se estas fossem tão somente “massa de manobra” para os seus objetivos. Melhor seria, e penso que, mais honesto da sua parte, não ter deixado mensagens melosas para os humanos e ter agido de modo frio como o fez, antecipando a sua morte terrena e jogando o sentimento de culpa sobre a sensibilidade dos terráqueos – e ainda o faz.

— Peço que pese e pondere as suas expressões, ainda que aos seus olhos não tenha eu o direito de fazê-lo – solicitou Sophia. — Mesmo ainda assim, lhe peço: não pense em mim nem nas expressões da “Trimurti” pela qual você nutre profundo repúdio. Não vou contradizê-lo. Prefiro que o tempo da sua consciência seja outro para que venhamos a renovar a abordagem destas questões. Precisamos de você para que os demais possam saber o que precisa ser conhecido, para que o futuro possa ter lugar sem os traumas aos quais tanto você critica, e com razão. **Compreenda: falhei na minha intenção humana de levar a humanidade para Javé por meio do amor a ele.** Não que este grande movimento não tenha sido feito, pois mesmo ele, por meio de Maomé, tal o conseguiu com maestria, pois efetivamente os muçulmanos amam Alá. No entanto, **o que não sabíamos era que esta postura humana o alimentaria por tão pouco tempo, o que nos obrigou a resgatar o que estava oculto para os humanos como forma de, por meio do esclarecimento deles, o Criador viesse a assimilar as correções de rumo da sua consciência pessoal.** Você é o agente principal do processo, ainda que não se adeque, de bom grado, a esta tarefa. Contudo, sem você não iremos a lugar algum! Ele o escolheu como o seu “decifrador” e da sua Obra, e mais ainda: respeita-o como a nenhum outro, ainda que tenha demorado a aceitar a sua liberdade inegociável.

— Nada tenho com isto! Enquanto você e esta hierarquia fria e sem princípios não respeitarem a condição humana, não contem comigo para nada mais além do que já estou fazendo, escrevendo e palestrando sobre painéis, situações e entidades, sem saber se o que produzo está errado ou muito errado, pois certo não deve estar. Não tenho como captar toda a indiferença do que a natureza fria de vocês e, em especial, a sua, ainda pretende fazer desta humanidade e de outros seres inocentes e robotizados que existem nestes dois universos onde o sofrimento e o desrespeito existencial imperam.

— Escute-me... – solicitou Sophia.

Dei as costas àquele ser e comecei a me movimentar com a frieza que me era possível, enquanto sentia as mazelas acumuladas no meu corpo animal se

expressarem como comumente faziam, exigindo sempre grande dose de medicação para tornar os segundos do cotidiano suportáveis.

Novamente, tive a enigmática sensação de que ali me encontrava com o meu corpo animal, ainda que fosse somente uma ilusão psíquica, pois depois sempre os meus pensamentos fluíam no sentido de achar que a forma corporal em questão seria um tipo de corpo especial que ali me dava sustentação, sendo o mesmo semelhante ao terreno. Além do mais, para meu desconforto, sentia inclusive suas dores comuns advindas do estágio pós-convivência com Javé e com os seres que o assessoravam, que haviam ficado marcadas inexoravelmente na minha condição humana.

Repetia-se, ali, o que já havia sentido no encontro anterior com os três seres da “*Trimurti*”, no sentido de desejar sair de um lugar sem ter ideia de como ali cheguei e por onde poderia sair.

Era a mesma sensação de angústia que já conhecia, mas que, aos poucos, movida por uma força que não vinha de mim, fazia com que uma certa dose de pacificação fosse dominando a minha mente, aspecto que não desejava, pois sentia-me claramente manipulado, ainda que não atinasse com quem ou o quê poderia estar por trás daquilo.

Com o desenrolar do processo foi que percebi que o espírito que me anima a personalidade humana, associado ao “Velho Codificador de Zion”, pareciam ser os que me influenciavam no sentido de acalmar as minhas vibrações de indignação e mesmo de indiferença para com aqueles seres.

Firmei o foco da minha consciência no repúdio filosófico em relação ao modo de agir daqueles seres, enquanto pensava sobre os encontros e reuniões forçadas, que a minha sensibilidade humana se viu obrigada a conviver desde o ano de 2008, quando o autoaclamado Criador Javé se fez presente num tipo de encontro que julgava ser de “ordem espiritual” até a sua chegada, o que procurei narrar no já citado livro “***Inquisição Filosófica***”.

Depois, também já referido, surgiram os três seres da tríade do “comando universal” – a “*Trimurti*” hindu composta por Brahma/Javé, Vishnu e Shiva – que me promoveram o mais estranho e absurdo dos encontros, acompanhados de suas assessorias, o que descrevi no também já citado livro “***Inquisição Trimurtiana***”. Agora, quando pensei que a minha cota de sofrer “violências” vindas daqueles seres havia se esgotado, ali estava eu, tendo que conviver com uma das mais antigas expressões biológicas de Vishnu, que não podendo se fazer presente neste universo, engendrou aquela expressão parte demo e parte biológica, chamada Sophia, tida entre os seres que vivem neste universo

como sendo a “Personificação da Sabedoria”.

“*Todavia, não para mim!*” – pensei, enquanto me movimentava, procurando, com uma calma que me surpreendia, uma possível saída daquela situação. Tudo o que via ao meu redor eram pequenas naves ali estacionadas e seres diversos que continuavam suas tarefas como se eu não estivesse ali. Poucos me olhavam, como se algo surpresos com a presença de um “humano desacompanhado”.

A partir de um certo ponto comecei a me sentir fraco como se prestes a adormecer ou algo que se assemelhasse a esta sensação, e não mais dei por mim naquele ambiente, acordando em um hotel, numa cidade localizada no interior da Bahia, em pleno mês de dezembro de 2016.

Recordei-me de pronto sobre o sucedido, enquanto percebia vultos espirituais se desfazendo perante minha sensibilidade, como se me deixando sozinho com as minhas reflexões.

Decidi voltar a dormir, pois que ainda era muito cedo e o dia sequer amanhecera, para melhor enfrentar o dia de trabalho que me esperava, o que fiz com um tipo de frieza no psiquismo que somente comecei a assentir após ter conhecido aqueles seres.

Esta marca psíquica, pelo que posso notar, passa a ser a condição espontânea nos humanos que são surpreendidos, na sua condicionada ingenuidade, ao se verem obrigados a perceberem, sem romantismos teológicos, quem são e de que modo agem os seres tidos pelo primarismo das emoções religiosas como sendo santos, guias e mesmo deuses.

Era e ainda é complicado para uma mente poder se emancipar em relação a todo este contexto empobrecido pela ignorância acumulada.

Por alguns dias, percebi o que supus serem alguns convites sutilmente renovados da parte da assessoria de Sophia.

Independente da minha resposta, novamente fui levado à sua presença.

— Trouxe-o aqui, novamente, porque **preciso dizer que estou assumindo a opção de esclarecimento que o meu “irmão em deidade” – a quem você chama pelo epíteto de “Codificador de Zion” – e você fizeram para poder explicar aos terráqueos o que antes estava oculto, se utilizando da pedagogia dos Logos** – explicou Sophia. — Aceito-a e, doravante, com você, **passarei a me expressar usando estas premissas cuja lógica maior nos permitirá compor o que necessário for no campo do esclarecimento...**

— Por que você não me pergunta, antes, se eu gostaria de vir ter com

você nestas condições em que vocês nos tratam? Quem lhe disse ou em que base do direito cósmico, caso exista, você se baseia para me trazer aqui sem a minha aquiescência?

— Não tem como ser diferente... – disse Sophia. — Não sejamos repetitivos, pois a maturidade, perante o que foi feito e que já foi percebido por você, impõe que ajamos conforme as possibilidades, ainda que pudéssemos, o reconhecimento, traçar estratégias mais agradáveis para a conveniência humana. As circunstâncias, contudo, assim impõem. Rogo que você supere estas questões as quais, infelizmente, reconheço terem sido dolorosamente pesadas para a sua sensibilidade. Entretanto, por enquanto, não existe mesmo outro modo de lidarmos com você...

— Existe uma “zona cinzenta” na sua atuação como Jesus, que foi “colorida” pela boa fé da teologia, que deu uma explicação romântica ao inexplicável. E é doloroso constatar que esta “cor” permanece em tudo o parece vir de você.

— Há muita coisa em jogo que depende da atuação de alguns poucos, pelo menos neste princípio de uma “nova era universal”, e os primeiros movimentos que surgirem desta hora terão muita importância, pois definirão os próximos passos de muitos seres – continuou a dizer Sophia. — Precisamos do seu concurso e do de muitos na Terra, cujas mentes possam trabalhar no sentido deste propósito esclarecedor. O DNA humano precisa ser enriquecido pela componente que o equilibrará definitivamente perante o pêndulo das inevitáveis variações dos fluxos universais. Você começou, pois, o conjunto dos livros e de palestras que promoverão os primeiros esclarecimentos, e devo dizer que o que foi produzido e, até agora, disponibilizado pelo seu concurso, já ultrapassou até mesmo o que estava previsto para este período anterior à minha apresentação aos terráqueos.

— A lógica de quem fala comigo é a sua, de bio-demo, ou é a de Jesus?

— A minha parte humana não se sente bem diante de você e dos humanos, pois ainda não pude concluir a intenção da minha feição humana de esclarecer o meu legado, de elevá-lo para o nível de sensatez que sei os humanos merecem, e não o que atualmente se pode ver, apesar da boa intenção de muitos, portanto, é como Sophia que eu lhe falo – respondeu Sophia.

— É melhor que seja mesmo você, Sophia, e não o homem Jesus a falar comigo e com os humanos, pois para os que lhe cultuam, para os que estão condicionados a o verem como um “Deus”, será mesmo decepcionante

perceber que o “Jesus dos seus corações” esteve ausente todo esse tempo das atuações que os crentes pensam terem vindo dele, mas que vieram de você.

— Elas vieram, sim, de mim e dos meus que se me associam neste mister – retrucou Sophia. — O muito ou o pouco que de mim foi direcionado para os que me seguem, sempre esteve apoiado nos trabalhos das falanges espirituais que sei existirem atuando em meu nome.

— Como Sophia, nesta sua condição bio-demo especial, você acessa o contexto espiritual?

— Desde um certo tempo, sim – respondeu Sophia. — Mais especificamente, comecei a ter este acesso de modo amplo após a experiência terrena como Jesus. Ele me permitiu tal acesso e muito aprendi e continuo aprendendo. Compreenda: desde que me fiz bio-demo, submeti-me a todo tipo de risco e de dificuldade para, em podendo percebê-las, encontrar a maneira de superá-las. Entretanto, isso me fez ficar circunscrito ao que uma mente bio-demo, que você conhece, pode fazer, discernir e produzir. **Até hoje deslacro em mim as travas do projeto inicial de trazer a vida do lado “envenenado” da Criação para este no qual agora nos encontramos.** E assim será até o limite da nossa atuação. Jesus foi a minha mais profunda e rica experiência, e dela somente agora estou começando a absorver os seus significados. Preciso da sua contribuição e da de muitos na Terra para consumir esta etapa.

— Quando você não respondeu às indagações de Yel Luzbel, lá no princípio do que veio a ser a “Rebelião de Lúcifer”, foi porque não sabia ou não quis atendê-lo?

— Não sabia... – revelou Sophia. — Esta é a verdade! Como lhe disse, a mente bio-demo, mesmo nos moldes da minha consciência, estava e ainda está limitada por fronteiras impostas pelas energias criadoras do início de tudo. Busquei encontrar as respostas, mas não as obtive em tempo razoável para evitar os problemas que surgiram.

— Agora... Nestes tempos, você sabe a resposta para as nossas dores e vexames?

— Sim, com o trabalho de “decifração” do Quarto Logos, sim, eu sei – esclareceu Sophia. — Todavia, como Jesus, eu não sabia... Somente percebi o problema do Criador no final do meu tempo como humano. Gostaria de lhe expor – pois você é o único que pode, talvez, me compreender – a minha versão dos fatos referentes aos dias da “rebelião”. Se algum dia isto lhe for possível e conveniente, avise-me, pois não posso obrigá-lo a tanto, e sei do

que se encontra represado no tempo desta sua vida no campo dos registros.

— É... Acho que não vai ser possível, pois o que resta de mim parece se movimentar pelo impulso de um corpo que ainda não morreu de todo, mas não existe vontade no meu psiquismo para assumir empreitadas de narrativas cheias de angústia e de desafios intelectuais.

— É... – começou a dizer Sophia. — Cada um com a sua “cota de peso” desta história, que todos precisamos carregar. Desde que me fiz Sophia que alterno momentos de sacrifício extenuante, para a minha condição, com os momentos de recuperação, para poder me manter atuante. Você não sabe o “peso” que tenho que assumir...

— Falta só você repetir as palavras de Jesus, dizendo que os humanos não sabem e não podem beber o “cálice” que ele bebeu... Ora, sofremos em nós mesmos muito mais que isso... Sofremos muito mais do que a sua condição humana sofreu... Pare com este “jogo”... Sempre fomos e somos todos “cobaias” para vocês. Portanto, não me venha com este tipo de “desvio demo”, apontando condutas virtuosas e superiores que vocês não conseguem ter. O que vivenciei com os três da “*Trimurti*” me deu garantia que jamais houve virtude a ser aplaudida em nada do que foi feito, mas tão somente, e nisto você tem razão, cotas reais de sacrifício. Contudo, não entronize os seus como sendo os mais “isso e aquilo”, porque não acho justo para com as “cobaias humanas” que você usou. O tortuoso, na “lógica demo” de vocês, é que até o homem Jesus foi uma destas “cobaias” para a sua cota de absorção de aprendizado. Estou errado?

— O tempo lhe dirá, mas a sua lógica é compreensível e mesmo dela preferindo estar apartado, sei que preciso por ela fazer passear o meu psiquismo para melhor compreender certas questões – retrucou Sophia. — Não uso as expressões do mesmo “modo cirúrgico” que você utiliza, e preciso que entenda a minha limitação para atuar no seio da lógica terráquea.

— Você tem certeza que conhece o psiquismo humano?

— Por meio da experiência que o meu espírito teve como Jesus, sim, conheço! – respondeu Sophia.

— Você conhece o “mito da caverna”, de Platão?

Sophia me olhou por algum tempo e um tipo de silêncio estranho nos envolveu, enquanto senti a minha mente invadida de um modo indescritível.

Após um certo tempo, aquele ser esboçou um tipo de sorriso algo enigmático, meio demo e meio humano, para depois responder:

— Sim, supus que conhecia, e apenas me certifiquei se o nosso

conhecimento se assentava nas mesmas bases.

Até hoje não sei se gostei daquela “invasão mental” que percebi ter ocorrido quando ele checou, no meu circuito mental, os meus padrões colecionados em relação ao tema, mas resolvi relevar para dar alguma utilidade àquele encontro, pelo menos no meu modo de valorizar os fatos que me envolvem, o qual, confesso, estragou-se lá atrás.

Nota de esclarecimento: o tema sobre o qual perguntei, dizia respeito ao contexto platônico de uma “realidade eterna”, pré-existente a tudo e constante, em relação a qual a humanidade passou a existir como se dela se encontrasse isolada, mas da qual, efetivamente, jamais se separou, porque nada existe sem que nela esteja ancorado. No mito, o nosso mundo é visto, por Platão, como uma “mera sombra” dessa “realidade maior” da qual tudo emana.

Em outro momento daquele “encontro” com Sophia, já mais envolvido pela sua presença singular – além de que, neste ponto, o espírito que me anima começou a ofertar as lembranças da sua convivência com aquele ser quando então animava uma “personalidade biodêmica” que conviveu diretamente com o mesmo, conforme descrito na já citada trilogia “*Terra Atlantis*” – voltei a me dirigir à sua pessoa, dizendo:

— Você, como Sophia, considera a si mesmo como um habitante da “caverna de Platão”? Isto lhe pergunto se considerarmos o conjunto deste universo e a sua “contraparte demo antimaterial” tão somente um acidente que foi emanado, de modo inadequado, a partir dessa “realidade maior”. Você entendeu?

— Sim... – respondeu Sophia. — Você fez a mais produtiva das indagações para que os humanos compreendam como eu sou enquanto Sophia.

Após algum tempo ele tornou a falar:

— Posso conversar com você à “minha moda Jesus”, mas penso não ser a que mais nos seria conveniente para este tipo de abordagem. Entretanto, como Sophia, realmente não sou igual àquele que fui na Terra, no sentido de que os corpos humanos, como você sabe, produzem hormônios que nos permitem a emoção em níveis singulares, o que não acontece com este corpo no qual minha consciência reside há tanto tempo, ainda que para mim pareça um instante. Tanto o modo de pensar desta consciência como a que tive enquanto Jesus, ambas precisaram e, ainda preciso, enquanto Sophia, romper determinados padrões impossíveis de serem eliminados, que existem nos

ambientes desta Criação indevida, como você a tem chamado. Estes padrões, de nossa parte, somente podem ser ultrapassados, transcendidos pela evolução das nossas consciências, mas jamais aniquilados, porque pertencentes às estruturas que vivificaram esta Criação, que foram arquitetadas e geradas mesmo antes desta vir a existir. Sim, como você, precisei e preciso superar as ilusões ou camuflagens inerentes às faixas de realidades que pululam em todas as opções quânticas, como também cuidar do padrão de psiquismo que se adequa a cada situação vivencial. Agora lhe pergunto: por que você me questionou sobre isto?

— Ainda bem que não escutei o eterno discurso dos *Adhyajna* do “eu sou”, “eu sei”... Finalmente, escutei algo que respeita a capacidade crítica da consciência humana. Foi por isto que perguntei! Para ver o tipo de resposta afetada ou não que poderia vir de você. Para saber que tipo de consciência posso esperar ou imaginar que você ostenta. Quando Jesus disse que “era rei, mas não do mundo terreno”, penso que ele estava usando as palavras de modo a dar um vislumbre capaz de aproximar a situação da sua figura humana com esta que você porta como “suserano do universo”... Bem, você também tem seus limites a superar e respeito bastante o fato de alguém, na sua posição, reconhecer isto e não enveredar pela “certeza confiante” que terminou gerando o que não devia e fazendo todos “mergulharem” neste...

— Inferno? – interrompeu Sophia. — É isto que você intentou dizer? Pode fazê-lo! Respeito o que você pensa e mais do que isto: preciso pensar sobre o que você e todos os terráqueos pensam, porque, segundo o nosso mentor, a quem você agora me parece compreender que é o próximo Logos em atuação, **passa pelo tirocínio humano a “chave” da abertura da mente de “todos os modos de pensar desta Criação”, inclusive o que marca a mim, a ele e a todos os seus agentes.** Usando expressões do conhecimento terreno: não é que o circuito de poder operativo do qual faço parte tenha “jogado todas as fichas” na opção humana terráquea, mas é imperioso reconhecer que foi desta fonte que surgiu a “única ficha” capaz de propiciar condições para que todos os tipos de psiquismos – advindos do modo de ser de Javé – possam edificar os seus níveis de compreensão específica tanto sobre o particular das suas vidas como em relação ao todo.

— Sabe mesmo o que penso a seu respeito, ó Sophia? Apesar de todo este seu poder, você e os demais que o rodeiam são frágeis, bem mais frágeis do que um terráqueo condicionado como eu poderia imaginar. Vocês parecem poder muita coisa, mas compreendem pouco, e isto os limita a esta “pobreza”

de viverem prisioneiros de um contexto bio-demo que não evoluiu. A parte que deste contexto o fez, ou seja, as famílias bio-demos que conseguiram evoluir, deveu-se ao fato dos seus membros terem se libertado do seu jugo e se envolverem com a “rebelião”. Só os desgarrados do seu poder evoluíram, os que aqui permaneceram ao seu lado, são os mesmos... estão do mesmo modo como estavam há 700 mil anos... Você é frágil Sophia, ainda que viva bilhões de anos. Você e todas estas hostes, com poderio em muitos campos, talvez por terem desconhecido o progresso espiritual por tanto tempo, podem ser surpreendidos por um simples “vírus mental”, como foi o caso de Yel Luzbel – Lúcifer. Um simples vírus pode destruir bilhões de anos do seu esforço e de horizontalidade conceitual. Como tudo isto é frágil e como o que você representa é “patético”! Sinceramente, **não compreendo como você sacralizou o que nem aplauso merece!** Quando é que você vai dar um passo descontínuo em relação a esta “mesmice”, a esta destinação sem rumo que aparentemente o move como “suserano”, colhendo sempre o que outros semearam? Por que você não ousou mais? Se fez Jesus, como parâmetro de uma aposta..., mas jamais completou o ciclo... Isto não está à sua altura, ou, caso esteja, você é que não deveria se permitir ser cultuado pelos inocentes terráqueos que lhe dedicam suas melhores emoções e pensamentos enquanto você... Bem... É tudo tão estranho que quem responde a esses circuitos são muitos que lhe apoiam, mas você mesmo não age. Dois mil anos e jamais agiu, enquanto toneladas de sangue, suor e lágrimas foram derramadas devido às lutas fratricidas entre os seus seguidores e os de Javé. Que coisa! Você nada fez! Isto é muito estranho e, para mim, deprimente. Aí está você, Sophia, esperando, aguardando, negociando enquanto uma infinidade de seres sofrem, pensando existir uma razão digna que a tanto justifique. E o pior: muitos o fazem em nome de Jesus e outros tantos no de Maomé, tendo Javé ou Alá como razão de fundo. Até quando as promessas feitas por você, como Sophia, e as que sua forma humana fez junto aos que vivem na Terra ficarão suspensas? Suas palavras passaram? Valem alguma coisa? Ou a “doença” de Brahma/Javé, de não pagar as apostas perdidas e nem cumprir com os termos quando dos insucessos, habita hoje no seu psiquismo? Não me venha com a tese do sacrifício total porque não é você que o vivencia, mas sim, nós, os seres biológicos deste universo é que temos feito isto. Além do que, agora portamos nos nossos DNAs biológicos, toda sorte de mazelas que vocês geraram. Somos nós que estamos no sacrifício, cumprindo os termos do “favor divino” que estamos fazendo a você e a outros. E você aí está,

majestoso e inoperante frente aos seus próprios compromissos, ou será que nada mais disto existe no seu psiquismo? É este teor das promessas de Jesus que você não consegue absorver? Lamentável!

Sophia permaneceu em silêncio, me observando fixamente, sem apresentar qualquer emoção em sua face.

Foi doloroso observar aquela sua expressão.

Olhei-o fixamente, me perguntando quanto de Jesus existia naquele ser.

Não me contive.

— Você tem algum “retardo mental demo” no seu psiquismo, ó Sophia?

— Há cerca de mil e novecentos anos do tempo terrestre, produzi todo o roteiro profético desses quase dois mil anos que se passaram, e marquei cabalmente alguns como inevitáveis – explanou Sophia. — Se possuísse retardo, como poderia saber do que sei? Como poderia acessar o nível futuro das atitudes humanas? Na época, o fiz e o resultado se cumpriu até o ponto em que aventei no “*Apocalipse*”. Você sabe! Falta tão somente me mostrar ao contexto que envolve a Terra e essa fase estará consumada. Compreendo que, ao me comparar com Jesus, você sempre me achará menor, com algum retardo no entendimento se confrontado ao da lógica humana – que é bem mais avançada que a lucidez bio-demo. Todavia, não tenho retardo, pois os tipos de inteligência e de compreensão, que me movem agora, me permitem um posicionamento que antes não poderia tê-lo. Contudo, o que talvez você me devesse perguntar é se existe algum tipo de retardo no modo como sinto as circunstâncias da existência, o que me obrigaria a lhe dizer que sim, pois tenho ainda que absorver, da consciência humana de Jesus, os padrões magníficos que ele produziu, mas que a minha mente não os consegue reter e nem mesmo vivenciar. Como lhe disse: sei que preciso da ajuda das mentes humanas e, por isto lhe peço a divulgação destes encontros... ainda que para uns poucos, por enquanto. É necessário que estes saibam como eu, Sophia, preciso avançar na direção de Jesus e do seu significado para os terráqueos, ainda que muito disto necessite de redimensionamento devido aos exageros e inadequações conceituais a meu respeito. Repito: não tenho como sentir sobre a vida e suas circunstâncias do mesmo modo que um ser humano naturalmente o faz, o que me obriga a buscar esta superação. E sei que ela virá... Um pouco mais e me farei presente frente aos terráqueos, conforme Jesus prometeu.

COREOGRAFIA CÓSMICA: A VINDA DE SOPHIA

A VOLTA de Jesus como Sophia, ou seja, a sua face de “Cristo Cósmico” – o do “corpo glorioso” mencionado nos evangelhos – como mais recentemente foi referido pelos desdobramentos da “Revelação Espiritual”, ou com o seu “corpo glorioso”, assim entendido pelos evangelistas que teriam reproduzido as palavras do próprio Jesus sobre o seu retorno, dar-se-á nos moldes anunciados.

Segundo Sophia, assim terá que ser para cumprir o que foi há muito “estipulado” e vaticinado nas páginas dos evangelhos e, em especial, nas do “Apocalipse”.

Sophia tem ratificado, detalhadamente, que cumprirá o que a sua forma humana de Jesus revelou ao mundo, como maneira de diminuir as inevitáveis dúvidas do primeiro momento pós-contato.

De minha parte, este assunto já consumiu boa parte do “oxigênio espiritual” da minha esgotada condição humana, e por mais que Sophia tenha procurado me clarear a percepção em torno desse evento singular, aqui somente estou ratificando o muito que já expressei em inúmeras palestras e livros sobre o assunto desde o ano de 1998.

Na verdade, foi no ano de 1979, pela primeira vez, por meio do maior médium que pessoalmente já conheci – mas de quem não tenho autorização para explicitar o seu nome –, juntamente com mais outros três amigos, na época com idade semelhante a que tinha então (dezenove anos), fomos avisados por meio de um “contato telepático” recebido por aquele senhor já com seus quase 60 anos de idade, de que “deveríamos nos preparar para a volta de Jesus ostentando um corpo extraterrestre, a ser visto por toda

humanidade”, pois havíamos nascido para preparar os tempos anteriores ao referido “primeiro contato oficial de seres de fora com os terráqueos”.

Portanto, há quase 40 anos que sou obrigado a lidar com um tema sobre o qual jamais dei qualquer passo na sua direção, até porque tudo o que então me ligava ao mesmo, era a minha curiosidade pela questão ufológica, tema ao qual me dedicara desde que havia fundado o CEPEU-RN – Centro de Estudos e Pesquisa de Eventos Ufológicos, do estado onde nasci –, junto com outros amigos.

Depois veio o envolvimento com os espíritos e, mais tarde, diretamente com seres extraterrestres e extrafísicos.

Dizendo, assim, em uma frase, tudo parece muito “maluco”. Entretanto, é pouco: foi “maluco” mesmo e somente não me perdi de todo porque jamais me pretendi encontrar em qualquer uma das etapas deste roteiro, ou seja, nada do que fiz foi pelo meu ego, que sempre pretendeu seguir noutra direção! Ainda assim, o enredo me trouxe e me estragou, o reconheço.

Por isto que sempre pedi, nas palestras que proferi e nos livros que produzi, a necessária dose de prudência, toda precaução possível da parte do(a) presumível leitor(a), não só pela importância dos assuntos enfocados, mas, principalmente, pela “condição modesta” de quem os estava veiculando.

Como já ressaltado, parte dos temas que me vejo obrigado a focar, pertence ao que até há pouco se encontrava oculto.

Neste sentido, a questão principal, que devemos agora ressaltar, pode ser expressa em quatro perguntas básicas:

(1ª) O que se encontrava oculto?

A resposta parece ser inquietante, mas tudo indica que sempre foi **parte de uma verdade perturbadora**, em relação à qual os humanos não estavam preparados para percebê-la. Daí, para melhor compreensão, novamente a necessidade de citarmos a já referida assertiva (no primeiro capítulo) feita por Jesus ressuscitado, e que passou à posteridade no evangelho de Tomé, só que, agora, com base na tradução de Huberto Roden⁽³⁰⁾:

“Quem procura, não cesse de procurar até achar; e, quando achar, será estupefato; e, quando estupefato, ficará maravilhado — e então terá domínio sobre o Universo.

Disse Jesus: conhece o que está ante os teus olhos — e o que te é oculto te será revelado; porque nada é oculto que não seja manifestado.

(...) Não há nada oculto que não seja manifestado, e não há nada velado que, por fim, não seja revelado.

(...) pois todas as coisas são manifestadas ante a verdade. Nada há de oculto que não venha a ser desvelado, e nada há de coberto que permaneça sem ser descoberto.”

(2ª) No contexto do que se encontrava oculto, parte de uma verdade perturbadora refere-se a quê?

Refere-se à uma “família” de “Seres Criadores” problemáticos, um deles, em especial, que foi tragado pelo que ele próprio gerou, e à uma Criação que jamais deveria ter se estruturado, e no seio da qual hoje existimos.

(3ª) Quem desvelou estas notícias e quando tal se deu?

Em termos do conhecimento humano mais atual, foi quando Jesus, no estado de ressuscitado, começou a se referir a estas questões, porque não o pôde fazer quando na sua condição humana. Além disto, o conjunto das mitologias antigas permanece sendo o grande repositório destas “verdades perdidas”, ainda que tais notícias tenham sido, mais tarde, taxadas de mitológicas, pelas religiões que as substituíram, e depois pelo conhecimento científico.

(4ª) Por que Jesus não se referiu a este problema ainda ao tempo da sua vida?

Aqui voltamos ao ponto já abordado anteriormente, porque, das duas, uma: ou ele foi enganado pelo Criador e somente descobriu isto nos últimos dias da sua vida terrena ou preferiu deixar para um outro tempo. Contudo, algo parece ter ocorrido logo após a sua crucificação, que o levou a agir, revelando estas questões que, associadas ao “Apocalipse”, na época, foram tidas como gnósticas. Neste ponto, a **razão e/ou a boa crença humana são levadas a pensar que ainda é o mesmo Jesus, com sua natureza humana, agindo como ressuscitado, mas não é, pois Sophia é que passou a ser o protagonista** desde a morte de Jesus.

Jesus, como humano, fez promessas sobre o “seu retorno”, que serão cumpridas, não por alguém com a sua natureza humana de então, mas sim, por um ser que nada tem de humano e que tem procurado assimilar as características de uma natureza humana, cujo psiquismo foi urdido a partir da química de um corpo carnal, animal, com convenções mentais mais modernas e bem diferentes do que as que caracterizam o de Sophia, que tem “idade cósmica” contada com base em alguns bilhões de anos do tempo terrestre.

“Convenções mentais mais modernas” em que sentido? No sentido da vida emocional vinculada a um padrão de razão filosófica – que pode valorar

as emoções – e na questão do senso crítico.

Sophia é infinitamente mais inteligente do que toda a humanidade junta, penso eu, mas até pouco tempo atrás era um ser desprovido de maiores emoções e da capacidade de bem valorizá-las, daí o ar de uma certa frieza que dele emana. Além do que, pela força da origem robótica-demo do seu cérebro bio-dêmico, conforme pode ser compreendido na já citada trilogia “**Terra Atlantis**”, a captura, a criação ou mesmo a absorção de novas convenções mentais somente se dá por vivência, que foi exatamente o que seu psiquismo providenciou ao dar de si sequências genéticas do seu DNA, que foi inserido, como já explicado, naquela que veio a ser a sua mãe terrena.

Isto é um problema sério, não de todo superado, mas que não impedirá que a vinda de Sophia seja cumprida, ainda que esta “forma de Jesus”, que se apresentará aos terráqueos dentro em breve, não seja o “Jesus efusivo e bem-humorado” que muitos corações endeusaram.

Paradoxalmente, como anteriormente explicado, esse psiquismo animalizado de um simples homem – Jesus – que viveu um pouco mais de 30 anos, “vale bem mais” do que o que Sophia ostenta há bilhões de anos, ainda que este tenha gerado aquele. Difícil de entender?

Tudo se resume ao aspecto de que a condição humana é a mais recente de todo o cosmos, e a condição do cérebro bio-demo de Sophia foi urdida há bilhões de anos, quando a *Trimurti*, ainda atuante, tentava de tudo para dar passos evolutivos.

O cérebro bio-demo somente é mais refinado no campo da expressão da inteligência, mas, vamos dizer, o seu “jogo sináptico”, aqui fazendo uma pobre analogia com o cérebro animal humano, por não possuir o que os simples mamíferos da natureza terrena possuem, ou seja, a capacidade de “sentir”, de se “emocionar” – a amígdala cerebral dos mamíferos a tanto permite, coisa que falta, por exemplo, aos répteis –, e de valorar estas emoções como a natureza humana abundantemente disponibiliza a qualquer um de nós, simplesmente faz de Sophia um ser bastante diferente do que somos, com o nosso modo humano de existir. Contudo, a sua mente foi a que nos arquitetou como projeto de melhoramento global e, após ter se feito humano, está absorvendo, ao longo dos últimos dois mil anos, a experiência que seu “*avatar* Jesus” teve na Terra.

Este processo ainda não se concluiu? Não, e penso que está longe de ser concluído, porque Sophia ainda não pôde ou não quis superar definitivamente a limitação da sinapse cerebral, do tipo “bio-dêmica”, para dar guarida às

expressões emocionais de Jesus. Como isto o apartaria de vez da convivência mental com os membros da *Trimurti*, do universo paralelo ao que ele e nós estamos situados, somente após o já estabelecido fim da *Trimurti*, é que ele decidiu voltar o foco da sua consciência totalmente para a questão da vida biológica e, assim, irá superar o padrão bio-demo que sempre o caracterizou. Entretanto, a sua vinda à Terra não precisa esperar que isto se conclua, até porque as suas primeiras visitas serão algo mais diplomáticas e ele se deixará perceber com toda objetividade, somente para pressionar, sem danos maiores, as macro-forças terrestres a que se eduquem no campo de uma política cósmica que ele está intentando implementar a partir da noção de senso crítico e de razão filosófica dos terráqueos. Detalhe: não as que atualmente praticamos, mas sim, no sentido de que a natureza humana pode ser o que ela quiser e, assim, vir a praticar a mais alta noção de “cidadania cósmica-espiritual”, deixando para trás a “corrupção original” e as “doenças” advindas da “queda” do Criador.

A questão crucial é que, até que os tempos universais se consumam, Sophia continuará existindo como sendo o ser que atuará no âmbito do universo material porque o seu corpo foi gerado e programado para esta tarefa política – pelo menos, é isto que me tem sido informado.

Os humanos, muito ao contrário, têm uma vida curta, que não permite as suas personalidade persistirem nos corpos animais por muito tempo. Contudo, um ser como Jesus precisa manter a sua natureza humana existindo de algum modo até que se consumem esses fatos, e por isto Sophia está assimilando a consciência, vamos dizer, “escaneada de Jesus”.

Enquanto este processo se desenvolve, o **espírito ou a forma *Adhyagia* deste ser que hoje conhecemos, em uma das suas faces, como Jesus, é quem detém em si – e deterá por toda eternidade, como o fazem também espíritos mais simples como os que nos animam – a natureza produzida pelo homem Jesus. E esta, pode sim, independente de Sophia, movimentar-se na “Realidade Espiritual”, mas não tem como agir ou mesmo atuar no contexto deste universo, a não ser, doravante, por meio de Sophia.**

Quem conseguir entender esta questão, construirá em si mesmo caminhos neurais bastante interessantes para as próximas construções mentais em torno deste assunto inquietante e perturbador, mas ao mesmo tempo, instigante. **De sagrado, porém, conforme penso, ele não tem nada!**

A minha desdita repousa na incapacidade pessoal de, por mais que me esforce, não conseguir reproduzir este complexo contexto para os terráqueos,

como penso que poderia ou deveria ser feito.

Infelizmente, acho que somente o contexto geral das palestras e dos livros que consegui produzir é que se aproxima de uma visão algo adulta e próxima à “verdade” do que consegui capturar, o que pode ser um nível de percepção ainda bem distante da “verdade factual”.

Por isto que, sobre este assunto, não existe – e a tal não me proponho – quem quer que seja que possa se arvorar como “dono da verdade”, até porque, se bem entendi as “cores” e a profundidade do drama, nem mesmo os “agentes da tragédia e da redenção universal” a conhecem.

Assim, tomo por óbvio que jamais, em dia algum do futuro, alguém também a isso possa se propor por uma questão bem simples: a simples pretensão de saber ou pensar que sabe, vai de encontro à verdadeira busca da verdade, que é o tema central do trabalho do Quarto Logos, do qual sou um mero “catador de fatos” para posterior reflexão mais aprofundada, em épocas futuras.

34ª Constatação:

A “verdade” que esta humanidade precisa perceber e, em relação à mesma, edificar o conhecimento que lhe for possível, somente poderá convenientemente ser decifrada se, jamais, os seus agentes acharem que já a encontraram. Ela não tem como ser fácil e comodamente estabelecida por meio da expressão da fé, ainda que muitos acreditem no contrário. Ademais, esta ingenuidade ou este fator de condicionamento, utilizado para controlar as pessoas, não encontrará guarida nas gerações que se sucederão no palco terreno.

Caso, porém, isso venha a ocorrer de algum modo, penso que um estacionamento bem sério está sendo “ancorado na garagem psíquica” de quem assim se achar, e isto vale para todo mundo, principalmente crentes, teólogos, médiuns, autoridades religiosas, iluminados, editores jornalísticos, filósofos e cientistas, ainda que, acho que algumas destas “profissões” ou “vícios” estão com os dias contados.

Por que esta explanação algo repetitiva? Porque **a vinda de Sophia, e a coreografia que a envolve**, pode causar, num primeiro momento, muita perturbação especialmente neste campo, mas, a médio prazo, com as demais visitas que se seguirão, um **outro padrão de encantamento pode renascer nos incautos humanos que foram viciados a procurar “deuses” e “aparições santificadas” até em umidade nas vidraças, e a esperar que seres poderosos, resolvam por eles o que jamais se motivaram a resolver,**

e que até mesmo tenham se incapacitado para tanto.

Esse aspecto da “Reintegração Cósmica” seria tão somente um infeliz retorno ao mesmo hábito dos **ancestrais humanos** que foram **levados a pensar que seres com alguma tecnologia** ou por serem diferentes, **eram deuses**.

35ª Constatação:

O paradoxal aqui é que os tais seres, tidos no passado como deuses, é que precisam que os humanos façam por eles o que jamais puderam construir: um modo de vida decente, baseado num código de filosofia altruísta e obviamente amoroso no “sentido adulto” da palavra.

Eles também, a exemplo de Sophia, precisam construir, por eles mesmos, ou apreender junto aos terráqueos, o conjunto das convenções mentais que os humanos conseguem ostentar, ainda que delas façam mal uso no momento.

De uma “reserva florestal planetária”, passível de sofrer todo tipo de “pirataria cósmica”, uma vez que, aqui, seres extraterrestres vinham praticar extrativismo mineral e de ordem genética vegetal e animal, a reinserção da Terra no contexto do intercâmbio cósmico é, seguramente, o aspecto mais “público” da vinda de Sophia.

A coreografia, que, inevitavelmente, estará presente em qualquer evento que envolva o aparecimento público de uma nave extraterrena, tem sido sempre a preocupação maior dos seres de fora que têm algum padrão de consciência que lhes permita avaliar esse tipo de questão.

Sophia me transmitiu recentemente esta preocupação. Até mesmo os seres que o assessoram – e que me manipularam entre os anos de 1999 e 2006 para que fosse dado o aviso da tal vinda iminente, com a justificativa de que o prazo “antes previsto”, conforme explicitiei no livro **“Muito Além do Horizonte”**, havia sido antecipado devido a certas questões, inclusive insubordinação de minha parte por não ter cumprido algumas “tarefas” – na época aludida, também se referiam a este aspecto com certo receio.

Como sou um bom colecionador das faltas que me são próprias, quando as percebo, nos dias em questão, pensei mesmo ter me equivocado em alguma coisa ou em tudo. Todavia, logo eles me infernizaram a vida para **provarem como eles eram poderosos**, já que haviam me enganado.

Foi quando percebi, inevitavelmente, a “podridão” mental e espiritual daqueles seres, inclusive, e, principalmente, a do que os, então, comandava. Contudo, preocupava-me, também, a questão do impacto que a coreografia do aparecimento, no céu, de grandes naves, ainda que em distância

semelhante à que a Terra se encontra em relação à Lua.

Decorridos mais de dez anos, percebo que eles não evoluíram em nada em termos de preocupação referente aos fenômenos que inevitavelmente ocorrerão, quando do primeiro contato oficial desta humanidade com seres extraterrestres.

A vinda de Sophia é “inevitavelmente mesmo”, reafirmam eles, os quais, reconheço, podem continuar agindo como manipuladores que sempre foram, pois que esta marca lhes dá a identidade de como são primários no campo da consciência espiritual esclarecida. Conforme tenho entendido, com ou sem providências normais e/ou adicionais, a vinda de Sophia se dará, pois não se pode mais postergá-la por longo tempo, devido a outros aspectos que envolvem a questão.

De minha parte, sem condições para entrar no mérito da questão, e por isto simplesmente a transcrevo, conforme solicitado –e também por achar que é dever de consciência –, existe um outro aspecto que é inerente à mesma, que me preocupa tanto ou mais que o do impacto da coreografia sideral. Este tem a ver com a carência e a solidão humanas, que sempre cria “soluções” de consolo e de conforto para melhor levar a vida.

Ao longo do tempo em que durou a recepção das informações (2002 e 2003) e a produção dos livros (2015 a 2017) que vieram a compor a já referida trilogia “***Terra Atlantis***”, analisando a longa trajetória dos seres bio-demos, que redundou na chamada “Rebelião de Lúcifer”, e também ao analisar a nossa própria história terrestre, não com base na promessa dessa ou daquela personagem, mas nos fatos, uma pergunta sempre se me impôs sobremaneira em relação às demais: **Tem alguém que efetivamente se importa conosco?**

Você, presumível leitor(a), acredita que existe alguma autoridade, com poder de interferência, que algum dia esteve ou possa estar preocupado com a quantidade de sangue que já foi e que continua a ser derramado na Terra?

Se “sim”, quem seria esse personagem? Se “sim”, porque ele nunca fez nada até agora, ainda que a humanidade tenha passado por todo tipo de horror, desde que se tornou “racional”?

Quais seriam as opções no caso de uma resposta afirmativa?

1ª opção: Deus? Quem? Qual “Deus”? De que tipo? O “famoso Deus Todo-Poderoso”, da “*Bíblia*”?

2ª opção: Jesus? Qual Jesus? O homem que se divinizou ou o que foi igualado a “Deus” pelo catolicismo, ao tempo do credo do concílio de

Niceia?

Bem, Jesus prometeu voltar para presidir, pessoalmente, o “juízo final” – anunciado pelo “Deus Todo-Poderoso” bíblico, que jamais teve tirocínio para julgar o que quer que seja –, evento este vaticinado desde os tempos de Enoch. Entretanto, ele ainda não voltou e, enquanto isto, mais e mais sangue continua a ser derramado, inclusive em nome de motivações religiosas que defendiam tais derramamentos em nome do próprio Jesus. Por que ele ainda não cumpriu sua palavra? Ah! Ele disse que não agia em seu nome, mas sim, em nome do “Deus Todo-Poderoso”, da “*Bíblia*”, pois, este sim, saberia o dia e a hora desse retorno, já que ele voltaria em nome deste tal “Deus Bíblico”.

Há tempos que lido com esta questão, e o verbo “lidar” aqui aplicado, faria chocar e escandalizar toda a humanidade, se esta soubesse o que o mais “azarado” dos homens teve que viver, no papel de “escolhido” para as “torturas”, fazendo, assim, cumprir o que alguns seres, que respondem pela responsabilidade direta de todo este drama, pontificaram como sendo os “acontecimentos destes últimos dias”, ainda que tenham errado, de longe, quanto ao seu significado.

Inteligentes no uso dos mais desenvolvidos algoritmos que conseguem tornar previsíveis estes acontecimentos, os quais eles chamam de proféticos, tentaram me convencer, de todo modo, que tudo estava profetizado por Javé, inclusive o fato da morte e da ressurreição via choque elétrico, que o corpo humano deste escrevente veio a enfrentar em duas oportunidades. Seria tão forte o seu poder de produzir estas leituras que, ainda por meio das entrelinhas do presumível livre arbítrio humano e deles próprios, tal seria possível.

Enfim, foi lidando com estas tentativas de convencimento da parte deles sobre a minha sensibilidade, que deste modo percebi o que, na época, foi um verdadeiro choque para o que restava da minha sensibilidade racionalizada: **a prevalência da ótica demo, desprovida de ética, que os caracterizou, e a marca desta “podridão” sobre toda a Criação problemática e também sobre seus eventos particularizados, quando produzidos por eles.**

O triste e inquietante também foi constatar que esta ótica é inevitavelmente dementada em muitos dos seus parâmetros, dependendo do padrão mental – ou seja, da complexíssima “**evolução demo**” que surgiu a partir do “mergulho” do Terceiro Logos – e que **a mesma passou a funcionar levando em consideração “apostas”, dentre outras esquisitices, que escandalizariam a decência e a lógica humanas, mas que davam razão**

de vida para seres cujos corpos eram longevos além da conta, e eles jamais souberam o que fazer deste “pedaço de eternidade” que a vida de cada um deles significa.

Foram e são “patéticos”, além de “criminosos” – isto frente aos valores humanos que atualmente colecionamos!

“Dementados” e sem sentido razoável para existirem, levavam a vida apostando, o que procurei demonstrar, com a profundidade que pude, nos livros *“Inquisição Filosófica”* e *“Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia”*.

36ª Constatação:

Pode ser mesmo meio difícil imaginar que possa existir algo pior do que o modo como vivemos na Terra, mas o esquisito é que existe e se passa na “*brahmaloka*” e adjacências, ou seja, no universo paralelo, onde reside o Criador “caído” e toda a descendência clonada e demonizada advinda dos “Senhores da Trimurti”.

O deplorável é que, lá atrás, fomos condicionados a ver estes seres como sendo “deuses”, e esta visão equivocada iria permanecer – como permaneceu – por ainda muito tempo, como ocorre até estes tempos atuais.

Somente os seres humanos que trouxessem no âmago dos seus psiquismos a imperiosa tendência emblemática dos espíritos já possuidores de méritos e de experiências na difícil arte da “busca da verdade” em vidas passadas, provavelmente conseguiriam romper esta **trava imposta pela ignorância acumulada, que cada época tem no seu “zeitgeist”**.

Qual seria então o receio que me preocupa até bem mais do que o impacto da coreografia? Quando os humanos, que foram condicionados a acreditar, nos seus corações simples, que Jesus cuida deles, que Jesus salva, que Jesus é “Deus”, ao conhecerem Sophia, que é a “expressão cósmica” de Jesus, que é a “personalidade celestial” de Jesus, **venham a perceber quão primária são as religiões que surgiram a partir do seu pretenso legado**.

Do mesmo modo, os muçulmanos, que esperam pela vinda de Madhi, e que situam Maomé num patamar profético superior mesmo ao de Jesus, também terão que rever muito do que acreditam, sob pena das futuras gerações, que conviverão diretamente com os seres de fora, tratarem como páginas da infância dos seus ancestrais o que estes achavam ser, por meio da crença equivocada, a mais “pura verdade”.

Enfim, será choque de amadurecimento para psiquismos que podem estar preparados e serem capazes de muitas coisas, menos a de amadurecer em

relação à fé que carregam no peito. São mais de 3 bilhões de pessoas somente no exemplo destas duas fés religiosas. E quanto ao restante dos crentes deste mundo? Que o futuro o diga!

Finalizando o presente capítulo, registro, ainda, que no “encontro” que tive com Sophia e alguns outros membros da sua tripulação e/ou assessoria que o acompanhavam, ainda que de longe, em dado momento o questionei sobre um tema que sob, outros aspectos, abordei nos capítulos iniciais do livro “**O Drama Cósmico de Javé**”:

— O contexto da sua ida até a Terra, estes elementos aos quais você se refere como importantes em torno deste assunto, a questão da data em que será cumprida a “promessa profética” da sua “visita”, tudo isto é, no seu modo de entender as coisas da existência, abordado e decidido conforme o **âmbito da lógica demo**? Por que pergunto isto? No âmbito da **lógica espiritual**, sei que não é, atrevo-me a dizer; e no da lógica terrena, tenho consciência que também não é. Será que o “fator de definição” dessa sua “visita” à Terra tem alguma relação com a **lógica extraterrestre** de outras civilizações biológicas deste universo?

Sophia permaneceu em silêncio por muito tempo e, assim, também os demais ali presentes, que nesta altura da conversa, não sei exatamente por que, estavam agora bem mais próximos, ficando todos posicionados como se atrás e aos lados de onde ele se encontrava.

— Como você parece ter percebido, ainda que seja um evento no universo onde nos encontramos, tudo precisa ser definido no âmbito da **lógica demodharmica**, como você tem se referido ao modo de pensar dos seres que vivem nesse universo paralelo, o qual não conheço diretamente — esclareceu Sophia. — A condição bio-demo que ostento foi urdida para viver neste universo, e por isto tal afirmo. Contudo, fui percebendo como as coisas se passam por lá, e mais recentemente, com a decisão dos três Logos de repassarem as suas “centrais mentais pessoais” de sustentação para outros focos de consciência, mas, amplamente, estou a par do antigo *modus operandi*. Ao tempo em que os “portais” estavam abertos, pude vê-los atuando na Terra e em outros mundos deste universo, por muito tempo. Apenas, não percebemos diretamente como são as coisas por lá porque a sua gestão, agora, está afeita à outra consciência, a que conheceis como Krishna.

— Quer dizer que Jesus, na sua condição humana, sabendo que o seu “ser cósmico” teria que um dia se apresentar aos terráqueos, fez essa promessa ancorada no seu “eu terreno”, quando experimentava o âmbito da lógica

terrestre, mas não é com base nesses parâmetros que o processo do seu retorno funcionará.

— Não, esta sua afirmação não está correta, pois os parâmetros terrestres serão observados – explicou Sophia. — Entretanto, apenas lhe confirmo que o fator determinante da minha ida envolve essas questões, mas não depende delas e muito menos das *demodhârmicas*. Dependia quando a “Trimurti” se encontrava ativa, mas, agora, não mais. O tempo de convencer as pessoas, de dominar as suas mentes, de impor determinados valores para os terráqueos, como você bem registrou, pertenceu ao espírito operativo dos Logos anteriores. Ainda que o meu ser tenha sido engendrado a partir da minha “consciência fundadora-criadora” enquanto Vishnu, que foi a origem dos meus padrões e dos demais *avatares* que ele gerou direta e indiretamente, sei do modo como tivemos que atuar nas circunstâncias em que atuamos. Contudo, finda a avassaladora força vinda da “Trimurti” – que ao longo do tempo cósmico veio sempre se enfraquecendo – sobre os seus *avatares*, estes podem agora se realinhar com os mais novos padrões de conduta que, desde a minha urdidura e da de Krishna, começamos a vislumbrar. É o que estou fazendo! Sou agora totalmente livre dos “grilhões *Adhydáivicos*” – penso que o entendimento mais correto seria a lógica terrena entender o que foi dito como sendo os “padrões dementes da mente trimurtiana. Doravante, serei mais Jesus do que sou sendo Sophia, porque o “meu cérebro” bio-demo está cada vez mais afeito às emoções e à lógica humana que me estanho disponíveis no meu psiquismo. Estou procurando me expressar de modo semelhante ao que você utiliza para tentar facilitar o seu mister esclarecedor.

Preferi ficar em silêncio durante um bom tempo e como nada mais se falou, retruquei:

— Como Javé, lá na sua “*brahmaloka*”, você aqui é também um ser solitário? Quantos dentre estes seres – fiz referência aos que por ali se encontravam – possuem algum vislumbre razoável da lógica humana?

— Por enquanto são efetivamente poucos e isto representa um problema no lado de cá da hierarquia que me apoia – respondeu Sophia. — Do mesmo modo, no lado da Terra, como você mesmo pôde concluir, são poucas as consciências, entre os humanos, nas quais posso ancorar a minha... E você é uma destas, mas me nega este apoio pela desconfiança imorredoura que sei que o modo de agir de Javé e da sua assessoria marcaram na sua sensibilidade. Também tenho minha parte de responsabilidade nisto, como sei que você sabe até mais do que gostaria que de fato soubesse. Seria mais fácil.

No entanto, as coisas são como são. Contudo, doravante, podemos nos servir e fazer valer um outro *modus operandi*, exatamente o que você está denominando de Quarto Logos. Dele me servirei, ainda como agente dos Logos anteriores, mas em relação aos quais não mais teremos que depender das suas antigas elaborações, que sei estarem ultrapassadas. Entretanto, teria que ser você mesmo, um humano, a pontificar sobre estas questões para que surtisse efeito junto aos três Logos personificados. Não podia ser eu, nem qualquer outro... Teria que ser, como foi, o “humano escolhido de Javé”. Lembre-se, eu sou o que sempre esteve alinhado com Vishnu, pois que dele vim a existir. Temos o futuro deste processo criativo por ser construído!

Novamente silencieei e pude então perceber, com clareza, que dois dos seres ali presentes precisavam “falar” com Sophia sobre algo que os levou a se apartarem da minha percepção por algum tempo, o que me levou a pensar que o encontro havia acabado. Contudo, “algum tempo” depois Sophia voltou a se disponibilizar à minha vista, e até enquanto escrevo estas linhas, não sei exatamente o que, então, aconteceu.

Mais adiante, na continuidade do diálogo com Sophia, outro aspecto inquietante saltou-me aos olhos, agora referente **ao nível de consciência que Sophia parecia possuir em relação aos seus outros “eus”**.

Para seguirmos adiante, preciso antes considerar que o ser humano foi condicionado não somente a acreditar, mas a **“precisar acreditar” que existe alguém tomando conta dele** na vida que levamos na Terra.

O interessante é que não se sabe exatamente o que “este alguém” anda fazendo ou pode fazer, e somente a fé religiosa faz das bençãos o retrato da interferência de “um alguém”. Outros, mais “espertos”, vendem estas bençãos como se possuíssem autorização para tanto. Contudo, há aqueles, ainda mais “espertos”, que se fazem ou posam como sendo representantes deste “alguém”, com poderes para produzir milagres e bençãos diversas, dando o privilégio a quem se lhe submete e paga um bom preço pelo presumível favor recebido. Que seja! Cada crente tem o “deus que merece” e o inverso é inexequível, mesmo no “mundo da fantasia religiosa” e não há tanto “deus” disponível assim, ainda que sobrem igrejas prestigiadas.

Estas, por sinal, são “engraçadas”: cobram todo tipo de tributo e de pedágio, mas não querem pagar imposto aos governos porque dizem arrecadar dinheiro para as “obras do céu”. Bem, como já dito, cada crente tem também a “igreja que merece”, e aqui, no caso, é possível cada igreja ter o “crente que ela bem merece”. No fundo, ambos se merecem.

Sophia contudo, nada tem a ver com isto e não penso que nenhum ser digno, de algum modo, se propusesse a “catar” crentes por meio de díizimos e de falsos milagres. Para quê?

Outros deuses parecem ter relação direta com sangue derramado de humanos, ainda que, na atualidade, o próprio ser humano arranja facilmente motivações cretinas, de toda ordem, para justificar os crimes cometidos em nome do “deus” em que acreditam, quando é o caso.

Aqui, porém, retornamos ao ponto inicial, de que todas estas esquisitices existem como subproduto da necessidade imposta ao ser humano de acreditar que precisa acreditar em algum tipo de “deus” para que sua vida possa dar certo ou, mesmo dando errado, para que isso não seja “obra do diabo”.

Painéis de tempos passados, de toda ordem, são reproduzidos nos cultos, no fervor bíblico de demonstrar como o “Deus de Israel” premia os que lhe submetem as atitudes e cumprem suas obrigações dizimistas, como se os problemas universais se resumissem às meras questões de interesse humano particularizado.

“Escolhas exclusivas”, “promessas mirabolantes, fielmente cumpridas”, “punições escabrosas, vindas de um “Deus” enfurecido”, “assassinatos, infanticídios, ultrajes”, tudo isto vindo como característica torpe de um modo bastante insensato, de um “pretensso Deus”, em lidar com uma humanidade que bem ou mal não pediu para existir e o faz sob fogo cerrado, vindo de todo lado. Por quê?

O “Deus Bíblico”, Javé, e seu messias, Jesus, parecem ser os campeões destas promessas, seguidos de perto pelo fervor islâmico, que espera o retorno de Madhi. Para quê? Para fazer a mesma coisa à qual Jesus se referiu, ou seja, para o tal “juízo final”, que também é vaticinado pelos muçulmanos. Será isso? Quem tem “estatura” para julgar esta humanidade senão ela própria, na medida em que os seus agentes vão deixando esta vida e, de algum modo, assumindo e resolvendo suas pendências para com a decência e o decoro espiritual?

Sophia não vai julgar ninguém, até mesmo porque nem estatura moral ou mesmo senso crítico refinado ele demonstra ter. Ainda que o tivesse, o ser que se me apresenta como tal, a tanto não pretende. Muito pelo contrário! Seus objetivos são outros e bem mais suaves e nobres.

Ainda assim, me pergunto: será que realmente alguém se importa com esta humanidade? Se a resposta for sim, torna-se mesmo desesperador imaginar que sempre haverá uma justificativa para que “ele” ainda não tenha

voltado. E se a resposta for “não”?

Neste sentido, Sophia não demonstrou reter nele maiores compromissos ou nível de consciência desperto em relação ao que o seu “ex-eu mentor” – o Senhor Vishnu, na sua condição *Adhydaiva* – poderia ter intentado ao gerá-lo como expressão *Adhyajna* dele, para atuar no universo biológico.

Muito menos Sophia parecia se encontrar totalmente alinhado com o que a sua condição humana havia assumido frente aos terráqueos, em cumprir fielmente o que Jesus disse, do modo como Jesus se preocupou em cumprir nele mesmo tudo o que foi vaticinado pelos profetas do “*Antigo Testamento*”, sobre o messias.

Claramente, pude perceber um problema de “solução de continuidade” entre estes diversos “eus” alinhados com um só espírito.

É como se houvesse algo sempre pendente entre estes níveis de consciências distintos de um mesmo ser, para ser ajustado pelo seu “padrão mais poderoso”. E este padrão potencialmente mais poderoso, agora, parecia se predispor a corrigir, a redimensionar para muito melhor o que os seus “eus antecessores” conseguiram arquitetar como possibilidade futura. Estranho?

Não para os seres “*Adhy*”, responsáveis por todo este desnecessário “**vexame existencial**”! Por quê? Porque se as expressões mais modernas destes “eus” forem cumprir fielmente, ao “pé da letra” o que foi dito, sob a égide de “*zeitgeists*” antigos, pelos seus “eus” anteriores, esta Criação jamais se libertaria do jugo da “estupidez demo”.

A grande ironia é que as religiões esperam que as tais promessas sejam cumpridas exatamente nos termos em que foram registradas e passadas à posteridade, ainda que isso implique em impossibilidade lógica, mas, quem dentre os “viciados no fervor religioso” preocupa-se com alguma lógica decente?

Sophia virá, segundo ele afirma, cumprindo a promessa de Jesus de voltar em seu “corpo glorioso”, cercado por seus anjos, sendo visto por todos os olhos dos viventes da Terra – isto ele tem ratificado. Contudo, os conceitos que cercam o evento têm mais a ver com a questão da “Reintegração Cósmica” do planeta, há muito isolado, com o primeiro contato oficial dos seres a quem chamamos de extraterrestres, e com convites motivacionais para que sigamos adiante com o propósito de dignificar a vida com as nossas atitudes e posturas.

Da família destes seres – família “*Adhy*” – foi que surgiram os três primeiros Logos responsáveis pela desdita de todos. Sophia e outras

expressões mais modernas desta “família espiritual” atuarão, sim, em nome dos seus ancestrais, mas não poderão se apequenar no sentido de fazer cumprir “promessas esquisitas e ultrapassadas” que, muitas vezes, sequer foram feitas com as “cores” que posteriormente vieram a ser registradas pelo “fervor religioso” que sempre surge em torno destes legados.

Doravante, as “coisas da vida” não precisam ter estas “cores” viciadas em sangue, pecado, submissão, mistérios, fé infantilizada, crença descabida, céu, inferno, danação, e “deus” contra o “diabo”, enfim, todo um conjunto de esquisitices e de anacronismo que precisam ser revistos pelo bom senso livre do tal “fervor” e prenhes de um novo “frescor” associado aos painéis instigantes da existência.

Sobre o fato da nossa carência – na verdade, condicionamento – que nos faz “sentirmo-nos melhor” quando imaginamos ou temos a certeza, via fé, de que tem alguém no comando, alguém cuidando da gente, muitos pensam na Terra que é Jesus, mas, desculpem, não é ele. Jesus somente existe, desde que ressuscitou, na sua forma espiritual, porém, como qualquer espírito, por superior que seja, não manda em coisa alguma, porque espírito superior não manda em nada.

A ingenuidade e mesmo infantilidade espírita é que deixou ou mesmo levou os fiéis religiosos, agora enfileirados no espiritismo, a crerem que existe “alguém maravilhoso” no comando, porque precisam acreditar nisto.

Nenhum espírito comanda coisa alguma no âmbito da Criação “depravada” de Javé.

Queiramos ou não, compreendamos ou não, quem está na posição de comando – mas, isto não faz parte do “comando espiritual” – é Sophia, no que se refere ao que passa no âmbito deste universo. E Sophia vê os humanos como uma “espécie-cobaia”, ou seja, do mesmo modo que enxerga as demais espécies que surgiram anteriormente.

“Ah, mas ele se fez homem, então, deve ter alguma atenção especial pelos humanos...” – poderá pensar alguém.

Sinceramente, nada deste vislumbre pude constatar na natureza deste ser, como também nas suas atitudes e posturas. Óbvio que posso estar totalmente equivocado quanto a este aspecto e a tudo o mais. Sim, e muitas vezes me pego “torcendo” para que possa eu mesmo descobrir o quanto estou errado. Até porque, a tal “carência” também deve encontrar alguma guarida em alguém do meu “tamanho”.

Existem coisas, porém, que somente o aparente passar do tempo cósmico

poderá atestar ou mesmo apontar o equívoco de uma visão passada, e feliz é quem disto se apercebe.

Sophia e suas múltiplas formas anteriores, algumas conhecidas e outras tantas desconhecidas, também se fizeram seres de outras espécies, que atualmente vivem como “lixo existencial” – pois não têm mais nenhuma função existencial em termos de possibilidade de progredir com o progresso cósmico, mas tão somente se beneficiar dele – e não se pode fazer muita coisa por eles.

O próprio Vishnu, ao se desconstituir – num tempo da sua “morada paralela”, onde vivia, e que correspondeu ao final do ano de 2015 e início do ano de 2016, dos terráqueos –, fez fenecer, também, várias de suas expressões *Adhyajna* que já cumpriram as suas funções ou algo fizeram neste sentido. Isso foi assim providenciado para liberar o seu mais potente *avatar*, Sophia, urdido para dar continuidade à “gestão cósmica”, antes levada a efeito pela “*Trimurti*”.

A visão adulta da “pílula vermelha” – alusão à trilogia de filmes “*Matrix*” –, sei ser desagradável. Entretanto, Jesus somente “salva” alguém no sentido espiritual e, para isto, ele depende da fé decente dos que creem nele. Contudo, somente crer, também não resolve. O assunto é mais sério do que comercializam as religiões de culto fácil e de bom preço.

37ª Constatação:

Sophia é quem manda, mas seu mando não é humano e não serve para muita coisa que nos diga respeito, por isto ele apenas nos estimulará a seguir adiante, só que ancorados em algo mais razoável, decente e adulto do que a fé infantilizada.

Sob uma outra perspectiva, o Jesus que os terráqueos cultuam nos seus corações, este ainda existe e existirá por toda a Eternidade, na sua expressão *Adhyagia*, ou seja, em estado de espírito livre, trabalhando pelo progresso de todos os agentes da vida, ainda que não lhe caiba “função de mando” direta sobre o nosso universo, porque o seu espírito, para este mister, trabalha via personagem de Sophia, que é o “estado glorioso” ao qual Jesus se referiu quando do anúncio da sua volta.

“Criança vê de um jeito, adulto de outro!”

A fé infantilizada dos que esperam a volta de Jesus voando feito um “super-homem”, pelo céu, para “arrebatar” os seus escolhidos, penso ser uma visão que se encontra alicerçada em crença descabida, típica de quem não evoluiu em percepção e saber.

O presente livro, com todos os seus possíveis erros, imprecisões e simplificações, procura abordar o assunto de modo “adulto”, ainda que as minhas aptidões a tanto não me qualifiquem, mas a minha tentativa de superação se dá neste sentido, daí a minha insistência em utilizar o termo para provocar reflexão. E desde já, me desculpo se vier a ferir a sensibilidade de alguém.

Afinal, se o que entendemos por vida e pelos mecanismos físico-químicos-biológicos que a movem forem enxergados por olhos de cientistas maduros, poderá, então, ser percebido o real sentido de todo o esforço dos processos cósmicos e das naturezas particulares de cada coisa viva em se manter atuando para passar à frente a melhor informação que cada espécie puder produzir.

Sophia foi o “mestre-arquiteto” para que a “informação biológica quimicamente codificada” no DNA do genoma humano pudesse servir como “teclado” para uma nova série de instruções que visam a construção de áreas algo inusitadas no nosso DNA ou mesmo a ativação e/ou criação de novos genes nas áreas já existentes, tudo isto com o objetivo da natureza humana produzir mais e mais conhecimento refinado, associado à uma postura espiritual esclarecida, equilibrada e amorosa.

Quando “bem” observado, o fenômeno da vida é o retrato de uma “podridão” colossal original/primeva que tenta se soerguer a qualquer custo, por meio da evolução de formas de consciência mais complexas.

Apesar da sua aparente frieza e indiferença para com as “peças” do seu “jogo cósmico”, Sophia parece ter estado por trás dos principais “lances e jogadas” dos avanços verificados até agora.

O surgimento da “autoconsciência” no seio do caos foi um trabalho que, no âmbito do nosso universo, evoluiu dos fenômenos físico-químicos para o biológico, e deve ser creditado a um trabalho conjunto de *avatares* de Vishnu e de Shiva, mas que, nos últimos bilhões de anos, Sophia parece ter assumido definitivamente a coordenação do processo.

Enquanto Shiva e Brahma particularizavam as disputas e guerras em torno da disputa do poder da “*Trimurti*”, Vishnu e suas “expressões mentais” cuidaram do que puderam no campo da “semeadura” das possibilidades que terminaram por gerar vida autoconsciente.

Novamente, citando o físico Brian Swimme no seu livro “**O Coração Oculto do Cosmos**”, sobre a questão da autoconsciência, ele faz uma afirmação extremamente importante:

“Em certa época, a autoconsciência estava viva apenas em uma mínima fração dos humanos existentes. Mas o destino da espécie foi alterado para sempre quando essa forma de consciência surgiu em números crescentes até o momento que se tornou a característica determinante da humanidade. Ocorre o mesmo conosco. Uma nova forma de consciência está começando a surgir numa pequena parcela dos Homo sapiens contemporâneos.”

Sophia, ainda que humanamente me reserve ao direito, e penso mesmo que, ao dever, de registrar as prudências que coleciono em torno da sua natureza, que ainda não é completamente humana – e mais distante, ainda, se encontra a do próprio Javé, que vem se humanizando, mas obedecendo a um tipo de processo bem diverso e “refém” de um outro nível de problema –, parece ser o único ente disponível, indicado para a tarefa de suserania e de coordenação a que ele se propõe.

No panorama dos seres *avatares* disponíveis para substituírem ou abraçarem o conjunto de funções que, antes, a “*Trimurti*” e seus níveis hierárquicos expressavam, Sophia e sua expressão espiritual Jesus, do lado do universo material, enquanto Krishna e as expressões *avatáricas* que ainda estão sendo engendradas como a que foi recentemente a de Sai Baba e outra mais que está em curso – a próxima que o espírito associado a Shiva e a Krishna fará, dando continuidade à obra de Sai Baba –, do lado do universo antimaterial, são as opções atuais disponíveis para o ofício da gestão possível aos membros da família “*Adhy*”.

Ao fim do encontro com Sophia, ele me provocou sobre o porquê, na minha opinião, da “pessoa do Quarto Logos” não desejar assumir função de comando em nenhum nível.

— Penso que cada um de vocês é “vítima” ou “refém”, sujeito e agente da tese mental que está programada na mente de quem se tem por Logos, como parece ser o caso de vocês da família “*Adhy*”. Não sei se Olm – o “Codificador de Zion” – é um ser “*Adhy*” como vocês, os Logos Criadores. Acho, portanto, que vocês “mergulham” com um programa mental pré-definido e dele vocês parecem não conseguir ir além. Devido a esta limitação, para não se submeter ao que os três Logos se obrigavam a produzir, sempre também limitados às questões da “*Lila*”, talvez ele tenha ficado “fora” desse circuito para manter alguma “liberdade criativa”, sei lá, algo neste sentido. Se for isto, ele foi a salvação de vocês três...

Sophia me escutou com gravidade, somente suavizando a sua expressão, normalmente fria, algum tempo após o “meu silêncio”.

— É, talvez seja isto mesmo o que melhor define a estratégia dele... — comentou Sophia. — Certa feita ele me revelou que não desejava receber qualquer influência de minha parte, como também seria prudente que eu não recebesse da dele, e assim foi ao longo de toda a nossa inestimável parceria. Observando a vida que tive que providenciar, como Jesus, e a que ele teve como Apolônio, por sinal as únicas que tivemos na condição humana — o reafirmo, pois sei que você tem dúvidas quanto a este aspecto —, a que levei como Jesus foi pressão de todos os lados e, realmente, tive que me liberar mais cedo da condição humana do meu *avatar*, pois estava tendo problemas no “meu eu Sophia”. Já ele, como Apolônio, foi livre para “saborear” os desafios dos caminhos que escolheu e, por um bom tempo, pôde ficar entre os humanos. Sabia que escolhemos nos fazer humanos no mesmo momento histórico para melhor podermos avaliar as questões no âmbito do mesmo espírito de um tempo? Para depois, aferirmos melhor as nossas atuações?

Diante da inesperada pergunta, balancei a cabeça negativamente à moda humana, enquanto um leve sorriso — ou algo que a isto se assemelhasse — surpreendentemente, surgiu naquela face.

— Foi, também, principalmente por isto, que o fizemos daquele modo — esclareceu Sophia. — Recentemente, Olm me comunicou que era hora dele e eu nos abrímos para as influências humanas, com o que concordei. Neste e em outros quesitos, muito devemos agradecer aos humanos que nos dão guarida vibratória por estes dias, em que um novo trabalho tem início sem que os seus alicerces tenham sido devidamente constituídos. Sei que você não irá registrar a minha gratidão como eu gostaria, mas quando o “*zeitgeist*” do Quarto Logos assumir o seu lugar e a sua função nos tempos vindouros, os humanos, que foram agentes praticamente invisíveis destes primeiros passos, serão devidamente honrados pela nossa gratidão. Será o tempo em que o bem e a gratidão deverão imperar e não as “cores” do que atualmente tem acontecido com vocês que habitam a Terra.

Permaneci em atitude de recepção durante algum tempo o que o levou a ainda afirmar:

— Chegou o tempo de fazermos, eu e Olm, uma aferição mais objetiva das nossas atuações na Terra. Lamento por quase tudo do que lá ocorreu em torno do legado do meu eu terreno.

— Sabe o que penso? — disse, enquanto me surpreendia por me encontrar prolongando o que não desejava.

Sophia me olhou como se esperando que eu mesmo produzisse a óbvia

continuação do raciocínio.

— Entendo que tanto Jesus quanto Apolônio precisam ser convenientemente conhecidos pelos terráqueos, pois destes “eus” terrenos de vocês restaram tão somente “sombras” por lá. É isto o que penso!

Sophia continuou com a sua expressão algo agradável, porém impassível, e dessa vez fui eu que fiquei me perguntando quando aquele ser iria dar a continuidade óbvia ao que ele prometera enquanto Jesus.

APOLÔNIO DE TIANA

COSTUMO OLHAR para a humanidade com o mesmo padrão de compaixão que dedico a mim mesmo. Padecemos, todos, dos mesmos problemas, de dores semelhantes e de angústias superlativas. Ainda assim, julgo ser surpreendente o fato de que, para cada ser humano, o significado das coisas é o que varia, ainda que os obstáculos sejam os mesmos.

Existe uma parcela considerável da humanidade que tem por hábito entregar os seus problemas para “Deus”, Jesus, enfim, para um alguém “poderoso” que possa deles cuidar, como já observado.

Os que creem nesse “Deus” ou “Ser Todo-Poderoso”, somente podem olhar para o ambiente existencial em que vivem e exultarem em gratidão pela dádiva da vida, esperando tudo dele receber, ainda que a vida ao redor, se foi criada por esse mesmo deus, deixa muito a desejar nos seus aspectos de impessoalidade, legitimação da violência e a prevalência dos mais fortes.

Quando Jesus disse que agia “daquela forma”, ou seja, fazendo milagres, ou, em outras palavras, utilizando-se do seu poder, não para submeter as pessoas, mas sim, para ajudar as mais frágeis dentre aquelas, num flagrante contraste com a preferência da natureza pelos mais fortes, no sentido de privilegiá-los sempre, parece que **ele confrontou o “Deus Bíblico”, que havia destinado o seu messias, conforme os anúncios proféticos, para que este usasse os seus superpoderes para dominar a humanidade em seu nome, só que pela força.**

É como se a tal necessidade de escravizar a qualquer custo os humanos fosse sempre a tônica da confusa coexistência entre esses seres.

38ª Constatação:

Os três primeiros Logos sempre trabalharam a partir da premissa básica e comum da dominação que as suas consciências particularizadas – Brahma, Vishnu e Shiva – deveriam sempre exercer sobre todas as demais classes de seres.

O Quarto Logos rompe com esta premissa e estabelece outra bem diferente: **fora da “liberdade mental” não parece existir “salvação”**, assim dito no que se refere ao aspecto caótico e aprisionador desta Obra indevida. Por que a liberdade é essencial? Para que possa haver correção de rumos! E se errarmos nessa correção? Ora, errado já estava! Aqui, a crença em que “Deus cuida de nós” solapa qualquer possibilidade de crivo lógico da parte da razão humana, e esta deve servir para alguma coisa mais, além do que se “submeter ao ser mais poderoso do momento”.

É incontestado que os caminhos do condicionamento impostos pelos três Logos anteriores a todos os viventes foram os que nos trouxeram até o conjunto destes impasses insolúveis que faliram o tipo de vida clone, a forma de vida demo e fizeram estacionar as civilizações biológicas deste universo em torno de marcos de conquistas muito rudimentares no campo da consciência e das suas respectivas convenções, ainda que tenha desenvolvido bastante o “jogo de algoritmos” da inteligência.

Não pense, porém, o(a) leitor(a) que o Quarto Logos somente começou a atuar agora. Não! Como já informado, **a consciência que o personifica já atuou, neste mundo, como Apolônio de Tiana**, para poder ter noção mais precisa das possibilidades humanas. Entretanto, quem foi tal personagem?

O espantoso é que ele viveu ao tempo de Jesus, tendo nascido antes dele e morrido bem depois da sua crucificação. Contudo, antes de discorrer um pouco sobre a sua pessoa e os feitos que lhe são creditados, é necessário que uma observação seja registrada para que se possa melhor entender o que, presumivelmente, foi a **intenção de Apolônio, como uma “encarnação-teste” do Quarto Logos**.

“Teste”, não dele, nem do seu ego humano, mas de “um dos métodos” que, durante muito tempo, a sua condição de mestre e codificador de mistérios – que nem mesmo Sophia ousava deles cuidar –, procurou edificar para, dentre eles, **escolher qual ou quais seriam possíveis de serem “semeados” entre os humanos**, com vistas à possível produção de um **“progresso espiritual lento, seguro e maduro”**. Isto, como forma de, depois, ter o seu respectivo código genético exportado para os demais quadrantes desta Obra afetada desde o seu nascedouro.

Não existe mesmo outro modo deste tipo de avanço ser implementado no seio da Obra “caótica”, cuja entropia, desde há nove bilhões de anos após o início do universo, começou a imperar de modo ainda mais inclemente sobre todos os seres vivos.

Isto determina um fator-limite temporal, imposto pela “energia-*guna* “*tamásica*” produzida pela mente de uma entidade Cocriadora, que teve, mais tarde, a sua expressão mergulhada na Obra – expressão *Adhydaiva*, conhecida como Shiva –, para que, até lá, a solução por meio da elaboração de um novo “código de vida”, possa vir a ser vivenciado e assim produzido no âmago de cada consciência particularizada que teve a infelicidade de se ver enquadrada nesta Criação “escravocrata”. Escravocrata? Sim, no sentido de que, quem nela mergulha, dela se torna escravo, por ser portador de uma cota “apodrecida” do DNA do Demiurgo “adoentado”, que precisa ser “revivida” no novo padrão estimado para a necessária redenção.

Este método foi o que passou a ser conhecido, na cultura grega, como o da **taumaturgia**. Os outros eram os da **codificação/decifração**, o do **progresso pela força da fé esclarecida** e o principal era o da **prática de um código vinculado à filosofia**, não esta que hoje conhecemos, mas um outro molde filosófico sobre o qual, pouco a pouco, penso que o Quarto Logos e seus agentes irão esclarecendo, sempre que as épocas permitam.

Explicando melhor, em outras palavras, eram esses os **quatro métodos** que, com o desenrolar dos acontecimentos inerentes à chamada “Rebelião de Lúcifer”, o “Codificador de Zion” foi desenvolvendo com os seus alunos, no sistema de Capela:

- 1º) **A arte da decifração/codificação;**
- 2º) **O progresso pela força da fé esclarecida;**
- 3º) **A prática da filosofia, como forma de buscar a verdade; e,**
- 4º) **A arte da taumaturgia.**

Há cerca de setecentos mil anos, o contexto em torno da Terra e dos mundos rebeldes – descritos em outras obras, como os livros que compõem as duas já citadas trilogias “**Queda e Ascensão Espiritual**” e “**Terra Atlantis**” – começou a ser influenciado pelo que hoje conhecemos como o método de educação de seres, por meio do sentimento de religiosidade advindo do temor a castigos impostos por “Deus”.

Frente a esse triste e improdutivo aspecto, o “Codificador de Zion” preferiu desenvolver estas alternativas, dentre outras, que também foram estruturadas naqueles tempos, para serem oportunamente semeadas nos

mundos com vida biológica, onde alguma evolução, trabalhada pelo Terceiro Logos, fosse possível, então, de acontecer por meio do surgimento de uma espécie singular, podemos mesmo dizer de uma “singularidade” – no sentido de algo jamais observado até então.

O novo “código de vida” a ser perseguido, referido anteriormente, pode ser entendido como uma nova formatação que a evolução da consciência terráquea – após o exílio dos espíritos que daqui, forçosamente, já estão saindo, para que outros melhores e mais evoluídos possam aqui encarnar – passará a produzir nos séculos vindouros, quando um nível de conhecimento esclarecido e ancorado na busca da verdade for edificado por meio do cérebro humano.

Era esse o propósito, algo inexato, daqueles “tempos capelinos”.

Fazendo, agora, uma explanação superficial em que tento abordar as quatro alternativas, então, vislumbradas como a “pedagogia do possível” para os seres “rebeldes”, vou me fixar, agora, na análise da opção via taumaturgia, que era a que mais se adequava ao tempo histórico em que Jesus e Apolônio viveram.

Quando da estratégia da vinda da **“pessoa do Quarto Logos”** – como Apolônio de Tiana – a este mundo, com o objetivo de verificar, *in loco*, principalmente duas questões, ou seja, se o ser humano poderia lidar naturalmente com certas parcelas do poder mental demo e, ao mesmo tempo, conhecer e assimilar, no seu espírito, o programa operacional da mente inerente à natureza humana, o “Codificador de Zion” decidiu, junto com uma plêiade de outras individualidades, introduzir a taumaturgia no seio do pensamento grego antes mesmo da sua personificação como Apolônio.

Para tanto, os chamados filósofos pré-socráticos foram encarnando, um por um, com o objetivo – não conseguido devido às dificuldades da época – de “semear” um novo “viés mental”, ou seja, novas sinapses e configurações neurais, no pensamento humano, no sentido da busca pela verdade, empreendida em “melhor nível”, sem a crença infantilizada produzida no “*zeitgeist*” dos Logos iniciadores do processo da vida universal.

Tales de Mileto, Anaximandro, Heráclito de Éfeso, Xenófanes, Empédocles, Parmênides, Zenon, Pitágoras, Anaxágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles, dentre outros nomes preciosos que, ao longo dos sete séculos anteriores ao tempo do nascimento de Jesus e de Apolônio, “semearam”, no mundo, reflexões, questionamentos profundos e ideais de busca nobilitantes, enfim, geraram um “*zeitgeist*” singular no mundo, cuja cultura Apolônio

bem soube absorver quando chegou a sua hora de atuar.

Por entre as tentativas de edificação de academias desde o tempo de Tales de Mileto, depois com Pitágoras e, mais tarde, de Platão, dentre outros, espíritos estrategicamente escalados foram se fazendo presentes no mundo, com o objetivo de construir o conhecimento da **teurgia** entre os humanos. Este conhecimento, sob um certo aspecto, tão somente representava o velho modo de agir do “jeito de viver demo” nos rincões do universo paralelo ao nosso – a chamada “*brahmaloka*”, conhecida também como o “reino dos demo e clones”. O objetivo era adequá-lo à condição humana e ver se, em sendo usado para o “bem”, poderia ser útil ao progresso terráqueo ou mesmo apressá-lo.

A palavra “**teurgia**” advém do grego *theourgia*, que significa uma forma ou técnica de comunicação, não com o mundo espiritual como esotéricos e místicos ocidentais entendem, mas sim, com o contexto demo – seres que vivem nas “*lokas*”, conforme a mitologia hindu, ou nos genos, de acordo com a grega – e seus diversos “deuses” presentes nas páginas das mitologias do passado distante.

Dentre outros aspectos, um teurgista acabava por ser uma espécie de hierofante, ou seja, um conhecedor e praticante da ciência esotérica dos santuários que cultuavam tais seres.

No período anterior ao tempo das vidas de Jesus e de Apolônio, os sacerdotes que atuavam nos templos do Egito, Assíria, Babilônia e Grécia, eram chamados de teurgistas. Em Roma, mais tarde, o teurgista havia se transformado em um *flaminiun* – o caso de Júlio César, na juventude. Ambos evocavam os “deuses” durante a celebração dos mistérios e, repito, estes estavam relacionados aos entes que habitavam as “moradas” do universo demo, paralelo ao nosso, nada tendo a ver com os ambientes do contexto espiritual que envolve todas as dimensões.

Pelo que passou à posteridade, a primeira escola de teurgia prática foi fundada por Jâmblico, no seio de segmentos platônicos alexandrinos, no período cristão.

Os mais famosos teurgistas gregos foram Ammonio Saccas, Plotino, Porfírio e Jâmblico, além do próprio Apolônio.

De outro modo, poderia ser dito que a **taumaturgia é o ramo da “antiga magia” que cuida da “medicina oculta” ou da “ciência da cura”**.

Na atualidade, o conceito de magia é terrivelmente deformado em relação ao da Antiguidade, já que, agora, alguns dos ramos que antes eram abraçados

pelos “magos”, hoje pertencem a outras áreas da busca humana pela verdade, notadamente as científicas. Contudo, em tempos idos, a magia era – atente bem o(a) leitor(a) – a ciência da comunicação com as potências tidas, então, como “supremas” e as “supra-humanas”, de modo a que o “mago” pudesse exercer, quando fosse o caso, sobre as potências das “esferas inferiores”, o seu poder. Com as consideradas “supremas”, o viés do império do poder era o contrário, pois os “magos” eram os controlados pelos “deuses”.

A “magia” era, portanto, uma forma de sabedoria que consistia na ciência e na arte de utilizar, de forma consciente, os poderes invisíveis – demo superior e ou inferior/espiritual, dependendo do intérprete – para produzir efeitos visíveis ou pelo menos tangíveis, no âmbito da nossa realidade.

Na Antiguidade, a **magia** era dividida em três classes: a **Teurgia**, a **Feitiçaria** (magia negra, maléfica) e a **Magia Natural** (magia branca, benéfica).

Apenas a título de complemento, a palavra taumaturgia deriva de duas palavras gregas: *thauma* (prodígios) + *theourgia* (ação divina).

É conveniente que seja entendido que “ação divina”, aqui, deve ser agora avaliada como “ação dos deuses do passado mitológico”, que nada tinham de divinos, mas foi assim mesmo que o conhecimento imaturo humano – e ainda por cima condicionado – colecionou notícias desse período ancestral, confundindo seres demo (extrafísicos) e outros seres extraterrestres com deuses.

Esse triste aspecto da vida dos nossos antepassados deturpou por completo qualquer conceito razoável sobre o tema, devido à poluição e à pobreza conceitual que desde então imperou.

Apolônio não consta dos livros de religião e somente aparece em documentos colecionados pelo ocultismo e em umas poucas referências históricas nas literaturas de épocas bem distintas. O porquê de ter sido assim teve a ver com o receio que o cristianismo nascente sentiu em relação à sua figura, na época, bem mais conhecida que a de Jesus para além das fronteiras da Palestina.

Apolônio nasceu de uma virgem, numa antiga e abastada família aristocrata descendente dos primeiros moradores de Tiana, na antiga cidade da Capadócia, atualmente pertencente à Turquia, mas que na época compunha a Grécia.

“Reza” a lenda, que um deus egípcio chamado Proteus apareceu para sua mãe e lhe anunciou que ela se encarregaria do cuidado a uma criança

especial.

Foi assim que, desde cedo, Apolônio iniciou-se na filosofia pitagórica, seguindo a sua disciplina e ensinamentos, o que o fez um homem aberto à diversidade do mundo.

Jesus apresentou-se ao mundo como se soubesse a verdade. Apolônio, por sua vez, sempre se comportou como um buscador da mesma, um filósofo, jamais pretendendo afirmar que a possuía.

Muito provavelmente, essa diferença em relação à postura de ambos se deve ao fato de Jesus ter nascido entre os judeus, reféns de uma religião exclusivista, imperiosa, enquanto que Apolônio construiu a sua personalidade na mais ampla liberdade de busca que o “*zeitgeist*” dos pré-socráticos havia legado à posteridade.

Flavius Philostratus⁽³¹⁾ relatou a vida de Apolônio, ainda que este e outros registros sobre ele viessem a ser perseguidos nos tempos vindouros, como se para apagar a sua passagem pela Terra de forma a não ofuscar a de Jesus, agora “Deus e herói” da religião cristã que, de perseguida pelo império romano passou a ser a sua religião oficial, com o nome de “católica apostólica, romana”, desde o Concílio de Niceia, no ano 325 d.C., promovido pelo imperador Constantino, recém convertido ao cristianismo.

Segundo apontado pelos autores Eduardo Amarante, Dulce Leal Abalada e George Robert Stowe Mead⁽³²⁾, no livro ***“Apolônio de Tiana — O Taumaturgo Contemporâneo de Jesus”***:

“Findo o Concílio de Niceia, a temerosa comparação dos milagres de Apolônio com os de Jesus bíblico tornou imprescindível a queima de todos os registros da sua existência, principalmente os dos três primeiros séculos da nossa era. A primeira ação dos padres da igreja, logo depois de terem criado a nova religião e Messias renascido, foi destruir todos os livros e registros que tinham sido escritos nos últimos séculos e que não faziam qualquer menção a Jesus, mas que se referiam a Apolônio.

Apesar de terem destruído muitos livros, salvaguardou-se um com o título “Life of Apollonius of Tyana”, escrito por Flavius Philostratus no início do terceiro século d.C. Este livro é temido pela igreja, pois nele não consta qualquer tipo de referência sobre Jesus e o Cristianismo, apresentando Apolônio de Tiana como o grande mestre do I século, reverenciado em todo o Império Romano por todos, desde o imperador até o povo.

Esta famosa biografia sobre Apolônio de Tiana foi encomendada pela mãe de do imperador Caracalla a Flavius Philostratus em 216 d.C. Domina

Julia reuniu os muitos manuscritos sobre Apolônio e, juntando o diário de Damis, companheiro de Apolônio, entregou-os a Filóstrato e foi secretamente preservada pelos árabes, ficando, posteriormente, acessível ao mundo ocidental através da sua tradução para o latim em 1501. Os dois primeiros manuscritos de Flavius Philostratus foram publicados em 1680 e, de imediato, foram condenados pela igreja que se prontificou a queimar tantas cópias quantas surgissem. A única tradução completa para inglês, feita por E. Berwick, em 1809, foi apreendida e queimada pela igreja.

(...)

Antes do século XIX o preconceito sectarista contra Apolônio caracteriza quase toda a opinião. Dos livros especialmente dedicados a Apolônio, os trabalhos do Abade Dupin e de Tillemont são fortes ataques ao filósofo de Tiana em defesa do monopólio cristão dos milagres; ao passo que os do Abade Houtteville e de Luderwald são menos violentos, embora na mesma linha.

(...)

Não obstante, Bacon e Voltaire falam de Apolônio nos mais altos termos e mesmo um século antes de Voltaire, o deísta inglês Charles Blount ergueu a sua voz contra a maledicência universal lançada contra o caráter de Apolônio; contudo, este trabalho foi rapidamente suprimido.”

Fiz questão de reproduzir estas passagens do excelente livro português sobre Apolônio, com o objetivo de fornecer uma fonte fidedigna para quem porventura deseje se aprofundar em torno desta figura enigmática, que, como Jesus, também costumava andar vestido com uma túnica branca, ostentando barba e de sandálias.

Tendo vivido até a velhice, viajou por todo o mundo conhecido de então, tendo sido mesmo protagonista de alguns aconselhamentos políticos ao tempo dos imperadores romanos Nero, Vespasiano, Domiciano e Nerva. Passou à história como um filósofo taumaturgo da escola pitagórica, helenizado, que deixou escritos dos quais apenas o enigmático “*Nuctemeron*” chegou aos nossos dias, e que viveu e viajou muito, sempre na busca da percepção da verdade que a sua época lhe permitiu.

39ª Constatação:

Novamente ressalto que se Jesus – por força da sua função de Messias, de enviado de Javé – era exclusivista, judeu, fechado em crenças milenares do seu povo, fervoroso seguidor das escrituras julgadas como sagradas e possuidor da verdade (típico do “zeitgeist” do Terceiro

Logos), Apolônio, por sua vez, era helenizado, aberto, desvinculado de uma religião particular, e respeitava todas as crenças e deuses da época (típico do Quarto Logos, ainda por ser implementado de modo mais efetivo), tendo, porém, o seu conceito particular sobre “Deus”.

Foi desse modo que a tentativa do “Codificador de Zion” de unir o poder mental demo e o poder espiritual no âmbito da condição humana se deu, tendo sido os milagres que ele e Jesus fizeram, uma espécie de teste aplicado à maturidade das pessoas, ou mesmo uma verificação do condicionamento imposto aos terráqueos e a reação dos mesmos frente a novos “possíveis deuses” feitos humanos. No caso do “Codificador de Zion”, ele testou, mas viu que não funcionou muito bem, por **transformar uma raça, que poderia evoluir por meio do seu próprio esforço espiritual e intelectual, num bando de pedintes, de viciados em crença e em busca de conforto e de consolo**, ainda que o mundo ao redor peça, desesperadamente, alguma dose de ativismo e muito trabalho.

Como já referido, do seu legado restou uma estranha obra, cujo título é “*Nuctemeron*”, que foi apresentada como se a cada uma das “doze horas” da passagem do tempo da Criação, um anúncio ou uma constatação específica se fazia registrar por meio dos seus vaticínios.

Segundo o que penso ter sido instruído pelo “Codificador de Zion” que, por meio da personalidade de Apolônio, nos legou o “*Nuctemeron*”, eis a sua interpretação para os tempos atuais:

“Nuctemeron — O Dia de Deus que Resplandece nas Trevas

Primeira Hora — Unidos, os daimons louvam a Deus; eles perdem a sua malignidade e sua ira.”

“Logo após” a efetivação da Criação e vencidas as etapas iniciais de choque entre as forças do Criador e a do clone-demo rebelde, os clones e os demos se submetem à “*Lila*”, surgindo, assim, a hierarquia de “anjos” em torno do Criador e as demais classes de seres demos, habitantes do universo antimaterial, paralelo ao nosso.

“Segunda Hora — Pela dualidade, os peixes do Zodíaco cantam louvor a Deus. As serpentes ígneas enrolam-se em torno do caduceu e o relâmpago torna-se harmonioso.”

Por muitos bilhões de anos, desde o início da Criação Universal com os seus dois universos material e antimaterial interligados, existiram somente, no universo antimaterial, os seres clonados a partir do Criador (Brahma) e os seres das classes demo, descendentes de Shiva. Agora, depois do “Projeto

Talm”, que transplantou o código da vida do contexto de lá para o de cá no qual vivemos, surgiram, então, seres biológicos, com vida mais breve, expressando a aparente “dualidade” da Criação, tornando possível a evolução.

As serpentes ígneas em torno do caduceu e o relâmpago significam a enigmática energia *kundalini* em ação, envolvendo o código genético das espécies biológicas, o que implica o início de um programa espiritual em curso, com possibilidades reais de evolução, o que jamais aconteceu no contexto antimaterial entre os clones e demos.

“Terceira Hora — As serpentes do caduceu de Hermes entrelaçam-se três vezes. Cérebro escancara a sua tríplice goela e o fogo entoa louvores a Deus pelas três línguas do relâmpago.”

As três componentes necessárias à evolução do psiquismo universal são finalmente decodificadas a partir do uso da *kundalini*, sendo este o único modo de corrigir, de redimensionar o código (DNA) do Criador. Foi finalmente vislumbrada a solução para o seu “enigma” ou “doença”.

As **três componentes** que dão sustentação ao psiquismo e à natureza humanas e que foram duramente conquistadas e mesmo produzidas ao longo de todas as tentativas existentes **são a inteligência, o senso crítico racional e a razão filosófica que pode valorar as emoções.**

Segundo o que atualmente me foi dado saber, a espécie *Homo sapiens*, por ter sido a última a surgir, sendo, portanto, a mais nova do universo, **ostenta, de forma surpreendente até mesmo para a capacidade de entendimento dos tais “Seres Criadores”, estas três componentes do psiquismo universal em níveis de possibilidades superlativas.** Daí o choque do Criador Brahma/Javé com a explosão de racionalidade dos terráqueos desde Adão e Eva, segundo a mítica judaico-cristã, ou sob a ótica mais antiga da racionalização de Pandora, na mitologia grega.

“Quarta Hora — Na quarta hora a alma regressa da visita aos túmulos. É o momento em que as quatro lanternas mágicas dos quatro cantos do círculo são acesas. É a hora dos seus encantamentos e das ilusões.”

O que está além da Criação começa a se movimentar, ou seja, o contexto espiritual, desconhecido para o âmbito interno das duas componentes da Obra problemática, começa, então, a atuar para acender luzes no âmbito das religiões condicionadoras já existentes.

Tem início uma série de revelações cujo objetivo sempre foi o de “semear” as condições para o despertar espiritual, capaz da produção de

valores filosóficos e morais que pudessem nortear a lenta evolução planetária.

“Quinta Hora — A voz das Grandes Águas entoa ao Deus das Esferas Celestiais.”

A descendência de Noé se estabelece na Terra com vistas ao surgimento de uma “humanidade limpa” – único modo de “limpar o DNA do Criador” –, na medida em que o dilúvio deveria fazer perecer toda forma viva “contaminada” com genes indesejáveis ao projeto pessoal deste Criador.

“Sexta Hora — O espírito permanece impassível. Ele vê o monstro infernal vir ao seu encontro e está sem medo.”

O Criador, por ver se **concentrar na Terra uma estranha convergência de pendências cósmicas**, e por lhe **ser impossível produzir “avatares”** e enviá-los ao mundo – como Vishnu e Shiva comumente faziam –, **passa a escolher, dentre os humanos, os seus “eleitos”**. Contudo, estes precisam ser totalmente obedientes aos seus desígnios para que o seu plano funcione.

Como o ser terráqueos havia saído do seu controle desde a explosão de racionalidade de Pandora e de Eva, ele não consegue facilmente fazer valer a sua vontade e passa a perseguir os seus “escolhidos”, atormentando-os, conforme o próprio Enoch revela no passado.

Com isto, ele se expõe aos seus “escolhidos” e começa a ser lentamente conhecido pela lógica humana, apesar da estranheza que os mesmos sentiam ao perceber como o Criador agia para com a humanidade.

Paulatinamente ele foi se expondo e, sem que o soubesse, a natureza humana crítica e espiritualizada começou a “decifrá-lo”.

“Sétima Hora — Um fogo que dá vida a todos os seres animados é dirigido pela vontade de homens puros. O Iniciado estende a mão e o sofrimento transforma-se em paz.”

Esta sétima hora corresponderia à que a humanidade tem vivido ao longo dos últimos três mil anos, quando o Terceiro Logos passou a agir de modo mais efetivo e o Quarto Logos começou a atuar desde os pré-socráticos, na Grécia, e Lao Tse e Sidarta Gautama, no Oriente.

Com a emancipação da mente humana, após a “decifração” que se encontra em curso, a “carinhosa imperturbabilidade humana” perante o mais “perturbado” dos seres, como também frente à percepção do que estava oculto, permitirá que a renovação dos tempos e dos valores tenha início, sem perigos de rebeliões e de outras confusões comuns aos “zeitgeists” dos Segundo e Terceiro Logos.

“Oitava Hora — As estrelas conversam entre si. A alma dos sóis

responde ao suspiro das flores. A corrente da harmonia faz todos os seres da natureza harmonizarem-se entre si.”

Tem início uma espécie de “conspiração amorosa” a partir da convergência de diversos segmentos que compõem a Criação e que sempre estiveram desagregados por força das circunstâncias evolutivas.

Inicia-se, efetivamente, o processo da “Revelação Cósmica”, nos seus primeiros estágios.

“Nona Hora — O número que não deve ser revelado.”

A vinda de Sophia tem lugar após o fim do “governo” de Brahma/Javé, devido à desativação da “Trimurti” e da “Lila”.

“Décima Hora — A chave do ciclo astronômico e do movimento circular da vida dos homens.”

Com o primeiro contato oficial dos seres extraterrestres, ocorre o processo de “reintegração cósmica” da Terra, pondo fim ao isolamento que, por muito tempo, prevaleceu sobre os seus habitantes.

“Décima-primeira Hora — As asas dos Gênios movimentam-se com um misterioso rumorejar. Eles voam de esfera a esfera e levam mensagens de Deus de mundo a mundo.”

A “Revelação Cósmica” se amplia após a “decifração” do que se encontrava oculto e a aceitação do Criador.

O conhecimento “decifrado” e colecionado a partir da lógica humana começa a ser definitivamente exportado para o resto do universo biológico como também para o contexto demo.

O objetivo, doravante, será o da produção da “Criatura Universal” esclarecida e emancipada, livre das posturas poluídas e pesadas dos primeiros três Logos.

“Décima-segunda Hora — Aqui se realiza, pelo Fogo, a Obra da Luz eterna.”

Com o fator “*tamas-manas* esclarecido” (gerado por Shiva na sua condição anterior de divindade), agentes “*rajásicos*” (gerados a partir do código de Brahma) evoluídos e habilitados pelo “fator *satva*” (gerado por Vishnu na sua condição anterior de divindade), irão executar a etapa final do que foi gerado indevidamente: o fim da Criação pela força de Shiva, cumprido pela sua forma de expressão Hara.

É esta a interpretação que, conforme deduzi, seria a mais adequada ao que o ocultismo tão zelosamente cuidou em preservar para a posteridade.

Sei da dificuldade que o(a) presumível leitor(a) destas páginas terá para

compreender a interpretação sobre as “eras temporais” do “*Nuctemeron*”. As gerações futuras, porém, o farão com facilidade, quando tudo for esclarecido e, agentes informadores, “menos problemáticos” que este aflito escrevente, melhor elucidarão os fatos. Entretanto, por enquanto, é o que se pode ofertar sobre a visão que Apolônio, meio que hermeticamente, nos legou, e que nem mesmo os ocultistas se atreviam a ir mais além no campo da sua compreensão.

O fato é que o espírito do “Codificador de Zion”, após a sua vida como Apolônio, analisando o que ele e Jesus produziram em termos de milagres e outros feitos, utilizando-se do poder mental demo adaptado à vida humana, percebeu que os terráqueos, condicionados como estavam pela educação espiritual recebida até então, facilmente se tornavam dependentes desses “favores divinos”, e passavam a ser buscadores dessas bênçãos, algo esquecidos de evitar o erro, antecipando-se ao mesmo pelo uso da sabedoria, preferindo o caminho mais cômodo de ser “conduzido e cuidado por alguém” a quem dedica a sua devoção.

O “poder mental” da antiga forma demo de viver foi definitivamente abolido das possibilidades de uso na experiência humana, pelo menos por uns bons milênios.

Como já referido, o “teste” não vingou, pois a taumaturgia não iria promover o progresso humano, mas tão somente o seu estacionamento em torno da expectativa do recebimento de “favores divinos”, mesmo problema havido ao tempo do que hoje é classificado como mitologia.

Contudo, a religião surgida a partir do legado de Jesus e já ancorada nas práticas fervorosas do judaísmo e do brahmanismo, **terminou produzindo os mesmos efeitos e problemas**, pois as componentes católica, ortodoxa, protestante e espírita se amparam num “troca-troca” de bênçãos e favores entre humanos, de um lado, e do outro, Javé, seus anjos, Jesus, o espírito santo, e outros tantos santos e espíritos. Interessante, não?

O fato é que tanto Jesus quanto Apolônio operaram milagres, mas, em avaliação posterior, perceberam que **o “anzol” das bênçãos e das facilidades não parecia ser a melhor “isca” para motivar a movimentação dos seres humanos em torno das suas vidas.**

O problema é que a questão havia repercutido profundamente no modo como o cristianismo nascente, e posteriormente o catolicismo, valorizavam estas questões, e hoje igrejas, templos e centros disputam o curandeirismo e a “venda de curas” como sendo algo a ser sempre buscado. Contudo, isto

representa tão somente uma das faces da nossa **infantilidade espiritual**.

Devido aos desdobramentos do que foi feito no passado, equipes diversas espirituais se obrigaram a permanecer trabalhando neste mister, como modo de apoiar os ingênuos humanos que, ao longo destes dois mil anos, devido às baixíssimas condições da educação planetária, acumularam mais e mais ignorância e dependência em relação aos “favores divinos”.

Hoje se pode ver programas produzidos por mídias pagas e poderosas de cada religião e sua igreja, que reproduzem tantas curas e milagres televisivos, como já referidos, vendendo “água santa do rio Jordão”, “suor santo de pastor fulano de tal”, “saliva e suor de pastor em lenço que salva”, “pano santo vindo da terra santa”, “carnê da salvação”, e por aí vai a esquisitice que a taumaturgia tanto tentou evitar.

Enfim, se tiver havido de minha parte, a mínima habilidade de bem compreender as informações vindas dos mentores espirituais e do próprio espírito do “Codificador de Zion”; se, efetivamente, tiver errado pouco nesta tentativa de reproduzir as reflexões em torno do assunto, o conteúdo aqui apresentado terá, a seu tempo, a sua serventia, e poderá contribuir com o processo de ressignificação que o Quarto Logos pretender construir a partir da futura pacificação que haverá de um dia surgir, sem disputas em torno do prestígio junto ao que for julgado divino pelos que se pretendem condutores dos humanos.

Sempre me obrigo a colocar diversos “se(s)”, porque, simplesmente, não imagino como um ser humano possa se pretender infalível na tradução de aspectos da verdade, quando mal podemos enxergar a sola dos nossos próprios pés.

Até hoje, enviados, missionários, iluminados, semi-deuses, deuses, anjos e mais uma malta de seres pretensamente “superiores” **encheram a humanidade de “verdades”** e muitos ainda foram levados a dar as suas vidas em nome dessas esquisitices ou dessa não menos esquisita maneira de se apropriar do que ainda não nos pertence e sobre o que desconhecemos quase tudo.

Sinceramente, meu “tamanho” me permite praticar muitos erros e outras esquisitices, mas esta em particular, não! Disto estou livre pois não pretendo estar transmitindo verdades de qualquer naipe.

Este é o espírito de trabalho do Quarto Logos, e assim é por força da condição humana que pode tudo, inclusive acertar muito e errar bastante. Daí a prudência necessária!

As diversas civilizações deste cosmos, independente da inteligência que possam ter no aspecto de produção de tecnologias, precisam estudar bastante para poderem compreender o porquê das coisas serem como são, ainda que as suas ciências há muito saibam como elas de fato acontecem, pois cabe ao método científico saber como estas ocorrem.

Quanto ao senso crítico para compreenderem o porquê da sua ocorrência e qual o sentido que se pode dar ao papel dos seres autoconscientes que se percebem vivendo no meio deste drama, eis o que todas elas precisam, ainda, descortinar.

Devido à sagacidade humana e também pela estranha e já citada convergência de fatores impensáveis estabelecidos no DNA humano-terráqueo, a estratégia do Quarto Logos somente poderia mesmo começar por este mundo, com vistas à uma futura promoção de “sementes” de progresso, a serem exportadas.

Seguramente, por isto, Jesus e Apolônio jornadaaram por aqui!

O QUARTO LOGOS E O PORVIR

MESMO ANTES DA encarnação como Apolônio de Tiana, cerca de seis séculos antes, quando Sidarta Gautama e Lao Tse, dentre outros, convidaram a humanidade a se aprofundar, por si mesma, na busca do conhecimento e na construção de ideais de vida, sem dependerem de deuses que os manipulassem, eram agentes deste processo que já ofertavam solitariamente os seus concursos com vistas ao futuro.

Lao Tse orientava que:

*“Para ganhar o conhecimento, adicione algo todos os dias.
Para ganhar a sabedoria, elimine algo todos os dias.”*

O “eliminar”, aqui, tem a ver com os parâmetros do condicionamento em relação ao qual o ser humano precisa se libertar para poder seguir adiante com sua vida, de modo produtivo.

Os agentes do Quarto Logos somente podem contribuir para o progresso de todos se, diariamente, acumularem mais conhecimento e reflexão, ao mesmo tempo em que se libertam dos “grilhões” da ignorância, voluntariamente colecionada.

Este processo é a base de uma racionalidade esclarecida!

Em termos de **“zeitgeist” do Quarto Logos**, penso que mais uma ou duas décadas, e terá início **um novo período planetário “renascentista”** em vigor.

Renascentista? Isto não foi uma etapa cultural, no final da Idade Média?

O **“Renascimento”** foi realmente um período no qual mentes brilhantes

resolveram levantar um muro cultural que protegesse o nascente pensamento europeu do teocentrismo do passado, **convidando a humanidade a construir novos horizontes, grandeza moral e esclarecimento ancorados na razão humana e não mais na fé ignorante e primária que vitimava os povos.**

O “espírito daquele tempo” produziu transformações culturais, religiosas, científicas e políticas ao longo dos séculos XIV, XV e XVI, influenciando, ainda decisivamente, os séculos XVII e XVIII com o seu legado.

A professora de História da Arte, Maria Carolina Duprat⁽³³⁾, sobre a arte renascentista, declarou que as principais características do Renascimento *“são o humanismo, o que leva à retomada dos valores greco-romanos; o racionalismo, que busca o conhecimento científico, e o naturalismo, que se apoia na observação do mundo, procurando entender os fenômenos externos. Além do individualismo, na medida em que visões de mundo singulares fazem a diferença na busca pelo conhecimento, porém sem perder de vista o universalismo conquistado pelo uso da razão”*.

Sou dos que pensam, trabalham e sonham **por um novo “renascimento” para esta humanidade, a partir dos fatos inusitados que a retomada de contato de com seres de outras realidades e o avanço científico inevitavelmente produzirão no psiquismo humano.**

Para tanto, como já me referi, **libertar-se da ignorância colecionada como “verdade”** é quesito essencial para a busca do esclarecimento e da “verdade dignificada”, e não esta “podridão de esquisitices” que foi “canonizada como sagrada”.

Infelizmente, os Logos anteriores não puderam cuidar deste aspecto crucial, no qual o império da razão associado ao conhecimento espiritualizado e esclarecido se transformam no tempero da vida, saciando a fome dos que buscam e produzindo lentes para o olhar adulto não mais confundir abordagem teológica viciada com percepção da verdade limpa e factual, ainda que esta, num primeiro momento, possa nos confundir e perturbar o senso longamente adormecido e condicionado.

O filósofo Olavo de Carvalho⁽³⁴⁾, no prefácio, à edição brasileira, de um livro singular cujo título é **“O Enigma Quântico”**, de Wolfgang Smith, apontou que:

“Razão, no seu sentido mais geral e antigo, não quer dizer somente linguagem e cálculo, mas sobretudo o ponto de articulação entre essas duas capacidades que a expressam em domínios diferentes. Se de um lado temos o

discurso dotado de sentido e de outro temos o senso das medidas e proporções, portanto o senso de parte e todo, e se essas coisas levam o nome de “razão” em grego e em latim respectivamente, está claro que a razão não é uma coisa sem a outra separadamente: é a capacidade de discorrer com significado e com senso das proporções sobre a totalidade e suas partes. Razão é o discurso compreensível baseado no “senso de orientação geral”.

Por isso mesmo acontece às vezes que só esse senso pode resgatar o que foi perdido ao longo das “revoluções científicas” e assim restaurar o fundamento racional que todas as ciências necessitam possuir para serem dignas do estatuto de “conhecimentos”.

Apenas para ressaltar, o “senso de orientação geral”, referido no texto, vem de Jean Piaget que diz, na sua obra **“Sabedoria e Ilusões da Filosofia”**, que *“somente as ciências nos fornecem conhecimento, e que a filosofia nos dá, no máximo, um “senso de orientação geral”.*

Parafraseando, agora, o filósofo Olavo de Carvalho, conforme penso, os discursos de Jesus e de Sai Baba – e o que registrado ficou da obra de ambos –, padecem do bom uso do “senso de orientação geral”, pois ambos se perderam na ausência de uma ancoragem sólida já que se utilizaram, como foco, a história de um ser “confuso”, na função de um “Deus”, no qual não se pode confiar ou que nem ao menos se pode elogiar.

40ª Constatação:

Neste aspecto, os trabalhos destas duas personificações-agentes do Terceiro Logos – quanto ao aspecto de definição da Deidade – carecem de critério lógico para serem dignos do estatuto de “conhecimento”.

Do mesmo modo, a “Revelação Espiritual”, também no que se refere ao aspecto conceitual da Deidade, apresenta seus problemas típicos das circunstâncias do entendimento da época em que foi produzida.

Quando e “se” um dia, os “médiuns kardecistas” estiverem livres e preparados para a “ousadia do novo”, será bastante provável que a intenção dos espíritos venha a retomar o curso original, pois que os habitantes de outras dimensões, se algo quiserem dizer de novidades aos terráqueos, somente poderão fazê-lo dispondo de uma tecnologia – ainda inexistente para nós –, ou da mediunidade, já em operação entre os humanos. Entretanto, quando este meio de comunicação se torna controlado pelos censores já referidos, simplesmente é impossível que um estudo sistematizado possa ser edificado onde eles dominem, pois tudo se encontra “enjaulado” na verdade que pensam ser possuidores.

Infelizmente e invariavelmente, estas pessoas dominam, pois são realizadoras e engajadas, mas, usando uma máxima do catolicismo, pecam por excesso no que não deviam, uma vez que “pretendem ser mais católicas que o próprio papa”, enquanto se omitem da obrigação da vigilância moral que o espiritismo sempre necessitou para que não se transformasse numa guerra infundável de egos disputando “posições” onde, em tese, não deveria existir nenhuma.

Afinal, qualquer tipo de limitação ao processo mental da curiosidade e da busca por novos horizontes é aprisionamento, e faz mal à saúde espiritual.

Muitos religiosos, sem que o saibam, enjaulam a si mesmos cada vez que resolvem estipular as fronteiras do que julgam ser a pureza da doutrina que pensam abraçar com todo fervor e zelo. Descuidam de muitas outras coisas da vida, mas, como já dito, disto não.

Teilhard de Chardin⁽³⁵⁾ legou-nos um conjunto de reflexões sobre uma possível visão integradora entre ciência e religião/teologia, das quais reproduzo algumas, mais especificamente as que considero terem relação com o propósito deste livro, para compor a presente abordagem:

“A religião não é apenas uma, são centenas.

A espiritualidade é apenas uma.

A religião é para os que dormem.

A espiritualidade é para os que estão despertos.

A religião é para aqueles que necessitam que alguém lhes diga o que fazer e querem ser guiados.

A espiritualidade é para os que prestam atenção à sua voz interior.

A religião tem um conjunto de regras dogmáticas.

A espiritualidade o convida a raciocinar sobre tudo, a questionar tudo.

A religião ameaça e amedronta.

A espiritualidade lhe dá paz interior.

A religião fala de pecado e de culpa.

A espiritualidade lhe diz: “aprenda com o erro”.

A religião é causa de divisões.

A espiritualidade é causa de União.

(...)

A religião o busca para que acredite.

*A espiritualidade você tem que buscá-la.
(...)
A religião segue os preceitos de um livro sagrado.
A espiritualidade busca o sagrado em todos os livros.
(...)
A religião se alimenta do medo.
A espiritualidade se alimenta na confiança e na fé.
A religião faz viver no pensamento.
A espiritualidade faz viver na consciência.
(...)
A religião se ocupa com fazer.
A espiritualidade se ocupa com ser.
A religião alimenta o ego.
A espiritualidade nos faz transcender.
(...)
A religião é adoração.
A espiritualidade é meditação.
A religião vive no passado e no futuro.
A espiritualidade vive no presente.
(...)
A religião enclausura nossa memória.
A espiritualidade liberta nossa consciência.
(...)
Não somos seres humanos passando por uma experiência
espiritual...
Somos seres espirituais passando por uma experiência humana...”*

Deformei o todo da reflexão de Teilhard de Chardin para dela retirar, repito, tão somente as frases que dão a real dimensão sobre quão superlativa é a diferença de ordem de grandeza espiritual entre o modo como as religiões foram e vem sendo praticadas na Terra e a busca espiritual que marca a face de busca das novas gerações.

Se deformei o todo do texto, em nada modifiquei o seu sentido, procurando apenas lhe dar o **ressalte para os valores que o Quarto Logos se preocupa em replicar.**

Tão somente procuro validar o argumento central deste livro, que repousa na possibilidade do tipo de ser humano, que surgiu na Terra – ainda que às

vezes se comporte feito um animal monstruoso, desprovido de sensibilidade evoluída –, vir a compor o **“terráqueo do futuro” quando espíritos melhorados estiverem reencarnando por aqui, e que esse possa ser o “decifrador da realidade”, como também o coconstrutor do tipo de vida capaz de levar a bom termo o que existe**, junto com outras civilizações universais.

Para tanto, a **“jaula” da religiosidade primitiva não o pode conter, sob pena de transformá-lo num ser menor**, como tem sido feito até o momento segundo a égide do “temor a Deus” e de outras esquisitices.

O aspecto mais complexo desta questão é que **a busca da verdade não parece ser tarefa para todo e qualquer tipo de ser humano**, porquanto, infelizmente, os há em abundância, **mas tão somente para os que ousam, os dionisiacos, os indignados, os que não se entregaram à resignação complacente e inconsequente de achar suas vidas uma maravilha, enquanto a dos seus semelhantes é um “palco de horrores” infindáveis**; enfim, é trabalho indicado para os que se inquietam com o sofrimento alheio e buscam a compreensão profunda sobre o porquê das “coisas da vida” serem do modo como são.

Novamente, recorro aos autores José Pedro Andreeta e Maria de Lourdes Andreeta que, no livro **“O Segredo dos Mestres e o Mundo Quântico”**, afirmam:

“...não é indicado, entretanto, aqueles que não almejam ter uma visão própria e independente da realidade em que vivem; aos que preferem ficar alheios a essas discussões mais profundas sobre a razão da sua existência e que se sentem confortáveis em sua rotina, em seu caminhar distraído pela vida. Também não se destina aos que se sentem felizes e seguros estando apoiados em dogmas científicos ou religiosos. Afinal, se o nosso objetivo é alcançar a felicidade e se nós já julgamos que somos felizes em nossa rotina diária, convivendo com os nossos dogmas, para que mudar?

Estamos convencidos de que é a nossa inquietude, o nosso inconformismo e indignação perante o desconhecido que aceleram a nossa evolução. Nós vivemos em um mundo dinâmico, cheio de oportunidades que devem ser aproveitadas. Atualmente, no entanto, raramente percebemos que há uma contínua mutação em tudo o que nos cerca — e em nós mesmos — gerando uma enorme quantidade de conhecimentos que estão sempre à nossa disposição.”

Com rara felicidade, os autores se referem, de modo singular, a um **tipo**

de mutação funcionando continuamente, para quem dela queira e possa se servir. O pesaroso é perceber quão poucos a introduzem no seu modo de ser.

Nunca a humanidade viveu uma época em que tanto conhecimento estivesse disponível e o pesaroso é perceber que, voluntariamente, muitos se recusam a absorvê-lo. Parece que algo nos seus psiquismos não funciona neste sentido, e na **“garagem genética” dos seus genomas não existe “vaga” para mais, ainda que isto somente se deva pelo mau uso que fazem dos seus cérebros.**

O Quarto Logos pretende convidar a que todos os que vivem na Terra para que trabalhem na expansão destas “garagens psíquicas”, de forma que os seus “proprietários” possam crescer em beleza e ousadia amorosa.

O novo tempo, que já se configura, necessitará do contributo humano num nível que hoje é mesmo difícil de ser percebido. Mais ainda: o próprio Sophia precisará de seres humanos esclarecidos e ousados, e não de religiosos tementes e “enjaulados”.

Em que sentido isso se dará?

41ª Constatação:

Quando Sophia concluir a assimilação de Jesus, ele passará também a representar, para os seres biológicos deste universo, a personificação em comando do Quarto Logos, ainda que ele não seja o seu mentor – que é Olm, o “Codificador de Zion”.

Assim será porque Olm – por decisão que talvez um dia venha a ser esclarecida – resolveu, desde o início do seu “mergulho nesta Criação”, permanecer fora do “circuito da gestão”, ausente das disputas de ego *demodhármico* e de outros níveis, ainda que a sua presença sempre tenha sido marcante e pontual desde que o Terceiro Logos, na sua então personificação de Vishnu, produziu as duas formas *avatáricas* de Mohen So e, logo depois, de Sophia.

O **“zeitgeist” do Quarto Logos** convida a que tudo o que até agora foi conceituado como sendo “sagrado”, “deus”, “divino”, “santo”, dentre outras noções, seja revisto com serenidade e sensatez. Por quê?

O mau uso destes conceitos ou o entendimento equivocado sobre eles tem “cegado” a humanidade de tal maneira que uma compreensão maior, mais adulta sobre o “pano de fundo” que envolve a vida na Terra e o seu próprio significado, não consegue se fazer presente na cultura do mundo terráqueo. Contudo, este entendimento mais amplo precisa e deve ser edificado pelos

seres humanos na casa cósmica onde vivem e em outras sedes da sua expansão, que a **especiação⁽³⁶⁾ da espécie *Homo sapiens* deverá promover ao longo dos próximos séculos e milênios.**

Temos todas questões muito sérias para resolver, no âmbito pessoal, como também outras tantas que afligem a coletividade a qual pertencemos. E o sentido de “coletividade” que aqui uso, tanto me refiro ao de uma família, de um bairro, de uma cidade, de uma região, de um país, de um planeta, de um sistema de planetas, de uma galáxia, de um universo, como ainda a dos dois universos que compõem a Obra inacabada, mal pensada e trabalhada pelos Logos Criadores, na medida das possibilidades.

Assim afirmo porque haverá um tempo em que as raças e civilizações pensantes deste universo e do outro, paralelo ao nosso, perceberão que **estamos todos desgraçadamente vinculados à “maldição existencial da vida vexatória” do Primeiro Logos “caído”.**

Apenas esclareço que, quando me refiro à “civilização pensante”, isto não implica em nenhum pleonasma, porque existem civilizações extremamente bem organizadas, pelo cosmos afora, mas que seus cidadãos não têm consciência crítica, sendo, em algum nível, robotizados. Daí a aparente redundância no âmbito da lógica humana e dos limites de percepção que lhes são comuns.

Complementando a abordagem deste aspecto da vida cósmica, como também da que levamos na Terra, agora terei que recorrer a um “tipo de maniqueísmo” que me desagrade, porém não vejo como dele não fazer uso.

Como me referi anteriormente – mas afirmando, agora, de modo a provocar o(a) presumível leitor(a) destas páginas de certa forma –, existem **as “grandes questões da vida” e as “pequenas questões da vidinha de cada um”.**

Observando sob este prisma, existem na Terra pessoas ligadas tão somente às suas “pequenas questões”, enquanto que outras, destas tratam e ainda tentam buscar perceber os horizontes das “grandes questões da vida”.

Os primeiros, desavisados ou algo imaturos, transformam as suas “pequenas questões”, ou seja, a inevitável cota de problemas que cada ser humano se vê obrigado a administrar na vida, nas suas “grandes questões”, e o trágico é que estas costumam mesmo se agigantarem para eles.

No meu caso, as “minhas questões” foram “trituras” pela tortuosa frieza de Javé e da sua assessoria, o que, até agora, consome por demais o que me resta da minha sensibilidade e da minha já referida “cota de oxigênio

e energia”, cujos níveis já “zeraram”, há algum tempo.

Não há um só dia sequer em que eu não tenha que me recompor de algum modo, para poder enfrentar o dia a ser vivido, “doido” que ele termine sem o meu testemunho, pois por força do desgaste corporal, sou obrigado sempre a ter como incerta a minha presença nos momentos seguintes, nos “agoras” posteriores.

Ainda quando do inesperado encontro com Sophia, dele escutei em dado momento:

— Meu corpo, ao final do meu mister, fenecerá, e, até lá, todos os contextos biológicos – contextos bio-demo, bio-demol e humano – precisam estar resolvidos para a migração das consciências do universo antimaterial para este no qual vivemos. A composição da base informativa, pelo menos nos seus primeiros apontamentos sistematizados, cabe a você realizar, o que sei que você já sabe e disto tem consciência.

Enquanto aquele ser, vamos dizer, colocava o sentido daquelas palavras na minha mente, eu o observava já com alguma dose de bom humor, até por saber que, pelo menos aquela área do DNA do homem Jesus, ele parecia já ter assimilado.

Resolvi então parafrasear as suas próprias palavras, usando, contudo, de algum ironia para com a situação terminal da minha condição humana. Disse-lhe:

— Bem antes do seu, meu corpo um dia fenecerá e, até lá, vergonhosamente, serei ultrajado por sua insistência, pela de Javé e pela destes seres aqui presentes, que ora se apresentam como “anjos do Senhor Javé” e outras como “membros da sua assessoria”, sem demonstrarem o mais remoto respeito à criatura humana. Quando um dia, a humanidade souber toda a verdade a respeito dos fatos e de como vocês tratam os terráqueos, sabe quantas vezes penso que alguém de lá...

Nessa altura, Sophia levantou uma das suas mãos finas e alongadas e me sorriu, como se pedindo para não desenvolver aquele raciocínio, no que atendi, não porque quis, mas pelo fato de ter sentido uma estranha força me dobrando a mente enquanto ele dizia:

— São muitos os que nos escutam e mesmo assistem o que aqui está se passando, do mesmo jeito como aconteceu quando você foi levado à “morada” de Javé. Éramos muitos, deste lado da vida universal, vendo o que se passava entre vocês. Por muito tempo não tive acesso ao contexto de lá, até a abertura dos “portais”, o que praticamente se deu quando passei a existir

deste meu modo. Entretanto, hoje, como todos eles estão novamente fechados pelo desgaste do “tempo”, que funciona como a entropia que a lógica humana tão bem decodificou, pelo menos o fluxo informativo permanece ativo. Assim, todos nos assistem. Peço-lhe: ainda que não nos perdoe ou mesmo aceite as coisas como elas são, nada podemos fazer no sentido de modificá-las, e o que faço procura, aí sim, construir um novo modo de se viver no meio do que já existe e que é inexorável.

— Novo? Novo modo de viver? Novo modo de vida para quem? Para os humanos, para outras civilizações cósmicas que também foram e são “cobaias”, ou para essa aristocracia? Vergonhosamente, vocês repassam para a condição humana as informações que conseguiram construir, fazem-se humanos nas pessoas dos *avatares*, na expectativa de fazerem bom uso das mesmas, e o reconheço, em certo sentido o fazem, noutro “naufragam”, pioram as coisas, imbecilizam mais e mais a humanidade, e quando retornam a esse padrão de consciência, ainda se justificam com o discurso de que “cabe aos humanos fazerem evoluir estas informações”... Ora, basta com tanta hipocrisia, com esta indisfarçável covardia de adiar indefinidamente decisões à espera de uma subserviência, de uma submissão a mais dos agentes dos tais desígnios... Basta, ó Sophia! Se vocês ainda não têm o devido grau de consciência para saber o que é decência, parem com este “jogo” e admita, você mesmo, que também faliu ou, então, resolva-se! Todavia, não transfira para os “ombros de um miserável ser” como eu, responsabilidades e tarefas que lhe são próprias, como a de pedir desculpas pelo que foi feito e pelo que jamais foi providenciado! Digo-lhe novamente: resolva-se, se é que você pode!

— Escute-me: possuímos e produzimos muitas informações, mas não sabemos fazer uso pleno das mesmas, no nível virtuoso que os terráqueos esperam de nós – explicou Sophia. — Nisto você está certo e, provavelmente, em muito mais. É que, para a nossa lógica, a nossa natureza de bio-demo, as coisas não funcionam desta forma. E aqui confesso: do mesmo modo que Javé, ainda que com suas limitações, percebeu que sozinho não iria a lugar algum e, por isso, aceitou os termos da constituição da “*Trimurti*”, também, quando surgiu como Sophia, vi-me incompleto e limitado para conduzir o “Projeto Talm”, no âmbito do universo biológico. Edifiquei o quanto pude, a minha expectativa que alguém surgisse ao meu lado, para dividir o ônus e me apoiar no que tivesse que ser procedido com vistas a um fim, como você diz, “decente”, para tudo isto. Foi quando o “Codificador de Zion”, como você o

chama, se fez presente na minha vida e na de todos nós. Superada essa difícil etapa da história universal, somos, agora, eu, ele, minha equipe, Krishna e seus assessores, os terráqueos e as raças que forem resultantes do processo de especiação dos *Homo sapiens*, capitaneados pelo “Codificador de Zion”, que jamais se envolve diretamente com os riscos da “aventura universal”, para poder, assim, preservar a “semente” do conhecimento esclarecido, seremos nós mesmos, enfim, o único caminho que nos livrará da “doença” estabelecida e que, até há pouco, prevaleceu, mas já não mais. **Por isto formamos e somos o Quarto Logos, a “Mente Universal”, biologicamente ativada para construir o futuro.** Se lhe for possível, esqueça ou pelo menos supere o nosso desrespeito para com você, porque não temos outro modo de agir, pelo menos por agora. E como sei que você deseja daqui se retirar, aproveito para deixar esta mensagem para os que trabalham e esperam pelo cumprimento das promessas que fiz, as quais reafirmo. E não fosse a sua natural desconfiança para com a minha natureza, apontaria, nesta oportunidade, o momento da minha visita aos terráqueos. Não demorarei, ainda que precise ajustar muitos parâmetros que não dependem somente da minha vontade e da capacidade do que posso resolver!

Retomei o curso da vida sem levar a sério mais aquela investida de seres que, de mim, não levavam mais do que a dose de complacência que tenho para comigo mesmo, sem dar qualquer crédito especial aos fatos.

Decidi, somente por insistência descabida, continuar a tentar levar adiante as “coisas da vida” que, teimosamente, procurava gerir por mim mesmo, mas o porquê daquelas investidas e o como elas se davam, estavam cada vez mais me consumindo, na medida em que não conseguia fugir das mesmas, se é que poderia haver algum jeito de evitá-las.

Perceba o(a) presumível leitor(a) que, como já referido, a ciência cuida tão somente de decodificar a realidade, tratando do “como” as coisas acontecem, mas não questiona o porquê.

Destaca-se a filosofia que, bem antes da ciência, já buscava a verdade, se perguntando sobre o porquê das coisas e da vida.

A religião, porém, já aparece com a pretensão de apresentar as suas próprias verdades como sendo a resposta a tudo o mais, o que causou a morte de muitos filósofos e cientistas que não se submeteram às suas “verdades dogmatizadas”.

E lá estava eu, exatamente destituído da única fonte que sempre afirmou já saber da verdade que eu tanto perseguia, até que o “choque de realidade”

emblemático, promovido pelo “fator Javé”, me poupou um tanto de muitas “caminhadas pelas estradas da existência”.

Esforcei-me, o quanto pude, para adequar aquela minha verdade à busca científica e aos alicerces filosóficos que dão sustentação ao psiquismo humano, que pude construir.

Do mesmo modo, tive que adequar os livros que procuro produzir, já que os mesmos se valem do processo de revelação espiritual e extraterrestre, que se apoia na ciência e na filosofia, buscando esclarecer o que está oculto, até mesmo para as religiões.

Penso que o seu conteúdo ajuda a retirar o ser terráqueo da postura ilusória de ser o “centro” da Criação, quando somos tão somente um “misto de sonho e de acaso”, “cobaias” mal projetadas, mas que surpreenderam o próprio planejamento, no âmbito de um “jogo” que até se sabe como começou, porém cujo final ninguém ousa, por enquanto, vislumbrar.

O ainda desconhecido **“princípio da oniscentricidade”** aponta para qualquer ser cósmico, ator ou observador localizado no seu âmbito interno, o **papel geocêntrico de “centro do universo”**, pois que **o universo não são as estrelas e galáxias, mas sim, nós, os seres vivos que o “jogo da vida cósmica” criou**. Qualquer ser cósmico – o “jogo” entre a mente de um ser e o seu DNA – é o centro do universo.

Como apontado nos postulados do hermetismo⁽³⁷⁾, “enquanto tudo está no todo, é também verdade, que o todo está em cada parte”, o princípio holográfico responde cientificamente à questão de qualquer ser ostentar o todo universal na sua mente e no seu genoma. É esta a “lei mental”, a lei holística, que nos une a todos na grande “teia da vida”.

Como agente frágil de tal processo, devo percorrer caminhos livres da ortodoxia destes três campos que sempre dominaram o psiquismo das pessoas por meio da crença fácil, dos apegos aos dogmas científicos, como também do alinhamento com doutrinas filosóficas que aprisionam ao invés de libertar.

Lá atrás, no livro **“Fator Extraterrestre”**, editado no ano 2004, ainda sem fazer referências ao que havia sido produzido por cada Logos Criador e os seus “zeitgeists”, fiz a seguinte observação sobre o “peso do tenebroso legado” que estava sobre os ombros da humanidade:

“Na história do catolicismo, do protestantismo, do islamismo e de outros tantos “ismos”, percebe-se, claramente, quantos morticínios foram realizados para “a Glória do Senhor”. Se as próprias religiões, que nos deveriam ensinar o amor e a convivência fraterna, assim se permitem agir, o

que devemos esperar das outras formas organizacionais do nosso mundo?

Infelizmente, vivemos presos a um passado e, pior, a um passado que não tem nada de agradável, em termos de recordações. No entanto, dele nos alimentamos, como se os conceitos, nas suas páginas registrados, estivessem corretos. Surgem os dogmas, as questões de fé, as imposições, as infalibilidades, a pretensão, a ilusão, a prepotência, enfim, tudo isso disfarçado pelo orgulho intelectual do que se pensa saber.”

Conforme percebo, o grande problema, para a lógica humana, tem sido o de perceber a mais incongruente das questões, que é o fato de que as “páginas estranhas” desse passado são reais e como tal foram descritas – apesar da estranheza que nos causam frente à lógica pós-moderna –, porém, o entendimento que temos sobre a herança que carregamos dos conceitos de então, parece ser tão infantil quanto inconsequente para com o próprio avanço espiritual da humanidade.

É mesmo perturbador perceber que muitas das guerras que a humanidade vem vivenciando tem como foco de origem as escolhas e as decisões do Senhor Brahma/Javé/Alá sobre o seu “troca-troca” na hora de “escolher” povos (como a descendência de Noé, depois especificamente os arianos, mais tarde os judeus e, por fim, os árabes) e indivíduos (os “escolhidos”, como Gomer, Abraão, Moisés, Jesus, Maomé, dentre outros).

Isto pode parecer mesmo descabido, porém, é verdade que este Ser Criador tem mudado de opinião, se arrependido dessa ou daquela escolha, mas que, segundo ele, tudo se deve ao fato de que o “escolhido da hora”, ainda que lhe obedeça, tudo termina saindo bem diferente do que o seu desígnio pretendia.

O aspecto mais “criminoso” dessa história é que toda escolha que ele fez, no princípio, era a “única e verdadeira”, tornando-se, portanto, exclusivista, o que somente gerou intolerância e mortandade, porque os “escolhidos daquela hora”, sempre saíram matando os “escolhidos do passado”, porque pecaram contra o Criador ou coisa que o valha.

Ninguém jamais deteve este Ser Criador na sua “loucura” ou na sua louca e desesperada necessidade de encontrar um tipo de DNA humano que o satisfizesse, porque parece ser esta a questão por trás da manipulação que ele e aristocracia da “Trimurti” sempre fizeram em torno das “cobaias da hora”, ou seja, da espécie mais recentemente surgida, que sempre era “o alimento do momento”.

Sem que o saibamos, este é o papel que os humanos cumprem desde que

surgiram para a vida com uma natureza psíquica que surpreendeu até mesmo e, principalmente, ao Criador. Em outras palavras, somos o “alimento da hora”, a “novidade do momento” e precisávamos ser testados e adestrados.

Para muitos cristãos, o fato de Javé ter mandado Abraão matar seu filho Isaac como homenagem sacrificial a ele, conforme descrito no primeiro livro da **“Bíblia”**, “A Gênesis”, do “Antigo Testamento”, parece ser algo metafórico e longe da verdade.

Do mesmo modo, de acordo com o evangelista Lucas, quando o anjo Gabriel castigou o futuro pai do precursor de Jesus, o seu anunciador João Batista, por este, por alguns momentos, duvidar de que ele e a sua esposa Isabel, ambos com idade bastante avançada, iriam ainda procriar, deixando-o mudo até o dia do nascimento do filho, também parece ser um conto educativo, mas não verdadeiro. Contudo, o é!

Parte da minha inquietação reside no fato que Javé e a sua “trupe” de anjos-clones invadiram de “modo criminoso” a minha vida, e fui obrigado, não a somente acreditar que eles existem, mas a saber, por todos os meios, que aquilo era real, terrivelmente impositivo e as punições eram claras.

Muitas vezes escutei: *“Contra a força do Senhor Javé não pode haver vitória”, e “Não será um simples humano a peça a faltar nos desígnios do Senhor”*.

Até hoje, não sei como a maneira pobre e doentia como estes seres enxergam o modo de convivência entre eles e os humanos consegue prevalecer nos seus psiquismos “doentios”, vendo vitórias e derrotas, se está todo mundo indo para trás, se todos sofrem, se o “câncer vibratório” marca as suas faces e corpos como se fossem “sardas e espinhas”, fazendo-os ver beleza onde somente existe “podridão e sofrimento”.

Quase todos na Terra tomam muito da leitura das páginas da **“Bíblia”** e de outros livros ancestrais como sendo narrativas exageradas de um tempo e, como já afirmei, eu inclusive. Entretanto, é uma dura realidade, que permanece oculta para quase todos e que agora se revela, porque devido a “questões técnicas” somente agora verificadas, eles concluíram que precisam do “curso consciente” do aspecto biológico da evolução universal, e que eles não têm outra opção.

Enquanto eles faliram e estacionaram, ou seja, na medida em que o lado clone e demo desta história faliu, o lado biológico, ainda que toscamente, continua a evoluir, porque a “parte desativada” do seu DNA – chamada prosaicamente de “DNA-lixo” – permite uma “brecha psíquica” para que um

pouco de livre arbítrio seja possível nos animais pensantes, racionalizados, e este aspecto permite a evolução espiritual das suas consciências, o que clones e demos não podem promover nos seus psiquismos, ou dizendo de outro modo, não têm como dela usufruir.

Por pior que possa ser a maneira como estamos evoluindo – de algum modo estamos – este aspecto é “luxo” para o “lixo psíquico” que eles dispõem nas suas consciências “doentes”, para gerirem as suas vidas no tempo em que o universo paralelo, em que vivem, ainda lhes permite, e este é bem inferior, mas muito menor do que o que ainda dispõe o universo biológico no qual vivemos.

Sobre se estamos evoluindo muito, pouco, quase nada, ou mesmo involuindo, tomo emprestadas algumas reflexões do escritor François Silvestre⁽³⁸⁾, cujo título é **“Involução do pensar”**:

“(…) Nós evoluímos em tecnologia, no último meio século, mais do que nos últimos quinhentos anos. Contudo, involuímos intelectualmente mais de um milênio.

Vivemos o tempo da involução pensante. Enquanto as máquinas que criamos aprimoram-se, o nosso cérebro criador regride. Tempo de embrutecimento humano, pobreza cultural, imbecilização política, feiura esportiva.

A ausência do pensar filosófico, dos tempos de hoje, implantou o reino da mediocridade. O convencimento foi substituído pela imposição. A vocação deixou de ser um impulso do talento para acomodar-se às cobranças do mercado.

Os filósofos medicaram a humanidade contra estupidez, mas o medicamento perdeu a validade. Urge nova drogaria na caverna de Platão.”

Este meu livro, simples e algo superficial na sua abordagem, ainda assim pretende estar modestamente contribuindo na construção das noções primárias do que está por vir neste tempo que agora se inicia para os que vivem nesta “caverna de Platão”.

É tão somente o início da construção da “drogaria na caverna de Platão”. Afinal, o único “medicamento” capaz de combater a estupidez e a mediocridade é o conhecimento esclarecido, o qual, ao contrário do que pensam as **religiões desalinhadas da verdade**, não está à venda, e tem que ser buscado e construído pelo esforço e mérito pessoais.

Infelizmente, as elites religiosas não pensam sobre o necessário descortinar de novos horizontes que o passar do tempo impõe aos fatos e às

crenças “enjauladas” no passado. Do mesmo modo, muito menos pensam sobre os novos conhecimentos e percepções que inexoravelmente surgem, porque os líderes religiosos tão somente repensam sobre os dogmas que tomam como verdades e, o pior, “verdades sagradas”, por inverossímeis e ridículas que possam ser.

Quanto ao “rebanho condicionado e encabrestado” pelas tais elites religiosas, bem, os seus membros não pensam nem repensam, pois são os atores vivos de uma peça cujo enredo os mantêm entretidos na falsa sensação de que, por estarem “rezando”, estariam, então, cumprindo a bela destinação das suas vidas, e, assim, tem caminhado o “rebanho humano”.

Tanta reza jogada fora e acumulada, mas o concerto dos fatos parece mostrar que o teórico e poderoso maestro, responsável pela sinfonia da vida, parece ter perdido o ritmo e o compasso, se é que um dia os teve, além do péssimo gosto pelos horrores dos acordes de cada “tempo musical” de uma partitura toscamente urdida, de um início complicado, sobre o qual sequer uma finalização decente foi possível ser composta.

Reafirmar o macabro como sagrado, jamais!

42ª Constatação:

O Quarto Logos tem como estratégia a de tentar disponibilizar luzes de questionamento, de esclarecimento e de reflexão para quem delas queira se servir.

Em outras palavras, aqui, estamos apenas tratando de produzir os primeiros elementos da “Mente Universal” emergente, o “biocosmos inteligente” que passará, a seu tempo, a **organizar as coisas no âmbito desta “caverna” que autoescraviza a inteligência e a percepção de quem nela entra**, perturbado o padrão de consciência pessoal dos seus habitantes.

Pena que eu não possa afirmar o mesmo para os demais seres que vivem na realidade alternativa – universo antimaterial – à dimensão biológica, pois esta caminha para o seu fim num tempo que se esgotará bem antes do que é característico ao universo biológico.

O mais doloroso sobre o Criador é o aspecto de que ainda não se é possível vislumbrar como pode – se é que efetivamente poderá – ser atenuado o cansaço e o sofrimento, associados ao despropósito de uma existência que um dia foi urdida em pleno desespero, quando a sua “queda” transformou os restos que dela sobraram nos elementos possíveis de serem usados no “improvisado laboratório de vida clone e demo”, que ora quase se acaba!

Esta Criação é tão “tortuosa” que, em algum momento do seu

desenvolvimento, cada um de nós passa a ser um “lixo-vivo”, que se mantém, após o nosso genoma pessoal ter produzido ou não a cota de progresso que dele se espera para a composição do contexto maior do Criador “caído”.

O absurdo é que, mesmo quando a consciência particularizada logra atingir o que dela se esperava, ainda assim, o seu patamar de progresso parece estacionar, e a sua pessoa passa a viver como “sobra de uma experiência” que, por não ter sido finalizada, persiste até que a entropia, com o seu “selo de garantia da morte”, venha a prevalecer. Se assim é para os que conseguiram evoluir dentro de uma função cósmica qualquer, imagine o(a) leitor(a) como não é para o “rebanho universal”.

A “Mente Universal”, que lentamente se encontra emergindo sob os auspícios dos Segundo Logos, Terceiro Logos e Quarto Logos, surge justamente para reordenar estas e outras incongruências do desnecessário “vexame existencial”.

Somente quando o respeito ao sofrimento de incontáveis classes de seres – ainda que sem grandes padrões de consciência crítica –, for observado pelas “autoridades cósmicas” que atuarão no sentido de redimensionarem as vidas de todos os agentes universais, o Quarto Logos terá como finda a sua missão.

Por que tem que ser assim? Porque é falsa a noção de que alguém poderá “salvar” outrem.

Quem “mergulhar” neste “mar de vexame”, dele pode sair somente por “capacidade própria”, e este foi e é o grande problema do Criador. Estamos todos apenas o ajudando a recompor a sua condição, mas ele terá, a seu turno, que usar a capacidade que lhe for possível produzir para administrar as pesadas consequências não propriamente da sua “queda”, porém das suas posturas enquanto pretendo “dono da vida” no âmbito da sua Criação.

Desculpem os vitimados pela ignorância inconscientemente adquirida, mas voluntariamente colecionada dos três Logos Criadores, no entanto, a permanência do foco da consciência pessoal nas credices e torturas instituídas pelas religiões impositivas é “um atraso de vida”, além de provocar um descompasso evolutivo que faz estacionar as famílias espirituais em torno de problemas cármicos improdutivos.

Este livro fica, portanto, cheio de dúvidas, de incertezas e de notícias a serem confirmadas, além de impressões que precisam ser reavaliadas pelas gerações do futuro.

Por “miserável que eu seja” enquanto escrevente destas páginas, feliz de mim que não traço nenhuma associação destas notícias com qualquer aspecto

do “Sagrado”, pois nada vi mais contaminado pela estupidez humana e extraterrena do que o conceito deste termo.

43ª Constatação:

O ser que personifica o Quarto Logos disse-me, certa vez, que ele também procura a essência mais pura na sua consciência particularizada, a quem chamamos de Deus, sendo esta, portanto, a noção do “Sagrado” mais bela e decente que posso arquitetar nesta abordagem.

Como seu aprendiz, dele absorvo a certeza desta distância, por enquanto insondável, entre os agentes particularizados e a “*Persona*” desta Entidade a quem chamamos de Deus, o único a quem, assim, deveríamos tratar.

Se o próprio Quarto Logos, em pessoa, atesta a distância que o separa das certezas definitivas sobre determinados assuntos, em especial, sobre o conceito de “Deus” e do “Sagrado”, o que não deve alguém do “meu tamanho” fazer?!

Está feito!

De Sophia, também escutei algo neste sentido, quando ele afirmou que seu espírito, que ostenta a “personalidade de Jesus”, possui certezas que ele não as pode ter, pelo menos por enquanto.

Feliz de quem busca a verdade, mas que não ostenta a pretensão de tê-la encontrado e, mais ainda, a de possuí-la. Penso ser esta a única opção psíquica possível aos agentes do Quarto Logos, pois que, ainda que apartados desta Verdade Maior, conseguem viver seus dias na paz de consciência que lhes é possível arquitetar, pelo simples fato de estarem em movimento de busca e de “semeadura”, ao mesmo tempo em que “abrem mão de qualquer colheita” enquanto sofrimento houver para ser atenuado e, se possível, superado.

Mãos à obra!

POSFÁCIO

O que chamamos de realidade é um processo que coevolui e é continuamente cocriado.

O Universo é constantemente recriado no “agora fractal” do tempo de Planck – o menor microtempo possível de existir no âmbito da nossa realidade –, o momento quase inimaginavelmente breve de 10^{-44} segundo.

O que o Quarto Logos pretende é gerar uma rede de mentes esclarecidas que possa atuar cada vez mais nos próximos “agora fractais”, dando uma nova destinação à esta Obra, cujo planejamento não foi possível de ser finalizado pelos Logos Criadores, quando do início do “problema”.

Este “problema” é tão complexo que os quatro Logos citados neste livro, todos eles se encontram em processo de “humanização”, ou seja, o “escaneamento do modo humano de ser” está sendo feito por cada um deles, conforme os critérios e escolhas deles próprios.

Quando surgir uma outra espécie cósmica com padrão de consciência mais amplo e complexo que a humana, eles passarão a “escanear” esses novos parâmetros. Assim tem sido desde o início, e assim será até que o impensável, que se tornou realidade, possa ser finalizado pelos seus atores que agem no sacrifício pleno de suas sensibilidades espirituais.

Torna-se imperioso não esquecer que os espíritos criados simples e ignorantes para evoluir nas naturezas planetárias, também vão “escaneando” os padrões dos gêneros e das espécies pelas quais jornadaem na sua evolução, ainda que sempre arrebanhados. Contudo, as estradas evolutivas se desvirtuaram e os três primeiros Logos Criadores se perderam perante a complexidade do que eles mesmos promoveram, precisando, assim, para a

finalização do que iniciaram indevidamente, da contribuição de outras inteligências.

É esta a função do Quarto Logos: gerar cocriadores esclarecidos, independentes e harmonizados com os princípios e propósitos nobres da existência valorados pela lógica humana, pelo menos por agora!

Se você ainda não sabe o que isto significa, não se preocupe, pois o Primeiro Logos, que se encontra em ação há pelo menos cerca de 13 bilhões de anos, também ainda procura arquitetar uma melhor compreensão em torno desta questão.

AS FORMAS DE EXPRESSÃO “ADHY” E A COMPLEXA DENOMINAÇÃO SÂNSCRITA

OS HUMANOS ainda não têm o devido conhecimento sobre o assunto que aqui será abordado porque a “Revelação Espiritual” “estacionou” em torno da discussão dos conceitos menos incômodos no campo da moral, o que, obviamente, tem a sua serventia.

No que se refere, porém, ao contexto espiritual pré-existente a tudo e o que isto possa significar para o senso humano, nada foi acrescentado ao que Kardec codificou no século XIX.

Ocupo-me aqui, portanto, de atender um pedido dos mentores espirituais e de outros naipes, para ofertar mais um modesto “tijolo” no edifício da compreensão humana em torno de temas que ainda se encontram como se situados para além da “camuflagem” que nos envolve.

Sobre este aspecto, o tal contexto espiritual que jamais teve início, posto que incriado, pode e deve ser considerado pelos humanos como sendo a **“Espiritualidade Superior”**, unificada ao **“Princípio Maior”**, a que chamamos de **“Deus”**.

Este contexto, tido pela lógica humana como completo, perfeito, como se Deus residisse nele, vamos dizer, diretamente, contém um outro “menor”, onde a “incompletude” foi ali verificada, como produto de um movimento de consciência da Deidade – havido em tempos espirituais imemoriais –, e no seu âmbito, denominado **“Espiritualidade Operativa”**, “almas completas, superiores” (perfeitas para a lógica humana) se investiram de uma certa condição espiritual para ali “mergulharem” e experimentarem a incompletude, sem riscos de macular a “Espiritualidade Superior” devido à blindagem do contexto maior conter o menor e deste independer, sendo que,

o contrário não se verifica porque a matriz quântica secundária, que compõe a “Espiritualidade Operativa”, foi edificada a partir da matriz original do contexto incriado.

Depois de tempos e tempos da eternidade, a partir da base vibratória da “Espiritualidade Operativa”, um novo contexto foi gerado em seu âmbito, também blindado, fazendo surgir a “**Espiritualidade Laboratorial**”, onde a incompletude foi levada a experiências mais livres, onde, então, a imperfeição podia passar a existir em padrões que dependeriam do que as mentes dos seres, que ali passassem a existir, viessem a produzir.

Consciências espirituais da “Espiritualidade Operativa” se investiram de programas mentais diversos e “mergulharam” na “Espiritualidade Laboratorial” onde a expressão crítica, no campo da geração de universos e de outros gêneros existenciais, poderiam ter lugar, como, de fato, vieram a ter.

Esta “Espiritualidade Laboratorial” passou a existir composta por muitas “sedes laboratoriais” e, em uma delas, chamada “*Perperion*”, um dos gêneros de espíritos investidos de programação mental cocriadora, promoveu o impensável.

No contexto espiritual – “Espiritualidade Laboratorial” – em que “*Perperion*” se localiza, existe um gênero espiritual cujo “nome definidor” da sua linhagem operativa, na linguagem humana, seria algo próximo à expressão “*Adhy*”, composto por cinco espécies, tendo sido uma delas, a “*Pashvnaqj*”, a responsável pela expressão desta Criação indevida.

Este gênero de espíritos possui propriedades mentais que o gênero dos espíritos que foram criados simples e ignorantes não logram ostentar. Espíritos criados simples e ignorantes somente dão suporte a uma personalidade transitória por vez, enquanto os “*Adhy*”, dependendo da constituição individual do poder mental destes, podem manter duas ou mais formas de expressão, dependendo das suas atribuições e de onde tenham que viver.

Este tipo de ser, portanto, tem um psiquismo que repousa sobre uma multiplicidade de “*personas*” o que faz com que as suas mentes operem de modo diferente do que hoje se conhece como sendo o *modus operandi* da mente humana. Assim, uma mente ou consciência “*Adhy*” admite mais de uma face na sua “natureza pessoal” e, conforme os costumes deste gênero, o “maior e anterior ancestral” sempre continha em si a “menor e posterior *persona* transitória”.

Se o gênero espiritual a que pertence o "espírito humano" tão somente admite que o mesmo se imante a um corpo transitório, o "gênero espiritual *Adhy*", por sua vez, admite que o seu espírito possa “aparentemente se replicar” e se perceber imantado a alguns corpos ou formas transitórias, ao mesmo tempo.

A espécie “*Pashvnaj*”, do gênero “*Adhy*”, sempre foi composta por 147 seres, e foi de um subgrupo de 43 destes que a “semente do problema”, que mais tarde redundaria na Criação indevida, teve lugar.

A partir de “*Perperion*”, de um dos seus “laboratórios” – vamos assim dizer –, foi que uma corrente vibratória, composta pela mente de oito seres “*Adhy*”, se juntou com a mente do “*Adhy*” *Prabrajna*, e disso resultou a expansão da sua Criação para além do seu campo mental, causando a imediata e inusitada desintegração deste, seguida da “queda” do seu corpo mental no âmbito da mesma.

Pela primeira na “história da eternidade”, uma “experiência laboratorial” redundara em algo impensável, pois um ser “*Adhy*”, que existia na condição “*Atman*”, em “*Perperion*”, perdera esta sua condição e o que dele restava, estava, então, tentando se recompor, sem o menor grau de consciência do que ele foi e do ocorrido, como “prisioneiro” da sua própria Obra.

Foi desse modo que o espírito *Adhyagia* do ser *Adhyatman*, cujo nome era *Prabrajna*, habitante natural de “*Perperion*”, sofreu decomposição da estrutura mais íntima da sua consciência particularizada, passando doravante a se recompor numa forma de expressão que mais tarde seria chamada de *Adhydaiva*, após a reconstrução de si mesmo, que ele conseguiu solitariamente produzir, e a quem a tradição mitológica chamou de Brahma, Javé, Caos, Atom e Alá, dentre outros.

Assim, um espírito de ordem superior *Adhyagia* “adoecera”, perdendo a sua condição *Adhyatman* que detinha em “*Perperion*”, no âmbito da “Espiritualidade Laboratorial”, restando, agora, do que “um dia” ele foi, tão somente um ser “adoentado” e reconstruído em bases “apodrecidas e doentes”, cuja condição *Adhydaiva* assumiu-se como Brahma. Desde que assim ele fez, ficou “prisioneiro” desta condição *Adhydaiva* e nela se encontra até estes tempos atuais.

Formas ou expressões desdobradas da experiência do gênero “*Adhy*”, envolvido com a “queda”:

Adhyagia – espírito superior, instrumento modelador e consciencial; habitante e agente da realidade única, absoluta; vive no plano da consciência

absoluta, isto é, a essência inteiramente isolada de qualquer relação com a existência condicionada e da qual a existência consciente é um símbolo condicionado.

Adhyatman – personificação dos “Adhy” envolvidos com “Perperion”, que é um “lugar-cidade-dimensão” da “Espiritualidade Laboratorial”. Foi de lá que as formas *Atman* de três seres “Adhy” se envolveram diretamente com a Criação problemática.

Adhydaiva – formas de vida que surgiram como produto da “queda” (experiência consequente) e que foram decorrentes do processo de estruturação possível ao contexto antimaterial ou universo paralelo, que se encontra situado como imediatamente “vizinho”; base da forma demo; “prisão” para as suas mentes. “Base divina” é uma denominação equivocada deste tipo de expressão. Brahma, Vishnu e Shiva foram as formas que suas consciências pessoais puderam gerar nessa faixa de realidade, que “aprisiona” os tipos de corpos nela gerados.

Adhybutha – perispírito menor; instrumento modelador biológico e demo; também denominada “base dos entes e dos seres elementais”. Foi parcialmente edificada pelas formas *Adhydaiva* para permitir o “mergulho” das suas consciências no universo biológico e em outras áreas do universo demo.

Adhyajna – formas *avatáricas*, demo ou homo, de Vishnu e Shiva; também denominada “base sacrificial”. Foram criadas pelo fato das formas *Adhydaiva* não poderem deixar o universo paralelo, onde se encontram. Outros podiam, eles não.

PRISIONEIRO DA “BRAHMALOKA”

BRAHMA OU JAVÉ jamais saiu da “morada” que conseguiu gerar para si, ainda que a sua Criação extrapole, e em muito, o seu “*brahmaloka*”, onde passou a viver.

Por não ser dotado da sua condição *Adhyagia* e dela ter se apartado desde a sua “queda”, Brahma jamais conseguiu produzir expressões de si mesmo (expressões *Adhyajna*) para endereçá-las às outras regiões da sua Criação.

Seus demais irmãos “*Adhy*” passaram muito tempo – outros ainda se encontram no “pavilhão do laboratório” onde se deu a expansão da energia mental de *Prabrajna* – observando aquele “ponto de tamanho menor que uma cabeça de um alfinete”, que passou, ali, a existir, e que se tornou “fator de estudo” para todos os seres “mergulhados” nas muitas “sedes laboratórios” do contexto da “Espiritualidade Laboratorial”.

Tempos depois, um outro ser “*Adhy*” da corrente que existia na condição *Atman*, em “*Perperion*”, *Tusavna* ou *Savna*, resolveu “mergulhar” na Criação, liberando-se, assim, da sua condição *Adhyatman*, sendo que, depois de muitos desdobramentos complicados após o seu “mergulho”, edificou a sua expressão *Adhydaiva*, conhecida na mitologia hindu como Shiva.

Utilizando-se da condição *Adhyagia* do seu espírito, Shiva produziu uma incontável quantidade de expressões *Adhyajna* de si mesmo, principalmente num tempo em que sequer a vida humana havia surgido no contexto da vida universal. A sua última expressão *Adhyajna*, entre os humanos, foi Sai Baba.

Do mesmo modo, tempos depois, um outro ser da corrente “*Adhy*” “mergulhou”, constituindo a expressão *Adhydaiva* conhecida entre os hindus como Vishnu, passando a compor a “*Trimurti*” dos seres *Adhydaiva*, junto

com Brahma e Shiva.

Vishnu produziu muitas expressões *Adhyajna* de si mesmo, sendo Sophia a expressão bio-demo que passou a existir no âmbito deste universo, e Jesus a sua mais recente forma *avatárica* ou *Adhyajna*, que foi especialmente edificada a partir da “condição genética bio-demo” de Sophia.

Brahma, Shiva e Vishnu, por meio dos seus **modos de pensar *Adhydaiva***, sempre se tiveram como Logos Criadores, porque lá de fora – em “*Perperion*” – influenciaram o curso dos acontecimentos e, depois, com seus “mergulhos” planejados, Shiva e Vishnu se viram corrigindo rumos e implementando mudanças sobre a base da vida “semeada” quando da criação do Primeiro Logos.

Ressalto que as informações que tenho colecionado a respeito das conceituações que faço sobre os seres “*Adhy*”, as expressões sânscritas e as personificações *avatáricas* não estão nem um pouco alinhadas com as crenças dos atuais seguidores de Brahma, de Vishnu ou de Shiva, pelo que me desculpo. Entretanto, é o que, após reiteradas verificações e vivências estranhas, que me são impostas pelos fatos, vi-me obrigado a delas deduzir.

O Quarto Logos é um tema novo, inusitado e totalmente desconhecido porque jamais citado nas mitologias ou mesmo nas religiões que as substituíram frente à sensibilidade perceptiva dos terráqueos. Contudo, para os “humanos espiritualizados e emancipados”, doravante, deverá se tornar um importante ponto de apoio reflexivo para os que poderão construir o “amanhã planetário” sem as sombras perturbadoras do condicionamento inevitavelmente imposto pelos Logos Criadores e da ignorância voluntariamente adquirida e colecionada como “verdade religiosa”.

Seja um agente do Quarto Logos: jamais estacione, pense, reflita e seja você na sua melhor versão humana que puder construir, se achar que deve!

NOTAS EXPLICATIVAS

Capítulo 1

(1) Allan Kardec (1804–1869)

Pseudônimo do pedagogo francês Hypollite Leon Denizard Rivail, que codificou a “Revelação Espiritual” na sua “primeira hora”, entre os anos 1855 e 1869, da segunda metade do século XIX.

Foi o formulador da “Doutrina Espírita”, ancorada nos seguintes livros: “*O Livro dos Espíritos*” (1857), “*O Livro dos Médiuns*” (1861), “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*” (1864), “*O Céu e o Inferno*” (1865) e “*A Gênese*” (1868)

(2) Evangelho de Tomé

Judas Dídimos Tomé foi um dos irmãos de Jesus. Segundo a tradição cristã mais antiga, ele escreveu o chamado “*O Quinto Evangelho*”. Cópias de seu evangelho original, que remontam ao século II d.C., foram encontradas, em 1945, por nativos da região, num velho cemitério de Nag Hammadi, no Egito, dentro de alguns potes de barro que guardavam cinquenta pergaminhos escritos em copta, linguagem falada pelos egípcios nos primeiros anos da cristandade. Estes manuscritos ficaram guardados por onze anos, sem que ninguém lhes desse importância.

Não se trata, como nos outros evangelhos, de uma narrativa sobre a vida de Jesus, mas sim de 114 dizeres (ou aforismos) de “Jesus, o Vivo”, onde se relata: “*Essas são as palavras secretas de Jesus, o Vivo, que foram escritas por Didymos Thomas*”. A palavra aramaica “Thomas” quer dizer “gêmeo”;

em grego, “Didymos” também significa “gêmeo”. As “palavras secretas” são ensinamentos esotéricos de Jesus, proferidos não para as massas populares, mas para uma escolhida elite de discípulos capazes de compreenderem o sentido místico de certas verdades profundas. Inclusive, nos outros evangelhos, consta que Jesus disse a seus discípulos: “*A vós vos é dado compreender os mistérios do Reino de Deus, enquanto ao povo só lhe falo em parábolas*”.

Segundo a antiga tradição cristã, Tomé demandou o Oriente após a morte, ressurreição e ascensão de Jesus. Existe em Madras, no sul da Índia, a catedral de São Tomé – igreja fundada pelos portugueses que, no século XV, foram à Índia com Vasco da Gama – na qual se encontra o túmulo de Tomé.

Diferente dos cristãos tradicionais, os cristãos gnósticos – que desde muito tempo vinham colecionando apócrifos, como os “*Atos de João*”, o “*Apocalipse de Pedro*” e os “*Atos de Felipe*”, escritos quase na mesma época dos canônicos, entre 70 e 100 anos depois de Cristo, mas de conteúdo estritamente filosófico –, não só reconheceram Tomé como um dos doze apóstolos, como batizaram o achado encontrado em Nag Hammadi de “*Quinto Evangelho*”, ou seja, aceitaram o Tomé citado nos pergaminhos encontrados como sendo aquele que foi apóstolo de Jesus.

(3) René Descartes (1596–1650)

Filósofo, físico e matemático francês.

Deixou vários livros como “*Discurso sobre o Método*” (1637), “*A Geometria*” (1637), “*As Paixões da Alma*” (1649), “*Regras para a Direção do Espírito*” (1684) e “*O Mundo ou Tratado da Luz*” (1667), entre outros.

Capítulo 2

(4) José Saramago (1922–2010)

Escritor português, ganhador do Nobel de Literatura e do Prêmio Camões, dentre outros.

Em um dos seus livros, “*Ensaio Sobre a Cegueira*”, lançado em 1995 pela Editora Companhia das Letras, no Brasil, o autor retrata a força de uma epidemia que gera o “mundo cego” que, mais tarde, dará lugar ao “mundo imundo e bárbaro”.

Também escreveu “*Memorial do Convento*” (1982), “*O Homem*

Duplicado” (2002), *“Ensaio sobre a Lucidez”* (2004) e o romance *“O Evangelho Segundo Jesus Cristo”* (1991), entre outros livros.

(5) Caverna de Platão

Na parábola do “mito da caverna”, os seres humanos teriam nascido e permanecido acorrentados em uma caverna, presos diante de uma parede que só mostra sombras do mundo exterior, projetadas pelos escassos feixes de luz que adentram a penumbra. Somente aquele que se libertasse e caminhasse em direção à claridade de fora teria contato com a realidade tal qual ela é. Pela alegoria, o homem só pode se livrar da ignorância, representada pela escuridão, ao observar a luz da verdade.

Assim, na sua percepção mais profunda, o mito aponta que as ideias são a única realidade verdadeira, enquanto os fenômenos são apenas aparências. A verdadeira realidade nada teria em comum com as formas da experiência fenomenal. Tem tudo a ver com a noção do “*Maya*” hindu.

A “*Alegoria da Caverna*” faz parte da obra intitulada “*A República*” (livro VII), de Platão. Nela, sob a forma de diálogo, Sócrates ensina ao jovem Glauco o que é e como se adquire o conhecimento verdadeiro, estabelecendo uma analogia entre conhecer e ver.

(6) Helena Petrovna Blavatsky (1831–1891)

Escritora russa, responsável pela sistematização da moderna Teosofia. “*A Chave para a Teosofia*” (1889), “*A Doutrina Secreta*” (1888), “*Ísis sem Véu*” (1877) e “*A Voz do Silêncio*” (1889) são algumas de suas obras.

(7) “Trimurti”

Espécie de “triumvirato demo”, composto por Brahma, Vishnu e Shiva que, na mitologia hindu, aparecem como sendo os entes responsáveis pela gênese universal, ainda que os mesmos não concordem em relação a muita coisa, notadamente sobre, dentre os três, quem seria o mais poderoso, quem teria sido o real autor da Criação e, finalmente, quem teria assumido o “poder de gestão” sobre a mesma.

(8) René Guénon (1886–1951)

Escritor, filósofo, matemático e esoterista francês cujo conjunto das suas obras é tido como “inclassificável” pelos métodos tradicionais da análise literária.

Publicou seu primeiro texto “*O Demiurgo*” em 1909, na revista “*La Gnose*”, fundada por ele.

Escreveu vários livros, como “*Oriente e Ocidente*” (1924), “*O Rei do Mundo*” (1927), “*O Homem e seu Devenir Segundo o Vedanta*” (1925), “*O Simbolismo da Cruz*” (1931) e “*Os Estados Múltiplos do Ser*” (1932), entre outros.

(9) Santo Agostinho (350–430 d.C.)

Agostinho de Hipona ou *Aurelius Augustinus Hipponensis*, mais conhecido como Santo Agostinho, foi filósofo, teólogo e escritor dos mais atuantes, cujas obras influenciaram decisivamente o cristianismo, no seu viés católico, e a cultura ocidental em muitos dos seus aspectos.

(10) Fred Heeren

Jornalista científico, norte-americano. Escreveu o livro “*Mostre-me Deus*”, publicado, pela primeira vez, em 1996.

(11) São Tomas de Aquino (1225–1274)

Teólogo italiano da Ordem dos Dominicanos, declarado santo em 1323, pelo papa João XXII. Suas obras compuseram a base da tradição filosófica escolástica.

(12) Sidarta Gautama (563–483 a.C.)

Indiano, filho do rajá de Kapilavastu, renunciou à vida em família e no palácio para buscar respostas sobre a razão do sofrimento humano e soluções para o mesmo.

A partir dos 35 anos, ficou conhecido como o “Buda”, que significa “O Iluminado” ou “O Desperto”. Fundador do Budismo. A essência dos ensinamentos (sobre o “*Dharma*”) de Buda pode ser encontrada nos escritos do “*Sutra de Lótus*”, composto por 28 capítulos.

Alguns de seus ensinamentos são (fonte: <http://www.suapesquisa.com/budismo/buda.htm>, em 07/09/2017):

"A pessoa que protege sua mente da cobiça, e da raiva, desfruta da verdadeira e duradoura paz." / "Dominar-se a si próprio é uma vitória muito maior do que vencer a milhares em uma batalha." / "Fazer o bem, abster-se do mal e limpar seus pensamentos, são os mandamentos de todo iluminado." / "Não viva no passado, não sonhe com o futuro, concentre a mente no momento presente."

Seus ensinamentos também podem ser encontrados no livro *“A Doutrina de Buda”*, tradução de Jorge Anzai, Editora Martin Claret, 2005.

(13) Lao Tsé (604–531 a.C.)

Filósofo e escritor da Antiga China.

Autor do livro *“Tao Te Ching”*, a obra base da filosofia taoísta.

Deixou-nos ensinamentos como (fonte: https://www.pensador.com/autor/lao_tse/, em 07/09/2017):

“As palavras verdadeiras não são agradáveis e as agradáveis não são verdadeiras.” / “Quem conhece a sua ignorância revela a mais profunda sapiência. Quem ignora a sua ignorância vive na mais profunda ilusão.” / “O sábio não se exhibe e vejam como é notado. Renuncia a si mesmo e jamais é esquecido.”

(14) Oscar Wilde (1854–1900)

Irlandês, influente escritor, poeta e dramaturgo.

O romance filosófico *“O Retrato de Dorian Gray”*, sua obra-prima, considerado uma das mais importantes obras da literatura inglesa, publicado em 1891 (versão final), retrata a decadência da moral humana.

Escreveu novelas, poesias, contos infantis e dramas.

Foi mestre em criar frases irônicas e sarcásticas.

(15) Brian Swimme (1950–)

Norte-americano, cosmologista, Doutor em matemática pela Universidade de Oregon.

Autor de diversos livros sobre o Universo, tais como *“O Universo é um Dragão Verde”* (1984) e *“O Coração Oculto do Cosmos”* (1996).

(16) Maria Maia

Escritora portuguesa.

Autora dos livros “*A Doutrina da Reencarnação*”, “*A Vida, o Cosmos e o Homem*”, “*Cura Quântica, a Saúde “está” em suas Mãos*” e “*A Alquimia do Ser e os 3 Mitos Alquímicos*”, entre outros.

(17) Franz Kafka (1883–1924)

Escritor tcheco, de língua alemã, considerado um dos mais influentes do século XX.

Apenas algumas das suas obras foram publicadas durante sua vida

Responsável, entre muitos títulos, por obras-primas como “*A Metamorfose*” (1915), “*O Processo*” (1925) e “*O Castelo*” (1926).

A maior parte de sua obra está repleta de temas e arquétipos de alienação e brutalidade física e psicológica, conflito entre pais e filhos, personagens com missões aterrorizantes, labirintos burocráticos e transformações místicas.

(18) Ambrose Bierce (1842–1914)

Crítico satírico, escritor e jornalista norte-americano.

A sua produção literária é muito vasta, passando pela escrita jornalística, textos humorísticos, ensaios, fábulas e contos, como “*Fábulas Fantásticas*” (1899) e sua obra mais conhecida “*O Dicionário do Diabo*” (1906).

(19) Amit Goswami (1936–)

Nascido na Índia, tem cidadania americana.

Phd em Física Quântica e referência mundial em estudos que buscam conciliar ciência e espiritualidade.

Autor dos livros “*O Universo Autoconsciente*” (1993), “*A Janela Visionária*”, “*Criatividade Quântica*” (1998, coautora Maggie Goswami), “*A Física da Alma*” (2015), “*Deus não está Morto*” (2015), “*Evolução Criativa das Espécies*” (coautor Marcello Borges) e “*O Ativista Quântico*” (2015), entre outros.

Capítulo 3

(20) Seres demos

O conceito de “demônio”, de uso tão comum nos séculos anteriores ao

cristianismo, foi completamente deturpado pelas igrejas católica e protestante, e por isto, dificilmente, na atualidade, alguém fiel a estas religiões, poderá compreender o seu real significado conforme utilizado nas mitologias da Antiguidade, num tempo anterior ao surgimento das religiões que atualmente conhecemos.

Até o século II a.C., existia no espectro cultural das pessoas a natural propensão a considerar a existência de deuses bons e maus, de demônios bons e maus, de anjos bons e maus, do mesmo modo que os seres humanos também podem assim ser classificados conforme os critérios de análise utilizados. Contudo, desde então, “anjo” passou a ser “bom” e “demônio”, necessariamente, passou a ser “mau”, o que levou a igreja católica, mais tarde, a igualar a expressão “demônio” ao conceito que se fazia do “diabo”.

A ignorância acumulada em torno do tema prevalece até hoje, mas em tempos remotíssimos, “demônio” era tão somente um ser que não pertencia à espécie humana e que detinha um corpo etéreo metamorfoseável conforme as circunstâncias. Podiam ser sábios, elevados, cruéis, estúpidos, enfim, tinha de tudo entre os mesmos.

Nas obras de Jan Val Ellam, a expressão “demo” define tão somente os seres que habitam um universo paralelo ao que vivemos, de origem antimaterial, sendo alguns deles, inclusive, chamados de “deuses”, cujos nomes aparecem nas diversas mitologias do passado.

Estes deuses “demos” seriam extrafísicos, enquanto que outros seres também assim definidos no passado, em outras mitologias, seriam “deuses extraterrestres biológicos”.

(21) Cultura demo

Corresponde às páginas das mitologias que jamais foram consideradas como dignas de serem estudadas sob a perspectiva de não serem invenções dos nossos ancestrais. Estes, segundo a ortodoxia que sempre prevaleceu sobre o assunto, “possuíam a estranha mania” de produzir tradições orais e literatura abundante e sobre temas fictícios, mas cujas cores preceituais mais profundas, hoje, são ratificadas pelos postulados quânticos.

A “cultura demo”, portanto, seria a que foi produzida nas diversas “moradas” do universo antimaterial, onde vivem inúmeras classes de seres demos, equivocadamente tidos como sendo personagens mitológicas.

(22) Steve Biko (1946–1977)

Ativista anti-*apartheid* sul-africano, assassinado aos 30 anos de idade, após tortura e espancamentos por parte da polícia.

Após sua morte, alguns de seus escritos foram recolhidos, formando o livro "*Eu escrevo o que eu gosto*" (1978).

Como ativista, desenvolveu uma intensa preocupação para o desenvolvimento da consciência negra:

Enquanto ainda frequentava a escola de medicina, Biko co-fundou o Movimento Consciência Negra, que rejeitou as políticas de *apartheid* e incentivou os negros a orgulharem-se da sua identidade racial e herança cultural. Biko disse: "*A Consciência Negra é uma atitude mental e um modo de vida, o chamado mais positivo a emanar do mundo negro por um longo tempo*". Em fevereiro de 1973, o governo pró-*apartheid* proibiu Biko de ativismo anti-*apartheid*. Sob esta proibição, não era permitido a Biko falar a mais de uma pessoa de cada vez, foi proibido de falar em público e também aos meios de comunicação, e foi forçado a permanecer num único distrito. Apesar disso, o jovem ativista continuou a formar organizações e a organizar protestos, incluindo a Revolta de Soweto, em junho de 1976. (Fonte: <http://escoladeatenas.blogs.sapo.pt/quem-foi-steve-biko-e-porque-a-google-o-100807>, em 08/09/2017).

(23) Biocosmos Inteligente

Conceito desenvolvido no livro "*O Universo Inteligente*" (2007), de James Gardner, que trata sobre os temas "Inteligência Artificial, Extraterrestres e a Mente Emergente do Cosmos".

De um modo geral, o livro aborda os seguintes aspectos (fonte: <http://vitanaturalis.webnode.com.br/resenhas/o-universo-inteligente/>, em 08/09/2017):

Nosso universo está se expandindo rapidamente e, de acordo com os astrofísicos, este comportamento inflacionário pode nos levar a dois destinos: o primeiro seria resultante de uma expansão contínua, onde toda a matéria e o calor se dispersariam através da eternidade; e o segundo seria uma possível contração, ou seja, após se expandir por bilhões de anos, a malha do universo seria contraída pela atração gravitacional até tudo se aproximar e entrar em colapso. Em outras palavras, o fim pode ser o frio eterno ou o calor máximo de um esmagamento cósmico. O autor James Gardner ousa propor uma terceira e surpreendente alternativa: o universo poderia gerar outro universo

antes de seu fim trágico e, para isso, ele precisaria aprimorar e evoluir sua própria consciência.

Para Gardner, nosso gigantesco universo é favorável à vida e, portanto, em algum momento passado, presente ou futuro, alguma ou algumas formas de vida estariam se desenvolvendo em diferentes pontos de sua vastidão. A partir daí, o processo evolutivo levaria ao estabelecimento de espécies e inteligências cada vez mais apuradas que poderiam chegar a um grau de consciência em que questionariam sua própria existência. Concomitantemente, esses organismos poderiam reunir conhecimentos, desenvolver ciências e elaborar tecnologias mais e mais sofisticadas até conseguirem transferir a inteligência para máquinas, como nós hoje fazemos com os computadores.

Desta forma, Gardner deixa claro que a partir da manifestação de formas de vida, sejam elas naturais ou artificiais, a inteligência do universo pode se espalhar, entrar em comunhão e se expandir até o ponto em que ele toma consciência sobre ele mesmo e sobre seu complexo mecanismo de funcionamento, permitindo a criação de um novo universo-filho a partir daí. Esta ideia parece louca e altamente ousada, mas encontra defensores entre grandes nomes da ciência atual como sir Martin Rees, astrônomo britânico, e Paul Davies, cosmologista vencedor do prêmio Templeton de contribuição à ciência.

O livro segue descrevendo de que maneiras o universo poderia chegar a esse ponto de autoconsciência. Gardner faz uma viagem cósmica, apresentando ideias científicas inéditas, possibilidades incríveis na área da computação e da nanotecnologia, engenharia planetária e diferentes formas de vida em outros corpos celestes. Nos deparamos com pesquisadores que buscam civilizações alienígenas, computadores quânticos que podem superar nossa inteligência e nanomáquinas capazes de estabelecer vida artificial através do Cosmos.

(24) Soren Kierkegaard (1813–1855)

Dinamarquês, teólogo, poeta, crítico social, e autor religioso, considerado o primeiro filósofo existencialista. Autor dos livros “*Temor e Tremor*” (1843), “*O Conceito de Angústia*” (1844), “*As Obras do Amor*” (1847) e “*O Desespero Humano*” (1849), entre outros.

Deixou-nos reflexões como (fonte: https://www.pensador.com/auto/soren_kierkegaard/, em 08/09/2017):

“A vida só pode ser compreendida, olhando-se para trás; mas só pode ser vivida, olhando-se para frente.” / “Ousar é perder o equilíbrio momentaneamente. Não ousar é perder-se.”

Capítulo 4

(25) Francis Crick (1916–2004)

Inglês, biólogo molecular, físico e neurocientista, ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia em 1962. Ele é mais conhecido por ser um dos descobridores, em 1953, da estrutura molecular dos ácidos nucléicos e seu significado para a transferência de informações em matéria viva.

Em 1973, sobre a origem do DNA existente na Terra, Crick publicou uma teoria que foi denominada “Panspermia Dirigida”, que oferece uma opção diferente da teoria da “Panspermia Balística”.

Na “Panspermia Dirigida”, ele defende a tese de que o nosso DNA veio de outro planeta. O curioso é que ele postula que o DNA não chegou no nosso planeta trazido por um meteoro ou por um cometa, mas sim, em algum tipo de veículo, única maneira, segundo ele, de permitir que o código do DNA chegasse intacto até a Terra.

Apenas para que possamos compreender a importância das corajosas afirmações deste cientista, faz-se necessário ressaltar que, conforme o atual paradigma científico sobre o assunto, todas as formas de vida da Terra provieram de um mesmo código impresso em uma única molécula de DNA. Entretanto, absolutamente, ninguém sabe como este código surgiu ou de onde ele veio.

À medida que todos os seres vivos terrestres conhecidos derivam de um mesmo ancestral comum, o homem seria, também, produto desta lenta cadeia evolutiva, que um dia teria se iniciado a partir do primeiro foco de vida simples que surgiu no planeta.

Sob esta perspectiva, a teoria da “Panspermia Balística”, desde que correta, explicaria como esse processo se iniciara. Conforme pensam os seus defensores, rochas de um planeta – ou de um outro bólido celeste – podem ser deslocadas até outros mundos, como produto de colisões de asteroides, cometas etc., levando matéria orgânica e, possivelmente, bactérias extremófilas, que poderiam sobreviver, dentro da rocha, durante todo o percurso da sua trajetória espacial até ser atraída pela gravidade de um

planeta vizinho ou em ambiente próximo, e ali semear a vida, se condições propícias existirem para tanto.

Francis Crick, porém, apresentou sobre o mesmo assunto, outro ponto de vista que deve ser ressaltado, já que formulado pela maior autoridade mundial em DNA, por ser um biólogo que foi laureado com o Prêmio Nobel devido à descoberta da hélice dupla, a estrutura espiralada do DNA.

Segundo Crick, a molécula de DNA é demasiado complexa para ter evoluído espontaneamente na Terra durante o curto período de tempo que decorreu entre a formação do nosso planeta, há quatro bilhões e seiscentos milhões de anos, e o primeiro aparecimento de vida, ocorrido há cerca de três bilhões e oitocentos milhões de anos. Em outras palavras, o primeiro organismo que apareceu na Terra o fez subitamente, sem qualquer sinal de precursores mais simples. Além do que, Crick considera improvável que organismos vivos tenham chegado a Terra como *esporos* de outra estrela ou incrustados em algum meteorito.

Assim, o seu corajoso postulado é o de que uma forma primitiva de vida foi plantada na Terra por alguma civilização avançada de outro planeta, de forma deliberada. Daí o fato decorrente de que todas as formas de vida da Terra representam um clone derivado de um único organismo extraterrestre.

(26) “Projeto Talm”

Nas obras de Jan Val Ellam, aparece como sendo o nome do projeto de transferência do código de vida do Criador “caído”, da “*brahmaloka*” (em sânscrito, significa a “morada de Brahma” ou universo antimaterial onde vivem os demos) para a “*bhuloka*” (universo material, onde vivem os seres biológicos de “vida curta”). Em outras palavras, foi um projeto edificado pelos “Senhores da *Trimurti*” – Brahma, Vishnu e Shiva –, que conseguiu trazer o “código da vida” do universo antimaterial para o de ordem material e biológica, onde vivemos.

(27) “Demodhárnicas”

Maneira comum à cultura demo, associada à lei do “*Dharma*”, que se referia ao cumprimento do “*varna*” – termo sânscrito que significa talento de cada demo e que mais tarde passou a ser entendido como “casta” – como sendo uma questão de “honra demo”, uma das maneiras encontradas por Krishna para fazer evoluir o baixo padrão do comprometimento do psiquismo

demo com suas obrigações.

No sentido em que Jan Val Ellam tem usado nos livros e palestras sobre o tema, “*demodhárnico*” seria referente ao “modo de ser demo”, “modo demo de sentir”, enfim, “modo de pensar demo”.

(28) Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844–1900)

Filho, neto e bisneto de pastores protestantes, professor, filósofo, filólogo e poeta, nascido na atual Alemanha, serviu como enfermeiro na guerra franco-prussiana.

Com 14 anos recebeu uma bolsa de estudos de preparação para o clero. Destacou-se nos estudos religiosos, literatura alemã e estudos clássicos, porém começou a questionar os ensinamentos do Cristianismo.

Escreveu “*O Anticristo*” (obra iniciada em 1888, mas publicada em 1895) e “*Assim Falava Zaratustra*” (1891, sua obra mais conhecida, que mesclava um estilo bem peculiar entre a reflexão filosófica e a poesia, e que criticava o pensamento tradicional, estabelecendo um novo padrão de valores), “*Além do Bem e do Mal*” (1896) e “*A Gaia Ciência*” (1882), entre outros.

Em 1871, publicou seu primeiro livro, “*O Nascimento da Tragédia*”, dedicado ao amigo Wagner. A segunda edição foi publicada em 1875, com um adendo sobre “*Helenismo e Pessimismo*”. Na obra, ele contrasta os deuses Dionísio e Apolo.

Em 1879, com a saúde abalada, com crises constantes de cefaleia, problemas de visão e dificuldade para falar se vê obrigado a se aposentar. Sua fase criativa foi interrompida em 03 de janeiro de 1889, com uma crise de loucura.

Sua morte foi decorrente de paralisia cerebral progressiva.

(Fonte: https://www.ebiografia.com/friedrich_nietzsche/, em 09/09/2017).

Capítulo 5

(29) “*Send in the Clowns*”

Música lançada em 1978, composta por Stephen Sondheim – compositor e letrista americano, nascido em 1930 –, que por ela recebeu o prêmio “*Grammy Award*” de “Canção do Ano”.

Capítulo 7

(30) Huberto Roden (1893–1981)

Catarinense, radicado em São Paulo, professor, filósofo, conferencista, teólogo e escritor.

Deixou mais de 65 obras sobre ciência, filosofia e religião, como “O Sermão da Montanha” (1960), “Einstein: o Enigma do Universo” (1981), “A Mensagem Viva do Cristo”, “Porque Sofremos” (1943), “Em Comunhão com Deus” e “A Nova Humanidade” (1978).

Algumas de suas realizações foram (Fonte: <http://www.ippb.org.br/textos/textos-de-huberto-rohden>, em 09/10/2017):

Formou-se em Ciências, Filosofia e Teologia em Universidades da Europa – Innsbruck (Áustria), Valkenburg (Holanda) e Nápoles (Itália). De regresso ao Brasil, trabalhou como professor, conferencista e escritor.

De 1945 a 1946 teve uma Bolsa de estudos para Pesquisas Científicas, na Universidade de Princeton, New Jersey (Estados Unidos), onde conviveu com Albert Einstein e lançou os alicerces para o movimento de âmbito mundial da Filosofia Univérsica, tomando por base do pensamento e da vida humana a constituição do próprio Universo, evidenciando a afinidade entre Matemática, Metafísica e Mística.

Em 1946, foi convidado pela American University, de Washington, D.C., para reger as cátedras de Filosofia Universal e de Religiões Comparadas, cargo esse que exerceu durante cinco anos.

Na capital dos Estados Unidos, freqüentou, durante três anos, o Golden Lotus Temple, onde foi iniciado em “Kriya Yoga” por Swami Premananda, diretor hindu desse “ashram”.

Em 1952, fundou, em São Paulo, a Instituição Cultural e Beneficente Alvorada, que mantém cursos permanentes em São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia, sobre Filosofia Univérsica e Filosofia do Evangelho, e dirige Casas de Retiro Espiritual (“ashrams”) em diversos Estados do Brasil. Em 1969, Rohden foi chamado a Portugal para fazer conferências sobre autoconhecimento e autorealização. Em Lisboa, fundou um setor do Centro de Auto-Realização Alvorada.

Capítulo 8

(31) Flavius Philostratus (170/172-247/250)

Filósofo sofista grego do período dos imperadores romanos, também chamado “O Ateniense”, filho de Filóstrato de Lemnos – escritor grego.

Recebeu os primeiros ensinamentos de retórica em Atenas.

Desenvolveu sua produção escrita no Império Romano da dinastia dos Severos (193-235 d.C.). Suas obras mais conhecidas são os textos de natureza biográfica “*Vida de Apolônio de Tiana*” (obra baseada no relato de Damis, discípulo de Apolônio, que o acompanhou em inúmeras viagens, fazendo esse relato simbólico da sua peregrinação iniciática) e “*Vidas dos Sofistas*”.

(32) Eduardo Amarante, Dulce Leal Abalada e George Robert Stowe Mead

Autores do livro “*Apolônio de Tiana – O Taumaturgo Contemporâneo de Jesus*”, obra que representa uma página secreta, dentro do esoterismo, de um homem-filósofo que, vivendo na mesma época de Jesus, transmitiu palavras de sabedoria e reformou cultos e mistérios, operando fenômenos miraculosos à vista de todos, com poderes que só os magos detinham.

Eduardo Amarante: Português, nascido em 1953. Estudou Direito, especializou-se em Filosofia e Antropologia religiosa. Autor de dezenas de livros e artigos cuja temática versa sobre a História em geral, a simbologia e os cultos e tradições de Portugal. Em Portugal, fundou a Nova Acrópole respectivamente na cidade do Porto, em 1979, e na cidade de Lisboa, em 1982. Publicou, entre outras, as obras “*Templários – De Milícia Cristã a Sociedade Secreta*”, “*Mitos e Lugares Mágicos de Portugal*” e foi co-autor de “*O Perdão dos Templários*”.

Dulce L. Abalada: Portuguesa, nascida em 1961. Desde cedo dedicou-se ao estudo da Teosofia e da Filosofia Oriental. Especializou-se em Filosofia Antiga, sobretudo pré-socrática e platônica, e Filosofia Portuguesa. Viajou por vários países, recolhendo fontes documentais que lhe revelaram a enorme riqueza de conhecimento e saber das culturas atualmente desaparecidas da Ásia, Europa e Américas. Escreveu os livros “*O Tarot Divinatório*” e “*Tu Podes Voar*”, entre outros.

George R. S. Mead (1863-1933): Autor, editor e esoterista inglês, membro influente da Sociedade Teosófica, na qual se integrou em 1884. Em 1889, abandonou a profissão de professor e tornou-se secretário particular de M.^{me} Blavatsky até à data da morte dela (1891). Foi assistente de edição da revista mensal “*Lucifer*”, veículo não só da Sociedade Teosófica, mas

principalmente de M.^{me} Blavatsky. Quando assumiu o cargo de editor da citada revista, essa passou a chamar-se “*Revista Teosófica*”. “*Apolônio de Tiana*” foi um dos livros que ele escreveu.

(Fonte: http://www.zefiro.pt/livro_apoloniodetiana.htm, em 09/10/2017).

Capítulo 9

(33) Maria Carolina Duprat

Conforme declarações da professora de História da Arte, no jornal “*Folha de São Paulo*”, em 30/06/2017, em texto sobre a arte renascentista.

(34) Olavo de Carvalho

Escritor, conferencista, ensaísta, jornalista e filósofo brasileiro, nascido em 1947. É um dos principais representantes do conservadorismo brasileiro.

Autor de vários livros, como “*A Imagem do Homem na Astrologia*” (1980), “*O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota*” (2013), “*O Jardim das Aflições*” (1995), e “*O Imbecil Coletivo*” (1996).

(35) Pierre Teilhard de Chardin (1881–1955)

Padre jesuíta, teólogo, filósofo e paleontólogo francês, que tentou construir uma visão integradora entre ciência e teologia.

Escreveu vários livros, como “*O Meio Divino*”.

(36) Especiação

Especiação é um evento de separação da linhagem que produz duas ou mais espécies distintas, sendo o processo evolutivo pelo qual as espécies vivas se formam.

Este processo pode ser uma transformação gradual de uma espécie em outra (anagênese) ou pela divisão de uma espécie em duas por cladogênese.

Há quatro modos principais de especiação: a especiação alopátrica (de populações isoladas geograficamente), simpátrica (de dentro da faixa da população ancestral), parapátrica (de uma população continuamente distribuída) e peripátrica (de uma pequena população isolada na borda de uma população maior).

(37) Hermetismo

Conjunto de obras sobre Filosofia Oculta e Magia (nome dado na Antiguidade ao que hoje conhecemos como ciência), cuja autoria é atribuída a Hermes Trimegisto, que foi um grande sábio das primeiras dinastias egípcias, tendo ensinado alquimia, astrologia e filosofia aos seus discípulos.

(38) François Silvestre

Escritor do Rio Grande do Norte, em crônica publicada no “Novo Jornal”, em 25/06/17 (também encontrada em <http://portalnoar.com.br/blogdofrancoissilvestre/2017/06/25/prosa-do-domingo-197/>, em 08/09/2017).

PROJETO ORBUM



Filie-se espiritualmente a esta idéia

MANIFESTO

“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo

de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

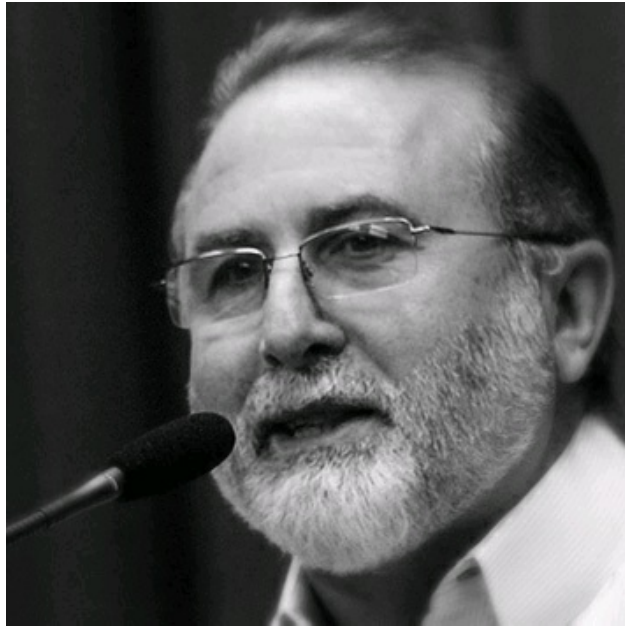
Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam

SOBRE O AUTOR



“Jan Val Ellam — pseudônimo usado pelo escritor natalense Rogério de Almeida Freitas para escrever sobre pontos de convergência entre o pensamento cristão, a doutrina de Allan Kardec e pesquisas relacionadas à ufologia, no bojo do discurso do espiritualismo universalista e da cidadania planetária.”

Para mais informações:

www.janvalellam.org
contato@janvalellam.org

ROTEIRO DOS LIVROS

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante.

Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I.

Sob à perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e outra me vi obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de escrevê-los. Dessa leva, cujo tema central das ideias naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

A trilogia **“Queda e Ascensão Espiritual”**.

Reintegração Cósmica.
Caminhos Espirituais.
Carma e Compromisso.

Essa trilogia introduziu, também, uma **abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer** — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os painéis extraterrestre e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte. Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, de Rochester e de Allan Kardec ao longo desses últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edifica-la e revelações diversas sobre painéis que envolvem a equipe do Espírito da Verdade ainda desconhecidos.

Recado Cósmico. Apresenta o recado que Jesus nos deixou em seus cinco principais ensinamentos e fatos nunca antes revelados por João Evangelista no primeiro século da era cristã.

Esses livros apresentam a compreensão básica dessa primeira etapa. Os demais dessa mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

O Sorriso do Mestre. Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e seu pai, José, relata fatos desconhecidos da vida de Jesus: suas viagens quando jovem e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando sua maior marca de amor:

o sorriso.

O Testamento de Jesus. Abordagem nova das bem-aventuranças anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando painéis do seu testamento para a humanidade.

Nos Céus da Grécia. Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles atualizando ensinamentos do passado e abordando temas como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.

Nos Bastidores da Luz I e II. Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que bordam temas como: (volume 1) mecanismos cármicos, funcionamento do psiquismo humano, auto aperfeiçoamento e reforma íntima, transição planetária, genética espiritual e os exilados siderais que atualmente vivem no planeta; (volume 2) o império atlante, consequências do suicídio, Jesus e Sai Baba, Ovnis, vidas paralelas, cidades astrais e espirituais, fraternidade branca e a origem do homem, dentre outros.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 — ETAPA II.

Aqui, também, dos livros que foram produzidos no período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros que podem ser lidos separadamente porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração. O real significado da transfiguração de Jesus e os fatos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre. Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que até hoje são

tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus. Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final e da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha. Narra fatos da desconhecida juventude de Jesus, sua amizade com José de Arimatéia e com seu irmão Thiago.

Crônicas de um Novo Tempo. Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética. O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo. Narra o encontro de um aprendiz com seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, ao aspecto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrônomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 — REVELAÇÃO CÓSMICA - ETAPA III.

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em pelo menos três grupos distintos:

Grupo 1 – Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

O Drama Cósmico de Javé. Revela a história da criação deste universo e de

seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé. Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé. Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a se estabelecer na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino. Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspectos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por fatos até agora desconhecidos.

Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé. Perguntas que os seres humanos esclarecidos quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador. Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé. Registros das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica. Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretenso domínio que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples porém crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia. Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência dapolítica por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

Grupo 2 – Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que “transplantou a vida” do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

O Sorriso de Pandora. A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida acontecida em tempos imemoriais que o seu legado de “demônio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden. O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autônoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milênios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registrou, assim, os fatos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele se esforça por traduzir no seu comportamento as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis – O Sinal de Land’s End. Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais

tarde se faria homem sob à personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Grupo 3 – Temas Complementares.

Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte. Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O fato é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.

Essa é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspectos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que encontrar painéis da verdade seria necessariamente sinônimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que no Shiva Samhita tenha sido afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que

busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspecto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a ”pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspecto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam

POR QUE O IEEA?



Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudo Estratégicos e Alternativos – IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Saiba mais em: www.janvalellam.org

CRÉDITOS

O Quarto Logos Copyright © Jan Val Ellam, 2017. Todos os Direitos Reservados Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Editor: Rodrigo de Paula Pessoa Freitas

Capa: Luciana Lebel

Diagramação: Krysamon Cavalcante

Revisão: Maria Helena Kummer

1ª edição – 2017

Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

Rua Açú, 569/Sala 6 – Tirol – CEP 59020-110 – Natal – RN

Telefone: (84) 3081-0199 – contato@conectareditora.com.br

[Website Conectar Editora](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Val Ellam, Jan

O Quarto Logos / Jan Val Ellam. -

1. ed. -- Natal, RN : Conectar Editora, 2017.

Bibliografia.

1. Filosofia. 2. Brahma, Vishnu e Shiva. 3. Mitologia hindu. 4. Psicografia. I. Título.

CDU 133.93

CRB/7-3569

Índices para catálogo sistemático:

1. Javé e a sua história : Revelações :

Espiritualismo 133.9

ISBN: 978-85-62411-37-3